

A romantic couple, a man and a woman, are shown in a close embrace, about to kiss. The man is wearing a dark suit and a dark tie, and the woman is wearing a light-colored dress. The background is a soft-focus outdoor setting with a fence and trees. The title "O BEBÊ perdido DO CEO" is overlaid on the image in a mix of bold gold block letters and a black script font.

O BEBÊ *perdido* DO CEO

A baby is shown crawling on a light-colored surface, looking up and to the right. The baby is wearing a white short-sleeved shirt. The background is a soft-focus outdoor setting with a fence and trees.

YULE TRAVALON



O BEBÊ *perdido* DO CEO

YULE TRAVALON



Copyright © 2021 — Yule Travalon

O BEBÊ PERDIDO DO CEO

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução e armazenamento de qualquer parte deste livro, através de quaisquer meios, sem consentimento e autorização por escrito do autor.

Capa: L A Creative @lacreativebr

Revisão: Daniela Vazzoler @Danivazzoler

Diagramação: April Kroes @AprilKroes

-

Instagram: @yuletravalon

Site: www.yuletravalon.com.br

E-mail: yuletravalon@gmail.com

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Nota do autor](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Epílogo](#)

[Cena pós créditos 1](#)

[Cena pós créditos 2](#)

*Para ver as imagens dos personagens
e conhecê-los um pouco mais, confira no meu Instagram:*

[@yuletravalon](#)

-

Para adquirir os **livros físicos**, acesse meu site:

www.yuletravalon.com.br

-

E caso queira participar do meu grupo no Whatsapp
Para comentar livros, interagir & ficar por dentro das novidades:

[**Romances Yule Travalon**](#)

Sinopse

Antônio Lamarphe é o CEO da Companhia Lamarphe, a maior empresa de armas da Europa. Obrigado a se casar com uma mulher apenas por aliança entre famílias da máfia, vive uma vida de cafajeste, usando todas as mulheres que encontra pelo caminho, sem se importar com os sentimentos alheios, sendo frio e impenetrável. Isso até reencontrar a única mulher que foi capaz de conquistar seu coração.

Tatiana Moreno era apenas a “filha da empregada” que se apaixonou perdidamente pelo filho de um mafioso siciliano. Desta relação proibida, veio uma gravidez inesperada e uma ameaça para que ela fugisse para longe, senão morreria.

Sete anos após sua fuga, Tatiana não é mais uma menina, mas uma das melhores advogadas italianas que luta contra a máfia. E agora tem condições e forças para lutar por aquilo que deixou para trás, mas tem um problema:

Ao retornar para a mansão que cresceu, descobre que a nova esposa de Antônio, seu grande amor, finge que é a mãe do filho dele. E pior: Tatiana descobre que uma das crianças que procura está perdida, pois sua inimiga levou a criança para longe.

Seu grande objetivo é recuperar aquilo que deixou pra trás há sete anos e salvá-los de uma megera, mas como nada na vida é fácil, ela precisa lidar com o reencontro do seu primeiro e único amor, Antônio Lamarphe.

Este é um livro sobre o que o amor de uma mãe é capaz de fazer pelos seus filhos e o que um homem é capaz de fazer pela mulher que nunca deixou de amar.

Playlist

[SPOTIFY](#)



Nota do autor

Enfim o ano acabou!

Depois de mais ou menos 37 meses de 70 dias cada e dias de 95 horas, 2021 chega ao fim. Para mim, foi um ano de altos e baixos, perdi pessoas queridas, passei por muitas transformações internas, mas o que me manteve firme e de pé foi escrever para vocês.

Tenho me dedicado ao Yuleverso para entregar algo de qualidade para o entretenimento de vocês e olhando para tudo o que fizemos esse ano, me sinto muito orgulhoso!

Foram milhões de leituras, um livro com mais de 1000 avaliações e tantas mensagens de amor e carinho que eu nem sei como agradecer.

Fica aqui o meu muito obrigado e minha eterna gratidão por terem feito parte do meu ano. Não teria sobrevivido até aqui sem vocês, tenham certeza disso, e espero que de alguma forma eu tenha ajudado esse ano eterno a passar.

Bem... vamos ao livro!

Este livro inicia uma série de livros sobre a FAMÍLIA LAMARPHE. Sim, aquela, do Guilherme Lamarphe (O Herdeiro – Um bebê para o bilionário).

Aqui reencontraremos muitos personagens de livros recentes e de outros não tão recentes assim (Raffaello Lamarphe, Yohanna Cavalieri, Yasmin do Amor, Guilherme Lamarphe, Anthony Mitchell, etc...). A partir deste livro eu consigo traçar os próximos lançamentos do ano de 2022, a minha previsão, até o momento são os livros dos seguintes casais:

Anthony Mitchell & Victória Leão

Ethan Evans & Valentina Paixão (o livro)

Sheik Youssef & Talita Kjaerlighet

Vanessa & os gêmeos nórdicos

Maianne Lamarphe & Bernardo Mitchell

E o livro do Raffaello, ainda preciso decidir o nome do par romântico dele, vou acabar roubando o nome de uma leitora.

Em que ordem sairão? Bom, aí depende da minha criatividade, mas essas são as próximas histórias a serem trabalhadas no Yuleverso. Claro, teremos livros de outros personagens que vocês ainda não conhecem também.

Bom, agora falemos do livro “O bebê perdido do CEO”.

SOBRE ESTE LIVRO

Esta é a história de amor de Tatiana Moreno e Antônio Lamarphe.

Ela é contada do início ao fim.

Outros personagens, de outros livros, aparecem aqui. Eles são (re)apresentados pela ótica dos protagonistas, pois são eles que estão contando a história (lembre-se disso!).

Se esse é o seu primeiro contato com a minha literatura, acho necessário que você saiba que **todos os meus livros** estão conectados. Não, você não precisa ler em ordem cronológica ou ler qualquer outro para entender esse. Basta que você entenda que **todos os meus personagens** se conhecem por causa de uma

sociedade secreta chamada “Colmeia”, a qual a família de Antônio, neste livro, faz parte.

Dito isso, você precisa saber que o *pano de fundo* deste livro se conecta com livros que já publiquei e livros que irei publicar. Isso não significa que a história de Tatiana e Antônio não tem final, tem, o epílogo está ali, mas eles não deixam de existir após o fim desse livro, assim como todos os meus personagens.

Para entender esse pano de fundo ou os personagens que aparecem, eu coloquei notas de rodapé por toda a história para te situar e explicar o significado de algumas coisas, por favor, leia.

No mais, é isso. Eu ia tirar férias depois do livro do Sheik e só voltar a escrever ano que vem, mas eu quis escrever algo como presente de natal.

O natal é a minha data favorita (“Yule” é como os antigos povos europeus chamavam essa data). É um momento especial para lembrar o amor, caridade, o que nos une, o que nos conecta, o que nos torna humanos.

Receba com carinho essa história, foi uma delícia escrevê-la.

Espero que ria muito. Que aqueça seu coração. E te desperte para novos sentimentos!

PS1: Fizemos uma votação no instagram para a escolha da capa. A capa 2 ganhou, que é a capa deste e-book. Mas usei as imagens da capa 1 para a abertura dos capítulos, como forma de homenagear as leitoras que se dedicaram para que aquela linda capa vencesse. Sim, o *boy* da capa é maravilhoso e merece estar aqui, obrigado a todas que contribuíram lá no @yuletravalon

PS2: Obrigado, obrigado, obrigado, mil vezes obrigado pelas mais de 1000 avaliações no livro do Sheik! Na nota de autor eu falei o quanto aquele livro me salvou de um momento de colapso esse ano e receber tanto amor e carinho de vocês me desmontou inteiro, eu chorei por dias e fiquei sem reação. Obrigado por tornarem o meu sonho realidade e confiarem na minha literatura!

PS3: Eu sei que vocês querem muito os livros de alguns personagens! Não vou tirar férias tão cedo, vou escrever o mais rápido que posso para entregar tudo, prometo!

PS4: É sempre importante ressaltar que a opinião emitida pelos personagens, não significam a opinião do autor. Esta é uma obra de ficção, com cenários, personagens e situações de

mentirinha, se algo pareceu verdade, acredite em mim quando digo que, é tudo mentira. Tá bem? Então tá bem.

Toma carinho!

Boa leitura!

Yule. <3

Ah! Eu vim aqui amor só pra me despedir

E as últimas palavras desse nosso amor

Você vai ter que ouvir

Me perdi de tanto amor, ah, eu enlouqueci

Ninguém podia amar assim e eu amei

E devo confessar, aí foi que eu errei

Vou te olhar mais uma vez

Na hora de dizer adeus

Vou chorar mais uma vez

Quando olhar nos olhos seus

Nos olhos seus

A saudade vai chegar e por favor meu bem

Me deixe pelo menos só te ver passar

Eu nada vou dizer, perdoa se eu chorar

Vou te olhar mais uma vez

Na hora de dizer adeus

Vou chorar mais uma vez

Quando olhar nos olhos seus

Nos olhos seus

A saudade vai chegar e por favor meu bem

Me deixe pelo menos só te ver passar

Eu nada vou dizer, perdoa se eu chorar

— **Roberto Carlos** em “*De Tanto Amor*”.

Para **Tatiana Borges**,

Uma baiana feita do azeite de dendê.

Que esta singela homenagem possa alegrar seus dias,

Como você iluminou os meus quando eu não tinha forças para
escrever o livro do Sheik.



TATIANA MORENO

“Abandonai toda a esperança, vós que aqui entraís”.

— Dante Alighieri em *“A Divina Comédia”*.

Não é assim que os contos de fadas acabam.

Limpo o canto dos olhos e me afasto lentamente do portão da mansão Lamarphe. Vejo, mesmo a distância e com visão embaçada, a construção bem iluminada, através de suas várias janelas silhuetas celebram em alegria o futuro casamento.

Em uma rua muito tranquila em Palermo, na Sicília, numa propriedade que ocupa toda a quadra, mora uma das famílias mais poderosas da Itália.

Para esses homens, tudo é negócio e o resto não tem espaço.

Como fui tola ao imaginar que comigo seria diferente...

— Não chore! — Tento ser forte, mas o barulho do bebê gritando dentro da cesta, parte meu coração.

Meu estômago revira, inclino o rosto para trás e em um impulso para seguir meu caminho e deixar tudo no passado, ando rapidamente para conferir se está tudo bem.

Ajoelho-me diante da cesta grande e confiro se o bebê está bem embrulhado. Alimentado, está. Segura com firmeza o envelope que deixei em cima de seu corpo, balança em alarde enquanto grunhe.

— Não faça barulho, não agora — eu peço.

Ao menor sinal da minha aproximação, sua mãozinha toca meu rosto. Tateia o meu nariz, desliza o indicador pelos meus lábios, abre um sorriso involuntário e solta uma pergunta que não sei o que é.

Fecho os olhos.

Retorno para o instante que arruinei toda a minha vida, quando me entreguei para Antônio Lamarphe.

— Não devia resistir a mim — murmura em meu ouvido, abrindo um sorriso de cafajeste no fim.

— Você só quer me usar, para depois me abandonar — foi o que eu disse, da maturidade dos meus 17 anos.

Não foi ali que tudo começou, mas foi quando tudo começou a ruir.

Antônio sabia que era bonito. Mais que isso, ele sabia que era bom em absolutamente tudo. Nos esportes, na escola, nos negócios da família. Como irmão, como filho...

— Não deveria resistir a mim, porque eu sempre dou um jeito de conseguir o que quero — mostrou os dentes brancos e deslizou o indicador pelos meus lábios — *Cara mia*^[1]...

— Não deveria me chamar assim, Antônio. — Ergui as sobrancelhas.

— Como deveria te chamar?

— Não sei. Diferente de como chama sua futura esposa.

Um brilho passou pelo olhar dele, entendendo o que se passava em mim. Verdade seja dita, *Ant* era bom em muitas coisas, mas a melhor delas era *me ler*. Por inteira. As expressões, os trejeitos, os silêncios.

— Bárbara não significa nada.

— Claro que não — sacudo os ombros. — É apenas a mulher com quem o seu pai quer que você case.

No primeiro movimento que fiz para sair debaixo dele na cama, tive as minhas mãos seguradas pelas dele. Com um sorriso de anjo renascentista, nu, inocente e de jeito manhoso, Antônio se deitou por cima de mim e me imobilizou contra a cama.

— Você é a mulher com quem quero casar — disse com todas as palavras. — E com quem quero ter todos os meus filhos.

— Não acredito — resmunguei.

— Eu quero muitos — beijou meu pescoço, seus dedos fortes tocaram minha pele e senti que ia desmanchar. — Uma casa cheia. Muitos gritos, muita animação, muita alegria.

Não sei porque, mas o meu coração relutante se iluminou.

Mesmo que aquilo não pudesse se concretizar, eu desejei que ocorresse.

— *Morena* — disse de um jeito bobo, quase cantarolando.

Antônio Lamarphe: filho de Alberto Lamarphe, o dono de todas as empresas da família, um homem poderoso que controlava tudo e todos como se fosse o rei do mundo. Metido no crime. Chefe da máfia. Cruel e sem escrúpulos.

Eu?

Filha do motorista. Um imigrante que veio da Bahia com a família para servir a Alberto e Paola Bianchi, pois se encantaram com o jeito responsável, diligente e discreto do meu pai. Filha da empregada da casa. Uma mulher forte, destemida, que fez tudo pelos filhos e deixou sua terra para dar-lhes condições melhores na Europa.

Eu? Uma desmiolada.

Acreditando em historinhas para crianças dormir. Apaixonada pelo filho do patrão do meu pai. Anestesiada por suas palavras, toques e jeitos de homem decidido, mesmo que fosse apenas *un bel ragazzo*^[2].

— Você vai ser minha — disse como se já estivesse decretado e assinado em cartório.

— *Não* — tentei desviar dos beijos, mas era difícil.

— Ah, vai sim — ele se animou, começando a me fazer cócegas.

— *Ant!* — Dei um tabefe nas mãos dele.

— Quantos beijos tenho que te dar para te mostrar que eu sou seu?

As palavras se dissolvem no ar.

Abro os olhos.

O bebê diante de mim, está dormindo serenamente. Continua agarrado ao envelope que lhe confiei e mantém um sorriso fino como o do pai.

Paro de cantarolar e sacudir a cesta e me afasto lentamente.

Ironia do destino que tudo tenha começado por aqueles malditos olhos azuis traiçoeiros e terminassem nos olhos azuis inocentes de uma criança.

— Aqui você vai ficar bem. — Evito beijar meu próprio filho para que não acorde e não volte a chorar. Eu não suportaria.

Nada tenho a oferecer para essa criança. Aqui é o lugar dele, onde crescerá amado, protegido e com todos os benefícios que uma família rica como essa pode oferecer.

Limpo o canto dos olhos e fujo pela rua escura, apresso o passo para que minhas pernas não falhem e me façam retornar para decretar à criança um destino que não lhe cabe.

Não. Definitivamente não é assim que os contos de fadas acabam.

Tola fui eu ao pensar que estava em um.



Capítulo 1

TATIANA MORENO

"Carpe diem quam minimum credula postero."

(Do famoso poema em latim: *"Aproveite o dia, não confie no futuro"*).

— Horácio.

**Roma, Itália.
Sete anos depois.**

**"MORRE O EMPRESÁRIO E DIRETOR DA CIA
ETHAN EVANS".**

Todos os jornais da banca possuem essa manchete. Pego o mais importante do país e saio folheando em direção ao escritório de advocacia.

As ruas no centro de Roma são largas e mesmo cedo há transeuntes por todos os cantos, sejam turistas ou cidadãos daqui. O centro histórico fica lotado muito rápido e é preciso esperar um bom tempo para tirar uma foto dos monumentos sem que outras pessoas apareçam.

— Não deixe que eles saiam na foto, senão vão te cobrar 15 euros — digo para uma mulher que obviamente não é daqui e está se divertindo ao ver dois gladiadores com vestes pomposas e músculos salientes tentando se encaixar em sua *selfie*.

— *Obrigada* — ela diz e retorna para seu grupo.

Em um suspiro e guardando o fino sorriso por ter feito a minha boa ação do dia, passo pelos aproveitadores e chego ao prédio de 10 andares, 5 deles pertencem à *Blake, del Vecchio e Thompson*, a firma de advogados mais poderosa do mundo inteiro.

A empresa ocupa mais de 80 países, possui 1200 escritórios e milhares de funcionários. Eu sou uma das melhores e mais requisitadas na Itália.

— Doutora Tatiana, bom dia — o porteiro me cumprimenta. Assim como o recepcionista e cada pessoa por quem eu passo.

Entro no elevador e aguardo chegarmos ao meu andar de trabalho.

O meu orientador da faculdade, que também é meu chefe aqui, Conrado del Vecchio Lamarphe, diz que é preciso fazer 5 coisas pela manhã:

Primeiro: tomar 1 copo de água gelada assim que acordar.

Isso desperta o corpo, regula o intestino, dá um choque para que o dia comece – e se isso não for o suficiente, colocar as mãos na água corrente da pia e molhar o rosto. Não há sono ou cansaço que resista a uma boa molhada na cara.

— Doutora Tatiana — os outros membros da firma me cumprimentam conforme eu passo.

Segundo: ler pelo menos 1 notícia das atualidades.

É por isso que carrego no braço direito a minha bolsa da *Bottega Veneta* e na mão esquerda sacudo o jornal de manchete bombástica, indo em direção à minha sala. A primeira coisa que farei, certamente, é ler sobre a morte desse empresário famoso que mudou o ramo de tecnologia e proteção de dados no mundo inteiro.

Terceiro: Fazer 1 bondade e 1 maldade logo cedo, só para equilibrar o universo.

Ajudar a turista logo cedo preenche a minha cota de coisas boas, agora preciso de uma traquinagem. *Vejamos...*

— Bom dia, Kelly — aceno para a minha grande amiga e colega de trabalho quando entro na sala, ela me segue.

No abraço que dou, pego a chave de seu carro que está pendente em sua bolsa e a coloco na minha. Vou escondê-la e fazer essa vadia procurar por uns minutos, depois entrego.

Conrado diz que se não equilibrarmos o universo logo cedo, ele desequilibra nosso dia.

Quarto: lembrar o motivo por ter levantado da cama.

— Como foi a audiência da senhora Madisson? — Kelly joga os cabelos volumosos para trás e se senta diante de mim.

— Perdemos — suspiro, a derrota dói em meu peito.

— Perderam? Como assim? — diz indignada. — Em 85% dos casos a criança sempre fica com a mãe após a separação, e ela trabalha, não tem problemas na polícia...

— É, mas o ex-marido é amigo do juiz. — Sento-me e abro a bolsa para pegar o meu celular.

Onde está essa merda?

— E membro da máfia também — murmuro.

Kelly revira os olhos e sacode a cabeça com lentidão. Ela entende que não há lei, poder ou esforço que podemos fazer contra a máfia. É por isso que um dia seremos promotora e juíza, nós duas vamos derrubar todo esse esquema.

— O que está procurando? — Ela estica o pescoço.

— Meu celular. — Apalpo o meu vestido, mesmo que ele não tenha bolsos.

— Devolve a minha chave que eu devolvo seu celular, vadia — ela tomba a cabeça e gargalha. — Tá achando que só você foi aluna do Conrado?

— Vagabunda. — Pego o celular da mão dela. — Te amo.

— Eu sei. Qual foi sua boa ação do dia?

— Protegi uma turista de ser extorquida. E você?

— Mamei o delegado — ergue a sobrancelha. — Não faz essa cara, eu precisava de umas informações.

— Sem julgamentos.

E a *quinta* e última coisa a se fazer logo pela manhã, obviamente é:

— *Se lembrar que você é uma grande gostosa* — dizemos juntas e batemos a mão uma na outra.

— Toma, seu celular, três ligações perdidas.

Ao pegar o aparelho constato de quem são as chamadas e imediatamente o silêncio, e guardo na bolsa.

De que serve equilibrar a merda do universo se na sequência ele vai passar por cima de mim igual um rolo compressor?

— Novidades do Conrado? — Kelly dispõe na mesa os documentos que conseguiu.

— Está se tratando nos Estados Unidos, é tudo o que sei.

Nosso orientador e chefe é um homem muito competente, cheio de contatos e que dá conta do recado. Certamente o advogado mais respeitado desse país, nunca perdeu um caso.

Infelizmente, recentemente o marido descobriu que ele apresentava transtorno de personalidade. Conrado simplesmente deixou de existir e no lugar *várias personalidades* ocuparam seu lugar.

É claro que isso não poderia chegar aos ouvidos dos nossos outros colegas, muito menos clientes, a firma entraria em erosão total.

— Nenhum avanço?

— Não. O “sistema” desligou completamente. Quem responde por ele agora é uma tal de Madame Saint Clair.

— *Hum* — Kelly lê os documentos com calma.

— Uma espanhola. De gênio forte. Eu sabia que aquelas batidas de régua que ele estava dando em minha mesa e em minha cabeça não eram coisas dele, Conrado sempre foi um amor de pessoa.

— Total — Kelly continua concentrada. — Gata, não consigo ler se seu celular vibra. Me faz pensar no Ricardão.

— Ricardão? — Pego o celular.

— Meu vibrador. Atende logo.

Ver esse número, acompanhado do nome, gela a minha espinha.

Não tenho absolutamente nada contra Renata Lamarphe. Sempre fomos boas amigas e ela me adorava. Na verdade, a irmã

de Antônio, o homem que amei, me ajudou muito e nunca pediu nada em troca.

E de alguma forma sinto que esse dia chegou.

— *Atende* — Kelly rosna.

— Depois...

— Me dá isso aqui. — Ela toma o celular da minha mão e atende. — Oi. Renata? *Oh, querida, como vai? A Tati?* Está no banheiro. Quer que eu deixe recado?

Aceno freneticamente para que desligue, finja que está entrando em um túnel do metrô, que a ligação vai cair, mas Kelly continua:

— *Hum, você espera? Ótimo. Vou chamá-la, ok?*

— *Pensei que já tinha feito sua maldade do dia!* — Tomo o aparelho de suas mãos.

— Você cancelou o efeito da minha maldade, então tive que fazer outra para reequilibrar o cosmos. Mercúrio está retrógrado e a lua está em escorpião.

Kelly é uma advogada... *holística*. Acredita nesse negócio de signos, energias, vibrações. Isso me deixa louca, principalmente porque sou cética, prática e o mais científica que posso.

Ainda assim eu amo odiar essa vaca.

— *Renata? Oi!*

— Está me ignorando, Tatiana? — É assim que ela começa.

— *Não. É claro que n...*

— Eu nunca ligo mais de uma vez — é tudo o que ela diz.

Conversar com Renata sempre foi agradável, pois ela me trata como alguém da família.

Agora as coisas mudaram um pouco.

Alberto, seu pai, deixou o controle dos negócios por motivos maiores e Renata é quem comanda a família Lamarphe. Ela se dirige a mim, não apenas como uma velha amiga, mas como a mulher que chefia a maior máfia deste lado do mediterrâneo.

— Sim — suspiro. — Perdoe-me. Em que posso ajudá-la?

— Quero você na Sicília hoje à noite. Vai assumir o cargo de advogada da *família*.

— Renata... — engulo em seco.

Tenho até uma vertigem. Se não estivesse sentada, com certeza tombaria no chão.

O simples fato de imaginar ir à Sicília faz meu peito acelerar e minha cabeça ferver.

Por todos esses anos eu me neguei a aproximar-me daquele lugar, ainda mais porque fui ameaçada de morte caso chegasse perto de Antônio ou do que tivemos juntos. Eu não escolhi abandonar ou viver longe do maior amor que eu poderia ter, mas eu sabia muito bem do que a pessoa que me ameaçou era capaz.

— Renata... são tantos anos que não vou aí...

— *Sete* — ela é precisa e direta.

— Sim — engulo em seco. Ela sabe, melhor do que ninguém, a minha história. Conte-i-lhe, porque sabia que podia confiar nela.

— Eu sou a chefe agora, Tatiana. Nada vai acontecer a você.

Sete anos sem ver Antônio – na verdade, o vi muitas vezes aqui em Roma, mas fugi do seu olhar. Sete anos com um vazio, um buraco, uma saudade no peito daquilo que deixei para trás e que chorei todas as noites por não ter direito a ser mãe.

Não dá para lutar contra a máfia Lamarphe.

Muito menos ignorar o seu chamado.

Aperto os olhos e sinto uma lágrima queimar em meu rosto. Não de medo, tampouco de saudade, mas da incerteza que

encontrarei quando chegar lá.

Engulo o soluço e saboreio a sensação terrível de não ter equilibrado o universo o suficiente para fugir desse momento.

— Te quero aqui essa noite — é tudo o que ela diz e desliga.

— E então? — Kelly me oferece um lenço. — Vamos para a Sicília, é isso?

— Você iria comigo? — Arregalo os olhos.

— Pela sua cara, imagino que precisará de ajuda. — Levanta e pega os documentos. — Vou ao departamento de polícia resolver umas coisas, não fuja, *você sabe que não pode fugir*. — Me lembra disso. — Te encontro mais tarde.

— Eu me odeio! Por que não fiz uma maldade direito, hoje de manhã? — Ranjo os dentes, de raiva.

— Pois é, eu te falei, você não me escuta — sacode os ombros. — Agora, se me dá licença, tenho assuntos a tratar. — Limpa o canto da boca de um jeito bem sinuoso e sai rebolando.

— *“Assuntos a tratar”! Quem te conhece que te compre, Kellyandra!*

— Minha filha, me respeite — ela para na porta. — Eu sou neta das bruxas que não puderam queimar!

— Que neta de bruxa o quê, tua avó é crente! — Pegou uma caneta e jogou nela.



Capítulo 2

TATIANA MORENO

“Por amor

Você nunca gastou tudo

A razão, o orgulho, até mesmo o choro?”

— Mariella Nava em *“Per Amore”*.

Ao chegar no apartamento, tiro uma peça de roupa a cada passo que dou. Chuto os saltos, deixo o vestido jogado no chão, largo a bolsa na entrada do banheiro e encho a banheira com água

quente, só entro quando há espuma o suficiente para que eu me sinta um *escondidinho de mulher ferrada*.

— Alexa, toque Adele. Uma para eu chorar em posição fetal —
peço.

Ao invés de perguntar: *oi, amiga, você tá bem?* Ou: *aqui estão os números dos melhores psicólogos mais próximos*; ela toca “Hello”.

Como essa merda começou?

Preciso fazer uma breve viagem no tempo para entender a minha própria história, pois eu ignorei, fingi que nada tinha acontecido, até agora.

Então, vamos lá. Sem divã, sem terapeuta, sem anotações. Só a minha banheira morna, Adele e eu.

Papai sempre foi um bom motorista, o mais confiável, um homem discreto e íntegro. Sempre trabalhou para famílias ricas de Salvador, até conhecer Alberto Lamarphe – italiano, viagem a negócios, metido com coisas escusas.

Ok, meu pai não era juiz, era motorista. E serviu tão bem ao senhor Lamarphe durante aquela estadia que lhe foi oferecido um

emprego na Itália. Moraríamos na mansão da família, viajaríamos pela Europa com eles, uma nova vida se pintava à frente.

É claro que mamãe achou aquela ideia muito estranha, por isso o meu pai foi primeiro após todos os procedimentos legais e conferiu que a oferta de Alberto era um *ticket* para uma vida incrível – e era mesmo.

Tereza Moreno e suas três filhas – eu a mais velha – então foram morar na Sicília. E, cá para nós, que lugar incrível.

Mamãe também ganhou a confiança do senhor Alberto, mesmo que a esposa dele, Paola Lamarphe torcesse o nariz para nós, a tornou governanta da casa.

Eu e minha irmã crescemos em uma mansão gigantesca, rústica, com um terreno de dar inveja em qualquer floresta de tão bem cuidada.

Não demorou muito até que eu conhecesse Antônio Lamarphe, um dos filhos do chefe do meu pai.

Se pudesse resumir Antônio em três palavras, elas seriam: arteiro, ardiloso e conquistador. E quem ele escolheu para *pegar no pé*? Quem foi seu alvo de brincadeiras, trapaças e pegadinhas?

Quem ele usou de todas as artimanhas para desvirginar e destruir a vida?

— Alexa, toca mais alto que eu quero ariar o chifre no asfalto — choramingo e me afundo na banheira.

Estico a mão para o pequeno frigobar que mantenho no local e tiro uma garrafa pequena de vinho, bebo no gargalo mesmo — quando você lida diariamente com gente problemática, a única coisa que salva é um *barzinho* ao lado da sua banheira.

Bem, vamos lá, onde paramos, doutora Adele?

Eu não me interessei por Antônio logo de cara. Éramos praticamente crianças, para mim, era apenas diversão correr pela chuva, sujar de lama, andar de bicicleta pelas ruas.

Posso dizer, sem sombra de dúvidas, que ele era meu melhor amigo. Meu confidente. Eu entregaria a minha vida nas mãos dele.

Aí vieram os hormônios.

Lembro da primeira vez que vi Antônio com outros olhos e eu senti muita vergonha. Ele estava tomando banho pelado no quintal, sempre foi exibicionista, sempre gostou da atenção. E quando eu o vi, meu estômago queimou.

Não foi como uma cólica ou má digestão. Foi como o fogo da lareira que os Lamarphe ligavam no inverno e eu gostava de ficar bem pertinho e sentir o calor em meu rosto.

Foi como se meu corpo despertasse de um sono profundo e meu coração a qualquer momento explodisse em uma maratona sem fim que incluía: falta de ar, mãos úmidas, seios entorpecidos e boca seca.

— Alexa, próxima! — digo quando começa a tocar uma mais alegriinha.

Quero música alegre não. Quero uma para eu deitar na estrada até um caminhão passar por cima de mim, pois foi isso o que aconteceu.

No passado

— O que você está fazendo? — Pego Antônio de surpresa.

Ele está com o canivete afiado cortando a parede. Atrás da mansão da família há um verdadeiro desfiladeiro de pedras brancas que dá direto para o mar. E foi ali que ele esculpiu na parede: “A&T”.

— Nós dois. — Aponta com a ponta da lâmina para o que fez, orgulhoso. — Para sempre, *cara mia*.

Eu sorri. Aquele sorriso bobo e ingênuo de menina sonhadora que guardava muitas coisas em seu coração.

Até se tornar realidade.

— Você é o meu melhor amigo, Antônio. — Recebo seu abraço, encaro o rosto dele de perto.

— E se eu quiser ser mais do que seu melhor amigo, *cara mia*? — Encosta o nariz no meu.

— O que você gostaria de ser? — Abro um sorriso bobo.

— Eu quero ser tudo.

Naquele instante as coisas começaram a ficar estranhas entre nós. *Estranhamente gostosas, é o que eu quis dizer.*

Começou pelo primeiro beijo, diante da rebentação das ondas e da arte *rupestre* que aquele marginal fez numa parede branca.

— *Seu delinquente, vou contar para o seu pai que estragou a parede!* — digo em tom de denúncia e saio correndo.

Ele, que sempre gostou de ser o caçador e fazer tudo e qualquer ser de presa, correu atrás de mim. Me agarrou pela

cintura, tirou do chão e me prendeu contra a parede.

Não era mais um abraço de amigo. Não era mais o toque, o suspiro e a tensão de dois jovens rebeldes.

Aquilo era paixão.

Prendi o ar ao sentir a ereção dele contra minha perna. Arregalei os olhos e ele piscou os azuis com calma, segurou nas laterais do meu rosto e tornou a me beijar com tanta vontade que eu senti meu lábio ficar dormente.

— *Eu vou contar!* — Voltei a correr.

— Conta! — diz furioso e se divertindo, vindo atrás de mim.

Depois daquilo... *ladeira abaixo.*

Eu não podia mais jantar em paz, porque ele ficava passando o pé pela minha perna. E quando eu estava na biblioteca aprendendo um pouco de italiano, ele vinha de surpresa atrás da poltrona e sussurrava palavras que eu não entendia, mas que meu coração disparava.

Eu odiava?

— Comprei isso para você. — Ele me entregou uma caixinha preta.

— O que é isso?

— Abre! — diz furioso.

Sempre foi assim, tempestivo, arrogante, bruto. Do jeito que me deixava sem graça e ao mesmo tempo... *excitada*. Hoje entendo que era excitação, não sei se da adolescência, do primeiro amor ou só porque ele me fazia sentir mulher.

Ele me fez ser mulher.

— Um relógio! — Meus olhos brilharam ao ver o objeto brilhante, de ouro branco, delicado e com um ar fino, que certamente não combinava com a filha da empregada (era como a mãe dele me chamava).

— Olha atrás. — Gira o indicador.

“A&T”.

— *Ant!*

— Eu fiz — diz orgulhoso.

Ah, ele era multitalentos: o melhor atirador dos filhos de Alberto, simplesmente obcecado por armas, e que adorava esculpir e entalhar no aço, na prata, no ouro. Ele era bom com a língua...

— *Giura che non mi lascerai*^[3] — foi o que ele me disse na primeira vez que fizemos amor.

— *Prometto*^[4] — foi o que eu respondi.

No presente

Então o pior aconteceu: Alberto Lamarphe queria fazer aliança com a família Cavalieri e escolheu Antônio para se casar com Bárbara.

Paola, mãe de Ant, amou a ideia. O pai nem gostava nem desgostava, só queria aumentar o seu poder. Antônio quis que fugíssemos, mas eu não quis.

E os meus pais? E as minhas irmãs? O que ocorreria com eles se fizéssemos isso? Só um louco contrariaria o chefe da máfia.

E esse louco, sem sombra de dúvidas, era Antônio.

Eu tive que ser a voz da razão – e eu odiava isso, porque ele me fazia querer ser tão delinquente, sem medo das consequências e livre, como ele.

O resto... o resto é outra sessão de banheira.

Que envolvem uma gravidez inesperada, Alberto descobrindo e me colocando contra a parede: ou eu desaparecia *ou ele desapareceria comigo*.

Eu desapareci.

Deixei, é claro, o fruto do amor que tive com Antônio na porta da mansão e nunca mais voltei.

Passei sete longos anos ignorando tudo isso, pois eu sabia que meus filhos sempre teriam uma vida perfeita sendo cuidados pelos Lamarphe. Em meu coração havia saudade, desespero e um amor que nunca pude dar, mas que era melhor assim, pelo meu bem estar e pelo deles.

Minha família sempre vinha me visitar, na capital.

E meu nome nunca mais foi citado naquela mansão – Alberto proibiu. *Até agora*.

Pois Alberto não é mais o chefe da máfia, e sim, sua filha Renata.

Ela gosta de mim. Quero dizer, eu acho que gosta... embora me chamar para retornar, assim, tão de repente, me faz pensar que na verdade ela me odeia e quer destruir a minha vida.

— Alexa, eu deveria fugir para o Brasil? — Coloco a pequena garrafa vazia no chão.

— Aqui estão as rotas de fuga para o Brasil — ela diz em bom humor e informa os aviões em direção à minha terra natal.

É, eu deveria fugir. Qualquer pessoa em sã consciência deveria ficar longe de toda essa história, a família Lamarphe, Antônio...

Mas a vida me abriu uma brecha, uma oportunidade, nem que seja para olhar nos olhos de quem dei à luz pela primeira vez que não seja por fotos. E poder respirar o mesmo ar, nem que seja por um instante, do fruto do meu amor mais que puro e verdadeiro que senti por Antônio.

Quando fui expulsa do seio da família eu era apenas uma menina, boba, indefesa. Hoje sou uma mulher, independente, *com minhas neuras, é claro*, mas que sabe se virar.

E se fui convidada a entrar pela porta da frente... acho que devo abraçar essa oportunidade.

Conrado, meu professor, sempre dizia: *o cavalo selado só passa uma vez. Quando aparecer, monte nele, ele não volta.*

É. Eu fiquei fora dos rodeios por um tempo, mas acho que chegou a hora de pisar firme nas esporas e montar no alazão.



Capítulo 3

ANTÔNIO LAMARPHE

“Um homem está não onde mora, mas onde ama”.

— Provérbio Italiano.

Mais uma reunião chata.

Seria, na verdade, se não tivesse duas mulheres ajoelhadas debaixo da mesa me chupando sem parar. O meu pau já está latejando e eu preciso muito foder uma das duas, mas a minha postura de negociador e homem compenetrado não pode mudar diante do nosso comprador.

— Então, fechamos o acordo? — o emissário brasileiro pergunta.

Ergo o dedo indicador para que ele espere só um minuto, porque essa desgraçada acabou de chupar o meu ovo esquerdo com tanta lentidão e precisão que senti a minha alma sair do corpo.

E quanto mais pareço vulnerável diante da habilidade dessa mulher, mais intensamente ela lambe a minha glândula.

— *Devagar* — murmuro.

Seguro firme em seus cabelos e esfrego os lábios com calma bem no topo, quero que ela sinta meu lubrificante natural tratar seus lábios.

— *Se beijem* — provoco, não sai nenhum som quando movimento a boca.

As duas se olham com uma volúpia que não havia ali até eu pedir. E compartilham o gosto que eu tenho, parecem muito satisfeitas.

O meu sorriso deve durar um segundo inteiro. Pois no momento seguinte eu puxo a loira pelos cabelos e a faço engasgar em meu pau, ela se debate no início e até engasga – o que deixa os

meus compradores um tanto sem graça –, depois ela mesma tenta manter a pose.

Lágrimas escorrem de seu rosto, em silêncio, mas parece feliz. Satisfeita por quase ter conseguido enfiar metade do meu pau até sua garganta, mais do que isso acho que é humanamente impossível.

Admiro a tentativa dela, por isso limpo suas lágrimas com uma nota de 200 euros.

— Senhor William — dirijo-me ao homem do jeito mais simpático possível. — A sua proposta é generosa. — Aceno para Dylan, meu melhor amigo e conselheiro.

Dylan Cavalieri^[5] meneia a cabeça e abre um sorriso fino nos lábios. Cada um dos 9 homens nessa mesa redonda tem uma garota a sua disposição, menos o senhor William, que preferiu negociar sem receber prazer. Sugeri trazer um rapaz, mas ele disse que preferiria ficar *sóbrio*.

Eu negocio melhor quando estou, digamos, *satisfeito*.

— A sua proposta é generosa, dada a situação de que venderemos todo esse armamento para o governo brasileiro, mas

um terço da carga vai *se perder* magicamente pelo caminho e ser entregue a milícia do seu chefe — aceno.

William abre um sorriso fraterno.

— Entretanto, não faremos isso, senão pelo triplo do preço.

— *Triplo?* — O homem se remexe na cadeira.

Se tivesse uma boa moça chupando seu pau, ou um rapaz, nada contra, não se remexeria mais, já teria se acostumado com a sensação.

— Não coloco o nome da minha família em risco por tão pouco.

— Senhor Lamarphe, são 300 milhões de euros!

— Diga ao seu chefe que quero um bilhão — sorrio do jeito mais elegante que um homem consegue quando uma mulher chupa suas bolas com uma intensidade que não há resposta, além de querer dar um tapa na cara dela.

E depois dar um beijinho na testa e dormir de conchinha.

Das melhores invenções da humanidade, desde a descida das árvores ou saída do mar, estão, não nesta ordem: o fogo, a roda e o comércio.

E a chupadinha no ovo esquerdo.

Isso certamente impulsionou a domesticação do fogo – só para ver uma bela mulher te chupando a noite. A roda – só para ir buscá-la a qualquer momento. E o comércio – só para trocar mulheres para que elas continuem fazendo o belíssimo trabalho.

— É muito mais caro do que esperávamos — o homem suspira.

— É isso ou vendo pela metade do preço para o próximo governo que detém uma facção inimiga à sua — pisco.

O semblante de urgência do homem só não é melhor do que a cara de satisfação dessas duas mulheres de joelhos dando tudo de si para me manter com a mente no lugar.

— Informarei o meu chefe. — O homem se levanta e sai.

Os outros precisam de um tempo até fechar a braguilha, subir as calças, afivelar os cintos e saem. Dylan continua imóvel por um segundo e entra em estado de alerta quando eu me levanto.

Puxo a bengala de cima da mesa e a firmo no chão com força, conforme ando.

— Não se apresse, aproveite. — Dou uns tapinhas na cara do irmão da minha esposa.

Vou ao banheiro lavar as mãos e o rosto. Sinto uma pontada no joelho, mas respiro fundo até que a dor passe, preparo a minha pasta social e saio da empresa.

Sou CEO da Companhia Lamarphe, maior fabricante de armas da Europa há uns bons anos. Meu pai, antes de deixar os negócios, confiou a cada membro da família uma função e a minha foi gerenciar o maior bem ativo que temos, além da máfia.

Aqui fabricamos balas, revólveres, pistolas, espingardas, carros blindados, bazucas, em breve fabricaremos 100% dos foguetes, do início ao fim – hoje só fazemos 50%, não temos toda a tecnologia que precisamos.

Mas fizemos um acordo muito vantajoso com a Trojan Horse Security^[6] para conseguir uma tecnologia nova e isso vai mais do que quintuplicar o valor da empresa, e, por consequência, o dinheiro da família.

A família significa tudo para mim.

É por ela que eu vivo, mato e morro.

Quero que cada membro, dos mais velhos às crianças que ainda não nasceram, tenha seus milhões nas contas bancárias e possa fazer o que quiser da vida.

— O seu carro, senhor Lamarphe. — O motorista me indica o blindado que devo entrar.

Nunca uso o mesmo carro. Mantenho o motorista de sempre: Otávio Moreno, homem de confiança do meu pai, serve muito bem à família há muitos anos.

— Como estão suas filhas, Otávio?

— Bem. A mais nova está terminando o primeiro período de medicina na Inglaterra — diz orgulhoso. — A do meio tirando as melhores notas em relações internacionais.

E a mais velha?

Ele não diz.

Trocamos um olhar silencioso pelo espelho retrovisor e com um sorriso contido o homem presta atenção na estrada. Mesmo que eu peça, implore, o ameace, ele não fala de Tatiana.

Ninguém fala. Há anos.

É como se ela tivesse morrido, mas não dentro de mim.

Meu pai sempre foi um homem muito *persuasivo* e não era o tipo de pessoa que alguém gostaria de contrariar, a não ser que quisesse conhecer pessoalmente papai do céu.

Faço um sinal da cruz, toco a testa, abaixo do peito, cada lado dos meus ombros quando penso em Deus. Viro o rosto para acompanhar a extensão de nossas terras, já estamos há cinco minutos na estrada e ainda não saímos da propriedade da fábrica.

Tatiana é como um fantasma, todos sabem que ela existe e está lá, mas ninguém toca no assunto.

Pedi a homens de segurança que seguissem o senhor e a senhora Moreno para indicar onde iam encontrar a filha, onde morava, o que fazia – voltaram mortos.

— Peça para que se dediquem e estudem muito para que um dia possam servir à família, Otávio — meneio a cabeça.

— É claro, senhor, não há maior honra do que servir à família — ele mostra orgulho, seus olhos brilham, esse homem é como se fosse sangue do meu sangue.

Tirando todos os estereótipos *hollywoodianos* sobre a máfia e as guerras entre famílias, homens armados, gente infiltrada no governo, judiciário, bancos e instituições, a *família* é uma organização de apoio e cuidado.

Zelamos pelos pobres, pagamos cirurgias, remédios, bancamos a educação dos nossos *associados*, lhes damos casas,

terras, trabalho, tudo o que é necessário para que tenham uma vida digna e possam se orgulhar, não apenas de sobreviver, mas de viver em sua real forte: ter um motivo.

Eu tinha o meu. Até ela fugir de mim.

— Papai! — Matteo se joga dentro do carro e me enche de beijos, eu retribuo e bagunço muito o seu cabelo.

— Diga-me se ele se comportou — encaro a professora do meu filho, ela sempre faz questão de aguardar a minha chegada ao lado de Matteo.

— O seu filho está cada dia mais inteligente, senhor. O melhor do time de futebol. Já está arrasando corações! — ela diz animada.

— Esse é o meu garoto. — Faço um cafuné demorado e o encho de beijos. — Dê tchau para sua professora.

— Tchau, senhora Lavigne!

— A escola recebeu a minha doação? — pergunto antes de partirmos.

— Sim, senhor! Em alguns dias vamos atualizar todo o laboratório de informática e terminar de construir a piscina olímpica coberta. — A mulher não esconde a felicidade.

— Ótimo — avalio. — Seus primos já foram para casa?

— Já, papai — Matteo se esparrama em cima de mim, é muito folgado. — Vamos almoçar juntos?

— Sim e quero que faça seu dever de casa logo em seguida para que possamos ir ao estádio mais tarde, ok?

— Ok — diz animado.

— Não vai cumprimentar o Otávio?

Matteo praticamente se joga atrás do banco do motorista e abraça o homem pelo pescoço.

— Oi, Otávio, como o senhor está?

— Estou bem, patrãozinho, estou bem! — o homem retribui o carinho, vejo no brilho do olhar que realmente ama o meu menino, assim como sempre gostou de mim.

Queria eu que meus filhos fossem com a filha dele, mas quis o destino que não fosse assim.

— A mamãe vai? — Matteo deita em meu braço, liga o celular e começa a jogar.

— A sua mãe está ocupada.

— Ela está sempre ocupada... — revira os olhos.

— Não use esse tom para falar da sua mãe. — Acaricio os cabelos dele.

Bárbara teve depressão pós parto e muitas complicações. Ficou fora, Deus sabe lá onde, quando teve Matteo e só retornou quando o menino já estava mais gordinho.

Meu filho nasceu prematuro e quase perdi Bárbara no parto, por isso ela não quer ter mais filhos.

Eu gostaria de ter muitos. Cresci com a casa cheia. Sempre tive Bruno, Leonardo, Guilherme, Francesca e Renata para cuidar, incomodar e me fazer companhia.

Queria que meu filho tivesse a mesma experiência, ter muitos irmãos e irmãs para cuidar e amar.

Ainda bem que não lhe faltam primos e primas, além de todos os outros amigos que são da *família*.

— Otávio, pode por música? — Matteo se remexe em meu braço.

— Claro, o que o senhor gostaria de ouvir? — O homem estica o pescoço.

— Adele — Matteo diz distraído, continua a jogar.



Capítulo 4

TATIANA MORENO

*"Dos inimigos me protejo eu, dos amigos, que me
proteja Deus!"*

— Provérbio Italiano.

As minhas pernas tremem.

Por que não troquei a minha passagem da Sicília por uma em Moscou? Quem sabe Kawazu, sempre tive vontade de conhecer o Japão e ficar rodeada de flores de cerejeira.

Quem eu quero enganar?

Qualquer um sabe que fugir de uma intimação como essa é passaporte para passar a vida toda foragida. E o pior: nem sei o que Renata Lamarphe quer comigo!

Fico ainda mais tensa porque fiz o *check in*, cheguei cedo para o embarque e nenhum sinal dos meus colegas desmiolados. Kelly disse que fazia questão em me acompanhar, ela mais do que ninguém sempre me dava um apoio moral. Thomaz... bem, Thomaz é como um filho pra mim.

Sempre penso que projeto nele a falta do meu filho, então o trato como um garoto, embora ele seja um homem adulto, advogado muito bem preparado e uma *peça* rara, digamos assim.

— Ah, enfim chegaram! — digo quando os dois aparecem pelo corredor do avião, guardam as malas na parte de cima e se sentam, um de cada lado.

Quero dizer, Thomaz finge que senta, fica meio de ladinho, como se estivesse com nojo da poltrona.

— Para quê a pressa, gente? As poltronas são marcadas, ninguém vai sentar no lugar da gente — Kelly joga os cabelos para trás, coloca o travesseirinho no pescoço e o protetor de olhos para dormir.

— Conseguiu resolver os seus problemas, Kellyandra? —
Encorpo a voz para soar chata.

— Que problema, minha filha? Uma mulher com a bunda do tamanho da minha te parece que tem problemas? *Não*. — Ela abaixa a viseira e me lança um olhar indignado. — É como diz aquele poeta da sua terra: *os problemas em meu caminho, eu sentei em todos*.

— É: as pedras em meu caminho, juntei para construir um castelo — corrijo.

— Cada um faz o que quiser com as pedras no caminho, minha filha. *Eu, hein!* Tem gente até que fuma! — Revira os olhos. — Cada um com o poema que lhe convém — sacode os ombros e dorme.

Sim. Essa desgraçada dorme. Ela é assim, entra em modo soneca em menos de 5 segundos.

— O que foi, Thomaz? Algum problema com sua cadeira?

— Não.

Ele ajeita o topete e olha pela janela do avião, põe o cinto, mas fica se remexendo.

— Então qual o problema?

Só falta ele dizer igual a Kellyandra e me informar que sentou nos problemas.

— Eu só... não consigo sentar.

— Põe a bunda na cadeira e senta, inferno.

— Estou assado, não consigo.

— Assado???

— Isso, diz pra todo o avião que eu tô assado, Tatiana!

— Desculpa — abaixo a voz. — Assado por quê?

Kelly bufa, irritada e arranca o tapa olho, nos encara em tom de denúncia:

— Eu quero dormir, posso dormir? O que uma mulher bem resolvida, trabalhadora e gostosa pra caralho precisa fazer para dormir, hein? — Me cutuca com o cotovelo. — *Hein?* — Dá um tapão no braço de Thomaz. — Eu quero dormir, inferno!

— Ok. Vamos fazer silêncio.

A comissária de voo passa as instruções para a decolagem e eu fico inquieta. Não pela subida da aeronave, isso eu já estou acostumada, mas sou tomada pelo medo da incerteza.

Do avião cair? É claro que não.

Do que me espera na Sicília.

Meu estômago embrulha, não de um jeito bom. Passada a sensação terrível dos ouvidos entupidos, após mascar um chicletes, tento me distrair lendo em meu *kindle*, mas a *descompostura* de Thomaz me deixa nervosa. Ele retribui o meu olhar de um jeito envergonhado.

— *Fala* — murmuro.

Preciso ouvir os problemas de outra pessoa para não me concentrar nos meus.

Sacode a cabeça que não.

— Se eu disser o meu problema, você diz o seu?

Após pensar um pouco, ele faz que sim. Kelly ronca alto, só para avisar que está dormindo e quer continuar assim.

— Não vou a Sicília há... sete anos — suspiro. — Não sei o que me espera. Não sei o que vou encontrar. *Por que Renata me intimou?* Estou preocupada. *Muito preocupada.*

— Ela não era sua amiga?

— Sim, ela é. Mas uma amiga distante, que mantém pouco contato. O único Lamarphe com quem realmente tenho uma amizade de conversar sempre é o Raffaello Lamarphe.

— *Adoro* — as bochechas de Thomaz se expandem. — Já me salvou de cada enrascada...

— Pois é. Eu o conheço desde a infância, ele sempre foi assim, muito prestativo. — Sou tomada de boas lembranças e outras não tão boas assim. — Renata... bem, ela foi a única que ficou ao lado do irmão quando a mãe e o pai quiseram casá-lo com a Bárbara Cavalieri.

— Ou seja, ela é uma boa pessoa, é legal — Thomaz supõe.

— Sim, mas ela poderia ser legal de longe, né?

Suspiro.

É difícil encontrar advogados que queiram peitar abertamente a máfia. Talvez eu seja a única corajosa, *ou louca demais*, para lutar pelo certo, independentemente dos interesses particulares deles.

Venci muitas ações nos tribunais que deixaram várias *famílias* irritadas, mas eu tinha as *costas quentes*. Conrado del Vecchio, meu orientador e chefe, é tio de Renata, e, portanto, também pertence à *família*.

É claro que ele nunca me deixou advogar contra os interesses *diretos* da *família*, mas alguns que atingiam seus associados, sim.

O que ela quer? Vingança? Retaliação? Quer cobrar de mim os milhões que salvei do estado que seriam desviados ou as indenizações que consegui para trabalhadores e pessoas que precisavam entrar no programa de proteção à testemunha?

Ou será que...?

Sinto um calafrio na espinha e pego um xale para me cobrir. A sensação não passa, não é o ar gelado da aeronave. São as emoções que soterrei e fingi que não estavam ali por sete anos.

Guardei para mim, engoli o choro, segui a vida como se nada tivesse acontecido antes dos meus 17.

A todos que perguntavam: nasci no Brasil, em Salvador. Lugar quente, tenho o sangue de azeite de dendê, sou filha da terra de todos os santos. Meus pais vieram trabalhar para uma família rica na Itália e tive a oportunidade de estudar em uma boa escola e passar na faculdade. E essa é a minha história. Só isso.

Que o meu grande amor de infância se casou com uma família que lhe era rival... que eu engravidei e me ameaçaram de morte por causa disso... que abandonei o fruto do amor numa cesta e fugi para recomeçar a vida... isso não contei, jamais, a não ser para Kelly e Thomaz.

Conrado sempre soube. Estava estampado no olhar dele. E talvez por isso me acolheu de primeira.

— Agora me diz o que houve com você...

Kelly vira o rosto em minha direção e ronca bem alto, praticamente grita em meu ouvido.

— *Vamos falar baixo* — movimento os lábios para o mais jovem.

— Eu estou conhecendo uns caras diferentes... praticando coisas que você não entenderia...

— Tipo *snowboard*? — Arqueio a sobrancelha.

Não. Snowboard nessa época do ano?

— *Rapel*?

Ele faz que não duas vezes.

— O quê?

— *Fisting*.

— E o que diabos é isso?

— *Roooooooooinc!!!!!!!* — a dorminhoca me alerta.

— É tipo... — Ele fecha todos os dedos com o polegar, formando um buraco. Depois passa o indicador da outra mão

dentro.

Imediatamente entendo o recado.

— *Hum...*

Mas eu pensei que esse era o natural dele, ora bolas... Nunca imaginei que fosse doer tanto a ponto de não conseguir sentar. Eu mesma nunca conseguiria dar, tenho cu infantil, não passa nada.

— *Fisting é...* — Ele me mostra.

Ao invés de passar o dedo indicador, ele passa o punho inteiro dentro do buraco. *Como consegue?* Não sei. Só sei que faz, tira, faz, tira.

— *A mão no seu rabo?* — Solto um grito.

Todo mundo no avião fica meio em polvorosa, a comissária vem até nós saber sobre o que se trata. Thomaz fica vermelho e eu peço desculpas, mil desculpas, aliás, pelo transtorno. Estou com a cabeça tão cheia que não consigo me controlar.

— Foi mal, eu... foi muita informação para assimilar.

— Relaxa, agora já foi. — Thomaz se remexe na cadeira.

Ao virar o rosto, dou de cara com Kellyandra com os olhos bem abertos ao meu lado, braços cruzados, o olhar de que se não

gastar o réu primário agora, com certeza o gastará assim que o avião pousar.

— Dorme, amiga, dorme — acaricio o braço dela.

— Não, agora eu não consigo mais.

— *Ah, desculpa...*

— Vai, Thomaz, conta logo disso aí de enfiar a mão toda no seu rabo até o cotovelo — ela diz irritada. — Porque eu vou fazer isso com essa vagabunda, só que eu vou enfiar é pela boca!



Palermo, Sicília.

A viagem dura o tempo programado. Não pegamos nenhuma turbulência além de Kelly completamente irritada por não ter dormido.

Fazemos todo o trajeto da saída até chegar do lado de fora do aeroporto.

— E aí, vamos pedir um táxi ou um uber? — Thomaz pergunta.

— Senhores. — Quatro homens que parecem portas de prédio do governo nos cercam.

Estão vestidos com ternos pretos, óculos escuros, semblante de que *se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*.

— Queiram nos acompanhar.

— É claro. Quem é que vai dizer não para um homem desse tamanho, né? — Kelly que não é boba, já gruda no braço do maior, como se fosse seu acompanhante. — Olha, Thomaz, a grossura do braço desse — apresenta o outro para nosso amigo.

— *Amiga, sua louca...*

— Papai! — Eu saio correndo em direção ao carro preto e abraço o meu pai.

Não nos vemos há alguns meses. Nunca pensei que nos encontraríamos novamente neste lugar.

— Oi, minha filha, quanto tempo! — Ele me abraça. — E quem são esses?

— Trabalhamos na mesma firma, nós somos basicamente uma equipe, sabe? Sempre trabalhamos juntos, nos ajudando. Essa é a Kelly — apresento a maluca primeiro.

— Oi, senhor Moreno, dois beijinhos para dar sorte, três igual se faz em Paris, isso.

— E esse é o Thomaz.

— Que mão firme — ele comenta.

— Solta a mão do meu pai. — Dou um tapinha discreto nele.
— E não fica olhando pro braço dele. — Dou um cutucão. —
Estamos... prontos.

Olho ao redor. Os quatro homens mal encarados continuam de cima da gente.

— Ótimo, vamos! — Põe tudo no porta-malas e nos deixa acomodar na parte detrás do carro.

Um carro vai em nossa frente, outro atrás, duas motos de cada lado. Somos escoltados como se trabalhássemos para o governo.

O trajeto é longo e silencioso.

Eu queria que demorasse mais tempo, na verdade, pois eu queria mais alguns minutos para me preparar.

Acho, na verdade, que se eu tivesse uma vida toda, nunca me sentiria pronta.

Quando passamos pelo grande portão, fico olhando no chão, exatamente onde sete anos atrás deixei uma cesta. Corri no meio de uma noite fria e dei adeus a uma parte de mim que eu tinha ciência que nunca mais veria.

Agora essa verdade poderia cair por terra...

— A senhora Lamarphe pediu para que você fosse direto ao escritório. Eu levo as malas — meu pai informa.

— Tudo bem. *Vamos?* — Viro-me para meu time, pedindo apoio moral.

— Vai na frente, Thomaz — Kelly empurra o coitado.

— Por que eu? — O outro tenta retornar, mas nós duas empurramos.

— Quem não tem medo de ter o braço todo enfiado no rabo, não tem medo de mais nada na vida — é a resposta de Kelly.

Vamos assim, aos trancos e barrancos até chegar no andar de cima. Em um longo corredor que parece não ter fim, uma porta entreaberta nos espera. Mal chegamos, uma voz feminina diz em alto e bom som:

— Entrem.



Capítulo 5

TATIANA MORENO

"Difficile est longum subito deponere amorem".

("É difícil esquecer de repente um longo amor").

— Provérbio em Latim.

A propriedade da família Lamarphe não mudou muito desde que eu fui embora. A arquitetura rústica com paredes de pedras centenárias bem aparentes se misturava com os móveis modernos, lustres opulentos e aparelhos eletrônicos de última geração.

Aqui de cima, reparo em algo que não notei quando passei pelo térreo, mas que meus amigos viram: há uma árvore milenar no pátio ao lado, antes lá era a sala. Seu tronco é grosso e seus galhos são enormes, cheias de folhas verdes e flores de tom dourado envelhecido.

Antônio me disse uma vez que o primeiro Lamarphe, há muitos séculos, plantou a árvore na propriedade que um dia se tornaria o lar central da família.

Meus amigos se surpreenderiam ao saber que os lugares inusitados não param por aí: há um cemitério com grutas e tumbas ao leste, onde todos os Lamarphe são enterrados. Há um desfiladeiro de pedras brancas que dá para o mar ao fundo e um bosque cheio de vida em fauna e flora que se estende até perder os olhos.

Mas nada disso é interessante agora, a não ser a ilustre imagem de Renata Lamarphe, uma mulher de 1,70 de altura, rosto redondo e bochechas salientes, cabelos castanhos bem iluminados. Está grávida e fica extremamente elegante nesse sobretudo preto cujos botões são feitos de esmeralda.

— Sejam bem vindos, espero que tenham feito uma boa viagem — indica com a mão onde devemos nos sentar.

Meus olhos correm pela sala, bem devagar. Não em busca do lustre de diamantes, a mesa de madeira nobre muito bem organizada, as estantes com livros de capas duras e que o vermelho ao ser puxado abre o fundo falso... observo de soslaio os irmãos de Renata.

Leonardo faz o meu estômago gelar, ele é irmão gêmeo de Antônio, idêntico em aparência, mas com personalidade extremamente diferente. Só me sinto aliviada quando percebo quem ele é e me sento com cautela.

Bruno está distraído, mexendo no celular. E Guilherme^[7], o que está na cadeira de rodas, não tira os olhos de nós.

— Povo bonito, né? — Kelly segura em meu braço e suspira.

— Você se comporte, estamos aqui a trabalho — rosno.

Quer dizer... nem sei porque estamos aqui.

— *Ant* está atrasado — Bruno revira os olhos. — Ainda está no estádio com o filho.

Não consigo conter as expressões do meu corpo. Minhas sobrancelhas se levantam e minhas mãos formigam, acho até que

as minhas orelhas se mexeram.

— Tudo bem, vamos começar sem ele. — Renata se senta na cadeira principal atrás da mesa. — Bom, devem estar se perguntando porque estão aqui. — Ela abre a escrivaninha e começa a retirar alguns classificadores.

— Sim, na verdade, estou bem apreensiva por voltar — confesso.

Renata me olha por um segundo inteiro e depois seus olhos brilham em um tom maternal.

— Seus pais estão bem? — Preciso checar isso.

— O meu pai se afastou dos negócios da *família* há dois anos, princípio de Alzheimer — me informa. — Quando Alfredo, o irmão gêmeo dele faleceu, tudo piorou. Papai não é mais capaz de reconhecer ninguém.

— Nossa, que pena — digo. Mas por dentro me bate um alívio imenso, pois o homem prometeu me matar caso eu retornasse aqui. — A sua mãe...?

— Paola está presa — diz num tom indiferente e estende os classificadores em minha direção. — E é por isso que vocês estão aqui.

— Quer que nós libertemos a sua mãe? — Kelly parece tão aliviada quanto eu ao perceber do que se trata essa visita.

Os Lamarphe são, obviamente, clientes do nosso escritório. Mas normalmente a CEO da firma que nos encarregaria da missão, não a própria Renata ligaria direto para mim.

— Quero que negociem o silêncio dela, pois a Paola quer destruir a família. A liberdade não é a primeira, segunda, nem terceira opção — diz num tom resolutivo e acaba sorrindo no final. — Perguntas?

— O... *silêncio*? — Remexo na bolsa e pego um bloquinho de notas para começar a anotar.

— Ela se sente abandonada pela família e quer entregar nossos negócios para o judiciário. Bem, temos nossos homens infiltrados lá, mas há a chance do processo cair nas mãos de alguém que não controlamos.

— Ou pior, que outra máfia controle — Leonardo é mais objetivo.

O tom de voz dele que se parece tanto com o do irmão me faz tremer.

— Renata, eu me sinto honrada pela confiança, mas... —
Termino de anotar os pontos importantes. — Não consideraria contratar outros advogados da firma?

Ela expande os dentes de um jeito meigo e se levanta de uma forma doce, começa a andar pela sala com as mãos atrás do corpo.

— Vocês não são o melhor trio de advogados desse país? —
Desdenha. — Pelo menos, proeminentes. Lutando contra a máfia e vencendo casos praticamente impossíveis...

— Nem todos. Perdi uma ação de guarda e estou derrotada emocionalmente — confesso.

Lutar contra o crime organizado e essas famílias poderosas é uma missão suicida. Sei dos meus limites e até onde posso ir, mas geralmente tenho prazer de ir até o fim e derrotá-los.

Trabalhar como advogada da máfia? Para a família que me deu tudo e ao mesmo tempo me tirou tudo?

— Vamos colocar nos seguintes termos, *Tati* — me chama de forma carinhosa. — As pessoas sempre devem favores para nós e precisam pagar por isso. — Limpa as mãos no sobretudo. — Dessa vez, nós é que vamos dever favores a você e seus amigos. E nós pagaremos por isso. Não apenas em dinheiro, mas em favores.

Thomaz parece animado, não mais do que Kelly que me dá uma joelhada e me lança um olhar de quem vai cozinhar o meu fígado se eu não aceitar.

— De que tipo de favor estamos falando? — pergunto.

— O que vocês querem? — Ela se senta majestosamente na cadeira atrás da mesa, após dar uma circulada na sala. — Delegada? Promotora? Juíza para decidir guardas de futuras crianças? — Ela sabe jogar com o meu emocional e demonstra prazer com isso. — Juíza da suprema corte?

Eu sei que para ocupar cargos importantes é necessário ter um Q. I. elevado, ou seja, um *Quem Indica* muito importante. E Renata quer me dar uma promissória em branco... isso é... *tentador*.

— Me desculpe, mas... isso se estende a todos nós? — Thomaz pergunta.

A minha vontade é de dar um safanão nesse moleque. Não consegue nem sentar direito e quer negociar com gente perigosa?

— É claro! — Renata se mostra ofendida. — Quanto mais gente tivermos em cargos importantes, melhor.

— Ok, amiga, precisamos discutir isso. — Kelly aperta meu braço.

— Kelly, é a máfia. Nós lutamos contra eles, e... — começo a murmurar.

Sou interrompida por três batidinhas na porta. A maçaneta dá um solavanco, na segunda tentativa abre. Meu coração gela ao imaginar Antônio entrando no lugar, viro o rosto na ansiedade de que isso não aconteça.

De fato, não ocorre.

Quem entra é um garotinho de 6 anos, vestido com uniforme de futebol do Inter de Milão. Seus cabelos são lisos, mas nas pontas formam cachinhos que lhe dão aparência de um verdadeiro anjo renascentista. Seus olhos azuis são intensos, como os do pai.

Eu o reconheço.

Mesmo que tenha visto apenas fotos nas redes sociais, meu coração se desmancha e retorce. Esse menino é meu filho. E cada parte do meu corpo sabe disso: os lábios que tremem, os olhos que marejam, os pulmões que seguram o ar.

— Tia? — diz de um modo bem educado. — Desculpe-me — se vira para nós, apreensivo. — A reunião começou?

— Sim, Matteo, começou. — Renata acena para que o pequeno se aproxime, acaricia seus cabelos e beija o topo de sua

cabeça. — Conta para a tia como foi o jogo.

— Foi legal! O Inter venceu! — Ele pula de alegria. — Estou atrapalhando, tia?

— É claro que não, Matteo, você nunca atrapalha. — Afaga os cabelos do pequeno.

Neste momento eu me pergunto como pude ficar distante por todos esses anos. Pois ao ver a minha criança agora, sinto que preciso tomá-lo em meus braços, niná-lo, conversar com ele para saber tudo sobre sua vida.

— Por que não dá boa noite aos convidados da titia? — Aponta para nós. O dedo indicador dela vem em minha direção, especialmente.

— *Buonasera!*^[8] — Sacode a cabeça no cumprimento e suas bochechas ficam vermelhas, vira o rosto para a mulher.

— Ele fica todo envergonhado quando conhece gente nova. — Faz cócegas nele. — Ainda mais pessoas tão bonitas, não é, Matteo?

Ele faz que sim.

— Olhe bem para eles. — Renata nos mostra. — Quem é o mais bonito?

Matteo põe o dedo indicador na boca. Dá uma olhada de raio-x que é imitação genuína do olhar do pai. Observa Thomaz com um sorriso lânguido, depois Kelly de um jeito divertido. Quando põe os olhos em mim, rapidamente vira o rosto. Depois olha de novo e aponta com o indicador.

— Ela é a mais bonita.

Meu coração não aguenta. Seguro no braço de Kelly, levanto tão depressa que quase caio.

— Amiga, tudo bem? — Ela me apoia.

Bruno e Leonardo se levantam para me ajudar.

— Estou bem, estou bem. — Estendo a mão aberta. — Meus colegas e eu podemos discutir a sua proposta, Renata?

Ela sabe.

O olhar que me dirige, a forma como afaga os cabelos do meu filho, o jeito que inclina o rosto na certeza de que me colocou contra a parede... *ela realmente sabe a verdade.*

— Vocês têm todo o tempo do mundo. — Mostra a porta. — Já a Paola e sua delação... — Ergue a sobrancelha esquerda.

— Podem vir comigo? — Chamo Thomaz que era o único que estava sentado, Kelly me acompanha.

Saio com tanta pressa, quase fugindo, que quando passo pela porta bato contra um terno azul escuro, gravata cor de vinho. Na verdade, acho que sou atropelada, porque a força do corpo do homem me impulsiona para trás.

Kelly não conseguiria conter minha queda, então ele mesmo me puxa pelo braço e me põe de volta no chão, firme e só me solta quando olha bem no fundo dos meus olhos.

Seus lábios grossos se entreabrem, não sei se imagino ou se realmente sinto seu hálito fresco soprar suavemente contra meu rosto. Na menção de aproximar o corpo do meu, desvio, mas ele impede a minha passagem, sendo mais rápido.

Me olha outra vez.

Matteo está apenas aprendendo como se olha uma mulher e a faz sentir desequilibrada, o pai é *expert* nessa arte.

Antônio me encara como se tentasse descobrir meus pontos fracos, meus crimes, tudo o que escondi no passado. Ao mesmo tempo que me olha como se eu estivesse nua, despida de roupa, de moral, de mim mesma.

Talvez tenha durado um mísero segundo, mas em minha cabeça, ficamos presos nesse momento por um longo período.

— *Morena?* — É como me chama.

A voz dele desperta meus lados primitivos. Sinto os poucos pelos que tenho se eriçarem, as orelhas involuntariamente se mexem, até minha nuca se arrepia.

Vejo suas pupilas se dilatarem e sua mão tenta permanecer em meu braço, mas eu preciso sair depressa, antes que tenha uma síncope.

Nem banheira, nem Adele, nem anos de terapia poderiam me preparar para esse reencontro duplo. Foi como um tiro certo em meu peito, deixando-me desnorteada.



Capítulo 6

TATIANA MORENO

“Ars est celare artem”.

(“A arte está em esconder a arte”).

— Provérbio em Latim.

Desço as escadas tão depressa que a queda é eminente. Só não despenco porque Kelly é meu anjo da guarda e me puxa pelo vestido cada vez que me desequilibro.

Saímos da mansão e vamos andar pela noite escura, o mais longe que podemos, só para poder conversar a sós sem ser ouvidos

pelos Lamarphe, seus seguranças ou empregados.

— Você está bem? — Thomaz vem ao meu amparo quando ando tão sem rumo e meu salto escorrega em uma pedra.

— Estou. — Me apoio nele. — A quem eu quero enganar? É claro que não estou!

Desabo em lágrimas.

Nenhum sonho foi mais intenso do que esse breve momento e nenhum pensamento chegou a ser tão real quanto o que acabou de ocorrer.

Eu, que me orgulho tanto do meu equilíbrio mental e costume zoar meus amigos por serem completamente loucos, agora me sinto a dona e proprietária do hospício.

Tenho vontade de puxar meus cabelos, sair correndo sem rumo e só parar quando o corpo estiver exausto.

Não fiz nada disso, mas o corpo pede arrego. Por isso eu vou me inclinando para baixo até me sentar em um banco no meio do canteiro de flores.

— Ele é igual ao pai — é tudo o que consigo dizer, ainda não sei se o cérebro está oxigenado o suficiente.

— Achei parecido com você.

— Não tem nada meu. — Sacudo a cabeça.

— Ah, ele tem o jeito meigo, o olhar carinhoso e o formato do rosto, com certeza. — Kelly tenta puxar da memória.

Eu nego tudo com a cabeça.

— Você acha que ela sabe? — pergunto.

— Quem?

— A Renata — sou incisiva.

— *Hummm...* — Kelly cruza os braços, pede opinião para Thomaz.

— Ela não parece boba, né? — Mordisca o lábio. — Os outros nem parecem desconfiar, mas a Renata tem cara de que sabe mais do que vai revelar.

Concordo com ele.

— Eu estou arruinada. — Puxo meus cabelos. — Ela me traz aqui, no lugar que eu nunca deveria voltar, e o que pede? — Preciso rir da ironia do destino. — Para defender a mulher que arruinou a minha vida!

— Ela é tão ruim assim? — Kelly tenta afastar minhas mãos do meu couro cabeludo.

— *Ruim?* — Preciso rir. — Paola Lamarphe era o diabo em pessoa. Medíocre, preconceituosa, uma mulher que vivia apenas de aparência...

— Então que bom que ela se fodeu — Kelly me lança um olhar divertido.

— Sabe como ela me chamava?

— Como?

— *A filhinha da empregada.*

— Não, ela não te chamava assim... — Kelly arregala os olhos.

— Antes de eu ir embora, ela disse que nunca queria ver o bebê que eu carregava. Não aceitaria ter uma criança *escurinha* na família.

— Ok, não vamos defender essa mulher, de jeito nenhum! — Kelly esbraveja.

— *Defender?* — Thomaz analisa friamente. — Até onde entendi, ela quer prejudicar a família por se sentir abandonada. Nós vamos lá fazer um acordo pra fechar o bico dela, ou seja, somos advogados da família, não dela.

Kelly concorda após pensar um pouco sobre o assunto.

— O que você acha?

— Não — me recuso. — Eu não vou, eu não preciso de nada disso — levanto-me. — Seria incrível se eu fosse promotora ou juíza...

— Ia arrasar, gata.

— Mas posso conseguir sem a ajuda deles. Pelo meu próprio esforço!

— É isso aí — eles me apoiam.

— Eles precisam de mim, não sou eu quem preciso deles — respiro fundo e repito meu mantra: — Eu não sou mais uma garotinha indefesa que fugiu daqui. Eu sou uma mulher, independente, que sabe se cuidar, que não vai abaixar a cabeça!

— Falou tudo, *vadia*.

— Quebrou o tabu todinho! — Thomaz aplaude.

Voltamos para a mansão, rindo.

Não sei das consequências que sofrerei de Renata por não aceitar sua proposta, mas estou firme nisso.

— Olha só, se não é a filha da empregadinha — uma voz ri e desce pela escada, traz consigo pela mão, Matteo.

A mulher loira nesse vestido tubinho minúsculo é Bárbara.

— *Era só o que me faltava.* — Reviro os olhos.

— Uma pena que Alberto não esteja são, pois ele cumpriria sua promessa de matá-la com as próprias mãos. — Passa por nós desdenhando. — Ah, você já conheceu o meu filho? — Aponta para Matteo.

O filho dela?

— Dá oi pra empregadinha, filho.

— Oi — diz de um jeito mais tímido que no escritório.

— *Seu filho?* — Cruzo os braços.

Renata pode não saber. Mas se tem alguém aqui que sabe que esse garoto não é filho dela, *ah*, com certeza somos Bárbara e eu.

— Meu filho — estufa o peito. — Você não sabe? Tive que apressar o meu casamento com Antônio pois eu estava grávida — sorri de um jeito dissimulado, que para os desavisados pode parecer doçura.

— Que descuidada, você. — Umedeço os lábios.

— Pois é. Mas o verdadeiro amor venceu e aqui estamos nós, não é, filho? — Beija a testa dele. — Agora vá brincar com a Lola, a mamãe já te acompanha.

— Tá, mamãe — ele se despede e sai correndo.

Vivi muitos sentimentos essa noite. Mas o de ver meu filho chamando essa mulher nojenta de mãe foi o que mais doeu em meu peito.

Foi como se um raio rasgasse o céu e as nuvens estremecessem ao som de um trovão.

Aperto os olhos e respiro fundo, conto até três e tento manter a minha postura.

Talvez Kelly e Thomaz não entendam o que estou passando agora, porque não viveram o inferno que essa mulher fez em minha vida enquanto estive aqui.

Não me admira que ela fosse a escolhida de Alberto e Paola para se casar com seu querido filho.

Mas em que momento o meu bebê, o meu filho, deixado em uma cesta na porta da mansão, se tornou o filho dela?

— Fico feliz que esteja de volta, *Tati*. — Me dá dois beijinhos no rosto. — Sabia que pedi para o *Ant* que te chamasse para ser a

madrinha do Matteo, quando ele nasceu? — Se afasta devagar. — Mas ele não te achou em lugar nenhum. Onde você esteve, amiga?

— Estive ocupada.

— Justo. — Dedilha os fios de cabelo e mordisca a ponta da língua. — É bom te ver de novo. Engordou, né? — Dá uma olhada panorâmica em mim. — Casou? Teve filhos?

— Não, Bárbara. — Mantenho o meu semblante mais dissimulado.

Conrado me ensinou que um bom advogado é um bom ator. E das atrizes, eu certamente posso ser a Meryl Streep e vencer muitos Oscar.

— Deveria. — Comprime os lábios. — Legal ter uma carreira e ocupações, mas até onde eu te conhecia, não era seu grande sonho ser mãe?

— Sim, *amiga*. — Acaricio o braço dela.

— É bom correr, porque o tempo passa, né? — Se diverte. — *Ant* e eu queremos dar muitos irmãozinhos pro Matteo. Você topa ser a madrinha do próximo?

— Com toda certeza, *Babs*.

— É por isso que eu te amo, não se esqueça disso — ela dá dois beijinhos de longe e se despede.

Fico imóvel até ver a megera sumir pelo corredor. E depois continuo imóvel, porque o meu corpo, cérebro e espírito estão processando toda conversa.

— Ok, por Henry Cavill pelado em cima da minha cama, o que acabou de acontecer aqui? — Kelly espia para ver se Bárbara já se foi.

— Também quero entender. — Fecho os olhos e massagueio entre as sobrancelhas.

— Eu ainda não entendi. Ela é a mãe? Você é a mãe? Quem é a mãe? — Thomaz é quem quer arrancar os cabelos agora.

A minha resposta é um sacudir de ombros e aceno lento com a cabeça.

Subo as escadas mais depressa do que da primeira vez e percorro o corredor inteiro até chegar na porta entreaberta, mal me aproximo e Renata diz:

— *Entre.*

Espero meus colegas passarem e eu entro por último, fecho a porta. Desfilo lentamente até me sentar onde estava.

Antônio está sentado ao lado de Guilherme, não tira os olhos de mim. Parece espantado, ao mesmo tempo que admirado em me ver.

Talvez ele tenha pensado que nunca mais me veria depois de 7 anos, e... devo admitir: eu também.

Eu desejei. Eu rezei. Eu jurei ao meu coração que nunca mais nos encararíamos, porque não tínhamos mais nada a tratar. Nossa história era passado, ele havia se casado, suas redes sociais mostravam o quanto ele era feliz e satisfeito com a família perfeita que tinha.

Eu era uma peça que não se encaixava mais em seu quebra-cabeças.

— Então, senhora Lamarphe, posso chamá-la assim? — Kelly diz sem jeito, ao perceber que estou em estado suspenso, presa em meus pensamentos.

— Renata — a outra sugere.

— *Renata*. Ok. Então, Renata, após uma longa discussão, Thomaz, Tatiana e eu pesamos todos os prós e contras da sua proposta. Uma proposta verdadeiramente incrível. — Olha para nós dois.

— Super. O sonho da princesa Elza do Frozen em seu castelo de gelo lésbico e sapatônico — Thomaz sorri.

— Pois é, *cof cof* — Kelly dá uma joelhada nele.

— *Ai, viado* — o outro reclama baixinho.

— Thomaz e eu sempre desejamos ser promotores de justiça. Quem sabe ocupar algum outro cargo no Ministério Público... — sorri sem jeito. — Tati com certeza seria a melhor juíza que esse país já viu. Ela é íntegra, correta e nunca volta atrás de uma decisão. E é por isso que infelizmente, após avaliar tudo, e com o coração pesado, decidimos que...

— Vamos aceitar o caso — digo, quando volta para a terra.

— *Cher, se for da sua vontade, esta bichinha está pronta* — Thomaz une as mãos e reza em silêncio.

— É sobre isso. E está tudo bem — Kelly celebra.

— Vamos ficar com o caso, mas eu só gostaria de esclarecer uma coisa, Renata.

— Por favor — diz solícita.

— E se eu não quiser ser juíza? E se eu quiser outra coisa?

— Que tipo de coisa? — Semicerra os olhos.

Ela sabe o quê.

Senão não teria cronometrado tudo exatamente nessa ordem: a minha chegada, meu filho entrando por aquela porta, eu saindo, voltando e vendo Bárbara com ele.

Conheço essa gente. Sei o quanto são ardilosos.

— Outra coisa. Algo que me pertence. E que quero de volta — digo.

— Querida, nós somos os Lamarphe. — Aponta para os irmãos. — Se temos uma dívida, pagamos. Se te devemos algo, daremos com juros.

— Qualquer coisa? — Arqueio a sobrancelha.

— Absolutamente qualquer coisa, querida — pisca.

Bruno sorri ao encarar o desafio que pegamos, troca olhares com seu irmão Leonardo que parece se divertir muito também com o caos que acabamos de assumir – eles são filhos da Paola, sabem muito bem que para dobrar aquela mulher, precisariam de alguém pior do que ela.

Guilhermo está inquieto. Sempre foi o favorito da mamãe, não parece confortável com o que virá a seguir. E Renata... *ah, Renata...* ela parece satisfeita, plena e ansiosa para ver o que vai acontecer.

Quanto a Antônio, ele mantém os olhos em mim.

Sempre fui boa em interpretar olhares, ainda mais quando preciso convencer um júri para tomarem determinada decisão.

Ele eu nunca consegui interpretar e isso não mudou.

Naquele queixo quadrado e olhar frio, mesmo com expressão de tranquilidade ou satisfação, sei que existe uma natureza rebelde e pronta para tirar cada coisa do seu lugar, seja uma árvore de mil anos ou o pobre coração da garota que o amou.

— Então temos um acordo — volto-me para Renata.



Capítulo 7

ANTÔNIO LAMARPHE

“Os países você visita, os costumes você encontra”.

— Provérbio Italiano.

— Espera!

Puxo a bengala preta de cima da mesa e seguro firme no apoio. Vou atrás do trio que está prestes a sair, impeço que os últimos dois saiam pela porta, mas Tatiana consegue escapar.

Passo na frente e a sigo pelo corredor. Minha garganta conhece bem todas as palavras que quero dizer, mas a minha boca

não obedece.

Por isso me apresso até puxá-la pelo braço e fazê-la parar.

— Tatiana? — Encaro bem seus olhos castanhos.

É ela mesmo?

Talvez eu tenha levado uma pancada em minha cabeça sem perceber, tudo parece confuso e girar ao meu redor.

— Pois não? — Tenta se desvencilhar.

Não irei soltá-la.

Se ela pensa que passei todos esses anos a sua procura para agora deixá-la ir, se esqueceu de quem eu sou.

— O que veio fazer aqui? — Me aproximo, uno as duas mãos em seu rosto redondo.

Sentir sua pele em meus dedos mexe comigo. E o cheiro dela não mudou, mesmo que seja outro perfume. Ainda é doce, aconchegante, *ela é a minha menina*.

— Não ficou claro? — Solta meu braço devagar. — Vou cuidar da sua mãe que foi presa. — Vira o rosto para seguir em frente, mas eu não permito.

— *Ei!*

— Oi! — Estapeia minha mão. — Por favor, não toque em mim.

Ela não teria algo mais difícil para dizer? Pois de todas as coisas que eu poderia fazer nesse momento, a última delas é ficar longe dela.

Quero chegar mais perto e sentir o cheiro de seus cabelos volumosos. Encostar meu rosto e sentir a maciez de seu pescoço, ver de perto a nuca eriçar, ela gemer baixinho diante do meu controle, como sempre fez.

No lugar disso, Tatiana se esquivava e me encara como se fôssemos desconhecidos.

— Por quê?

— Por que o quê? — retruca, enfurecida.

— Por que não devo tocar em você?

— Ah — se surpreende que estamos tratando disso. — Não deveria, não é? Você é um homem casado, agora.

— *Morena...*

— E não me chame assim. Obrigada. Agora, se me permite ir...

— Não permito. — Uso a bengala para atrapalhar a passagem.

Seus olhos afiados examinam a peça, depois se voltam para meu rosto. Quando desce para meus lábios, desvia o olhar na hora e abaixa a cabeça, passa por debaixo da bengala.

— Não te permito ir! — Reforço.

— Não importa, não estou aqui por você, foi a sua irmã quem me chamou! — resmunga e desce as escadas.

Antes que eu vá atrás dela, a moça morena de cabelos lisos passa na minha frente, o rapaz de topete bem alinhado a segue também.

— *Pã!* — digo alto.

O Golden retriever vem imediatamente ao meu encontro. Manca da pata direita, não tem nenhum problema, apenas me imita. Andamos juntos, lado a lado, até retornar ao escritório.

— Ah, ele voltou, a reunião não acabou — Renata diz satisfeita, senta-se. — Agora vamos tratar dos nossos negócios...

Cada um dos meus irmãos tem ao seu lado seu próprio cão. Todo Lamarphe, sem exceção, tem um. As raças podem mudar, os tamanhos e cores também, mas são todos exclusivamente caçadores.

Apenas Guilherme está sem Perseu, não foi buscá-lo desde que chegou.

— Do que se trata tudo isso? — Encaro minha irmã com seriedade.

— Exatamente o que parece. — Pega o beagle do chão e começa a fazer cafuné nele. — Contratei aqueles três para resolver o problema “Paola”. — Revira os olhos ao dizer o nome da nossa mãe. — Você irá visitá-la junto com a advogada. — Aponta para Guilherme.

— *Eu?*

— Sim, o favoritinho — desdenha.

— Eu, não...

— Pode não ser mais filho do nosso pai, mas ainda é filho dela^[9] — Renata dá o assunto por encerrado.

É bem difícil para mim e meus irmãos ter de lidar com a chefia de Renata sob a liderança da família. Ela é geniosa, sempre armando coisas, nunca consulta ninguém ao tomar as decisões... ou seja, igual ao nosso pai. Não é à toa que ele a escolheu para substituí-lo.

— Por que a Tatiana? — Insisto.

— Porque a quero aqui. — Sacode os ombros.

— Como a encontrou? — Bato com a bengala na mesa.

O beagle rosna e encara Pã, indicando que se o dono não se acalmar, ele irá mordê-lo sem pensar duas vezes.

— Nos documentos do *papa*^[10] — informa.

— *Ele sabia onde ela estava?* — Arregalo os olhos. — *Todos esses anos?*

— É claro que ele sabia. Nada fica escondido do chefe da máfia — dá o assunto como encerrado.

Para mim, não está.

Meu pai jurou que moveria mundos e fundos para que Tatiana retornasse para cá, até porque, a família dela era como nossa família.

Quando foi embora, tudo o que recebi foi uma carta da menina que amei, soube que era dela, porque tinha sua caligrafia.

Nela, dizia que iria embora, sem mim. Que se apaixonou por outro homem e iria viver a vida que sempre quis, longe de mim.

Isso me destruiu de tal forma que a única saída que encontrei foi usar todas as mulheres pelo meu caminho, sem me importar com

seus sentimentos.

Eu estava casado com Bárbara? Foda-se. Eu não a amava.

Era apenas uma aliança entre famílias, ela tinha me dado meu herdeiro, meu primogênito e era apenas isso. O resto era encenação de uma família perfeita, fora isso, eu comi todas as amigas, primas e conhecidas dela.

— Quero ver os arquivos — estendo a mão.

— Não.

— Tudo sobre a Tatiana, quero ver, agora! — Exijo.

O beagle late alto, mesmo que a dona continue a sorrir. E Pã late de volta, bem mais forte, para lembrar que é doce e carinhoso, leal e brincalhão, mas que daria a vida pelo dono.

— Eu sou a chefe agora, os documentos são meus. — Renata indica para que eu me sente. — Você não é um Lamarphe? — Me lembra disso, como se perguntasse: *a quem você deve lealdade?*

Sento-me, a contragosto.

— Solucionado o “problema *Paola*” precisamos resolver o extravio da última remessa de armas com a nova tecnologia que produzimos. — Renata se volta para mim.

— Não chegou na milícia? — Bruno se volta em minha direção.

— Quem tombou o caminhão foi a facção inimiga. Entregamos centenas de armas novas para uma família inimiga. — Rosno, sacudo a cabeça negativamente.

Apenas Renata e eu sabemos de fato o que ocorreu.

— O que quer que eu faça?

— *Faça o que for necessário.*

— Para recuperar as armas? — Respiro fundo.

— *Para ensinar a essas pessoas com quem estão mexendo.*

— Renata é mais clara que a água. — Agora somos a Décima Terceira Família da Colmeia^[11]. Se não nos respeitarem por isso, vão nos respeitar pelo medo. *Somos Lamarphe!*

— Sangue e honra — todos repetem, Guilherme demora um pouco.

Parece que está desacostumado com tudo.

Foi embora para o Brasil, passou tanto tempo longe que já não se recorda como é ser um de nós. Mas agora que está de volta, precisa se pôr em seu devido lugar.

— Quero ir conversar com nossa mãe antes do Guilherme —
proponho.

— Quer ir vê-la ou quer ter um momento a sós com a Tatiana?
— Renata se mostra vitoriosa.

— Não me meto em seus negócios, então não se meta nos
meus. — Puxo a bengala e me preparo para sair.

— *Ant, a reunião não terminou!*

— Por mim, acabou.

TATIANA MORENO

O coração está na boca.

Bate tão forte que o meu corpo todo vibra, tão alto que não
consigo escutar meus pensamentos.

Tenho a impressão de ouvir a circulação do sangue em mim,
meus ouvidos tremem com os barulhos mais sensíveis, meus olhos
ficam um pouco turvos.

Não sei o que acabou de acontecer.

Eu deveria dizer que não ia pegar o caso e ir embora, mas algo gritou dentro de mim. Não controlei minha língua, assumi um problema que jamais deveria ser meu e agora estou aqui, outra vez.

Ele mudou de perfume.

Sei que ainda são os olhos de garoto aventureiro e arrogante, mas há algo sombrio em Antônio. Tive medo ao mesmo tempo que quis permanecer quando ele me segurou.

Mas nessa queda de braços, não sou eu quem vai ceder facilmente.

Por que agora ele usa uma bengala? O que houve com a perna dele? Como assim ele quer falar comigo, sendo que foi ele quem me mandou ir embora?

As coisas estão confusas. E eu preciso de um tempo para assimilar tudo.

— Me dá isso. — Kelly pega os classificadores de minhas mãos. Ótimo, melhor assim antes que eu perca todos os documentos que precisamos.

— Como você está se sentindo, Tati? — Thomaz acaricia meu braço.

— *Bem, eu estou bem* — tento calibrar a voz para que saia normal.

Asseio os meus cabelos para que estejam no lugar, a roupa para que desamasse. Mas o que faço com as minhas bochechas, que ele tocou?

Ainda sinto o toque incisivo, quente e curioso dos dedos dele em minha pele, mesmo que tenha durado tão pouco.

E o cheiro dele que não sai da minha cabeça?

Não é mais o menino que conheci, agora Antônio é um homem. Com barba, nariz maior do que me lembrava, olhos azuis muito profundos, sobrancelhas que lhe fazem parecer irritado.

O cheiro de bebida cara, o ar de homem de negócios, a postura de macho alfa que sempre teve.

Ele me segurou para me manter no lugar, mas parece que me arrancou da terra, me girou pelo ar e me lançou na imensidão do universo. Agora estou perdida, sem saber até para onde vou.

— Vamos para o *Airbnb* agora ou quer ficar mais um tempo aqui? — Thomaz percebe a minha feição de quem quer fugir.

— Vamos agora. Preciso de um banho e uma noite de sono caprichada. — Aperto os olhos. — O nosso trabalho é cuidar da

Paola, não vamos nos aproximar daquele homem!

— *Meu Deus, que homem...* — Kelly se abana. — *Com todo respeito, todos eles são muito gatos.*

Concordo em silêncio.

— E aquela bengala? *Uh...*

— Thomaz, pare de pensar coisas impróprias com a bengala!

— Dou um tapa no braço dele. — Eu vou chamar um Uber... um táxi!

— Não, vimos seu pai enquanto descíamos e ele disse que já ia pegar o carro, não se preocupe. — Kelly me lança um olhar analítico. — Está tudo bem, amiga?

— Tudo ótimo.

— Certeza?

— Nunca estive melhor!

Eu sou uma excelente mentirosa.

— Não está não — Kelly desaprova. — Quer mentir pra mentiroso, garota?

— Ela só deve estar abalada por ver o cara que tirou a virgindade dela — Thomaz tenta entender.

— Você ficou assim quando reviu o seu? — pergunto.

— Não sei, foi numa suruba com mais de 40 caras, virei depósito de porra até umas horas...

— Que conversa edificante. — Kelly o interrompe e segura em meus ombros. — Sim, o cara que tirou a virgindade dela. O primeiro amor. O pai do filho...

— *Fala baixo!* — Belisco a minha amiga.

— Aliás, que história confusa. Ele não sabe que o filho é seu?
— Thomaz cruza os braços.

Deveria saber. Eu deixei uma carta, contando tudo. *Ele não leu?*

— Não sei, não quero saber, agora não importa — minto. — Não quero nada com Antônio, que ele seja feliz com aquela naja! Eu quero o que é meu: os meus filhos. É o que vou pedir para Renata!

— Prefere isso do que ser juíza? — Thomaz pergunta, mas se cala com o beliscão de Kelly.

— Sim. Quero o meu filho de volta. Agora tenho condições para sustentá-lo e poder criá-lo como quero.

— *E o boy?*

— Que boy, Thomaz?

— Minha filha, com um bengalão daquele... — sugere com o olhar.

— Não. E se Antônio pensa que vamos ter algo novamente, ele está muito enganado! Que ele tire o cavalinho da chuva! — Bato o pé no chão.

— Amiga, não diga que dessa água não beberéis — Kelly aconselha. — Vai que beberéis...

— Vai que afogueis... vai que embriagareis... vai que repetireis... — Thomaz brinca.

— Não — digo resoluta. — Antônio e eu somos passado. E não temos nenhuma chance de ter algo novamente!

— Então tá, se ela disse — Kelly sai desfilando, acena para o carro que meu pai dirige. — E quando ela diz, é porque ela cumpre!

— A quem você quer enganar, bicha? — Thomaz a acompanha. — Eu nunca a vi assim, ela está abalada.

— Eu sei. Mas é como o Conrado disse: numa conversa com um doido, só concorde com ele — Kelly acena para mim com um sorriso.

— Ah tá. — Thomaz é o primeiro a entrar no carro.

— E a julgar pela cara, ela ficou doidinha de pedra.



Capítulo 8

ANTÔNIO LAMARPHE

"Se viver não é fácil, conviver é um desafio permanente."

— Jorge Amado.

San Vito Lo Capo, Sicília.

Tenho o hábito de acordar cedo, mas dessa vez não foi o despertador que me colocou de pé.

Simplesmente passei a noite inteira inquieto na cama, olhando para o teto, virando de um lado a outro até achar uma posição confortável para dormir, mas não consegui.

Ainda era madrugada quando levantei e fui para a parte traseira do chalé em *San Vito Lo Capo*, lugar onde decidi vir morar quando tive maioridade. Era o sonho de Tatiana vir morar aqui, mas não pudemos realizar juntos.

Eu tinha tudo: o chalé, uma vista privilegiada da praia, natureza ao redor, árvores frondosas e um filho maravilhoso.

Só não tinha ela. E esse detalhe era tudo. Pois sem ela, nada disso fazia muito sentido.

— Já está de pé, *papa*? — Matteo boceja, está enrolado em seu cobertor da cabeça aos pés.

Encaro o relógio e vejo que já se passaram duas horas desde que vim aqui para fora. Chamo o pequeno com a mão e o coloco sentado entre minhas pernas na rede presa nas duas paredes.

As palmeiras diante de nós acompanham o sopro do vento e a água cristalina lá embaixo está serena, parece dançar uma valsa lenta. As montanhas atrás de nós trazem toda a paz que meu filho e eu precisamos, principalmente eu, por viver em um mundo caótico.

— Vem, Hélio! — Matteo acena para seu fiel escudeiro, o Golden retriever que é praticamente do tamanho dele.

— *Filho!* — Tento alertá-lo, mas antes que consiga, o cachorro se joga em cima de nós.

E folgado como é, pede espaço entre nós dois.

Pã, que é velho e rabugento, espia de onde está, em cima de seu *puff*.

— Ele gosta de carinho e de ficar perto da gente — Matteo ri e acaricia o rosto do animal.

— Tudo bem, só tenho dúvidas se a rede vai nos aguentar — beijo a nuca do meu filho.

— *Papa?*

— Sim, Matteo?

— Vamos almoçar juntos hoje?

Faço um cafuné demorado nos cabelos dele e olho o horizonte.

— Não, filho, hoje não. O *papa* vai encontrar a sua avó e tentar resolver alguns problemas.

— Tá bem. — Deita em meu peito, o cachorro em cima dele.
— É que eu gosto quando ficamos juntinhos.

— Eu também, pequeno.

A rede balança suavemente e as horas passam, porque quando o momento é agradável e nos sentimos em paz, o tempo voa.

Quando entramos na cozinha, Bárbara já está infernizando os funcionários da casa. Reclama, passa uma lista de tarefas, suja tudo e pede para que limpem depressa.

Aguardo Matteo sair do banho para comermos juntos, como é o nosso costume. Na sequência iremos para Palermo com meu avião particular, onde ele estuda e eu administro a fábrica de armas da família.

— *Mamma*^[12]? — Ele se vira para Bárbara, espeta os ovos mexidos com o garfo.

— Estou ocupada, Matteo, não tenho tempo agora — ela permanece no celular.

A ocupação de Bárbara é ser rica, ter amigas ricas e fazer coisas de rica. Ela é, como dizem os jovens hoje em dia, *digital influencer*. Gosta de registrar tudo, fotografa tudo, mal vive as coisas no mundo real, prefere que tudo seja perfeito em suas redes sociais.

— Vem, deixa a mamãe tirar uma foto — ela vira o celular para o menino e registra o momento do café da manhã dele. — Ficou

ótima, mas saiu o ovo. Somos veganos, lembra? *Clarita! Traga um prato sem produto animal!* — grita.

Matteo come o ovo depressa antes que a funcionária jogue fora.

Eu vejo logo cedo as ações da bolsa de valores do dia anterior e me preparo para alguns investimentos.

— *Mamma?* — Matteo pergunta após a foto com um prato cheio de coisa verde.

— Estou sem tempo, já disse.

— Quando eu vou ter uma irmãzinha?

Essa pergunta me tira do meu estado de concentração, abaixo o *tablet* só para conferir a cena e intervir quando necessário.

— Você não gosta da sua mamãe? — Bárbara o encara com seriedade.

— Sim, mas eu queria alguém para brincar...

— Você sabia que por sua culpa a sua mamãe quase morreu? Que eu tive uma gravidez de risco e quase perdi a minha vida por sua causa?

Limpo a garganta bem alto, a deixa para que ela pare de falar.

— Ele não gosta de me incomodar todos os dias com essa pergunta idiota? — Esbraveja. — Vai para a escola todos os dias e volta burro? Estúpido? Eu tive depressão pós-parto. Mal consegui cuidar de você, Matteo! Por que eu teria outro filho agora?

— Eu cuido dela — Matteo encontra respostas simples para problemas “simples”, como toda criança.

— Se contente em estar vivo e ter suas dezenas de primos. — Vira o rosto e checa a galeria do celular, passa o dedo freneticamente. — Aqui seremos sempre nós 3, assim teremos mais tempo um para o outro.

— Ok...

— Agora pare de comer antes que fique gordo demais. Obesidade infantil é um problema muito sério e você sabe que a sua mamãe ajuda muitas ONGs sobre. — Enxota o menino com a mão. — O que vão pensar de *nós* se esse menino ficar gordo? — Se dirige a mim.

— Matteo, pegue suas coisas e aguarde o *papa* no carro.

— Sim, *papa*. — Ele vai depressa para o quarto e corre para a porta da frente, animado para ir para a escola.

Tendo certeza de que não está mais presente para ouvir, levanto-me cuidadosamente. Apoio a bengala no chão e vou em passos lentos até Bárbara.

A pancada que dou com a bengala no celular arranca-o de sua mão. As três batidas seguintes são para garantir que a câmera dessa merda está devidamente destruída.

— *O que você fez?* — Ela me encara com ódio.

— Se falar nesse tom com o meu filho novamente, é a sua mão que eu vou arrancar. — Jogo o aparelho para longe quando ela tenta pegar. — E depois a sua língua.

— Ele é meu filho também! E eu o trato como eu quiser!

Eu nunca levantei a mão para Bárbara, nunca a agredi. Sempre caio em seus dramas, choros e dissimulações. Sei que boa parte tem fundamento, afinal de contas, foi uma gravidez complicada em que ela simplesmente desapareceu, com medo do que o pai faria se descobrisse que ela estava grávida tão cedo... quase perdeu o bebê, quase perdeu a vida.

Mas eu não fui criado desse jeito e não permitirei que meu filho seja criado assim. Mesmo diante de todos os problemas do meu pai

e minha mãe, eles criaram todos os filhos com devoção, amor, respeito.

Nos tratavam como se fôssemos sagrados, nos prepararam para sermos livres, independentes e felizes.

Não permitirei que meu filho seja criado, senão dessa forma.

Seria bom que tivesse mais dois, quatro, seis irmãos para aprender valores importantes como dividir, ajudar, demonstrar carinho e respeito pelo outro.

Felizmente é um garoto esperto e já faz tudo isso, devido a minha criação.

— Não. Você não o tratará como quiser, o tratará como ele deve ser tratado: o meu herdeiro, a minha imagem, o meu sucessor.

Dou-lhe as costas, sem me importar nas besteiras que fala após a minha saída.

Matteo e eu viajamos em silêncio até o posto de decolagem, onde vamos para Palermo.

— *Papa?* — Ele me chama quando estamos sobrevoando os campos verdes.

— Sim, Matteo?

— Eu sou uma pessoa ruim por quase ter matado a mamãe?

Aperto a criança em meus braços a ponto de sufocá-lo e encosto o queixo no topo da sua cabeça.

— Você é a melhor criança do mundo.

— Se eu sou a melhor criança do mundo... — Pensa um pouco após analisar. — Por que não tenho irmãos?

Dou uns tapinhas de leve na bochecha dele e abro um sorriso para acalmá-lo.

— Isso não é culpa sua, meu filho. Você merece isso e muito mais.

TATIANA MORENO

Palermo, Sicília.

Acordo e faço a minha higiene matinal. Depois vou até a cozinha preparar o café da manhã.

Como sempre escolhemos uma casa com escritório, é para lá que vou trabalhar. Pego todas as informações que Thomaz marcou

e anotou durante toda a madrugada e tento entender o caso:

Paola Bianchi Lamarphe está presa, dentre outras coisas, pelo homicídio doloso de uma brasileira chamada Paloma que estava grávida – pelo que diz nos autos – de seu filho Guilherme Lamarphe^[13].

— Essa gente não consegue ver a felicidade dos outros, tentam destruir tudo se não for do jeito deles. — Dou um gole generoso no café e continuo a ler.

Também há a tentativa de homicídio de Yasmin do Amor^[14], atual mulher de seu filho Guilherme.

— É claro. Por que não me surpreendo? — Preciso rir, mas é de nervoso. Não há nada de engraçado nisso tudo.

Essa mulher também infernizou a minha vida...

Flashback

— Eu sei o que você está planejando — ela me disse na festa de natal da família.

Estava com um vestido branco brilhante que contornava sua cintura, os cabelos acaju soltos, o olhar ofídico sempre foi uma

característica sua, que felizmente nenhum dos filhos puxou.

— O que estou planejando, senhora Lamarphe? — perguntei, na ocasião, com a inocência e doçura que tratava todos eles.

Paola nunca tinha me destratado até então.

— Sei que quer se aproveitar do Antônio, só porque ele caiu em suas graças. — Se afasta para brindar com os familiares, deseja bons votos de saúde, amor e prosperidade, depois retorna a mim.

— *Caiu em minhas graças?*

— Sim. Antônio é um caçador nato. É claro que gosta de ir em qualquer esquina, qualquer bar ou bordel para caçar putas para foder — sorri para os familiares, estende sua taça de champanhe. — Mas também se acomoda muito fácil. Não é melhor ter uma garota idiota para se aproveitar na própria casa?

— Não estou entendendo, senhora.

Meu estômago ardeu. Sinto como se fosse agora.

Às vezes era difícil interpretar o que Paola dizia, porque tudo o que transmitia era com um olhar angelical, um sorriso estampado, a voz doce, suave, aveludada.

Tudo saía em tom de elogio, quando na verdade era veneno sendo jogado, com o que ela achava que era classe.

Eu chamo de má educação.

— Você é uma pobre coitada que não tem onde cair morta. —
Fecha os olhos e ri com graciosidade, move os ombros que chegam a brilhar de tão hidratados. — E quer fisgar esse peixe grande, porque é tudo o que vai conseguir na vida.

— Não, eu não...

— Não foi uma pergunta, portanto, não preciso da sua resposta — continuou, ríspida, com um olhar de tranquilidade de quem doa fortunas para famílias carentes. — Saiba que, se ousar engravidar e um dia pedir algo dessa família, eu mesma vou pegar o alicate e enfiar dentro de você para arrancar o que quer que seja.

Paloma. Yasmin... eu.

— Não vai ser a primeira vez. Se surpreenderia com o tanto de bastardos que tive de matar por essa família. — Vem até mim, como se nada tivesse acontecido.

Tilinta a taça em meu copo de suco.

— Feliz natal, querida. Que Deus te dê, acima de tudo, sabedoria, para que não cometa burrices. E se cometer, que ele te dê sorte, porque eu vou caçá-la no fim do mundo para te destruir. —
Deu dois beijinhos em meu rosto e saiu para felicitar meus pais.

Atualmente

Não sei que *karma* estou pagando, se é dessa vida ou de todas as outras lá atrás. Mas defender essa mulher é o *ticket* premiado para ter o meu filho de volta. Isso é tudo o que quero e vou fazer o que for preciso para tirá-lo de Bárbara.

E pensar que um dia achei que fôssemos amigas...

— Aí está você — ouço a voz grossa, quase rouca, acompanhada da batida da bengala no chão.

Me arrepio inteira, abraço meu próprio corpo, aperto os olhos para engolir todo e qualquer sentimento antes de me virar.

— Guilherme? — Estico o pescoço, fingindo que não o reconheço.

Antônio bufa de raiva, se aproxima até ficar ao meu lado.

É alto, deve ter quase 1,90. Também é forte, másculo, um olhar que não deixa dúvidas que ele é quem manda e domina qualquer situação.

— Eu vou acompanhá-la hoje — me informa.

— Preferiria o Guilherme — confesso.

Ele rosna mais uma vez, quando tento seguir, usa o apoio da bengala que tem forma de um gancho longo para puxar o meu braço.

— *Preferiria?*

— Agora também é surdo? — Dou um safanão na bengala só para ele entender com quem está lidando.

Vejo-o se desequilibrar, mas mantém a pose.

— Não vá pensando que só porque é deficiente que eu vou ser gentil com você.

— *Deficiente?* — Ele me olha de cima a baixo.

Eu retruco o olhar, com ênfase na bengala.

— *Deficiente!* — Ele ri, esfrega a mão grande no rosto e respira fundo. Começa a resmungar em italiano: — *Madre di Dio aiutami a sopportare questa donna*^[15].

— Ela não vai te ajudar não, amor. Ela é mulher também. — Jogo o cabelo e saio na frente.

— *Amor?* — ele pergunta, eu sigo, fingindo que não ouvi.

Droga. É apenas uma expressão comum, mas o que ele vai achar do que eu falei?

— Escuta, “amor” é só um... — Viro-me e acabo sendo atropelada por ele.

Ele me segura e me impede de cair, como ontem? Não. *Passa por cima*. Me deixa estatelada no chão, imóvel, olhos arregalados e chocada em ver que ele nem se importou de me ajudar.

— *Bastardo!*^[16] — Sou eu quem esbraveja em italiano agora.

Ele vira o rosto e me procura, olha para o alto, para as montanhas distantes, coloca a mão direita ao lado da orelha para tentar ouvir algo que não seja o vento, após procurar muito, me acha no chão.

— *Ah, me desculpe, eu sou apenas um deficiente que não te viu.*

— Aleijado, surdo e cego! — grito.

— Pauzão grosso. Inclua isso.

Fico vermelha, sem saber o que dizer. Vou retorquir? Mesmo que eu seja uma boa mentirosa, não conseguiria ir contra a verdade.

— Se lembra disso, não é? — Quando se vira, ri ironicamente da minha cara, e sou eu quem passa com tudo, igual um avião, empurrando-o. — Um pauzão grosso é difícil de esquecer.

Quem é que está no chão agora?

— Deficiente caído! — Aceno para o segurança da porta de cadeia. — Ajuda o pobre coitado do moço ali, por favor!

E quando ele tenta se levantar, ignorando a ajuda do homem, eu dou um *tchauzinho* para ele e sigo meu caminho.

Ele acha que pode ser ruim? *Eu me tornei pior.*



Capítulo 9

TATIANA MORENO

“Fortuna vitrea est: tum cum splendet, frangitur”.

(“A fortuna é como o vidro: tanto brilha, como quebra”).

— Provérbio em Latim.

Paola não é exatamente o tipo de mulher que alguém visitaria na cadeia.

Prova disso é que fica surpresa quando lhe contam que tem visita, vem ansiosa, feliz, quase desesperada. *É claro.* Foi

abandonada pela família, ninguém veio vê-la. *Quer saber?* Eu também não viria.

Fico surpresa de que uma mulher como ela criou filhos tão bons.

Na verdade, cada um parece ter um tipo de distúrbio de personalidade que vai desde uma compulsão por dominar tudo, a querer resolver as coisas matando os outros. Fora isso, nenhum deles possui a personalidade cheia de preconceitos, elitista e esnobe da mãe.

— *Ah* — faz cara de nojo ao me ver. — *Você.*

Me reconhece após uma longa olhada, se prepara para ir embora, quando de repente o filho aparece atrás de mim.

— *Antônio!* — Encosta no vidro e arregala os olhos. — *É você mesmo, meu filho? Veio me tirar daqui?*

O olhar maravilhado e sonhador da mãe logo dá espaço para um psicopata. Semicerra os olhos e sacode a cabeça negativamente.

— O que vocês estão fazendo juntos? — Paola pergunta.

— Não estamos juntos! — digo logo.

Isso não a convence. A mulher começa a murmurar, mexe a boca tão freneticamente que penso em chamar a segurança porque ou ela vai ter um AVC ou precisa de ajuda psiquiátrica urgente.

— Não podem estar juntos. *Não!*

— Pode ter certeza, Paola, que a última coisa que farei da vida é ficar junto com seu filho. — Lanço um olhar sério para ele, ele me devolve concordando de imediato.

Ótimo, estamos na mesma página a respeito disso.

— Então o que você está fazendo aqui? — Mesmo a contragosto, ela se senta.

— Sou advogada, não soube? Uma das melhores do país — a informo.

— Era só o que me faltava. — Recolhe as mãos para o colo.
— A *família* está passando por problemas financeiros, *Toni*?

— Não, por quê? — O outro retruca, incomodado.

— Por que contrataram a filha de uma empregada para vir me defender?

— *Te defender?* — Preciso rir. — Não, gatinha *miss* presidiária de uniforme laranja. — Agora eu rio de verdade. — Sério, Paola,

essa cor não fica bem em você. Parece uma fruta podre que caiu do pé... — penso um pouco. — *Espera. Essa é você.*

Antônio quase ri, mas segura o riso e mantém o olhar austero o quanto pode. A mãe parece indignada com isso.

— *Toni*, peça para Renata que mande outra advogada para me defender! Uma de calibre, boa estirpe, *de família*. Não uma zé ningué...

Eu nem permito que ela termine. Preciso interrompê-la com o meu dedinho indicador virado para ela.

— Olha, Paola, se você quer me ofender, vai ter que se esforçar muito. Até porque, não sou eu que está atrás das grades e com ficha de criminosa. — Jogo o cabelo. — Abaixa sua bola pra falar comigo.

— *Toni???* — Se volta para o filho.

Antônio sacode os ombros e vira o rosto.

— Eu não estou aqui para te defender. Estou aqui para defender *A Família*, foi para isso que Renata, a sua filha, me contratou. E todos os seus filhos concordaram: Antônio, Leonardo, Bruno e Guilherme — deixo logo claro.

Ela não fica mais calma, mas pelo menos para pra me ouvir. Não encolhe os ombros, sequer muda a postura do corpo. Mantém o olhar clínico e superior, como se estivesse tratando com uma moradora de rua que precisa muito de uma esmola.

A má notícia é que quem precisa de mim agora, é ela.

— E vou defender *A Família* com unhas e dentes, pode apostar. — Pisco os olhos bem devagar. — Me surpreende, sabe, Paola? Que você sempre foi racista, elitista e xenofóbica, nunca me surpreendeu. *Assassina?* É. Parece que está no sangue de todos vocês. — Olho Antônio com cuidado.

Ele parece não se importar nem um pouco com o que eu disse. Seria como dizer para uma pessoa alta que ela é alta, ou uma pessoa branca que ela é branca. É chover no molhado.

— Mas *delatora?* — Rio. — Como dizem no Brasil: X9? — Jogo os cabelos para trás. — Aí você foi mais baixo do que eu pensei que poderia ir.

— *Guarda!* — Ela se levanta.

Eu também.

— Renata está disposta a te tirar daqui — digo logo o que é de interesse dela. — Mas quando o fizer, você vai pedir desculpas para

Yasmin e prometer que nunca mais vai atentar contra ela ou o filho dela.

Ela já começa discordando daí.

— Ela te deu duas escolhas: ficar trancada na mansão da família sem contato humano além dos seus filhos que vão revezar para cuidar de você ou se exilar.

— Exilar onde?

— Não sei, Paola. Em algum lugar longe, barato e onde ninguém mais tenha notícias suas, seria a minha aposta. — Sento-me. — Seu filho está aqui, por que não pergunta a ele?

— É verdade, Toni? — Arregala os olhos. — Querem fazer isso comigo?

— *Mamma, você tentou matar a mulher que Guilherme amava...* — Ele tenta explicar.

— Ela não estava à altura dele! — Se volta para mim. — Assim como uma filha de empregada nunca estaria à sua altura, meu filho, será que não entende isso? — Suspira. — Por que vocês não escutam sua mãe?

— Não é você quem decide quem é bom para o Guilherme ou para mim. Não sou mais criança, posso escolher quem eu quero

amar e a sua opinião não importa — Antônio é áspero, certo e direto.

Ponto para ele.

— Essa família não teria tudo o que tem se fosse assim. —
Asseia os cabelos. — Agora *somos* a Décima Terceira Família mais rica do mundo. *Graças a quem?* A mim! Se não fosse por mim, escolhendo os casamentos, as alianças, os acordos... nada disso teria acontecido!

— Não importa.

— Não importa, Toni? — Ela fica contemplativa por um instante. — Vai dizer que não se importa em ter todo o dinheiro do mundo para viver bem, viajar para onde quiser, quando quiser, como quiser... viver, usufruir, ter o mundo aos seus pés?

Ela aumenta o tom da voz a cada frase.

— Fui *eu* que me sacrifiquei por essa família para que *todos* vocês tivessem essas mordomias. *Eu, Toni!* E agora você vem me dizer que “não importa”?

A resposta dele é um levantar de sobrancelhas, bem desinteressado.

— Sabia que era burro, mas ingrato? — Paola cruza os braços. — Não te criei para ser ingrato!

— Tá, seu filho é ingrato, e você é o quê, delatora? — Coloco ela em seu devido lugar. — Quer destruir toda a família, entregá-los para o governo a ponto de congelarem todas as fortunas e ficarem vulneráveis às outras máfias. *Você chama isso de quê, Paola?*

Ela vira o rosto, evita me olhar.

— Ingrata. É isso o que você é. Ingrata à família que te deu tudo — digo, sem amaciar nenhuma palavra. — *Viu? DNA*. Ele teve a quem puxar.

— Obrigado por me defender, mas na próxima eu faço sozinho — Antônio me fita de soslaio.

— Imagina, *migo*, eu sou sua advogada, estou aqui para te defender.

— “*Migo*”? — Isso parece irritá-lo mais do que tudo o que foi dito aqui.

— Ele é ingrato? Sim. Burro? Com certeza. Deficiente?

— Você realmente está fissurada na minha bengala — ele provoca.

— Sim, ele manca. *E daí?* — Abro as mãos na horizontal. — Ainda assim ele é seu filho, preocupado com você e quer te tirar daí. Mesmo que qualquer psiquiatra ou pessoa com dois neurônios desaconselharia, porque convenhamos, Paola, além de ingrata, você é doida.

Só não disse *psicopata* porque achei que não cabia no momento.

— Vai deixar essa mulherzinha falar assim com a sua mãe, Toni?

— Ela é adulta, vai falar do jeito que quiser, o que quer que eu faça?

— No mínimo que esbofeteie a cara dela a ponto de arrancar uns dentes — é o que a mulher analisa.

— *Primeiro...* — Preciso deixar isso bem claro. — *Ninguém vai bater na minha cara se não estiver me fodendo.*

Deixando isso esclarecido para todos, prossigo.

— *Segundo, no dia que seu filho esbofetear a minha cara, ele vai te fazer companhia aí atrás das grades.*

Paola ri em tom de desafio.

— *E terceiro...* — Respiro fundo, eu não tinha preparado um terceiro ponto. — *É sobre isso. E está tudo bem.*

— *Quê?* — A mulher mais velha franze o cenho, sem entender qual era o terceiro ponto.

Se serve de consolo para ela, eu também não entendi. *E está tudo bem.*

— É pegar ou largar, Paola.

— Não preciso de vocês, sabe por quê? — Desdenha. — Eu sou uma Bianchi. Minha família tem suas próprias alianças.

— Ótimo, então pede pra família Bianchi te tirar daí — me levanto de uma vez.

— Aonde você pensa que vai?

— Eu vou embora. Você tem a família Bianchi, não precisa de mim.

— Volte aqui, *suazinha!* — Chia. — Filhinha da empregada, volte aqui! — Bate contra o vidro.

Eu saio linda, bela, plena. Ando depressa? Só para Antônio não me alcançar. Tudo o que quero agora é entrar no carro, chegar na mansão Lamarphe e delatar tudo para Renata. Vou dizer, com as

palavras mais bonitas que eu puder, que a mãe dela é uma desgraçada que vale menos que a bosta que caga.

Só que de um jeito bem florido, tranquilo e no *advogadês* mais classudo que eu puder.

Entro no carro e só percebo que não foi o que me trouxe, quando Antônio me empurra para dentro, quando tento sair. Ele se senta ao meu lado e bate com a bengala em cima da maçaneta da porta para que eu não toque.

— *O que é isso?* — reclamo.

— Uma bengala, não consegue ver? É amnésia ou uma disfunção cognitiva que está te tornando... *deficiente?* — Arqueia a sobancelha bem alto.

— Quero sair!

— Vai sair — ele concorda. — Quando eu permitir. *Pode ir* — avisa ao motorista, que não é o meu pai.

— Para onde estamos indo? — Exijo saber.

— Vai saber quando chegarmos lá — é tudo o que diz.

Cruzo os braços e evito encará-lo. Fico vendo a paisagem lá fora, tento me distrair, mas o cheiro dele não permite.

Antônio respira em silêncio, mas é a *presença* dele que causa um barulho, que só ocorre dentro de mim. Fico inquieta, não consigo ficar parada, toda hora percebo que estou com um tique nervoso diferente como ver as horas no relógio ou espiar se tenho alguma notificação no celular para fugir do olhar dele.

Ele não para de me encarar, percebo isso todas as vezes que meus olhos vão para o cantinho e tentam espioná-lo.

— Se quer saber, sempre amei isso em você. — Coça os cabelos. — O jeito naturalmente doce e inocente, mas carregado de um tom corajoso que nunca permite que os outros tentem passar ou se sentir superiores a você.

Tento encontrar algo gentil para dizer a ele também, mas a única palavra que vem a minha mente é: *pauzão grosso*.

Por que diabos eu estou pensando nisso?

Pior! Eu estou visualizando! Meu Deus! MEU DEUS! Eu preciso tirar isso da minha cabeça, tipo... *agora!*

Não encontrando nada melhor a dizer, prefiro o silêncio.

Em um ato de extrema bravura, meneio o rosto em direção ao dele – péssima ideia! – e comprimo os lábios no sorriso mais

muxoxo da história do cinema, digna das expressões de Bella Swan em Crepúsculo.

— Quem diria, *hum*?

— O quê? — Me arrependo de perguntar assim que as palavras saem.

— Após todos esses anos, primeiro encontro em uma cadeia... *inesperado*. Combina com você, gosta de surpreender.

Embora minhas bochechas queimem, mantenho a compostura. Mantenho o rosto virado para a janela e tento pensar que daqui umas horas estarei em casa, espero eu, deitada na banheira, tomara, bebendo um vinho suave e escutando Adele, *eu profetizo*.

O tempo com Antônio, mesmo dentro do carro, vai passar devagar. Eu sei. Vai ser um suplício aturar esse homem até o lugar que ele quer me levar.

— *Não tem nada a dizer?*

— Tenho, sim. — Viro-me de supetão.

— Então, diga!

— *Primeiro encontro o seu cu!*



Capítulo 10

TATIANA MORENO

“Eu acredito que ela tem o tipo de magia que provoca revoluções e promove grandes descobertas. Não há nada que eu goste mais do que observar Gabriela no meio de um grupo de pessoas. Você sabe o que ela me lembra? Uma rosa perfumada num bouquet de flores artificiais”.

— Jorge Amado em *“Gabriela, Cravo e Canela”*.

De todos os lugares que pensei que esse CEO mafioso me traria, um restaurante flutuante no mar era a última opção.

Para chegar ao lugar, precisamos entrar no iate de luxo da família Lamarphe e então chegamos no lugar que parecia uma ilha artificial no meio de toda imensidão: árvores majestosas em vasos esculpidos como a cabeça de deuses gregos, lâmpadas por todos os cantos dando um ar jovial e uma vista privilegiada de tudo: céu, terra, mar.

Vim a contragosto.

Não sei se teria chegado aqui se Antônio não estivesse com a mão em minha cintura, me guiando para onde deveria ir. Cogitei, sim, em chamar a polícia quando vi, mas que efeito teria?

Os Lamarphe comandam absolutamente tudo no mediterrâneo, exceto por pequenas regiões que são dominadas por seus inimigos.

— *Mio cugino!*^[17] — Um homem alto e jovem vem em nossa direção, de braços abertos.

Antônio e ele se cumprimentam com beijos no rosto. Na Itália, homens não possuem masculinidade frágil e não tem medo de demonstrar seu afeto por amigos ou parentes, é muito comum ver garotos andando de mãos dadas ou uma cena calorosa como essa.

Demoro para reconhecer de quem se trata, da última vez que vi esse menino ele ainda usava fraldas.

— Marianno Lamarphe. — Ele beija a minha mão, o que não é aprovado por Antônio.

Daí eu aproveito e sou eu quem abraça ele e dá dois beijinhos no rosto.

— Olha só como você cresceu! Está um *homão!*

— *Cof, cof* — Antônio espeta a bengala no chão e abre um sorriso amarelo, indicando para que eu pare.

Ele virou o quê? Semáforo?

— Quando Antônio disse para preparar a melhor comida da minha vida, pensei que traria uma de suas namoradas secretas — Marianno entrega o primo. — Nunca pensei que seria você. Servirei com prazer, você é da família!

— Obrigada, Marianno. — Aperto a mão dele.

— *Cof, cof* — o outro continua.

— O que é, quer uma pastilha? — Passo reto por ele e vou me sentar em qualquer lugar.

Não é surpresa que Antônio me acompanha, parece minha escolta, grande e forte como é, certamente o confundiriam com um segurança, isso, claro, se toda Palermo não o conhecesse.

— É melhor se sentir importante — diz distraído, ajeita os óculos escuros e estende o rosto em direção ao sol.

Pele bronzeada, barba bem feita, os cabelos continuam dando-lhe um ar charmoso mesmo que o vento tente bagunçá-lo. *Não há nada de errado com esse homem?*

— Por quê? — Agradeço quando três taças são colocadas diante de mim, o garçom já enche uma de água, depois champanhe e vinho.

— Porque deixei a minha companhia do almoço para vir comer com você. — Me encara como se fosse o rei do mundo.

De certa forma, é. Pelo menos dessas bandas em que a água é verde azulada, límpida e cheia de espumas.

— Ah, que ótimo. — Pego logo o vinho para aquecer o estômago. — Vou me sentir importante porque estou aqui hoje ocupando o lugar de alguma das suas putas baratas — preciso rir.

Antônio aguarda eu terminar de rir, beber e unir as duas mãos diante do rosto, cotovelos na mesa, encarando-o com fúria.

— Só para você saber, a minha companhia do almoço de todos os dias é... o meu filho. De seis anos. *Matteo*.

— *Ah* — engulo em seco e dou até uma tossida.

Acho que bebi rápido demais.

— Mas ele não estuda numa escola integral? — Mexo nos cabelos quando percebo que demonstrei que *sei demais* de tanto que o vigio nas redes sociais. — Como todas as crianças da idade dele...

— Sendo quem eu sou, posso fazer o que quiser. — O garçom deixa uma garrafa de um Royal Salute 62 Gun.

Fico em silêncio, admirando-o colocar a bebida no copo redondo. Sei quanto vale esse uísque porque Conrado recebeu de presente de um cliente quando ganhou um caso milionário. Isso custa o salário de muitos anos de uma pessoa.

— É claro que pode. Inclusive cercear o meu direito de ir e vir — provoco.

— Você não é minha prisioneira, *morena*. É minha convidada para o almoço. — Cruza as pernas de um jeito elegante e me encara como se fosse o próprio chefe da máfia.

Esse bastardo não tem noção do que sinto quando me chama de *morena*. Eu retorno, nem que seja por uma fração de segundo, instantaneamente para a adolescente perdidamente apaixonada que foi conquistada e destruída por esse homem.

Sempre achei que errava meu sobrenome por não conseguir falar, mas ele o dizia muito bem quando tratava meu pai ou minha mãe.

Ele quer me provocar. É disso que gosta.

— Então eu posso ir? — Aponto para a terra firme.

— Quando quiser.

— Ótimo. — Levanto-me, pego as minhas coisas e vou em direção a passagem que conecta o restaurante com o iate que permanece ali.

— *Nadando, é o que eu quis dizer* — ele esclarece.

Nesse momento eu olho para a água. Entraria nela e daria cada braçada com prazer, só para fugir dele. Mas como um aviso divino, ou ironia desse cafajeste, vejo alguns tubarões circulando o lugar.

Retorno com calma até a mesa, o *antepasto* já foi servido.

— Desistiu? — Pega uma torrada com presunto Pata Negra, azeitonas e queijo fresco, uma dentre muitas iguarias em cima da grande tábua de comida que nos foi servida.

— Engraçadinho, você. *Ha-ha-ha* — faço uma careta.

— Que bom que ainda sou capaz de te fazer rir. — Limpa a garganta com um gole de uísque. — Poucas coisas são tão bonitas quanto o seu sorriso.

Desgraçado. Galanteador bastardo! O típico homem que não perde oportunidade, atira para matar.

— Procurei muitas delas enquanto estive ausente, só encontrei duas que chegavam à altura.

Fico imóvel, não sei se por falta de reação ou o que dizer, propriamente.

— Matteo. — Acena com a cabeça, mostrando que isso é lógico. — E... — Vasculha no bolso interno do paletó, em cima do seu coração e retira uma fotografia plastificada.

Nela, Antônio está chutando a água e eu estou rindo, o rosto virado para baixo, tentando escapar das maluquices dele. Quem tirou essa foto foi Renata e esse dia antecedeu o momento em que ele grafou nossas iniciais nas pedras brancas.

— Você guardou isso? — Tento tomar de suas mãos.

Com um olhar de quem não vai me responder o óbvio, ele volta a comer.

Por que ele guardou isso?

Por todos esses anos eu sempre quis ignorar o meu passado, a minha juventude. Não porque me sentia feia, mas porque fui machucada de tal forma que essas lembranças não eram mais um lugar seguro para mim.

Entretanto, ver essa foto me transporta para um dos melhores momentos. Não só de alegria, afeição e carinho de Antônio, mas o jeito como ele me enxergava, a forma como tínhamos sonhos parecidos e que planejávamos o futuro juntos.

Seríamos nós dois contra o mundo ou morreríamos.

Ao melhor – ou pior tipo – de Romeu e Julieta século XXI.

— Eles se orgulhariam do que nos tornamos? — Aponto para a foto, já que ele não me permite tocar.

— Você se orgulha? — Me devolve.

Faz uma careta quando puxa a perna, precisa firmar a bengala no chão para empurrar o próprio corpo.

— *Câimbra* — reclama.

— O que houve com sua perna? — Aponto com o rosto.

Não sei em que hora passamos a ter uma conversa civilizada, mas já que temos esse momento, melhor aproveitar.

— *Ah, é claro, foi depois de você me deixar* — ele tenta puxar da memória. — Eu te procurei, sabe?

— *Hum?!* — Tento manter uma expressão neutra.

— Os homens do meu pai não queriam, então eu mesmo, Ruslan e Bruno te caçamos. E numa noite dessas, fomos emboscados. Ruslan quase levou um tiro na cabeça, Bruno saiu ileso, ele sempre foi bom em correr...

— *E você?* — Fico apreensiva.

— Eu fui sequestrado — diz isso num tom animado como se fosse brincadeira. — Queriam me matar, mas decidiram só por me aleijar mesmo. Perfuraram a minha perna muitas e muitas vezes, só para garantir que o filho mais bem preparado do chefe da máfia não ocupasse seu lugar.

— *Ant...* — Só percebo que o chamo pelo apelido carinhoso após dizer, mesmo assim continuo: — *Eu... sinto muito.*

— Isso não me impediu de continuar te procurando, só me tornou mais lento. — Sorri em forma de vitória.

É um homem de 30 anos? Não é o que parece.

Parece o adolescente, moleque, divertido e travesso de sempre. Só ficou com o rosto mais duro e demarcado, a barba lhe dá ar de homem e o corpo é muito mais robusto do que antes. Extremamente charmoso, como sempre, mas com um ar sexual que me deixa com calor, só de olhá-lo.

— E você me procurou, mesmo casado com a Bárbara? — Semicerrou os olhos.

— O velho Alfredo sempre dizia que pessoas se curam de um câncer quando têm esperança, algo pelo que lutar — sacode os ombros. — Bom, eu me agarrei a única esperança que podia me salvar.

Um belo atirador. Como sempre foi, desde jovem. Nunca errou um alvo, nunca parou até derrubar o que queria. Não é diferente agora.

— *E você? Por que foi embora?*

Não direi. Nem se ele me obrigasse.

— Você ama a Bárbara? — retruco.

Marianno, coitado, nos espia de longe. Parece apreensivo, porque não estou comendo. Por isso pego qualquer coisa da tábua e coloco na boca.

Imediatamente me encolho e depois arregalo os olhos. Isso é absurdamente bom! Tem cada nota de sabor necessária para atizar o paladar e querer comer compulsivamente a tábua inteira. Tem um tom cítrico, doce, levemente amargo que de repente fica...

— A sua pergunta está errada.

— *Errada?* — Falo de boca cheia, pois fico inquieta.

— Ela deveria ser: *algum dia amei alguma outra coisa ou pessoa que não fosse você?*

Tusso a ponto de cuspir um pedaço do presunto no terno dele. Dou umas batidinhas, atrapalhada, tentando tirar esse mico de cima dele.

— Desculpa, desculpa, me desculpa! Eu...

Continuo a bater sem parar, vou descendo pelo corpo dele. Quando noto, estou praticamente apalpando o volume de cima da sua calça.

— *Ah... desculpa!* — digo ainda mais desnorteada quando percebo o que estou fazendo.

— Tudo bem. Ele sentiu saudade de você também. — Aponta com o rosto para baixo.

Não sei porque, mas eu olho.

E o *negócio* se movimenta com força dentro da calça.

— *Santo Dio* — preciso rir, me abano, pego e bebo a água, o champanhe, tudo de uma vez. — Você vai de romântico e galanteador para safado em uma fração de segundos! — Pego o leque que Marianno traz, a brisa fresca não é o suficiente para me ventilar.

— Você gostava, quando era a minha menina. — Pega uma das outras e suga lentamente o caldo dela.

Viro o rosto. Não quero ver isso. É indecente demais.

Quer saber? Quero ver sim. Eu vou ver.

— Talvez ainda goste, só não queira admitir. — Ele termina de lamber a ostra com lentidão e a dispõe na mesa com muita calma.

Calma. Lentidão. Gentileza. Coisas que claramente não combinam com um homem de semblante tão cruel.

— Talvez eu ainda goste. — Finjo que bebo água da taça vazia, e imediatamente o garçom vem me servir.

— Não tem problema se não gostar. — Ele mesmo se serve do uísque. — Eu te faço lembrar como é bom e te ensino a gostar. — Gira o líquido cor de ouro envelhecido no copo. — Te ensinei umas coisas no passado, lembra?

Não teria como esquecer. Aliás, está aí uma coisa que ele deveria ter me ensinado: uma boa amnésia.

Nem toda raiva, rancor e angústia que sinto por essa família são capazes de afastar o que sinto quando estou diante de Antônio.

Ele mexe comigo, profundamente.

Ele ainda mexe comigo, profundamente.

Depois de todos esses anos, nos reencontramos como se a última vez que tivéssemos nos visto fosse ontem.

— Só vim checar se tudo está do agrado de vocês — Marianno vem todo pomposo e incerto, vendo que comi pouco.

— Está maravilhoso, na verdade. Acho que nunca comi algo tão bom! — Admito.

Ele desce o olhar para a tábua, indicando que não comemos praticamente nada.

— O risoto de camarão já está pronto — informa.

— É que a conversa está muito boa. — Dou o braço a torcer e abro um sorriso sincero. — Você está com pressa para voltar para a cidade? — Dirijo-me a Antônio.

— O meu único compromisso na agenda hoje, é você — ele diz, bebe com os olhos fixos em mim, como se dissesse: *eu vou te comer*.

Não vai não.

— Então não se apresse, vamos comer o risoto depois. — Mexo nos cabelos, balanço o leque no pescoço. — *Uh, não me recordava que aqui era tão quente...*

O semblante dele é impenetrável. Continua com a mesma feição de homem cafajeste que me foderia aqui mesmo e depois seguiria a vida, fingindo que nada aconteceu.

Agora me pergunto: até onde tudo isso é fogo de palha, só vontade de *matar a saudade* ou verdade, de fato? Antônio sempre foi bom com as palavras, principalmente ao tratar as mulheres. Deve dizer tudo isso a todas...

— *Do que estávamos falando...?* — Tento puxar da memória.

— Que eu tirei a sua virgindade — ele vai direto ao ponto.

— *Ah, sim, o Matteo!* — Mudo de assunto. — Sua companhia favorita no mundo inteiro!

— É. Não fique com ciúmes. É que o garoto é realmente bom.

— *Hum* — meus olhos sorriem.

Não me lembro da última vez que isso aconteceu.

— Me fale sobre ele.

Antônio se ajeita na cadeira e tira o celular do bolso. Abre a galeria de fotos e me entrega. Ele tem milhares de fotos com o menino: caçando, jogando bola, andando no iate, na ópera, tomando sorvete... claramente o garoto é o melhor amigo dele.

Isso acalma o meu coração de uma forma que eu não lembrava de ter tanta paz.

— E as fotos da sua filha? — Continuo passando as imagens.

— Que filha? — Arqueia a sobrancelha.

— *A sua filha.* — Movo as sobrancelhas. — *A menina. Ela aparece nas fotos com o Matteo...* — Aperto os olhos. Acabo de entregar que acompanho o instagram dele.

— *A Lola?* — Ele acena com a cabeça.

— Isso! Aquela garotinha fofa! — Sorrio nervosa.

É claro que ele ama o filho, é um garoto, o herdeiro dele. Não foi à toa que deixei a carta que escrevi nas mãos do menino.

Mas a cesta tinha duas crianças: um menino e uma menina.

Nossos filhos.

— A Lola é filha do Leonardo, meu irmão gêmeo — explica sereno. — Ela é um ano mais nova que o Matteo, eles são melhores amigos, já que o Matteo se sente sozinho e sempre quis ter irmãos..., mas a Bárbara não quer.

— *Espera.* — Abro a mão, bebo a taça de água o mais rápido que posso. — *Onde está a menina???*

— Que menina?

A irmã do Matteo! A garotinha que estava com ele na cesta! Onde ela está? Onde foi parar? O que ocorreu com ela?

— Não sei do que está falando, só tem a Lola. E eu acompanhei a gestação da Lauryen...

Mantenho o dedo indicador levantado, pedindo um momento para ele.

Na sequência eu desmaio.



Capítulo 11

ANTÔNIO LAMARPHE

“Comes facundus in via pro vehiculo est”.

(“Andando de dois, se encurta o caminho”).

— Provérbio em Latim.

A conversa ia tão bem que fico sem reação quando a vejo apagar.

Antecedo a queda e saio da minha cadeira, sinto a minha perna doer devido ao movimento brusco e continua a latejar

enquanto abaixo com Tatiana em meus braços até deitá-la no chão de barriga para cima.

— *Dio Santo!* — Marianno e seus garçons vem em socorro.

— Afastem-se! — Abro o braço para mantê-los longe. — Ela precisa respirar. — Sinto com o dorso da mão que ela respira, mesmo que pouco.

Deito a cabeça dela de lado e subo suas pernas numa altura que fiquem mais elevadas que a cabeça.

— Você tem uma almofada, um banco, algo baixo? — Mostro para que meu primo se apresse.

Ele volta com um *puff* de criança que eu preciso virar na horizontal para que fique menor, apoio os pés de Tatiana nele. Pego o leque que ela estava usando e começo a abaná-la.

— *Morena?* — Aceno diante de seus olhos, mesmo que eles estejam fechados. — Continue respirando. Estou aqui com você, está tudo bem.

— Não é melhor chamar ajuda? — Meu primo tenta se aproximar novamente e eu dou uma bengalada em seu joelho para que mantenha o espaço.

— Ela ainda está um pouco corada. — Toco as bochechas de Tatiana. — E respira. Traga algo para aumentar a glicemia, deve ter sido a pressão.

— Tiramissù serve? Foi o que preparei.

Bato novamente, só que dessa vez na perna dele, para que se apresse e não me faça perguntas idiotas.

— Está me escutando? — Tento manter a calma.

Faz tempo que não perco o controle emocional, isso é novo para mim. Preciso respirar fundo e me concentrar para não fazer uma besteira.

Confiro novamente os sinais vitais dela, sinto que estão melhorando. Mantenho a cabeça dela deitada para o lado, pois assim poderá respirar com mais facilidade e caso vomite, não se afogará.

— Você é alérgica a algo que comeu? — Sinto a temperatura do rosto, do pescoço, vou até o colo e volto a subir a mão. — Não, você não é — resmungo.

Eu saberia. Sei tudo sobre ela.

— Isso, continue respirando — incentivo.

De repente ela tosse de um jeito rouco, permanece imóvel no chão.

— Não faça movimentos bruscos, eu estou aqui. — Seguro em sua mão. — Confie em mim, posso cuidar de você.

A resposta dela é um aceno negativo.

— Não seja teimosa agora, *Morena!*

Ela continua a acenar negativamente com a cabeça, demora alguns segundos até abrir os olhos, pisca-os devagar para mim. Parece assustada, como nunca vi. E está pálida.

— Consegue sentir seu corpo? — Aperto seus dedos, ela faz que sim. Aperto a coxa, ela arregala os olhos e me dá um tapa na mão. No peito do pé eu passo os dedos rapidamente, fazendo cócegas, então ela tenta estapear o meu rosto.

— *Para, Antônio! Não gosto disso!* — diz rindo.

— Está bem. — Tiro o doce das mãos de Marianno. — *Abre a boca* — mando.

Tatiana reluta, mas sabe que não vou deixar que faça nada, se não me obedecer.

Pego a parte mais doce e coloco debaixo da língua dela. Devolvo a comida para as mãos de quem a fez e faço apoio para

que ela se sente no chão, ainda parece desnorteada.

— *Eu preciso achar a minha filha* — diz enquanto sacode a cabeça, não entendo direito o que fala, pois não consigo ver seus lábios e o som do mar agora me distrai.

— Você o quê? — Arqueio a sobrancelha.

Numa pausa dramática, ela tenta se pôr de pé, acaba cambaleando e cai de quatro em cima de mim.

— Você ficou doida? — A aperto em meus braços para que não bata a cabeça no chão. — Que parte de não fazer movimentos bruscos você não entendeu?

— *Eu preciso voltar para a ilha* — é o que diz, olhando nos meus olhos.

Agora sim entendi o que falou antes.

— Desculpa. Foi a maresia. De repente eu fiquei enjoada, preciso voltar para terra firme.

— Você nunca enjoou com a maresia. — Analiso suas pupilas.
— Por que está mentindo para mim?

— Agora eu enjoo — se levanta de supetão.

Eu a puxo de volta, pelo braço, para encará-la de perto.

— *Não minta para mim, Morena* — digo bem próximo de sua boca. — Eu te conheço, melhor do que ninguém.

— *Você me conhecia, Antônio.* — Apoia as mãos em meus ombros e levanta, altiva, como se nada tivesse acontecido.

Claro, ainda samba aqui e ali, perde os movimentos e precisa se apoiar na mesa. Ela é assim, não sabe obedecer, não quer me ouvir. E somos dois cabeças duras, ela não vai me ouvir e eu vou insistir.

— Preciso voltar para a ilha, agora.

— Eu te levo para casa. — Levo um tempo até conseguir ficar de pé, na verdade, assim que consigo, me jogo na cadeira e estico o rosto para o céu, sentindo uma dor fulminante onde os pinos ficavam na perna.

— Só até a ilha, eu chego em casa sozinha. — Começa a puxar os próprios cabelos, olha ao redor, apreensiva, depois dá uma olhada em mim. — Você está bem?

Minimizo a situação com a mão.

— Se machucou? — Tenta tocar em cima da minha perna e eu a impeço antes que faça.

Ela quer o quê? Que eu urre de dor?

— *Eu estou bem.* — Preciso juntar todas as forças do corpo para dizer isso sem alterar a voz.

— Eu a levo, não é problema — Marianno propõe.

Tento me levantar, mas assim que a sola do pé pisa no chão, sinto como se algo se partisse dentro de mim, uma dor que sobe até a coluna. Volto a me sentar.

— Não faça movimentos bruscos, me obedeça! — ela diz para mim, agora, me imitando. — Eu preciso voltar, senão vou desmaiar. Você vai ficar bem? Deveria ir ao médico!

— Posso me cuidar — meneio a cabeça. — Leve-a com cuidado ou eu o mato — aviso Marianno.

— Antônio?

— *Hum?*

— Obrigada pelo almoço. — Me estende a mão para que eu aperte.

Que impessoal.

Ainda mais de uma pessoa que eu já enfiei a cara dentro da buceta.

Mesmo que a minha perna esteja latejando, o meu braço continua são, então a puxo em minha direção para que se aproxime bruscamente. Beijo o dorso de sua mão e não tiro meus olhos dos dela até que ela decida se afastar.

— Acho que merecíamos um primeiro encontro decente, que não fosse na prisão.

— *Primeiro encontro...* — ela desdenha.

— *Meu cu* — assinto.

— Vai sonhando, *Ant* — ela pisca e vai para o iate.

TATIANA MORENO

Não sei como chego viva na casa em que estou, mas corro direto para o banheiro e coloco tudo para fora.

Não consigo chorar, gritar, ter outra reação que não seja abraçar o vaso sanitário e ficar ali por longos minutos.

— Isso não é o que parece! — digo quando uma sombra paira atrás de mim.

— Não, amiga, eu não iria sugerir gravidez nem nada do tipo.

— Ouço Kelly lixando as unhas. — Como foi o reencontro com a *sogrinha*?

Pego a primeira coisa que está em minha frente, ou seja, a escova do vaso e jogo na cara dela.

— *Agressiva...*

— *Aquela mulher...* — tento ignorar a provocação de Kelly. — *Ela não vai colaborar, não quer negociar.*

— Que ótimo, né amiga? Mas e aí, como eu me torno promotora? Como você se torna juíza e recupera seu filho?

— Esqueça isso por um segundo. — Lavo a cara, a boca, a raiz dos cabelos. — Eu preciso achar a minha filha.

Kelly estende a mão na horizontal, sem entender. Antes que mencione Lola, a garotinha que sempre aparece nas fotos com Matteo, eu a interrompo:

— Não é ela. É a filha do irmão gêmeo dele.

— Onde está a sua filha então? — Põe a mão na cintura.

— *Não sei!* — Isso é desesperador.

A ponto de me fazer voltar para o vaso e vomitar de novo.

Fico uns minutos assim, sentindo como se ainda estivesse sacudindo em alto mar e só ousar levantar quando tenho certeza de que não farei novamente.

— Como assim não sabe onde sua filha está?

— Ele só tem o Matteo. Não tem uma menina!

— Não entendi. — Kelly continua a me encarar como se eu estivesse louca.

— *Aquela mulher fez algo com a minha filha e eu preciso encontrá-la!* — A empurro e saio louca pelo corredor.

— Que mulher?

— Bárbara! Paola! Alberto! Não sei! Alguém fez! Preciso achar a minha filha!

— E o que você pretende fazer? — Ela vem atrás de mim. — Vai colocar a cobra contra a parede e questionar o que ela fez com o bebê?

Fico parada em frente ao espelho, me culpando por isso. Eu sou a responsável se algo de ruim aconteceu à minha menina e nunca me perdoarei se não a encontrar. Agora ela é a prioridade.

Sei onde Matteo está, ele tem um pai amoroso para cuidar de si, mas *e o bebê perdido?* Onde foi parar? Com quem cresceu?

Como está? Por que não está junto do irmão?

— Eu vou confrontar a Paola — decido. — Com certeza ela está envolvida nisso.

Não preciso pensar muito. A mulher matou uma grávida e tentou matar Yasmin só por seu filho preferido estar apaixonado pela brasileira. O que ela faria com a minha bebê? Logo eu, que ela odiou desde a infância.

Esse ódio fermentou muito. E não quero usar minha imaginação para tentar descobrir.

— Sugiro que vá, mas sem um dos filhos dela — Kelly aponta a lixa de unhas para mim.

— Sim, realmente.

— Thomaz e eu podemos te acompanhar...

— Podem ir comigo até a prisão, mas eu vou conversar com ela sozinha. De mulher para mulher! E vocês precisam voltar para Roma, colocar nossos processos para andar!

— Tem certeza, amiga? — Kelly toca em meu ombro. — Você está a própria doença da vaca louca, peste bubônica, raiva de cachorro. Capaz de te prenderem por tentativa de homicídio de presidiária.

— Eu comecei isso sozinha e preciso resolver isso sozinha! —
digo decidida, começo a remexer nas roupas da minha mala.

Ando de um canto a outro, encaro o espelho, volto para a
cama, deito um pouco para o enjoo passar de vez.

— *O que foi, Kellyandra?* — rosno, ela continua na porta.

— “*Sozinha*” você não fez, né — diz de forma bem sugestiva.



Capítulo 12

ANTÔNIO LAMARPHE

"Quem fala na cara não é traidor."

— Provérbio Italiano.

Os dias foram passando e não tive nenhuma notícia de Tatiana.

Os pais dela não me contavam onde ela estava hospedada – provavelmente não sabiam, pois era ela que vinha visitá-los na mansão da *famiglia*, e sempre que ela ia ao lugar, não me contavam e Renata não queria me dar detalhes de nada.

Coloquei seis dos meus melhores homens para procurá-la.

Em algum lugar ela deveria aparecer: na prisão, na mansão, num restaurante que fosse para almoçar.

Por isso fiquei atento ao celular em cada momento do meu dia, à espera de uma mensagem ou ligação – que nunca veio.

— E aí, bonitão? Melhorou da perna? — Dylan Cavalieri me espera em frente da porta da empresa.

Ele é meu melhor amigo, desde a infância. Sabe, é claro, que estou casado com sua irmã apenas pela aliança entre nossas famílias e não me culpa por isso. Na verdade, ele é meu *parceiro de crime*, normalmente é quem marca e faz as festas regadas a sexo, bebida e diversão.

— Cinco dias sem poder sair da cama, está bom para você? — Bato no peito dele.

Por onde passa, Dylan chama atenção. Modelo internacional, certamente um dos caras mais bonitos e bem apresentáveis do mundo, vaidoso a ponto de sempre parecer *perfeito*.

É sempre bom levá-lo nas negociações, ele consegue seduzir qualquer empresária ou convencer os CEOs a participarem de suas orgias, fechei bons contratos com a ajuda dele.

— Bárbara disse que o médico sugeriu que você ficasse em uma cadeira de rodas — ele reprova, vê que estou mancando de um jeito mais intenso.

— Eu tenho cara de Guilherme Lamarphe? — Fecho o cenho.

— É. Tem razão. E aí, notícia dos brasileiros?

— Vão fechar conosco — o atualizo disso. — E estou com um problema gigante em mãos.

— O que foi, cara?

Jogo a pasta social em cima da mesa e praticamente deito em cima da cadeira presidencial, resguardo alguns segundos só para murmurar em silêncio de dor, respiro fundo e depois sento ereto, como se nada tivesse acontecido.

— Interceptaram uma carga nossa que ia para os árabes.

— Não era o planejado? — Dylan desfila pela sala ampla, como se fosse sua passarela. Frequentemente olha em qualquer reflexo.

Ele é casado, sei que gosta de mulheres, mas sempre tenho a impressão de que ele gostaria de transar consigo mesmo.

— Era para ser interceptado pelos homens do Emir Khaled, quem interceptou as armas, entretanto... *não sabemos*.

— Como assim não sabem? — Mexe nos cabelos.

— Será que pode olhar para mim, quando converso com você?

— Respiro fundo.

— Claro. — Vem devagar em minha direção e se senta diante de mim.

— A carga era para ser interceptada no terceiro dia da viagem, foi no segundo. Nenhum sobrevivente, pegaram tudo e deram sumiço até no corpo dos transportadores.

— Caralho — Dylan arregala os olhos. — Guerra entre as famílias, de novo?

— Com qual família é a minha pergunta.

Dylan descende de uma das famílias mais tradicionais da máfia italiana: Cavalieri. Entretanto, desde cedo viveu fora, viajando o mundo sendo rosto e corpo de todas as campanhas masculinas possíveis.

Seu pai, Caio Cavalieri, sempre foi inimigo da nossa família Lamarphe, até o meu casamento com Bárbara. Aí ele aceitou ser *consigliere* de meu pai e essa paz foi frutífera para todos nós.

Dylan sempre esteve desligado dos negócios da *famiglia*, e ainda se assusta quando tratamos de coisas corriqueiras da nossa

realidade. Mas é um bom ouvinte, conselheiro e acima de tudo, sabe como as coisas funcionam no mundo dos negócios.

— Agora que a sua família faz parte das 13 famílias da Colmeia, imaginei que ninguém seria burro o bastante para tentar peitá-los...

— Dylan, nunca subestime o inimigo. Nós *estamos* 13^a família. Agora temos um alvo nas costas. Um alvo em cada homem, mulher e criança. E esses abutres virão atrás de nós, assim como foram atrás dos Kjaerlighet para exterminá-los.

Em um aceno demorado, ele une as mãos e pensa um pouco.

— Posso pegar uns homens da minha família e ir atrás da carga.

— Não sou eu quem decide.

— Você é o CEO dessa empresa, é claro que decide.

Sim, eu sou a maior autoridade aqui dentro. Mas eu respondo ao Don, que no caso, agora é uma mulher.

— Renata decide. Ela é a chefe da família.

Dylan desdenha com um estalo de língua.

— Você deveria ser o chefe. — Cruza os braços. — Mulheres no comando? Sei lá, não dá para confiar. Elas são muito passionais, não pensam objetivamente, praticamente.

Não concordo, nem discordo dele. Dylan sempre foi assim, sua visão é de que homens e mulheres ocupam lugares diferentes na sociedade e devem respeitar isso.

Nada diferente do pensamento geral da máfia, do meu pai, avô e de 99% dos homens que nos cercam.

— Você discorda? — Me provoca.

— Não direi a minha opinião. Respeito a hierarquia.

— É claro que respeita, mas cara, o seu pai te treinou para ser o chefe! Era para ser você!

É. Se não fosse essa maldita perna que me tornou um *aleijado*.

Após isso todos me enxergaram como incapaz.

Bom para os negócios, com certeza. Não para comandar nossos exércitos.

— Sugiro que não diga isso abertamente, pois pode chegar aos ouvidos da Renata — é tudo o que tenho a dizer.

— Não tenho medo dela — ri. — Pronto, vou chamar a minha prima Yohanna Cavalieri^[18] dos Estados Unidos e nós vamos atrás da carga, melhor assim? Renata não recusaria uma ajuda dessas.

— Tem razão — concordo. — Se puder fazer isso, é mais uma dívida que tenho contigo.

— Somos irmãos, sem dívidas — sorri. — Agora... eu estou irritado com você.

— *Irritado?*

— É. Não sou seu irmão?

— Sim.

— Não crescemos juntos?

— Sim. E espero que toda essa conversa chegue a algum lugar.

— *Ah, vai chegar... assim como alguém do seu passado chegou.*

Levanto as sobrancelhas imediatamente. Nem acredito que não contei a ele sobre o retorno de Tatiana!

— É, pois é. — Ele aponta para mim, antes que eu diga. — Bárbara está louca.

— *Hum...* — Coço o queixo.

— Você conhece a minha irmã, ela é possessiva. Não se importa nem um pouco que você foda qualquer puta por aí, porque sabe que você volta para casa. *Mas Tatiana...*

Em minha defesa, fico quieto.

— Se prepare para drama, é tudo o que digo.

— O que você acha?

— Do quê? — Se diverte.

Mexo as sobrancelhas. *Não parece óbvio?*

— Cara, elas se odeiam — ri um pouco. — Mas você merece ser feliz. Bárbara não te faz feliz, é bem nítido em seu semblante. — Aponta com a cabeça para minha perna. — Porra, você está fodido e parece radiante, só por tê-la visto!

— É.

— Sabe que não pode se separar da Bárbara, né? Por causa da aliança entre nossas famílias. *Pense no que Renata faria se vocês perdessem o apoio dos Cavalieri.* — Se levanta e vai namorar o próprio rosto em um espelho.

— E o que você sugere? — Dou corda para que ele prossiga.

— Aproveite o retorno da Tatiana, seja feliz, curta o quanto puder... sabendo que vai voltar para a Bárbara no fim da noite. — Sacode os ombros. — A não ser que, sei lá, né...

— *O quê?* — Insisto quando fica quieto de repente.

— Renata não fosse mais a chefe. E você decidisse a aliança com nossa família de outro jeito.

— Você já é casado, seu tapado — reclamo.

— Minha filha não — abre um sorriso irresistível. — Seu filho não.

Coço o queixo para pensar um pouco. Amo muito Matteo, não quero repetir os mesmos erros que os meus pais. Eles me casaram à força com alguém que sequer consigo dividir o quarto. E que trata o nosso filho como se fosse nada.

Quero que o meu menino passe pelo mesmo?

— Foda-se a Bárbara, porra — Dylan apoia as duas mãos em minha mesa. — O que a minha família quer, na real, é *sentar na mesa dos adultos*, é sentir que também é a 13ª família. Se o que nos une é a Bárbara, nossos filhos... que diferença faz?

Isso não me assusta, ele sempre foi assim: prático, objetivo, cego pelo que quer.

Se tivesse que transar com um homem para conseguir o que quer, Dylan faria. Se tivesse que sacrificar a irmã para alcançar seus objetivos, nem titubearia. Se tivesse que vender a própria esposa para quitar dívidas, venderia a filha junto para fazer um pacote.

Ele só ama a si mesmo.

Posso usufruir disso?

— Você fica com a mulher que quer, a minha família tem o que quer e $1+1$ é 2.

— Vou pensar na sua proposta — abro o *laptop* para começar a trabalhar.

— Pense em todo tempo perdido com a Tatiana... — agora ele se fantasia de diabo, se pudesse, sentaria em meu ombro para cochichar em minha orelha: — Pense só em todos os filhos que teriam juntos... você quer tantos, Bárbara não pode te dar mais nenhum.

— Você é um cretino. Sabe disso, não é? — O encaro com seriedade.

— Eu sou um negociador. — Dá três batidinhas na mesa. — Sou modelo desde os 9. Tive que vender cada parte de mim desde

cedo para ter o que quero. *E quer saber?* Não me arrependo, nem um pouco.

Eu também não sou um cara perfeito.

Gosto disso na minha relação com Dylan, somos bem transparentes a respeito de nossos lados sombrios. Ele conhece o meu, eu conheço o dele.

E juramos nunca nos julgar por isso.



Capítulo 13

TATIANA MORENO

*“Quando estou só,
sonho no horizonte
e faltam as palavras.*

*Eu sei que não há luz
em um quarto quando falta o sol,
se você não está comigo”.*

— Francesco Sartori e Lucio Quarantotto em *“Con Te Partiró”*.

Uma semana.

É isso mesmo. Uma semana que larguei absolutamente tudo da minha vida e viajei por todas as cidades da Sicília, igual uma ermitã ou mochileira em busca da minha criança.

Passei em todos os orfanatos, vi todas as crianças, procurei pela minha menina o quanto pude e não obtive resultados.

Retorno para Palermo completamente derrotada. Não tenho forças para sair de dentro da banheira, estou anestesiada debaixo da água. *Afundada*, seria um termo melhor.

A minha cabeça é o iceberg que afundou o Titanic e o corpo debaixo da espuma é o violento naufrágio.

— Ah, chega de palhaçada! Alexa, solta um pancadão aí — Kelly já chega assim no banheiro. — Eu não aguento mais escutar Adele!

— É que condiz com o meu estado de espírito. *Alexa, toca a mais triste da Adele!*

A música animada é interrompida pelo toque de piano.

— Alexa, toca um pop bem agitado ou eu te jogo privada abaixo! — Kelly aumenta a aposta.

Nós duas nos entreolhamos, acho que na esperança do aparelho dizer: *primeiro se decidam, suas loucas!*

— Amiga, qual é a da obsessão com a Adele, hein? — Senta em cima da tampa do vaso.

— Era o que eu ouvia, durante a gestação.

— *Aaaaah, agora está explicado.* — Sacode a cabeça. — Sai daí, lava essa cara de derrota. O trabalho tem que continuar e a Renata quer resultados!

Enquanto eu ia sozinha em busca do meu bebê perdido, Thomaz e Kelly deram conta de muita coisa. Trabalharam em cima dos processos de prisão de Paola, fizeram uma pesquisa superficial sobre a família Bianchi e quem a Paola poderia usar para atingir a família Lamarphe.

Renata foi muito compreensiva com a minha ausência, porque em partes, eu expliquei que precisava tirar uns dias para me dedicar ao caso.

Agora eu precisava *mostrar serviço*, ou melhor, resultado.

— Você está derrotada porque não encontrou sua filha, mas sabe o que você não pensou?

— O quê, Kelly?

— Que ela pode ter sido adotada.

Um filete de esperança vem em meu peito. Um alívio, quase instantâneo, que assim como chega, logo vai embora.

— Em alguns orfanatos eles me permitiram ver as fotos de algumas crianças que tinham sido adotadas. Ela não estava lá.

— Mas você não viu todas as fotos, as que eles não permitiram, não é? — Ela tenta manter minha cabeça centrada. — E talvez você até tenha visto uma foto dela, mas pode não a ter reconhecido!

— Não tem como. Ela seria idêntica ao Matteo.

— Como você sabe isso? Eles eram bebês. Você não fez um pré-natal. Não sabe se eram univitelinos ou não.

Ok, ela tem um ponto.

— Não queria usar a minha carta na manga, mas...

Kelly me lança um olhar suspeito.

— Ele está me devendo um favor! — Cruzo os braços.

— E aí você vai tirar o *Raffinha Pau de Mel* dos Emirados Árabes para que ele encontre sua filha?

— É uma opção. — Sacudo os ombros.

— Ok. Chega de pensar em filha desaparecida, você está com a cara de derrotada e se tem uma coisa que eu não quero é que você reencontre a Paola desse jeito. Pior! A Bárbara. Imagina a cara dela ao te ver assim, derrotada!

— Tem razão. — Temo em admitir.

— Sabe do que você precisa?

— Um chupão lento e intenso. — Enrolo a toalha ao redor do corpo.

— *Essa é a minha amiga!* — Aponta o indicador para mim.



Como saímos do banheiro e viemos parar em Terpsikhórê^[19], um espaço para os milionários da Sicília, não sei. O espaço que ao mesmo tempo é bar, restaurante e boate, é um lugar bem requintado que mistura a arquitetura clássica italiana com elementos modernos.

As barracas de praia que mais lembram camas largas com tecidos de seda presos em suas colunas reúnem pessoas de todas

as idades. Em sua maioria, homens mais velhos estão acompanhados de rapazes ou moças extremamente jovens.

É claro que esse é o caso de Thomaz.

— Pietro, essas são as minhas amigas Tati e Kelly — ele nos apresenta ao velho rico.

— Prazer. — Aperto a mão do sujeito. — Obrigada pelo convite!

O homem que parece já estar em outro estado vibratório da matéria só acena a cabeça e leva Thomaz para algum canto que, sei lá, ele vai enfiar o pé no rabo do menino, pela forma que parece doido.

— Qualquer dia desses o Thomaz vai aparecer desovado em um matagal. — Cruzo os braços.

— Não viemos aqui para nos preocupar com ele. — Kelly bate o cotovelo em meu braço. — Viemos aqui para nos divertir, dançar e arranjar alguém para...

— O meu chupão — recordo do detalhe.

— *Isso.*

No momento em que falei, parecia fácil. Agora que estou aqui, rodeada por esses homens, me sinto esquisita.

Não pertenço ao mundo deles, nem deveria estar aqui.

— Você se lembra como é um chupão, né? Ou as teias de aranha te tornaram virgem de novo?

— Sabe, Kellyandra, não é porque não compartilho minha vida sexual abertamente que eu não a tenha. — Pisco para ela.

— Okay, *senhora vida sexual ativa, yes god, bota com força, me dê esse chupão*, qual foi a última vez que você transou?

— Bem, foi... — Penso um pouco.

Levo um tempo para responder a ponto de Kelly bater em meu ombro.

— Tem dois homens vindo, não faz a maluca! — Ela me alerta.

E no segundo seguinte ela faz o quê? Joga o cabelo e se lança pra cima do homem como se ele fosse um ímã gigante.

— *Ops, eu esbarrei em você, como sou desastrada* — diz cínica.

Pede pra eu não fazer a maluca e o que ela faz? A doida.

— Meu primo gostou muito da sua amiga — ouço a voz masculina, evito olhar para o homem de cabelos longos, jeito meio *viking*. — Quer dar uma volta comigo enquanto eles se conhecem?

— Claro — Kelly nem se despede, dá o braço para o homem e sai rebolando.

Como estou com o rosto voltado para o lado oposto, o desconhecido entra em meu campo de visão.

É bem mais jovem que eu, tem olhos felinos, castanhos, cabelos de surfista. É magro, mesmo que tenha um corpo bem delineado, tem feições, digamos, femininas. Ou talvez seja apenas jovem demais.

— Klaus — estende a mão.

— Tatiana — aperto.

Com um sorrisinho cretino, ele espreme minha mão em seus dedos e depois dá um beijinho no meu dorso.

— O que uma mulher tão bonita faz aqui sozinha?

— Na verdade, eu não estava sozinha, estava com a minha amiga. — Sacudo a cabeça.

— Sem um cara — ele especifica.

— Ah — arregalo os olhos. Quase digo: *para estar aqui preciso estar com um homem?*

— Não faz mal, agora está comigo. Gosta de dançar?

— Eu adoro dançar! — Suspiro aliviada.

Quer saber? Kelly tem razão. Eu preciso me soltar. Abandonar toda essa pressão e me divertir, pelo menos essa noite. Senão vou ficar carrancuda durante toda a minha estadia por aqui e isso vai atrapalhar o meu trabalho.

— Tem preferência de música?

— Como é que dizem? *Eu danço conforme a música.*

— É assim que eu gosto.

Klaus cochicha no ouvido do garçom. Não demora até que uma música animada de estilo latino comece a tocar. Ele segura em minha mão com gentileza e se diverte enquanto testa para ver se sei dançar.

Posso ser essa pessoa rígida e com ar enferrujado, mas tenho ritmo. E isso parece surpreender Klaus.

— Não me enganei, peguei a melhor da noite.

Comprimo os lábios ao receber o elogio.

— O que vai fazer depois daqui? — me pergunta.

— Ah, eu não sei. Ir para casa, talvez?

— O que tem de interessante em sua casa, além de você? —
diz todo galante.

Preciso admitir, é gostoso sentir esse frio na barriga, essa sensação de ser desejada por um desconhecido e pensar em todas as possibilidades. Klaus é bonito, mas nunca seria uma opção para mim porque...

Bem, vamos listar: ele é jovem, ele é bem gentil e parece um rapaz educado. Tudo o que uma mulher sonharia, é claro, mas eu gosto dos homens brutos. *Rústicos*, vamos dizer assim. Com cara de mau. É difícil explicar.

— A minha cama. A minha banheira...

— Eu sei fazer coisas incríveis debaixo da banheira — os olhos felinos sorriem.

— Tipo...?

Ele se aproxima, os lábios finos vêm até a minha orelha, respira fundo antes de abrir a boca e... não diz nada. Respira novamente, de forma entrecortada.

Sua mão se afasta da minha cintura e depois seu corpo, ele dá as costas e sai, depressa, sem olhar para trás.

— *Meu Deus, eu estou fedendo?* — É a única conclusão que chego, ergo os braços e respiro fundo, passo as mãos no pescoço só para garantir que meu perfume ainda está ali.

Não vejo outra explicação além de um pombo ter cagado em cima de mim para que Klaus fugisse assim.

Ok, ele não era o meu tipo. Ainda assim, seria divertido continuar flertando a noite toda, mesmo que no fim não ficássemos juntos. Faço muito isso. Às vezes é melhor na imaginação – e prefiro que fique na imaginação.

São tantas decepções e situações que prefiro voltar para casa, pegar meu vibrador e fazer minha imaginação trabalhar *como teria sido*, ao invés de *acontecer* e ser uma grande decepção.

— Onde está Kelly? — Viro para procurar a minha amiga.

Instantaneamente entendo o que aconteceu com Klaus.

Acho que eu também fugiria se um homem alto, musculoso, camisa preta aberta até metade do peito mostrando suas tatuagens, estivesse olhando fixamente para mim – e no caso, está.

Eu vejo que em seus braços fortes com as veias sobressaltadas, outras tatuagens cobrem sua pele morena. Os

lábios grossos abrem um sorriso de canto, quase imperceptível, enquanto bebe algo dourado em um copo redondo.

Não há nenhum traço jovem, feminino ou gentil no olhar. Ele é um lobo, um predador, alguém que o cérebro inconsciente alerta: saia de perto!

Ele para de brincar com o revólver entre os dedos e o guarda na cintura, faz isso em câmera lenta. Deixa o copo em cima da mesa de um casal que se assusta com o movimento repentino e vem até mim, bem devagar.

— *Cara mia.*

— Só podia ser você — reviro os olhos. — Estragou a minha foda da noite!

— *Estraguei?* — Fecha a mão em meu queixo, num misto de carinho e análise minuciosa, como se quisesse garantir com os próprios olhos que não houve beijo ou qualquer outra coisa.

— Eu já estava prestes a sair e ir para um lugar incrível, até você atrapalhar.

Prendo a respiração quando ele me encara de perto. Respira fundo, pesado, puxa muito ar pelo nariz. Em seus olhos está nítido o

que está fazendo: quer saber se estou com o cheiro do rapaz que acabou de sair.

— Sério? — desdenha. — Para onde ia?

— Para a mansão dele — chuto.

— *Ah, a mansão.* — Levanta as sobrancelhas.

Quando me agarra pela cintura, não é do jeito gentil e com as mãos leves como Klaus fez. Perco até a postura, quase caio dos saltos quando me puxa em direção ao seu corpo a ponto de me inebriar com seu cheiro forte e masculino.

Um homem, é isso o que ele é, não um menino ou garoto.

— Se me der licença, vou atrás da minha companhia. Acho que posso desfazer a merda que você fez — chio e tento me soltar.

Na verdade, reflito por um momento se realmente quero me soltar ou se é ele que me segura tão firmemente que não me permite mover um passo, que não seja no ritmo da dança lenta que estamos fazendo, agarrados, de uma forma bem sensual.

— *Vai* — ele incentiva.

— Sim, eu vou. — Esquivo o rosto quando o dele se aproxima.

— *Pode ir* — ele murmura em meu ouvido.

Em algum momento percebo que estou com as mãos entrelaçadas no pescoço dele. *Não me recordo de ter feito isso...*

— Depois da dança — suspiro.

Antônio pode ser assustador e ter esse ar de controlador, mas eu me sinto bem em seus braços. É como andar de bicicleta, por mais que você fique anos sem praticar, sempre vai lembrar como é.

Agora eu lembro com detalhes como é ter o corpo colado no dele. Sentir o peito quente retumbar em cima do meu e as mãos contornarem o meu corpo devagar, de um jeito pesado, amaciando a minha pele como se me preparasse para o abate.

— *Eu já te soltei.* — Encosta o nariz no lóbulo da minha orelha e dá uma cheirada tão intensa em meu pescoço que eu concluo porque entrelacei as mãos no pescoço dele: melhor assim para não cair dos próprios saltos.

— Não estou preparada para ir — confesso.

— *Ah, leve o seu próprio tempo.* — Continua a dançar no ritmo da música que parece um eco distante agora.

— *Eu quero ir, mas não consigo* — admito.

— Talvez porque você saiba que não importa para onde for, eu vou estar lá. — A mão direita sobe devagar, pesada em meu corpo,

quase que arrancando a roupa junto. — Se não for fisicamente, pelo menos em seus pensamentos.

— *Convencido!*

— E você é ingênua.

— *Ingênua?* — Sou eu quem desdenha agora.

— De pensar que vou deixar vivo qualquer homem que toque em você — sorri de um jeito gentil.

Klaus teria que se esforçar muito para sorrir desse jeito, porque o tom gentil de Antônio, é o jeito meigo que um lobo olha para a ovelha após destroçá-la em mil pedaços, arrancar seu pelo com os próprios dentes e admirar tudo o que fez.

É assim que me sinto, nos braços dele.

E porque mesmo assim não consigo ir embora?

— ...!

— Não diga nada — murmura. A mão chega em meu pescoço, fecha devagar e aperta *gentilmente* enquanto me encara como se estivesse pronto para acabar com a minha vida aqui e agora.

Fico em silêncio. Não conseguiria sonorizar qualquer coisa, mesmo se pudesse.

— *Cara mia*, você não me deu a oportunidade de uma última vez. Uma despedida. Me deixou uma carta, gravei suas palavras, mas você nunca foi embora — suspira com um ar *quase angelical*.

Ergo a sobrancelha, perguntando onde ele quer chegar.

— Quero ver você repetir tudo o que disse naquela carta.

— *Agora?* — Provoco.

Vou ter que improvisar ou me fingir de louca, pois não sei que carta foi essa que ele leu.

— *Em minha mansão. Deitada na minha cama. Debaixo do meu corpo. Olhando no fundo dos meus olhos.*

Minha cabeça diz que não. E o meu peito, esse maldito, cretino e imbecil, já foi para lá, de tão rápido que acelerou.

— Você me deve isso.



Capítulo 14

TATIANA MORENO

*“Vivo por ela, você sabe, desde
A primeira vez que eu a encontrei
Não me lembro como, mas
Ela entrou em mim e permaneceu aqui”.*

— Gatto Panceri e Valerio Zelli em *“Vivo Per Lei”*.

Eu tenho uma lista extensa de coisas pelas quais me arrependo amargamente na vida: ter me deixado seduzir quando adolescente, ter abandonado meus filhos acreditando que teriam

uma vida melhor com o pai e agora, vir à mansão de Antônio. *Ou será que o meu arrependimento é de ter demorado para reencontrá-lo?*

A minha mente tenta traçar um panorama lógico, mas o meu corpo está distraído, tropeçando em móveis, tirando cada coisa do lugar quando passa e sendo apertado contra a parede.

Se mil vezes tivesse imaginado como era o toque dele, teria errado mil e uma. A minha memória não seria capaz de refazer cada sensação que o corpo de Antônio era capaz de produzir em mim.

A mão grande e forte me guiando pelo escuro, os dedos pressionando a minha cintura, ao mesmo tempo que me puxa contra seu corpo, ele me empurra por qualquer lugar que passemos: deitamos brevemente no sofá, ele me faz subir em seu próprio corpo enquanto se dirige ao quarto no andar de cima, me carregando, e, por fim, me lança na cama.

A noite clara entra pelas fendas da cortina do quarto escuro. Não posso vê-lo nitidamente, mas reconheço os contornos do seu corpo: o peitoral largo e bem mais trabalhado do que antes, o tronco reto que sob a penumbra cria um jogo de luz e sombra que o faz parecer distante e perto a cada segundo.

Penso em desistir, é claro, quando ele tira a calça e fica apenas de cueca. Ao mesmo tempo que meu rosto queima de vergonha, meu baixo ventre queima de excitação.

Me arrependo de ter me deixado seduzir por ele?

Me arrependo de ter vindo à sua mansão vazia em Palermo?

Preciso ser sincera comigo mesma: não, eu não me arrependo.

Antônio sempre causou um efeito em mim que mais nada no mundo inteiro despertou: um medo absurdo, tolo, irracional; acompanhado de um impulso selvagem, desesperado, inconsequente.

E é por isso que quando suas mãos sobem o meu vestido, deixando-me completamente nua na cama, eu ergo os braços para que ele saia o mais rápido e fácil possível.

Espero que ele diga algo. *O que poderia dizer?*

Não diz nada.

Segura meu rosto entre seus dedos, aperta meu queixo sem muita gentileza e examina meu rosto como um médico minucioso que precisa dar um diagnóstico.

Qual o veredito?

— *Diga.*

— Dizer o quê? — Pisco os olhos rapidamente.

Ele não quebra o transe, na verdade, parece que ele aumenta quando sua voz rasga a escuridão e sua respiração massageia meu rosto.

— Diga que eu fui um erro — diz irritado.

— Você foi um erro — assinto, sem pestanejar.

— Que eu fui a pior coisa que poderia ter lhe acontecido.

— Sim, de toda a minha vida, você foi a pior — preciso admitir, mesmo sem ter escrito isso, originalmente.

— E que apenas sem mim você seria feliz.

Isso não consigo reproduzir. Vivi bons anos longe dele e sei, por experiência própria, que não foi bem assim. Se eu seria apenas feliz ao lado de Antônio? Não sei. Não vivi essa realidade, não poderia afirmar.

Mas seria um erro pífio dizer que fui feliz sem ele.

Na verdade, agora entendo o que o meu corpo ansiava: ser desbravado novamente por ele.

Não era qualquer toque que eu desejava, mas o dele.

E quando seus dedos sobem lentamente, deixando um rastro incandescente em minha pele, eu prendo a respiração e me remexo na cama suavemente, sem conseguir controlar meus próprios movimentos.

Não era qualquer boca que eu precisava, senão a dele.

Minha mente continua a retumbar, lá no fundo, que tudo isso é apenas um erro. A repetição dele.

Mas eu sou arrancada do chão quando os lábios grossos dele beijam a parte inferior da minha coxa, sobe devagar até afastar a minha calcinha com os próprios dentes, olhando-me como um bicho dentro da moita que aguarda para pular em cima da presa.

E quando avança, fecho os olhos, com medo de ser devorada.

Não sei se seguro na cabeceira da cama ou nos cabelos dele, só sei que preciso me apoiar em algum canto, pois a gravidade chegou a 0. E de repente tudo o que estava no chão começa a flutuar.

Antônio aprendeu muitas coisas nesse período em que estivemos distantes. Dentre elas, melhorou sua habilidade com a língua, a intensidade com que pressiona o meu clitóris com a ponta do polegar e depois abocanha a minha vagina de uma vez, chupa

como se fosse uma fruta fresca, suculenta, sem medo de se lambuzar.

Não sei o que me impressiona mais: a forma como faz ou do jeito que me encara.

Parece estar com raiva. Parece estar sedento. Parece querer me punir por alguma coisa que eu não faço ideia do que seja.

Não era qualquer casinho de uma noite que me satisfaria.

Por muitos anos eu saí, busquei em outros homens algum apoio, consolo, *presença*, mas percebi que nenhum tinha nada disso para me entregar. Então só me sobrou o sexo, o prazer, a paixão – e mesmo assim eu nunca me sentia satisfeita.

Faltava algo.

É como um lanche ou beliscar alguma coisa, na certeza de que a fome vai continuar ali, até a refeição.

Agora não sei se sou eu ou Antônio a refeição.

Sei que meu peito nunca esteve tão desesperado e minha respiração entrecortada. Se hiperventilei assim em alguma outra ocasião, foi em um tribunal, prestes a perder um caso, mas neste momento é diferente.

Não estou prestes a perder uma ação.

Vou perder a sanidade, depois o corpo, parece até que a minha alma não me pertence.

— Vamos tentar outra vez, porque me distraí ou você não foi capaz de repetir suas próprias palavras. — Ergue a minha perna esquerda, do peito do pé até o joelho ele desce com beijos demorados.

Fica de joelhos na cama e termina de descer, de encontro a minha virilha. E sobe, serpenteando em meu corpo.

Tira as minhas mãos da cabeceira da cama, entrelaça os dedos e me aprisiona com sua própria pegada, mantendo-me imóvel.

— *Diga que eu fui um erro* — diz ainda mais feroz.

Sinto o pau pesado pulsar em cima de mim. Depois me pressiona, empurra a minha pele, e quando enfim entra em mim, preciso calar o meu grito num apertar de olhos.

— *Um erro. Com certeza. Você foi... um erro* — digo em suspiros.

A ponta do nariz dele passeia por cima da minha pele, contornando meu rosto. Quando respira profundamente em cima da minha orelha, sinto um calafrio na espinha que me faz estremecer.

Ou será que sinto isso porque ele está indo mais fundo?

Antônio tenta me distrair esfregando o rosto em meu pescoço, deixando a língua passear por toda a região e ir livre pelo corpo. Ele parece determinado a tocar cada milímetro do meu corpo, pelo visto.

— Mas eu não sou um erro, *cara mia* — sorri em desdém quando retorna para diante de mim.

Seu nariz toca o meu, o aperta com força, até tomar meu lábio inferior e chupá-lo com lentidão.

— *Eu sou O Erro.*

— Sem sombra de dúvidas. — Mostro que sim.

— Agora repita comigo: *eu fui a pior coisa que poderia ter lhe acontecido.*

— *Você foi...*

Começo a falar e ele subitamente joga minhas mãos para cima da cabeça, como se eu estivesse pendurada por elas. Consegue me manter assim com uma única mão, pois com a outra desce para o meu corpo, agarra o meu seio esquerdo e dá um chupão lento enquanto me encara.

— *Eu...?* — balbucia com a auréola na boca.

— *Você foi a pior...* — Não consigo concluir. Pois ele vai tão fundo em mim que o meu corpo parece que vai se partir ao meio, a cama range alto e parece que vai sair do lugar.

Como ele pode ser tão forte a esse ponto?

— *Eu sou o pior?* — Passa a língua aberta por cima do meu mamilo. — *Mas faço tão bem...* — Pensa por um momento.

— Me deixa concluir.

— Fique à vontade, *Morena*.

Eu odeio que ele me chame assim. Por fora sou madura, o meu corpo mudou, posso fingir e mostrar qualquer coisa, inclusive o que não sou.

Mas com uma única palavra ele me transporta para a pessoa que eu sou, aqui dentro. A verdadeira eu, sem máscaras, sem poder fugir.

E eu sempre quis fugir de mim, dele, do passado.

Como uma maldita palavra mágica – e tão banal – pode num estalo me transportar para emoções que sufoquei?

— *A pior coisa que poderia ter acontecido.*

— O quê?

— Você — ergo as sobrancelhas.

— *Ah* — O lábio dele deixa um rastro úmido quando sobe pelo meu peito, pescoço, até chegar à minha boca. — *Eu*.

— É, Antônio, você.

— *Repete, não ouvi* — me provoca.

Acabo rindo do jeito idiota dele e reviro os olhos.

— Qual era a última coisa? — Tento me recordar.

— Só um instante...

Não percebo exatamente o momento em que ele gira os nossos corpos, deita na cama e me deixa por cima dele, sentada. Sou quase obrigada a sentir o pau entrando com força dentro de mim, mas empino o corpo para aliviar a pressão e me afastar um pouco.

Puxo todo o ar que meus pulmões conseguem, mas não parece o suficiente.

— Apenas sem mim você seria feliz.

A mais difícil, sem sombra de dúvidas.

E ele abre um sorriso cretino, vencedor, cafajeste. Impulsiona a pelve e me faz rebolar em cima dele, preciso me apoiar em seu

peitoral para me manter equilibrada.

— Apenas sem você eu seria feliz. — Tento recobrar todo o ar de atriz que tenho para mentir no tribunal e dizer o que precisa ser dito.

Antônio saboreia essas palavras com demora.

Semicerra os olhos azuis e continua a movimentar a pelve para cima e para baixo.

— Satisfeito? — rosno.

Ele mostra que não.

— Você foi feliz?

— Essa não era a pergunta, Antônio. — Preparo-me para sair de cima dele.

— Mas você foi? — Ele me agarra pelo braço, ergue o tronco e sobe até que nossos corpos se choquem mais uma vez. — Você foi feliz sem mim?

Eu fui muitas coisas, sem sombra de dúvidas.

Forasteira, livre, independente... aprendi mais sobre mim mesma do que em todos os anos em que vivi, quando estive longe dele.

Poderia citar diversos adjetivos diferentes, mas só me vem uma coisa em mente sobre o que não fui: não senti que pertencia a nenhum lugar.

Nesse meio tempo eu retornei para o Brasil e visitei a Bahia, o lugar onde nasci. E nem mesmo lá eu senti que pertencia propriamente a um lugar, pois sempre faltava algo.

É claro que parte disso era um coração dividido, à espera de reencontrar os filhos que deixei para trás. Mas agora, em meio ao furacão Antônio Lamarque eu não posso mais ignorar: aqui eu sinto que pertenço.

Já sou feliz, já sou completa, construí uma carreira incrível, não tenho do que reclamar.

O coração, entretanto, diz que falta algo.

E de todas as coisas que busquei para preencher esse vazio, esse momento foi o que realmente me deu o que eu não imaginava.

— Não, Antônio. Eu não fui feliz sem você — preciso admitir, pois sou uma mulher adulta. — Tive momentos felizes. E me diverti muito, se quer saber. Às vezes eu nem pensava em você... e quando me sentia feliz por isso, eu me dava conta: ao comemorar que não pensava mais em você, eu acabava pensando.

Abrir meu coração é assustador e o momento é, digamos, inapropriado para uma conversa tão profunda. Mas estou tão à flor da pele que mais essa emoção ou mais outra... tanto faz.

— O que foi? — Arregalo os olhos. — O que foi, Antônio? Por que está sorrindo? — Empurro o peito dele, fazendo-o cair na cama, deitado.

Nada desmancha o sorrisinho cretino de vitória dele. *Pronto.* Ele finalmente conseguiu o que queria.

— Está satisfeito, Antônio?

— Estou. — Não sei como, ele consegue manter um olhar sexy. E volta a empurrar a cintura, me assusta, porque por um segundo eu tinha até esquecido que tinha um pauzão dentro de mim.

Ok, não esqueci, porque com uma tora de madeira desse tamanho, não tem como esquecer.

— Ótimo — sacudo os ombros e viro o rosto, envergonhada.

— Ei... — Estende a mão e guia meu queixo de volta em direção a ele.

— O que foi? — digo furiosa.

— *Eu também* — ele sorri em meio a um suspiro.



Capítulo 15

ANTÔNIO LAMARPHE

“Amor tussisque non celantur”.

(“O amor é como a tosse: impossível ocultar”).

— Provérbio em Latim.

A noite poderia acabar de diversas formas: um bom vinho, mais uma rodada de sexo ou simplesmente deixar que ela fosse embora para absorver tudo o que ocorreu.

Ok, essa última ideia é idiota demais.

Queria mantê-la só para mim. Eu trancaria a porra da porta da mansão, derreteria a chave e nunca mais a deixaria sair, pois finalmente ela está aqui.

O que faço, entretanto, é sair com Tatiana em direção ao desfiladeiro de pedras brancas.

— Você tem certeza que consegue? — A preocupação dela me irrita.

— Você acha que sou algum tipo de inválido ou o quê? — retruco.

A lua cheia clareia o caminho. Refletida no mar, torna as águas escuras, misteriosas, sombrias. E com um sereno movimento a vida marítima mantém o seu ciclo intacto, quebrando-o apenas quando quer rebentar contra as pedras.

Claro que a forma mais fácil de chegar nas pedras seria pela gruta, que é acessível pela mansão Lamarphe, mas não quero que Renata saiba que estivemos aqui. Por isso pegamos o caminho mais difícil e íngreme, leva algum tempo e nos ajudamos mutuamente para subir no lugar.

Demorou, mas chegamos.

— Tudo parece igual por aqui. — Ela dá uma boa olhada.

— Estava assim antes de nascermos. — Aponto com a bengala. — Estava assim muitos anos antes dos nossos bisavós nascerem. — Agora aponto para o mar. — E vai continuar assim depois de morrermos.

— Nossa, de repente ficou macabro. — Ela cruza os braços.

— É só para dizer que algumas coisas nunca mudam. — Ligo a lanterna do celular e vou na frente, entramos na abertura das pedras.

Encontro facilmente o lugar em que esculpi as minhas iniciais com a de Tatiana. Ela para por um momento diante do “A&T” e sua mente parece ir distante.

— Se lembrava disso?

— Na verdade, sim. — Dá o braço a torcer, mesmo que esconda o sorriso. — Não lembrava que estava torto, mas...

— Torto uma ova! — Vejo de perto, está perfeitamente lapidado. — Olha aqui. — Mostro com a bengala, numa pedra ao lado, um “M”.

A reação dela me deixa confuso. Não sei se estraguei tudo ou se por um momento ela não repensou toda a vida, pois o objetivo era que um dia fosse a inicial dos nossos filhos.

— Foi ele quem me manteve vivo por todos esses anos, Tatiana. À sua espera.

— E você sabia que eu voltaria?

— Todas as coisas que nos pertencem, voltam.

— *Ah* — levanta as sobrancelhas. — *E eu te pertenço?*

— Eu te pertenço — admito, já que o orgulho dela é incapaz de dar o braço a torcer. — E queria voltar para onde pertencia.

Estendo a mão até que ela segure e a puxo devagar até que esteja dentro dos meus braços. Beijo sua nuca e deito o rosto em cima dos cabelos volumosos.

— Sem o Matteo, eu não estaria aqui. Teria sido morto por alguma gangue ou estaria vagando o mundo até encontrá-la. Foi por ele que fiquei aqui, foram longos anos de espera, mas agora percebo que foi o melhor que fiz.

Ela fica inquieta. *Droga*, parece não gostar quando falo do meu filho. E isso me desperta uma sensação horrível, porque Matteo é sem sombra de dúvidas a melhor parte de mim.

— *Ant*, eu preciso te dizer algo.

— Sim — suspiro. Fecho os olhos e peço em silêncio que não seja nada sobre o Matteo, pois eu não aguentaria.

— Mas você precisa me prometer que não vai perguntar nada além do que eu disser.

— *Hum.*

— *Prometa ou não digo!*

— Eu prometo.

— E que não falará nada disso para ninguém. Absolutamente ninguém, Antônio!

— Diga, mulher! Eu prometo! — Não consigo controlar minhas emoções.

— Quando fui embora, Antônio, eu estava...

— *O quê? Com outro?*

— Grávida.

De todas as coisas que ela poderia dizer, essa certamente era a última da fila. Na verdade, a mais improvável, nunca passaria por minha cabeça. Tatiana e eu éramos cuidadosos, jovens, aventureiros, cheios de fogo e tesão..., *mas responsáveis*, nesse quesito.

— *Grávida?*

— É — se vira devagar até que seus olhos encontrem os meus.

— Grávida... *de mim?*

A resposta dela é um tapa em cheio na minha cara. Ela dá com gosto, abre bem a mão e pega todo o impulso que pode para me acertar com tudo.

— *Eu mereci* — admito.

— Esquece. *Que merda*. Isso foi um erro! — Se esquiva e vai em direção à saída.

— Ei!

— Antônio, esqueça! Deixe isso para lá! Viveu muito bem todos esses anos sem saber, não precisa saber agora!

— *Ei!* — Quase torço a perna de tão rápido que avanço até a segurar. — Me desculpe. Eu fui um idiota. Não pensei, só falei.

Tatiana respira fundo. Precisa recobrar a seriedade e sanidade, por isso a deixo por alguns minutos quieta. Ela se senta e fica encarando a lua cheia refletida na água.

— E onde está?

— Você prometeu que não faria perguntas — retruca.

— *Onde está?* — Insisto.

— Não sei.

Outra resposta que eu não esperava. Já é a segunda, em tão pouco tempo. Tento buscar alguma reação em meu cérebro, mas as opções parecem poucas: a) matar o responsável, b) matar os responsáveis, c) matar todo mundo.

— *Não... sabe?*

— Não sei, Antônio. — Sacode os ombros. — Mas eu sei quem deve saber.

— Ótimo, vamos lá!

— Não! — Segura em minha mão e me puxa para sentar.

— *Não?* — Peço um momento. — Espera aí, você me diz que tivemos um bebê, não sabe onde está e não quer que eu faça nada?

— Exatamente.

— *Você... bebeu?*

— A noite toda. — Me encara com seriedade. — Não voltei porque preciso da sua ajuda, Antônio. Sou adulta, sei me virar, consigo resolver sozinha.

— *Precisa* resolver sozinha? — É o que quero saber. — Está dizendo que não posso fazer nada pelo meu filho? *Ou filha?*

— Filha. Era uma menina — ela diz.

Meu coração dói um pouco mais agora.

Se minha cabeça estivesse no lugar, eu certamente usaria um pouco de lógica e somando 1+1, logo entenderia que a criança teria aproximadamente a idade de Matteo, que deve ter nascido antes.

Imagina só, o meu filho ter crescido com uma irmãzinha! Tudo o que ele sempre quis!

— O que você sabe sobre ela?

— Eu... — Balança a cabeça em negação. — Não quero falar sobre isso!

— Não vou te julgar. — É a minha vez de segurar sobre a mão dela, puxo-a devagar até convencê-la a deitar a cabeça em meu colo, cubro seu corpo com o meu.

— Eu a deixei dentro de uma cesta e fugi — é o que ela diz.

— Por que fugiu, Tatiana? — pergunto. — Íamos fazer isso juntos!

— Você pelo visto esqueceu os pais que tem. Principalmente a mãe que está presa por... *oh, por que será, Antônio?*

Pisco os olhos devagar e respiro fundo.

A fama da minha mãe não depõe a seu favor. Agora está presa por matar uma mulher que estava grávida de Guilherme... *é... pensando bem... acho que Tatiana fez bem em fugir.*

— Vamos encontrar a nossa filha, eu prometo. — Beijo a nuca da minha Morena. — Está me ouvindo? Nós vamos encontrá-la.

— Encontrá-la onde?

— Não importa. A partir de amanhã eu vou reunir todos os meus homens de confiança e...

— Antônio, você me prometeu que não diria isso a mais ninguém! — Ela me interrompe. — E quanto menos gente souber, melhor. Não acha?

— Acho — concordo de imediato. — Sim, você está certa. Eu dei a minha palavra e eu mesmo irei procurá-la.

— Passei a semana inteira visitando orfanatos pela Sicília... e não a encontrei — começa a chorar.

Isso parte o meu coração. É pior, muito pior do que ver Matteo chorar. Porque resolvo os problemas do meu filho comprando tudo o

que ele quiser e fazendo suas vontades.

O choro de Tatiana só pode ser solucionado de uma forma e não posso contê-lo agora.

Quando percebo, meus olhos estão ardendo. Limpo-o com o braço e respiro fundo.

— Eu não vou descansar até encontrar a nossa filha, eu te prometo, *Morena*.

Ela faz que não.

— Não confia em mim?

Ela não responde.

— Se eu não posso fazer nada e não confia em mim... por que me contou tudo isso?

— Antônio... só cuide do seu filho, tá bem? Eu cuido disso. Eu cometi o erro e eu irei resolvê-lo.

— O erro não é só seu. Eu sou o pai.

— Ter a criança não foi o erro, abandoná-la que foi — esclarece.

— Exatamente. E se eu estivesse lá, nada disso teria acontecido. Então o erro também é meu — insisto. — Vou resolver

isso.

— Algo me diz que... — Ela se levanta do meu colo, abraça os próprios joelhos. — Renata deve saber de algo.

— *Renata?* — Franzo o cenho.

É claro! Os arquivos secretos da família que só ela tem acesso!

Me sobe um ódio, uma raiva tão grande, que não vou responder por mim da próxima vez que encontrá-la. Como ela sabe de tudo isso e não me informou?

— Ela provavelmente vai me contar quando eu resolver o caso da sua mãe. — Funga e limpa o rosto com a mão.

— A Paola... — respiro fundo.

Não. Eu não quero acreditar nisso e eu não quero saber disso, porque eu sou capaz de retornar para aquele presídio e derrubá-lo em cima da cabeça dela!

Ela não seria capaz. Ela não teria a coragem!

— A Paola tem algo a ver com isso?

— Se tiver... deixe que eu descubra. — Tatiana me olha no fundo dos olhos. — *Sou eu quem precisa resolver, Antônio, ou*

nunca vou me perdoar.

— E o que eu faço?

— Nada.

Preciso rir.

— Então eu fico aqui, de braços atados?

— Fica. — Anui, parece feliz que eu ‘entendi’ seu ponto.

— Não, Tatiana. Sinto muito, mas...

— Se for eu a falar com sua mãe, posso negociar com o caso dela. Se você for falar com ela ou ela descobrir que você sabe... ela vai apagar provas, vestígios, indícios — suspira. — Na verdade, tenho medo de que faça isso só de eu falar com ela.

— Tem razão — me dói ter que dizer isso. — Tem razão, ela vai reagir muito pior se for eu a confrontá-la.

— Pois é. — Assisto-a, atônito, levantar. — Para onde vai?

— Para casa, descansar. Por que tenho muito trabalho a fazer para que sua mãe não destrua a família Lamarphe e encontrar a minha filha.

— *Nossa filha* — corrijo, levanto-me também. — Ela é *nossa filha*.

Está estampado no rosto de Tatiana que de todas as reações, essa ela não esperava, vindo de mim. O que me intriga: *em que momento nos tornamos completos desconhecidos um do outro?*

Logo ela que me conhecia melhor do que ninguém e eu sabia tudo sobre ela!

Agora temos segredos... o que me faz pensar quais outras coisas Tatiana está escondendo, só por ser precavida demais.

Neste quesito, vou dar-lhe razão. Ela sabe, melhor do que ninguém, que no momento que eu explodir, feito um vulcão, vou levar tudo junto comigo: natureza, cidade, civilização.

Se eu souber o responsável, se eu cogitar, se ela deixar escapar um mísero nome, sou capaz de ir atrás agora mesmo e fazer o que tem que ser feito.

Não tenho medo ou vergonha de me despedir de qualquer traço de humanidade e ser um lobo faminto em busca da chacina.

— Não quer voltar para a minha casa?

— Não, Antônio, depois dessa noite e de tudo que foi dito... eu preciso de um tempo só. — Ajudo-a a descer as pedras. — Pode entender isso?

— Posso. — Desço com lentidão. — Pode entender que estou aqui para o que precisar e que não precisa me excluir de nada?

Tatiana me lança um olhar furtivo. *Eu sei.* Ela acabou de entregar: tem muito mais coisas que não foram ditas do que as que foram ditas.

— Posso — é o que ela diz.



Capítulo 16

TATIANA MORENO

“Aes debitorum leve, grave inimicum facit”

(“Pequenas dívidas fazem grandes inimigos”).

— Provérbio em Latim.

Fui tomada pela completa euforia pelo que contei a Antônio.

Se estivesse lúcida, sã, com a cabeça no lugar, certamente não teria dito. Ou mais! Certamente não teria caído nos caprichos dele essa noite!

Não demora até a minha cabeça cansada desligar e o corpo pedir um descanso – pois preciso urgentemente.

A noite foi tão revigorante que dormi feito uma pedra e acordei renovada. A impressão de que a pele estava impecável, o cabelo ainda mais macio e o meu humor incrivelmente bom.

Sentei no escritório com os documentos da Paola para repaginar o caso e confrontá-la de outra forma, já que a proposta de Renata não tinha valido à pena.

— Ah, ainda bem que chegaram. Preciso conversar! — digo quando Thomaz e Kelly entram aos tropeços.

— Nada de conversa, eu vou é dormir! — Ela põe o dedo na minha cara, está podre de bêbada.

— Meu Deus, vocês não dormiram?

— Passei a noite toda deitada e não foi dormindo — ela ri, com a língua pra fora. — *Upa, cavalinho, upa!*

— Esqueceram completamente de que hoje tínhamos que dar um parecer para Renata? — Coloco a mão na cintura.

A vida é assim: um dia você é jovem e está chegando da noitada na manhã do dia seguinte, daí de repente você é adulto e

tem responsabilidades e dá graças a Deus por cada segundo que dorme.

— Você dá conta, você é forte, esperta, poderosa — Kelly soluça a cada palavra. — Estarei lá em espírito, porque... *yo soy la nieta de las brujas que no pudieron quemar!*

Agora pronto. Do nada a maluca começa a falar em espanhol.

— *Nieta de abuela cristiana* — preciso corrigi-la. — Tua avó é missionária da igreja, menina, toma vergonha!

— Mas amaldiçoa como ninguém! Deixa só a velha te lançar uma praga...

— Olha, sem tempo para vocês dois. — Ajudo-os a ir para seus respectivos quartos. — Agora preciso ir, porque os adultos precisam trabalhar...

Eles nem me dão atenção. Mal deitam e já roncam.

Fico em frente da casa esperando o carro chegar para me levar à mansão Lamarphe. Papai está muito animado, faz altos planos para as férias em que quer reunir toda a família para viajarmos e eu acho a ideia incrível. Precisamos tirar um tempo para nós, sem sombra de dúvidas.

Ainda dou uma escapada rápida e vou dar um *cheiro* em minha mãe, quando chego na propriedade. Ela insiste para que eu tome café, não consigo discutir, sento à mesa e como depressa.

Enquanto estou ali, vejo algumas pessoas passando. Quando estão acompanhadas de seus fiéis escudeiros, cachorros, sei que são da família sanguínea. Quando não, sei que são os membros da *famiglia* ou que servem a ela.

— Mamãe, agora preciso ir, antes que a Renata fique uma fera. — Dou um grande beijo nela e subo as escadas.

Aguardo do lado de fora da porta até ser chamada. Alguns minutos depois, três homens fortemente armados saem da sala e marcham para o térreo.

— Entre — a voz feminina me convida.

Vou na ponta dos pés, sem fazer barulho, tentando fingir que nem estou ali.

— Novidades? — Termina de anotar algo em um caderno de capa de couro e o fecha logo em seguida.

— Irredutível. Sua mãe, não é? — Tento fazer uma graça, mas ela não ri, me examina dos pés à cabeça. — *Ah, me perdoe, se*

estiver ocupada eu retorno outra hora. — Percebo que há outra mulher na sala.

— Não estou ocupada. Sente-se. — Sacode a cabeça. — O que ela disse?

— Além de me insultar? E que a *famiglia* devia estar com problemas financeiros por contratar a filha da empregada? — Tento repetir no tom que usou, para ela ver que realmente aconteceu. — Ela se sente abandonada por vocês. E não vai aceitar ficar reclusa, ela quer ser livre...

— Péssima ideia. — Renata balança o dedo indicador de um lado para o outro.

Evito emitir opinião, mas concordo plenamente com ela.

— Pessoas como Paola acreditam que podem sair impunes de seus crimes, só por serem ricas — a mulher loira comenta.

Há algo nela que é impressionante. Não é exatamente no rosto que é bem conservado, tampouco nas roupas folgadas e coloridas que usa. Ela tem uma... *energia* diferente. Isso, claro, se eu acreditasse nesse negócio de energia.

— E solta, vai se vingar, não apenas da família, mas de todos os que ela não pôde destruir — analisa.

Renata escuta tudo em silêncio e reflete um pouco.

— Perdoe-me por não as apresentar, essa é Crystal. Crystal, essa é Tatiana.

— Um prazer, querida — ela vem até mim e aperta minha mão.

— Igualmente.

— Crystal é uma *amiga* da família. Sabe de quem ela é mãe?

— Renata se diverte.

Dou uma boa olhada na mulher. Tento puxar da lembrança alguma pessoa que conheço, mas não faço ideia.

— Khaled Zayn — Renata diz, como se fosse óbvio.

— Quem é esse? — Franzo o cenho.

— O Sheik — ela diz como se isso fosse ainda mais óbvio.

— Ah, o rapaz dos Emirados! — Balanço a cabeça depressa.

— O novo presidente dos Emirados Árabes, uhum!

— Um dos nossos clientes mais importantes. Foi a carga dele que foi desviada e o homem não parece feliz. — Renata retorna para seu caderno de couro e anota devagar alguma coisa. — Antônio te contou sobre isso?

— *Antônio*??? — pergunto preocupada.

Por que ela o citou? O que quer dizer com isso? Como ela sabe que estive com Antônio?

— No dia em que visitaram Paola — umedece os lábios. — Ele praticamente exigiu que fosse com você, ao invés do Guilherme.

— *Ah* — suspiro. — Não, ele não falou nada.

— Espero que ele esteja cuidando do assunto ou ele e eu teremos um problema. — A mulher não parece feliz, faz uma pausa para acariciar a barriga de grávida e faz uma careta que demora. — Ele está chutando.

— *Ah, que fofo!* — Assinto.

— Os chutes na sua barriga eram fortes, Tatiana? — Ela se estica, respira fundo e depois me encara.

Do jeito que meu rosto estava, permaneceu; não movi um músculo. Fiquei congelada no tempo e espaço após a pergunta dela.

— O que...? O que disse? — Pisco com demora.

— Na sua gestação, os chutes eram fortes? — Ela faz uma careta novamente, massageia a barriga. — Sabe, dizem que os Lamarphe chutam muito forte. E é verdade. Nas minhas quatro gestações, parecia que queriam perfurar a minha barriga.

— *Me desculpe... o que...?* — Ainda estou atônita.

— Somos advogada e cliente, Tatiana — Renata se mostra ofendida. — Não deveria haver segredos entre nós, não é verdade?

— Sim — digo baixinho, me seguro na cadeira. — Quero dizer, não, não deveria ter segredos...

— Então me responda, os chutes eram muito fortes? — Ela insiste.

A resposta é: *sim*. A dor chegava a ser surreal. Onde eu estava, precisava parar, me apoiar em algum canto e sentar. Uma dor capaz de paralisar o corpo, até.

Me contenho e só faço um gesto positivo.

— Todos nós temos uma força inacreditável na perna. — Renata encara Crystal. — Genética de família...

— Entendo bem — a outra concorda.

— Espera... — Sou eu quem levanta o indicador. — Já que vamos falar abertamente sobre isso...

— *Sim?*

— Então... você sabia? Esse tempo todo, não é? Por isso me chamou para cuidar do caso da Paola. — Cruzo os braços.

— Eu a chamei porque você luta contra a máfia e obtém sucesso, mérito seu. — Ergue o copo com água em minha homenagem e bebe. — E, é claro, tenho os meus motivos.

— Como soube? — Vou direto ao assunto.

— Sempre desconfiei que havia algo errado nessa história. — Tamborila os dedos na mesa. — Assim como sempre tiveram muitas coisas erradas nessa família — admite, para minha completa surpresa. — Quando tive acesso aos documentos secretos que meu pai guardava, bem, você ficaria chocada se soubesse os segredos que essa família guarda.

— E o que mais você descobriu, Renata? — Meu coração vai à boca. — Renata... — minha voz fica embargada. — A minha filha... *a sua sobrinha* — apelo para o emocional. — Eu não sei onde ela está. Por favor, me ajude!

Imploro com as mãos unidas em frente ao rosto. Se ela quiser ou pedir, me ajoelho. Me humilho também, se for o caso. Me cubro de cinzas, subo escadas de joelho, faço o que for necessário.

— Havia algo nos documentos que...?

— Sabe o que sempre achei engraçado? — diz de bom humor.

— *Hum?* — Solto um silvo baixinho.

— A história da minha família. Tem tanta coisa interessante, sabe? A árvore milenar... as tumbas dos nossos antepassados aqui... o fato de ser documentado, por séculos, que todo Lamarphe sempre teve um cachorro.

— *Aham...* — Procuro pela sala o *beagle* dela e o encontro esfregando o focinho na parede, concentrado.

— Nada poderia ser mais italiano do que isso — ri. — Tipo os gêmeos, fundadores de Roma, Rômulo e Remo, que a mãe precisou abandonar para que não morressem e foram salvos por uma loba, alimentados por ela, inclusive.

Parando para pensar nessa história agora, eu começo a achar algo estranho nela. Ou ao menos, muito semelhante com algo que sei.

— Cães, assim como lobos, você deve saber, são em sua maioria, *caçadores* — conclui.

— *Aham...*

— Os melhores caçadores, é claro, são os bons farejadores.

O *beagle* late e continua a esfregar o focinho na parede.

— O que você encontrou, meu amor? — Renata se levanta e caminha devagar até o seu bichinho, agacha o quanto pode e é

amparada por sua amiga Crystal. — O que tem aqui?

Após tocar ao redor de toda parede, ela consegue achar a abertura falsa da passagem. A euforia me deixa inquieta, mas no fundo eu sei que tudo isso é teatralização de Renata, assim como da primeira vez que estive aqui.

Mas o que será dessa vez?

— Se lembra disso? — Ela balança o cobertor infantil diante de mim.

Levo alguns segundos até raciocinar, mas reconheço o manto que deixei cobrindo meus filhos na cesta.

Meu coração volta para a maratona. Está parado e corre 10 quilômetros em questão de um milésimo de segundo. Aperto a mão no peito quando ele dói subitamente.

— É, você se lembra — Renata leva consigo a manta e a coloca dentro de um saco à vácuo. — Achei junto com alguns documentos do meu pai. Curioso, não é? Que ele guardou isso...

— Renata, me ajude a encontrar a minha filha — eu imploro, estou prestes a me ajoelhar.

— Me ajude a calar a boca da Paola — ela contrapõe. — E eu te ajudo nisso e no que mais for preciso, Tatiana.

— Você... — umedeço os lábios. Preciso perguntar isso diretamente, pois não pode restar dúvidas. — Ficaria ao meu lado? — Ergo a sobrancelha.

— *Sangue e honra* — ela diz o lema da família. — De dentro de você saiu o sangue do meu sangue. E se você me honrar, pode ter certeza, que eu te honrarei — é a resposta dela.



Paola revira os olhos quando percebe que sou eu quem veio vê-la.

Não ligo. Hoje ela não será capaz de estragar o meu humor. Nada pode deter uma mulher com missão e é isso o que eu sou agora.

— O que você quer, garota medíocre? — Desdenha.

— Você se sente confiante porque a sua família auxiliou os Lamarphe quando estavam sem dinheiro — digo séria, sem tempo para brincadeiras.

Ela meneia a cabeça, me enrola por um tempinho, até concordar.

— Nunca cobraram a dívida. — Semicerro os olhos.

— Somos família, não é? Não podemos cobrar algumas coisas... — Se diverte.

— Então os Lamarphe não apenas se reergueram, como se tornaram a 13ª família mais rica do mundo. E agora... você e a sua família querem que eles paguem as dívidas... — Aprecio a feição dela ao notar que eu descobri a história por detrás de tudo isso. — Com juro.

— Foi como um investimento, não é? — Ri. — Agora quero ser paga pelo valor que investi.

— O que você quer, Paola?

— Metade de tudo — diz vitoriosa, não titubeia, diz de uma vez.

— Você quer...

— *Bilhões!* — Ela não tem tempo a perder.

Sou eu quem precisa rir agora.

— Renata nunca te daria isso. O que ela te oferece é a sua liberdade, condicionada a ser vigiada pela família. Não tem bi, nem mi, nem dinheiro algum. *É só isso.*

Paola passa a língua pelos lábios e se levanta, indiferente.
Balbucia um:

— Vocês vão se arrepender por isso.

— Sabe quem eu conheci hoje? — A interrompo antes que saia.

— Mais gente da sua laia? — Provoca.

— Crystal Boccuti^[20] — analiso a reação dela. — Engraçado, sabe? A Crystal disse que te viu, alguns anos atrás... deixe-me ver... com quem você estava reunida... *hum... vejamos...* o nome dele era Maximillian Boccuti, estou errada?

O olhar de vitória dela vai sumindo. Não retorna para sentar, apenas fica imóvel me encarando.

— Crystal achou necessário que eu te informasse que, se você espera que Max Boccuti venha salvá-la, esqueça — sacudo os ombros. — Ele virou peso de papel, está internado no hospital. O estado dele só piora.

— Tem o Ramon, ele vai cumprir a palavra do pai.

— Desaparecido. Crystal sugeriu que ele virou um jogo de quebra-cabeças, eu não entendi bem. É como se... tivesse várias partes dele, sabe? Espalhadas por aí...

A mão dela que segura a maçaneta vai caindo lentamente.

— Se a sua próxima opção era Kadmo Kroening, o cara que é inimigo mortal da família Lamarphe, esqueça. O cara está morto e ninguém da família dele vai ter tempo para salvar você, digamos que, os negócios estão agitados lá fora, sabe, Paola? — Estou quase lixando as minhas unhas enquanto observo o desespero dela.

— Eu tenho uma terceira opção — se diverte.

— É mesmo? — preciso rir baixinho. — Quer apostar quanto tempo a Crystal e a Renata vão demorar para sumir com mais essa família?

Pronto. Agora que mostrei que ela não tem mais opções, acho que fiz o meu trabalho.

— Você tem tempo para pensar, Paola. Não muito, tá? A paciência da Renata está acabando. — Pego a minha bolsa e vou em direção a saída.

Antes de ir, viro-me de supetão.

— A propósito... como acha que Antônio vai reagir quando descobrir que você e o seu marido armaram tudo isso e ainda deram um sumiço na filha dele? — Deixo no ar.

A mulher não parece nada feliz.

E eu estou perto de dar o xeque-mate nessa vagabunda.



Capítulo 17

ANTÔNIO LAMARPHE

“A fructibus eorum cognoscetis eos”.

(“Pelos frutos se conhece a árvore”).

— Provérbio em Latim.

Palermo, Sicília.

Dias depois.

Nada é mais Lamarphe – ou italiano – do que reunir toda a família aos finais de semana com muita comida, música e gritaria, é claro.

Dessa vez, pelo menos, havia um motivo – não que precisássemos de um para lotar a mansão principal: era aniversário do meu pai, Alberto Lamarphe.

O antigo Don da máfia que chefiou com mãos de ferro tudo o que lhe pertencia desse lado do Mediterrâneo, reuniu durante a vida muitos inimigos, é claro. Mas havia muito mais gente que gostava dele.

Políticos, artistas, modelos internacionais, todos vieram cumprimentar o velho. Mesmo que não os reconhecesse, devido ao Alzheimer, *eles não se esqueciam do que Alberto fez por eles*. E o que deviam ao meu pai, também deviam à família.

— *Buon compleanno, Dominus*^[21] — a maioria deles dizia, beijava a mão do homem e se afastava com um olhar tristonho por ver meu pai não reconhecê-los.

O velho sabia o nome de cada um deles. Suas histórias, quem eram seus filhos e pais, de onde vieram e para onde queriam ir.

Se não conseguiam entrar na universidade devido a uma entrevista ruim, Alberto dava um jeito. E se uma gangue tentasse ameaçar uma família, roubasse sua loja ou queimassem seus bens, Alberto dava um jeito. E se alguém precisava de trabalho, de apoio,

de uma *ajudinha*, costas quentes, um “padrinho”, Alberto era quem procuravam.

— Onde está Guilherme? — Balbucia para mim, que estou ao seu lado direito.

— Está ali, *papa*, na cadeira de rodas — indico com a mão, bem diante de nós.

— Preciso falar com Guilherme — olha para os lados, procurando o filho.

— Ele já veio vê-lo umas cinco vezes, *papa*, e o senhor continuava repetindo isso — seguro em sua mão.

Ele me encara no fundo dos olhos, seus lábios tremem e sacode a cabeça em espasmos. Quando vê as crianças correndo, começa a bater palmas, alegre.

— Alfredo vem? — pergunta sobre o irmão gêmeo.

— Alfredo já faleceu, *papa* — o informo.

Foi depois disso que a memória dele começou a ficar conturbada e meses depois, o Alzheimer que acelerou em um tempo assustador.

Tudo o que ele faz é me ignorar e perguntar tudo de novo: *onde está Guilherme? Alfredo vem? Nossas armas estão bem*

escondidas?

— Me admira que você ainda o responda — Bárbara ri quando me aproximo da mesa e me sento. — Sabe que ele não entende nada do que diz e vai continuar fazendo perguntas idiotas.

Faço sinal para que Matteo tome cuidado enquanto estiver correndo com os primos e me viro para ela devagar.

— Quando eu era criança também não entendia nada e fazia perguntas idiotas. Mesmo assim ele estava lá. — Fixo bem meus olhos nela.

— Mas é uma perda de tempo — analisa e volta a beber.

— Tudo o que um ser humano tem é a sua memória, Bárbara. Sem ela, não somos nada, nem ninguém. O *papa* pode ter perdido a dele, eu não. E enquanto a minha funcionar, não é uma perda de tempo — tento manter um tom educado.

O jeito frio e distante dela sempre me incomodou. Me admira que não entenda coisas tão simples sobre as relações humanas, principalmente por ter um filho.

Ela usa de escudo a depressão pós-parto e eu respeito isso. Não fui eu quem passou por tudo o que ela viveu, não vou julgá-la indevidamente.

— Por que fazem tanto barulho? — Se remexe na cadeira, vira o rosto para as crianças.

Matteo e Lola sozinhos já causam uma grande confusão. Agora conheceram o primo do Brasil, Phellippo. E todos os outros primos que vieram da Itália, Inglaterra, Estados Unidos...

— Porque estão se divertindo. — Bebo meu uísque de uma só vez e respiro fundo.

— Quando me divirto, não faço barulho — me lança um olhar cínico.

Tinha a resposta pronta, na ponta da língua, mas ela subitamente se levantou quando o irmão, pais e outros parentes chegaram.

— Enfim a civilização! Meu Deus, parece que estou no meio de uma selva cheia de animais. — Abraça cada um deles.

A família Cavalieri é bem *classuda*, estão sempre impecáveis, as roupas nunca estão amassadas e mantêm um jeito quase robótico de virar o rosto, até as expressões parecem ter sido ensaiadas. Bem diferente da minha família que é espontânea, louca, ninguém se importa em sujar as roupas, as mãos, suar, se descabelar.

Sei que é terrível pensar nisso, mas agradeço a *Dio* em silêncio por Matteo ter puxado a minha família rústica.

— Casa cheia, hein? — Dylan aperta meu ombro. — Deixe-me te apresentar a minha prima Yohanna Cavalieri.

Levanto-me e cumprimento a moça de olhos azuis, aperto sua mão com demora.

— Vamos achar a sua carga roubada, não se preocupe — ela pisca para mim.

— Vou ficar devendo um favorzão — sorrio.

Dylan ainda puxa mais algum assunto que eu não dou a mínima, porque Tatiana chega com os amigos. Não perceberia tão rapidamente se não fosse Bárbara reclamando.

— Pronto, mais *gentinha*. Se Alberto *estivesse aqui*, ele daria um jeito nisso.

— Meu pai ainda está aqui. — Fecho o cenho para ela e sigo na direção dos que chegaram.

— Para onde vai, Antônio? — Segura em meu braço.

Não a respondo, além do olhar fixo em sua mão até que ela me solte e guarde bem esses dedinhos longe de mim.

— Sejam bem-vindos. — Dou dois beijos em cada um deles, demoro quando abraço Tatiana, ela precisa me empurrar gentilmente com as mãos e depois disfarça.

— Meu Deus, acho que nunca vi tantos cachorros juntos — o rapaz se diverte.

— É, cada um de nós tem um. — Dou uma olhada no campo gramado diante da mansão.

Os cachorros dos adultos sempre se mantêm perto deles, obedientes, o meu por exemplo, sempre me segue feito sombra. Os que são das crianças, vão brincar com elas, correm atrás, buscam a bola, todos são muito amigáveis, mas sempre passam na frente quando um desconhecido tenta se aproximar.

A casa está cheia, é claro que todas essas pessoas são *amigas* da família, mas nunca se sabe quando algo pode acontecer, então todos ficam em estado de alerta — principalmente os cachorros.

— Adorei! — Ele bate palmas. — Se me dão licença, vou beber e achar um *cachorrão* para brincar.

— Eu vou com você, minha garganta está seca — a outra o segue.

Ficamos apenas Tatiana e eu.

Pã parece levemente incomodado, dá algumas voltas ao redor dela e a cheira diversas vezes, me lança um olhar suspeito e para ao meu lado.

— Você trouxe uma bomba consigo? — Arqueio a sobrancelha.

— Quer me revistar? — Me provoca.

— Não me tente. — Aproximo meu rosto e mantenho o sorriso.
— Se eu colocar as minhas mãos em você, não sei se conseguirei soltá-la.

Tatiana faz pouco caso disso, não sabe o quão sério estou falando. Eu a acompanho até as mesas, faço questão que ela se sente na minha.

A família Cavalieri reage da mesma forma de sempre: o rosto parece uma paisagem que nunca muda, é difícil saber o que pensam ou acham, pois nunca mudam o semblante. Exceto por...

— Antônio, amor, não acha que seria melhor que a sua *convidada* se sentasse em outro lugar? Um mais adequado a ela?

Meu olhar demonstra que não entendi o que ela quis dizer ou que estou disposto a ignorá-la.

— Aqui é uma mesa de família.

— Tatiana é da família — esclareço.

— Não da minha — Bárbara sorri para o irmão, buscando apoio, mas ele bebe.

Os pais não estão dispostos a entrar nisso também, viram o rosto.

— *Da minha* — esclareço.

— Não me sinto à vontade... — diz cada palavra respirando fundo.

— Então vá dar uma volta até se sentir à vontade — proponho.

Ela parece querer dobrar o desafio. Cruza os braços e permanece onde está, encarando-me furiosa. Só muda o semblante quando o filho vem correndo e segura em seus braços.

— *Mamma, quero água* — pede ofegante.

Bárbara arregala os olhos, não sei se é o susto, a primeira reação que tem é empurrar o menino para longe. Depois se levanta, pega-o do chão, tenta se explicar:

— Você está suado, Matteo, sabe que não gosto que toque em mim quando está suado. — Pega quantos guardanapos pode de

cima da mesa e esfrega na cara, braços, pescoço e peito da criança.

— Estava brincando — ele abre um sorriso e mostra os primos.

— Não gosto que brinque assim. Devia se comportar igual uma criança normal, sentar na mesa e mexer no celular. — Continua a limpar o menino com pressa. — Olha só como está sujo! Vai ter que tomar banho!

— Mas eu quero brincar...

— Não vai brincar! Olha o estado da sua roupa, Matteo!

Limpo a garganta o mais alto que posso. Sou educado o suficiente para não corrigir uma pessoa em público, não farei isso com Bárbara a não ser que ela realmente me tire do sério – e está por um fio disso.

Ela vê em meus olhos que não gosto quando trata nosso filho assim, muito menos o tom que usa com ele. Não precisa exagerar e assustar a criança para fazê-la entender o que quer.

— Não vai brincar. Ponto final.

— *Papa?* — Matteo aperta meu braço, encosta o rostinho em minha mão e esfrega como se fosse um cachorrinho. — *Papa, eu*

quero brincar com os meus primos...

— Olha como está imundo! — Bárbara reclama com os pais.

— Depois vocês dizem que eu que não tenho zelo pelo meu filho!

— *Papa, me deixa brincar?* — Matteo faz um bico.

Não tive os melhores pais do mundo. Na verdade, eles podiam ser cruéis, intimidadores, possessivos e controladores, mas uma coisa é certa: eles sempre estavam em sintonia.

Meu pai nunca desautorizava algo que minha mãe dizia e vice-versa. Eles eram um time, um complemento um do outro.

Por isso encaro Bárbara para que ela dê o braço a torcer e mude de opinião para que eu autorize o menino a ir brincar.

— De jeito nenhum — se mantém irredutível.

— Ele se parece muito com você — Tatiana abre um sorriso gigante, cruza as pernas. — Não te conheci nessa idade, mas você sempre foi o *corredor* da família, não é?

Demoro alguns segundos até processar o que ela diz. É como se saísse de um feitiço e precisasse de tempo para conciliar o que está acontecendo.

— Corria dentro das tumbas, pelo desfiladeiro de pedras, por entre as árvores... acho que ele puxou esses traços de você —

avalia.

— Espero que não leve o mesmo destino, não é? Correr tanto que vai perder uma perna — Bárbara diz entredentes.

— Toma, meu amor — Tatiana estende um copo com água para Matteo.

— Obrigado — ele segura de qualquer jeito e começa a beber depressa, derramando um pouco.

— Copo de vidro? Você quer o quê, matar o meu filho? E se ele derruba esse copo? E se ele segura com tanta força a ponto do copo estourar na cara dele? — ela continua a chiar.

— Se puxou o pai, deve ser esperto e não fará nada disso — Tatiana dobra a aposta.

Bárbara não é uma mãe superprotetora. Ela só é uma pessoa que não sabe viver sem reclamar, sempre precisa dizer algo sobre tudo e qualquer coisa. Isso irrita. Irrita muito. Mas consigo suportar... a não ser que seja sobre meu filho.

Matteo devolve o copo de vidro para a moça bonita sentada ao meu lado. Se surpreende um pouco quando a mão feminina toca em sua cabeça, acaricia seus cabelos molhados e sua testa suada.

Abre um sorriso sincero, de criança, se aproxima um pouco mais e fica perto dela.

Parece um filhotinho de cachorro, não consigo parar de pensar nisso.

— Seu pai era igual a você. Subia nas rochas... nas árvores... no telhado da mansão... — Tatiana toca o narizinho dele com a ponta do indicador.

— Pronto. Agora está dando ideias para meu filho se suicidar!
— A outra protesta do outro lado da mesa.

— *Subia?* — Entorto a boca. — Subo até hoje!

Matteo, espaçoso como é, está com os braços deitados em cima das coxas de Tatiana, quase que pedindo colo.

— Está com fome? — diz com tanta doçura que sou eu quem quer pedir colo.

Nunca pensei que ela trataria tão bem um filho meu, principalmente por ser com outra mulher. Uma que foi *amiga* dela, mas que nunca pareceu gostar genuinamente de Tatiana, por ela não vir de uma família abastada.

— Sim.

— Ainda não é hora dele comer — a outra contrapõe.

Parece que quer competir e isso me irrita. Se não quer cuidar de bom grado do filho, por que vai se importar que alguém queira cuidar dele?

Me sinto mal por às vezes pensar como Tatiana seria se fosse a mãe de Matteo. Não parece justo com Bárbara, devido ao que ela passou na gestação. Mas o ser humano é assim, não consegue controlar suas próprias emoções e vontades internas, e a minha sempre desejou do fundo do coração uma mãe carinhosa, gentil e que entendesse meus filhos como eles são, sem querer mudá-los.

Se tivesse tido filhos com Tatiana, sei que seria exatamente assim.

Ou melhor... temos uma filha juntos.

E isso arranha o meu peito, porque as horas passam, os dias se vão e até agora não temos nenhuma informação, não avançamos em nada desde o que conversamos.

Confiei nela quando pediu que a deixasse cuidar disso. Mas me sinto um completo inútil por estar aqui e não fazer nada.

Sei que Matteo seria muito feliz com uma irmã. E também sei que essa maldita guerra fria entre Bárbara e Tatiana explodiria completamente a ponto delas se matarem.

— Se me dão licença, vou levar o meu filho que é um porquinho para tomar banho. — Ela se levanta da mesa e sai mostrando o caminho para Matteo.

O menino ainda vira uma ou duas vezes para acenar para Tatiana.

Não me resta dúvidas de que numa eventual aposta, eu não teria escolhas. Nem gostaria de ter. Não era para ser uma opção, desde o princípio. Era um destino selado, traçado, tudo acertado entre meu futuro e meu coração.

Eu sempre apostei e apostarei tudo na *Morena*.



Capítulo 18

TATIANA MORENO

“De boas intenções o inferno está cheio”.

— Provérbio Italiano.

O jeito que ele olha para mim me deixa desconcertada.

Não sei se é a intenção, mas sinto que sou a única pessoa neste lugar. Não apenas nessa mesa ou no amplo campo gramado que antecede a mansão, mas de toda a Itália. *Quiçá do universo.*

O que estou pensando? Que pensamento mais idiota e brega...

Estou fantasiando com algo que não é real.

Inclusive, é a realidade que me situa: aqui estou eu na mesa da família de Bárbara Cavaleri, a mulher dele. E mesmo que ele esteja aqui e me faça sentir a única pessoa importante deste lugar, eu me sinto uma intrusa.

— Se me dão licença, vou atualizar a Renata sobre o meu trabalho. — Levanto-me.

Antônio se levanta também, os olhos fixos em mim.

— Te acompanho.

— Não, eu me viro sozinha, sou uma mulher independente — me divirto e pisco para ele.

Pego a minha bolsa da mesa e ando sem pressa até a entrada da construção. Preciso desviar de muita gente, isso aqui parece quase uma romaria, uma procissão de fieis.

Um frio sobe pela espinha quando vejo sentado em uma poltrona, ele, o homem que me ameaçou e me mandou ir embora: Alberto Lamarphe.

Com um terno muito elegante e uma postura que tenta imitar o jeito glorioso com que ele se portava, o homem mantém um olhar vazio, procurando algo ou alguém na multidão.

Quando nossos olhares se encontram, meu peito gela. Meus instintos dizem para que eu corra, fuja para o mais longe possível. Fico apreensiva, presa no próprio lugar, sinto que estou diminuindo de tamanho.

Ele, entretanto, continua a vagar com o olhar por aí, como se eu não fosse nada, nem ninguém.

Aproximo-me um pouco mais, só para garantir que ele me veja. Encaro-o o mais perto que consigo e uma hora ou outra ele também me encara, volta a questionar para seu filho que está numa cadeira de rodas:

— Onde está o Guilherme? Preciso falar com o Guilherme.

Guilherme Lamarphe, que é a pessoa que está ao lado dele, repete com tédio:

— Sou eu, eu sou Guilherme...

O homem não parece muito convencido disso, volta a procurar alguém no meio de toda a multidão.

Talvez não reconheça o filho porque a última vez que o viu, ele não era cadeirante. *Melhor dizendo, nem filho dele o Guilherme é! É filho do Alfredo (irmão gêmeo do Alberto) com a Paola!*

Olha só que velha safada! Teve filho com o irmão gêmeo do cara e fingiu a vida toda que era filho dele!!!

Aquela ali não valia nada.

E por falar em quem não vale nada...

— *Tatiana* — Bárbara revira os olhos quando me vê.

— *Bárbara* — devolvo o cumprimento, só que em um tom educado, a minha mãe me ensinou a ser respeitosa. — Matteo está tomando banho?

Com um sorriso de desdém, ela tenta passar por mim.

— Onde ele está? — Insisto.

— E eu lá vou saber? — Se solta de um jeito abrupto. — Aquele fedelho tem vontade própria, faz o que dá na telha, desaparece e graças a Deus que faz isso — respira fundo. — “*É igualzinho ao pai*” — tenta imitar o meu tom.

— Pensei que o tinha trazido para tomar banho — penso alto.

— Eu só queria tirá-lo da mesa para ficar longe de você.

Bárbara pode ser a pior pessoa do mundo, mas numa coisa preciso dar créditos a ela: não esconde quem é. Diz abertamente o que pensa e não vê problema nenhum nisso.

Sabe que é intocável, pode fazer o que bem entender e acha que nunca será punida, pois sabe muito bem como chantagear ou fazer os outros sentirem pena dela.

Antes que ela saia, eu a seguro com força e a puxo para diante de mim, encosto-a na parede e me aproximo devagar, pronta para esganá-la.

— *Se tratar o meu filho desse jeito...* — rosno.

Sim. *Meu filho. O Matteo é meu.*

Fiquei no limite para desmascarar essa cobra na mesa, mas uma força superior me segurou. Talvez o bom senso ou a minha consciência de que ela me faria passar por louca e ainda por cima faria todo o drama que sabe fazer para que Antônio ficasse ao lado dela.

— *Seu filho?* — Desdenha.

— *Meu filho* — continuo firme.

— *Ah, o seu filho?* — Ela gargalha alto, sem medo de chamar a atenção de todos ao redor. — *O filho que você colocou numa cesta em frente ao portão da mansão? O filho que você abandonou e eu peguei, fingi que estava grávida todo o tempo e retornei meses depois com ele? O seu filho?*

Não sei o que sentir quando ela diz isso.

Então foi ela. *Ela é quem pegou as crianças, não a Paola!*

— O que você fez com a outra bebê? — Só quero saber isso agora.

— Não, Tatiana, vamos falar *do seu filho*. — Ela mantém o olhar superior. — O filho que *eu criei*. *Que reconhece a mim como mãe. Que eu eduquei, eu alimentei, eu cuidei como se fosse meu, por que, vejamos... oh, ele é meu.*

— Não, ele não é seu — comprimo os lábios.

— Você quer um teste de DNA, Tatiana? — Sorri vitoriosa, como se já tivesse preparado tudo. — Quer um depoimento da junta médica que fez meu parto? Quer os vídeos? Quer os laudos? Por que eu tenho tudo para provar que *ele é meu filho*.

É. Ela pode ter tudo. Mas a história dela tem um furo, é bem pequenininho, mas que muda tudo.

— O que foi, sua idiota? Que sorrisinho é esse? — Cruza os braços.

— E se *eu* fizer um teste de DNA, hein, Bárbara?

Sinto prazer quando a vejo ficar branca igual papel.

— Você pode ter todo o dinheiro do mundo, pagar quem for, juntar todos os capangas da sua família e ameaçar quem for para mentir. Mas não pode mudar a verdade. E a verdade é...

— A verdade é que qualquer juiz e qualquer tribunal vão dizer que *eu sou a mãe* — diz como ponto final.

— É o que o Antônio vai dizer? — Mostro o outro buraquinho no plano dela.

O juiz pode decidir o que ele quiser. Antônio é o tipo de homem que mata o juiz, o tribunal, o júri, derruba o prédio e quem estiver lá dentro. Ela quer pagar para ver?

— O Antônio vai achar o quê de tudo isso, hein, Bárbara? *Depressão pós-parto?* Você não tem escrúpulos e vergonha!

— Se chegarmos a esse ponto — ela suspira, de repente o olhar volta a ficar sério, tranquilo, indiferente. — Eu não terei escolha.

— *Não terá escolha?*

— Além de matar o menino — sacode os ombros, como se isso não fosse nada. — Se não terei mais nada a perder e estarei morta, o que me impede de matar aquela criança que nem minha é?

Agora foi ela quem me pegou.

Sou eu que fica sem reação e sem saber o que dizer ou fazer.
O que dá abertura para Bárbara prosseguir:

— Você vai ficar longe do meu filho. E vai ficar longe do Antônio também. Se eu não tiver aquela criança, você também não a terá, Tatiana.

— Você não seria capaz.

— Eu sou, sabe por quê? — Abre um sorriso vitorioso, encosta as mãos em meus ombros e se aproxima. — *Não sou a mãe dele. Matá-lo e matar uma mosca significam a mesma coisa: nada.*

Parte de mim tem vontade de segurar bem firme no pescoço dela e bater sua cabeça contra a parede até que ela morra, aqui e agora. Outra parte de mim quer gritar, correr até lá fora, contar tudo para Antônio e ver essa desgraçada sofrer as consequências de seus próprios atos.

Mas não controlo meu próprio corpo.

É como se meu sangue parasse de circular e meu coração parasse de bater.

Perder Matteo por um capricho meu – novamente – seria o meu fim.

Eu morreria junto com ele. E dessa vez não seria por algo que eu não fiz, mas que eu fiz.

Não poderia viver com essa culpa, jamais.

— Não faça essa cara, *Tati*. — Ela acaricia meu rosto. — Não precisa se preocupar com o Matteo enquanto ele for *meu*. Ele é bem cuidado, tem uma família carinhosa e *poderosa* que lutará contra tudo e todos que tentem tirá-lo de mim.

Suspiro, ainda congelada.

— Aquele garoto não é apenas uma criança. Ele é um contrato, um acordo, um pacto entre duas famílias que decretaram paz em meio a uma guerra. E nem os Lamarphe, nem os Cavalieri querem voltar a lutar. *Você quer?* — Continua a sorrir. — Que todos eles se matem e tentem se destruir? Crianças, velhos, todo mundo, é isso o que você quer, *Tati*?

— Não.

Droga. Eu não deveria mostrar minha fraqueza agora.

— Não. Você está certa. Pode ficar com o Matteo.

Dizer isso rasga o meu peito. Eu choraria aqui e agora, se não tivesse um pinga de orgulho e amor próprio.

Preciso de tempo. Vou resolver o problema da Paola e Renata vai me dar o que quero.

E aí, nem Bárbara, nem sua família poderão dizer nada, pois terei a *chefe da máfia* ao meu lado.

— Muito bem — ela me parabeniza. — Viu só? Recobrou a consciência rapidinho. — Se prepara para sair, mas volta alguns passos.

Me olha de cima a baixo. Parece que não ficou satisfeita em me destruir aqui e agora.

— Já que chegamos a um acordo, vou falar sobre a sua bebê...

— *Por favor* — fecho os olhos.

— Deve estar se perguntando por que não fiquei com ela e *fingi* que eram gêmeos. Afinal, faria mais sentido, não é? Gravidez de risco... podia ter perdido um dos bebês...

Só tenho forças para acenar com a cabeça.

— Não parece óbvio? — Me encara como se eu fosse estúpida, não para de enrolar a ponta dos cabelos loiros com o dedo.

— Não, Bárbara, não me parece óbvio.

— Matteo é branco, olho azul, tem todas as características do pai. — Me reprova com o olhar. — Aquela bebê era mais da sua cor, tinha olhos azuis, é claro, mas tinha mais o seu jeitinho, sabe? De filha de empregada? Um cabelo meio ruim...

Todas as forças que eu perdi voltam instantaneamente.

Eu a seguro pelo pescoço com as duas mãos e a jogo contra a parede, pronta para matá-la aqui e agora.

Foda-se tudo.

É isso o que farei e terei prazer em ver a luz se apagar no olhar dessa mulher.

Ela pode dizer o que quiser de mim, de quem sou, do que faço. Mas ela nunca deveria mexer com meus filhos!

— *Senhoras?* — Uma voz feminina soa alto.

O salto alto bate contra o chão e ela vem devagar até ficar diante de nós duas.

Renata Lamarphe limpa as mãos uma na outra, depois ajeita o vestido impecavelmente branco. Olha fixamente para minhas mãos até que eu solte Bárbara e depois olha para ela, até que se afaste de mim, pois estava preparada para me atacar.

— Esse é o aniversário do meu pai, toda *famiglia* está aqui. Agradeceria se mantivessem os seus problemas particulares... *particulares* — limpa os lábios.

— Sim — digo.

— *Ela começou* — Bárbara aponta para mim.

Renata olha o dedo indicador dela com curiosidade. Dura mais ou menos um segundo. Seu olhar é pleno, sereno, tranquilo. E por isso é assustador quando agarra o dedo de Bárbara e o quebra num estalo alto e assustador.

Antes que a loira grite, Renata enfia metade da cortina na boca dela. Segura com brutalidade – mantendo o olhar doce e gentil – nos cabelos da mulher, com uma mão pressiona a cabeça, com a outra o queixo, para que ela fique de boca fechada e quieta, até que chore em silêncio e não dê nem mais um pio.

Bárbara não se recupera tão fácil, mas engole a dor, tremendo. Renata, por sua vez, repete de um jeito ainda mais delicado e amoroso, como uma mãe que dá um recado para o filho, quando ele faz birra na frente da visita, mas que quando estiverem a sós, vão ter uma *conversinha*.

— Senhoras, esse é o aniversário do meu pai, toda *famiglia* está aqui. Agradeceria se mantivessem os seus problemas particulares... *particulares* — me encara, esperando uma resposta.

— Sim — digo de uma vez para que ela pare de me encarar.

— *S...im...* — Bárbara diz com dificuldade.

Renata acaricia o rosto dela, depois ajeita seus cabelos que saíram do lugar.

— Não foi tão difícil dar a resposta certa, não é? — Examina a mulher.

— *N...ã...o* — engole o choro.

— Foi o que me pareceu. — Renata limpa as mãos. — Pode ir.

— *S...* — Bárbara some da nossa frente antes de completar a palavra.

— Queria conversar comigo? — Se vira para mim.

Eu tenho vontade de fugir também, mas o medo de que ela quebre minhas pernas é maior.

— *Não. Quero dizer, sim. Sim. Eu dei o seu recado para a Paola...* — digo quase tremendo.

— *E...?*

— A cara que ela fez quando citei o Max Boccuti e o Kadmo Kroening a denunciaram. Ela estava envolvida em algo com eles...

— É claro — diz como se já soubesse.

— Ela pediu sete dias para dar a resposta.

— Sete dias parece bom — avalia. — Vou mandar Guilherme visitá-la, ele sempre consegue dobrar o coração da Paola.

Continuo alerta e mantendo uma boa distância dela.

— Pegue todos os contratos dos últimos 5 anos da empresa de armas e veja o que deixei escapar.

— *Como assim?*

— Quem nos roubou deve ter deixado um rastro. Um cliente insatisfeito, um cliente que dispensamos, um concorrente...

— Não é o Antônio que faz isso? Afinal de contas, ele é o CEO...

— Tatiana, você precisa aprender... — ela se aproxima.

Eu dou um passo para trás, quando dou com as costas na parede, fecho os olhos. Já imagino que ela vai quebrar todos os dentes da minha boca.

— Que se quer algo bem feito, peça a uma mulher.

Dito isso, me olha dos pés à cabeça, e segue pelo corredor.



Capítulo 19

TATIANA MORENO

“Não tenhas medo [...], mas não seja fraco!”

— Dante Alighieri em “A Divina Comédia”.

Um trem desgovernado está passando dentro da minha cabeça e eu preciso me isolar de tudo e todos. Barulho, pessoas, olhares... me esquivo de tudo e sigo cegamente pelos corredores da casa, só encontro sossego e silêncio quando entro em um cômodo.

Estou tão desorientada que só percebo onde estou alguns segundos depois, quando respiro fundo e tento organizar os meus pensamentos.

O antigo quarto de Antônio continua exatamente como era: os prêmios de atletismo na parede, junto à suas armas de caça, a cabeça de um touro que ele mesmo matou está empalhada ali.

Olho para a cama dele, não é de casal, nem de solteiro, alguns chamam de *cama de viúvo*, um tamanho intermediário. Sento-me e sou tomada por lembranças que não deveriam vir. Lembranças que fugi por todos esses anos.

— Graças a Deus — digo de supetão quando a porta se abre e retorno para a realidade.

Ele espia dentro do quarto, checka se estou sozinha e entra em seguida, empurra a porta com a bengala.

— Estava tão desesperada por me ver? — Antônio admira o quarto conforme anda por ele.

— Eu... — limpo as mãos na cama e na roupa. — Eu preciso ir.

Com a mesma pressa que vou, é na mesma intensidade que retorno quando ele engancha o suporte da bengala em meu braço e me puxa de volta, para ficar diante dele.

— Para quê tanta pressa?

— Preciso resolver muitas coisas! — Tento seguir, mas ele não deixa.

— Quais coisas?

— Os meus erros. Os seus erros. *Os nossos erros!* — Bato contra o peito dele, irritada.

Se ele tivesse escutado o que eu escutei de Bárbara, não seria a cabeça de um touro que estaria na parede. E depois uma guerra idiota entre famílias estouraria só por esse capricho adolescente.

— Quais são os nossos erros?

Antônio é assim. Ele chega de mansinho, quando menos percebo, está com as duas mãos em meu rosto. Sobe devagar até minha nuca, como se quisesse levar minha pele junto e massageia com demora a parte detrás da minha cabeça.

— Um bebê perdido te faz pensar em algo? — rosno.

O toque dele e a massagem em minha cabeça relaxam o corpo. Mas por dentro eu estou um turbilhão de sentimentos.

— Isso não foi um erro, *tsc* — estala a língua. — É a melhor coisa que poderia ter acontecido.

— *Perder o bebê???* — Arregalo os olhos e dou uns tabefes no peito dele.

— *Ter um bebê. Você e eu. Como planejamos...*

Não sei em que momento o corpo dele se encaixou no meu, que horas o meu queixo repousou em seu ombro, ou que eu fiquei embalada pelo ritmo silencioso de seu corpo mexendo para lá e para cá.

— Um chalé na praia, com montanhas atrás e o mar diante de nós. Uma casa cheia de crianças, cheia de animais, um jardim cheio de maçãs, mangas e amoras... — cantarola em meu ouvido.

— Foi isso o que planejamos. — Seguro no ombro dele.

É como se, pelo menos por um segundo, pudesse tirar todo o peso dos meus ombros e dividir. E isso é tão bom.

— *Crianças correndo, crianças gritando, crianças chorando porque precisam da mamãe para limpar o machucado com mertiolate* — ele ri.

— Seu pai teria te deserdado. — Tento puxá-lo de volta para a realidade.

— Um dia ele entenderia — minimiza a situação. — Ele sempre disse que um homem sem família não é nada. Levaria um tempo até compreender que você era a minha família. E sem você eu não seria nada.

— Para de falar isso! — O empurro pelos ombros. — Eu não sei onde ela está! E não estou nem perto de encontrá-la!

— Mas vai. *Vamos*. Vamos achar a nossa filhinha perdida e tudo vai ser como planejamos.

— Não, Antônio, não vai. — Preciso jogar um balde de água fria nele para que volte para realidade. — Você é casado. Tem compromissos firmados. E um filho...

— Vou me divorciar e me casar com quem deveria ter ficado junto, desde o início. — Seus dedos passam por entre meus cabelos, joga uma mecha para detrás da orelha. — Arcarei com os meus compromissos e a minha palavra, como homem que sou — garante.

— *E o Matteo?*

— O Matteo vem comigo.

— *Não* — sacudo a cabeça. — *Ela não vai deixar...*

— Ela não tem que deixar. — Vejo um filete de raiva em seu olhar por eu questioná-lo. — Ela nunca gostou do menino, capaz de que nem entre na justiça para pedir a guarda.

— Você sabe que ela não é assim. Ela vai querer confusão...

— Tem razão...

Não sei como ele consegue desviar de um assunto tão sério e mudar o clima que estamos, tão de repente.

Começa beijando meu trapézio bem devagar e sobe a barba pelo meu pescoço, me arranhando de leve, até que os lábios grossos encontrem a minha boca.

Quando me beija, Antônio faz o mundo em nossa volta desaparecer.

Segura em meu pescoço, rente ao queixo e me prende contra a parede. A mão que está em minha cintura me puxa em direção ao seu corpo, me faz sentir o volume de seu pau.

— *Podemos fazer isso aqui?* — Preciso perguntar, ofegante.

— Tudo começou aqui, não foi? — Desliza o nariz pela minha pele, começa em minha bochecha até a minha testa.

Beija de forma carinhosa e me encara, mostrando que ele é o tipo de homem que fode feito um animal e depois dorme de conchinha.

É claro que a ordem dos fatores não altera o produto...

— Que se dane! — Eu me viro de costas para que ele tire o meu vestido.

Quer saber? Foda-se tudo.

É isso aí o que eu me tornei: adolescente de novo.

Cá estamos nós, no quarto dele, cometendo os mesmos erros, repetindo tudo outra vez, por que o que nós somos? Idiotas.

Ao invés de tirar o meu vestido, Antônio me pressiona contra a parede, gemo baixinho quando sinto seu corpo me esmagar. Beija a minha nuca, o início das minhas costas, levanta o vestido e termina de fazer o serviço pressionando a glândula inchada do pau contra as minhas nádegas.

Eu perdi a cabeça, foi isso o que aconteceu.

Ou melhor, esse lugar nostálgico tem um feitiço nele. É isso, um feitiço. E estamos sujeitos a ele, desde que entramos aqui. É o que deve ter acontecido!

— *Aaaaaah!* — A dor me traz igual uma pancada contra a realidade.

— *Calma* — murmura em meu ouvido, mordisca o lóbulo da minha orelha. — *Sempre tão medrosa* — ri com a boca contra minha pele.

— *É que dói. Pra caralho!* — dou um beliscão no braço dele.

— Se tivesse sido minha mulher por todos esses anos, já teria se acostumado. — Sua respiração quente quando atinge a minha

pele em cheio me causa uma moleza estranha. — *Não. Na verdade, não teria se acostumado não* — se diverte.

Seguro o gemido na garganta e finco as unhas na parede o mais forte que consigo, pronta para tirar esse papel de parede na força do ódio. Ele põe sua mão por cima, entrelaça nossos dedos e empurra a cintura com mais força, entrando cada vez mais dentro de mim.

— *Antônio* — digo ofegante, o nome dele sai com dificuldade.

— *Sshhhh, não lute contra o nosso prazer* — acaricia meu rosto e toma meus lábios. — *Tente relaxar e se aproveite de mim, cara mia...*

Ele me deixa louca com cada palavra que diz. Sinto meu colo aquecer a ponto de ficar com falta de ar, meu cu dói e mesmo que eu tente relaxar o máximo que posso, a dor me tira do sério.

— Você continua a mesma. — Passa mais lubrificante no pau quando o tira, quase por completo e volta a entrar em mim. — Parece com a nossa primeira vez, você toda ansiosa, medrosa, não relaxa!

A resposta que dou é a minha respiração entrecortada. Deveria era dar uma cotovelada. Ou um chute no saco, talvez.

— Será que passou todos esses anos longe e não entendeu que o seu corpo nasceu para o meu? — Vira-me de supetão e vem até a minha boca com tanta vontade que me tira do lugar.

Subo em seus braços, ele me pega no colo, me arranca do chão. Quando me faz descer por seu corpo, apoio as mãos em seu terno caro e sinto o pau grosso entrar em mim com demora, cada centímetro parece uma eternidade, tento não mostrar que está doendo tanto, só para que ele não se divirta.

— Ninguém vai cuidar melhor de você como eu — sela nossos lábios. — *Relaxe, morena.* Não quero ver dor ou medo em seus olhos, apenas prazer. Todo o prazer que não te dei esses anos.

Eu me sinto fraca por não conseguir lutar contra as palavras dele. Antônio não faz ideia do quanto consegue ser bem convincente, como bom cafajeste que é, capaz de seduzir e dizer qualquer coisa, só para conseguir algo.

Fraca é o caralho.

Estou sentindo o pau dele entrar e sair de mim, pedir cada vez mais espaço, indo cada vez mais dentro a ponto do meu coração querer sair pela boca. Dói a ponto de me fazer querer fugir, mas um lado meu gosta.

É prazeroso senti-lo. É gostosa essa sensação de frio na barriga, de perder o controle, de estar nas mãos dele e deixar que faça o que quiser comigo.

— *Isso, é esse olhar* — ele aprova, mordisca meu queixo.

Me leva para a cama, prendo a respiração quando deito, temerosa de que o móvel vá ceder e faça um estardalhaço, mas não faz.

— *O que é isso?* — me assusto quando Antônio passa os braços por debaixo das minhas coxas, pega em minhas mãos e me puxa em sua direção.

A força e o impulso são tão fortes que a minha garganta fecha, perco o fôlego a cada estocada forte que ele dá dentro de mim, a ponto de ver o teto girar.

— Eu quero te sentir em minha boca — ele manda.

Um homem como esse, com cara de mau, barba e sobrancelhas grossas e jeito de lenhador, não é o tipo de cara que pede, ele manda.

— *O quê?* — Nem sei se a minha voz sai.

— Quero sentir o seu líquido na minha boca — repete, sem pudor.

— Não, eu não sei... não... não consigo... — tento explicar.

Antônio sempre foi tão hábil que eu tive meu primeiro orgasmo quando nem sabia o que era sexo.

Ele simplesmente sabia onde tocar, o que fazer, como me excitar e brincar com os meus desejos a ponto de eu me molhar toda. Um dia descobri que isso era orgasmo, *ejaculação feminina*, e busquei ter novamente, porque é uma sensação dos deuses.

Nunca mais consegui. Desaprendi a fazer.

Ele, pelo visto, não.

Solta as minhas mãos e inclina o corpo em direção ao meu. Pressiona o meu ponto mais sensível na vagina e o massageia bem devagar enquanto me olha.

— Você vai conseguir.

— *Eu nunca mais...*

— Vai conseguir porque *eu quero você em minha boca* — diz como uma criança birrenta que não vai parar até conseguir o que quer.

Move a cintura, me fazendo rebolar em cima dele, sentindo o pau grosso ir cada vez mais fundo a cada estocada.

Eu não estava levando o caso muito a sério, até perceber que ele realmente não iria parar por nada nesse mundo, a não ser que tivesse o que queria.

Os únicos momentos que Antônio sai de mim são quando sua boca faminta, quente e úmida me chupa com tesão e sua língua vai bem lá dentro de mim, faz um movimento circular bem demorado, entra e sai diversas vezes. Todas elas com o polegar me excitando.

— *Antônio!* — Seguro firme no braço dele.

— *É...* — se diverte. — *É desse jeito que quero ouvir o meu nome.*

— *Antônio, espera!* — peço ofegante, o peito batendo em um desespero enorme, parece que o corpo vai entrar em colapso.

Ele não espera. Tem muita pressa, esperou por isso tempo suficiente para continuar a me chupar, me *linguar*, sei que naquela mente mirabolante está encontrando uma forma de continuar a me foder também.

— *Para! Para. Para... espera... não... não para! Não para! Não. Para. NÃO!* — Arregalo os olhos, meus dedos tentam buscar tudo o que podem se segurar, quando o meu orgasmo vem, parece uma explosão seguida de uma anestesia.

Encaro-o, envergonhada por ter *feito xixi*. Pelo menos, foi assim que pensei da primeira vez e morri de vergonha, não queria vê-lo por um mês inteiro.

Ele me bebe, como quem tem sede de verdade.

Ele me suga, bem devagar, não desperdiça nada, aproveita cada gota de mim e ainda lambe os lábios, à espera de mais.

Sua língua retorna para o meu canal, termina de me fazer gemer e tremer em cima da cama, sem forças para aguentar mais nada.

E ele se importa?

Volta a me foder, é claro, porque ainda não tinha terminado. Está tão excitado que seu pênis parece estar mais duro e ele, dez vezes mais empolgado, porque a cada pancada que dá dentro de mim, me empurra cada vez mais para fora da cama.

Não sei quanto tempo leva, só sei que ele me usa como se fosse um brinquedo de parque de diversões.

Se veste, coisa pouca, só precisa guardar o pau volumoso dentro da calça social e subir o zíper, sai pela porta e só retorna quando tem lenços umedecidos, termina de me limpar, *me assear*,

ajeita meu vestido e dá uma boa olhada, só para garantir que estou inteira.

Estou inteira, mas em pedaços.

— Pronta para outra? — me pergunta quando sou eu quem sai do quarto.

— Como se você aguentasse — o provoco com uma piscada.

Meu Deus, eu realmente perdi o juízo.

Logo eu que deveria ser a mente adulta e sã entre os meus amigos doidos.

— Que idade nós temos? — Reprovo completamente o que fizemos.

— Você, eu não sei. Eu sempre terei a idade do dia em que te conheci. — Vem para me beijar.

Eu o impeço. Primeiro porque estamos em público. Segundo porque... *ok, é só porque não estamos em público.* E eu gostaria muito que pudesse fazê-lo, sem medo, sem pensar duas vezes.

— Te vejo depois? — Aperta minha cintura quando meus amigos se aproximam de nós.

— Sim. Depois conversamos — me despeço dele e encaro os dois malucos. — O que foi? Que cara é essa?

— O que você estava fazendo com o Antônio, hein, dona Tatiana? — Kelly me julga. — Sumiram um tempão!

— Reunião de negócios.

— *Negócios enormes, né? Demorados...* — Ela exagera na expressão.

— Corta o papinho e me leve para o sofá. Eu preciso ficar deitada um tempinho, não vou conseguir me sentar. — Pego uma taça com água quando o garçom passa ao nosso lado.

— Credo. Parece eu quando enfiam um braço dentro de mim — Thomaz brinca.

— Não era um braço — suspiro. — Mas tinha a grossura de um.



Capítulo 20

TATIANA MORENO

“In periculo non est dormiendum”

(“Quem tem inimigo não dorme”).

— Provérbio em Latim.

No passado

Era uma quarta-feira, dessas que deveria significar apenas mais um dia tedioso no meio da semana. Estava escovando os dentes quando veio uma vontade súbita de vomitar. Era a terceira vez na semana.

A partir daquele momento uma suspeita pairou em mim, precisei comprar um teste de gravidez só para confirmar que tudo aquilo era coisa da minha cabeça.

Meu corpo estava se desenvolvendo rápido, os hormônios estavam mexendo comigo, minha menstruação parecia normal. Nos últimos meses eu tinha ganhado alguns quilos, mas isso não me incomodava de jeito nenhum.

— *Droga!* — Eu quis quebrar o teste quando vi o resultado.

Não. Não podia ser! Isso não podia acontecer comigo!

Busquei na memória algum momento em que *Ant* e eu nos descuidamos e tinha plena certeza de que não houve. Também parei um minuto para pensar nos sinais que o corpo estava me dando e eu, inocente ou cega, ignorei até esse ponto.

A partir desse momento comecei a vestir roupas mais largas, tentava sempre me ocupar longe da vista das pessoas da casa, mas não pude esconder por mais de três meses.

— *Ele sabe?* — Paola me puxou pelo braço e me colocou contra a parede com violência.

— Quem? O quê?

— Me responda: *Antônio sabe que está grávida?* — vociferou, feito um bicho.

— Não. É claro que não. E eu não estou grá...

Sem me deixar terminar, ela me arrancou do lugar e me arrastou até o andar de cima, praticamente me lançou igual uma catapulta dentro do escritório do Senhor Lamarphe.

Eu tinha poucos medos na vida. Cair no desfiladeiro de pedras, entrar nas tumbas dos Lamarphe ou ser sequestrada na volta da escola não eram um deles. Não. Tinha coisa pior. Como por exemplo, entrar no escritório do chefe da máfia.

— Paola, se ainda não percebeu, estou ocupado — o homem nem levanta os olhos de seu livro de notas, só nos enxota com a mão.

Ela não retrocede, permanece até que ele erga o rosto.

— Temos um problema.

Senti como se um raio tivesse caído em cima de mim, me deixando chamuscada, a mente turva, o corpo enraizado no chão.

— Como uma garota dessas pode ser um problema? — O homem ri e retorna para seus papéis.

— Ela pode ser um problema se estiver grávida do seu filho que em alguns meses se casará com Bárbara Cavalieri — ela vai direto ao ponto.

O homem retorna a me encarar, faz isso em câmera lenta.

— O seu maravilhoso plano de encerrar essa guerra entre famílias e conseguir quintuplicar os ganhos vai para os ares. Sabe por quê? — Ela não parece satisfeita até colocar mais lenha na fogueira.

— *Hum.*

— Por que *o seu filho* ama essa garota. E não vai te obedecer se...

O homem ergueu a mão e a calou. Até mesmo Paola que era a pior pessoa que eu tive o desprazer de conhecer, sabia reconhecer alguém pior.

Alberto Lamarphe nunca foi ruim comigo. Na verdade, ignorou a minha existência até o momento. Meu pai o servia muito bem, minha mãe fazia a casa funcionar perfeitamente, três meninas (minhas irmãs e eu) não entrariam nunca em seu radar.

— É verdade? — Se dirige a mim.

Eu tremi da cabeça aos pés.

— Sim, mas...

— Precisamos matá-la. — Foi a sugestão de Paola.

Alberto vivia no mundo do crime, conhecia gente perigosa de verdade, não essa gente que vai presa porque roubou algo para comer. Ele controlava boa parte do colarinho branco, juízes, policiais, políticos corruptos que tinham como único objetivo enriquecer.

E sem pudor algum, sequestrar, espancar, torturar e matar pessoas.

— Vou fazer o seguinte, vou ocupar Antônio com as coisas da *famiglia*, enviá-lo em viagens com frequência, ele já está pronto para ser iniciado — ponderou com a voz calma.

A mulher só sacudiu a cabeça.

— E ela? — Paola continuou apertando o meu braço.

— A envie para Roma.

— *Roma?* — A mulher se exasperou. — Não seria melhor resolver o problema e matá-la?

— Paola, escute o que acabou de dizer — o homem revirou os olhos. — É uma menina. Uma criança.

— Que vai carregar um bastardo, Alberto! Um herdeiro!

— Não posso fazer mal a essa garota, dei a minha palavra aos pais dela de que se viessem nos servir na Sicília, eu os protegeria — foi a única coisa sensata que ouvi dele.

— *De bastardos você entende, não é, Alberto?* — Paola não quis abandonar o assunto anterior. — Você e seus vários bastardos. Que um dia podem colocar toda a família em risco. Imagine só, mais um querendo dividir toda a fortuna e bens da família! — Me sacode como se eu fosse um saco de batatas.

O senhor Alberto levantou e ele era realmente um homem muito alto. No colete que usava, um revólver ficava a cada lado, mais um em sua cintura.

— Solte-a.

Paola demorou de tirar suas garras de mim, mas me soltou.

— Escute, menina — Alberto cruzou os braços diante de mim. — Você tem direito a tudo o que prometi aos seus pais. Mas se vai atrapalhar os meus planos, eu precisarei cumprir o que prometi aos meus pais — retira a arma do coldre e a pressiona contra a minha pele.

O metal é gelado, duro e assustador. Evito olhá-lo e quando percebo, estou chorando e tremendo.

— Olhe pra mim! — diz alto a ponto de me deixar paralisada.

Parece que meu corpo, meus olhos, meu rosto não querem me obedecer, então ele entra em meu campo visual.

— Você vai embora e não vai voltar nunca mais. *Está me entendendo?*

— Sim, senhor — apertei os olhos quando senti ele pressionar com mais força a arma em minha bochecha.

Como a vida pode ser frágil... um tiro e tudo acaba.

— Seus pais vão te visitar. Vou dizer que vamos cuidar de você em Roma. Quatro dos meus melhores homens vão te seguir pelo resto da vida e se um dia você sonhar em retornar para esta casa ou pedir algo da minha herança, eles vão te matar. Está me ouvindo?

— Sim.

— Fale mais alto, não estou escutando.

— Sim! — disse o mais alto que pude.

— *Alberto...*

— Você pode virar freira ou retornar para o Brasil quando atingir maioridade. Só não pode se aproximar de Antônio ou contar-lhe sobre os bebês ou o que aconteceu aqui.

— Sim!

— Alberto, precisamos matar as crianças — foi a solução de Paola.

— Não mato sangue do meu sangue — ele concluiu, retornou para a cadeira.

— Eu mato — disse numa tranquilidade que me surpreendeu.

— Não Paola, você não vai. É a minha decisão final. Essa menina é esperta, sabe quem eu sou e entende que isso não é brincadeira. Ela tem irmãs, tem mãe, tem pai. E eu mato todos se for preciso, ouviu, menina?

Morrer não me assustava. Mas fazer mal a minha família?

Fui eu que errei. Eu que deveria ser punida por aquilo.

— Eu não vou voltar, senhor, prometo.

— As promessas antigas valem mais do que as outras — são as últimas coisas que ele me disse. — Prometi ao seu pai que cuidaria de vocês, mas prometi ao meu pai que cuidaria dessa

família em primeiro lugar. Então se necessário for, terei que descumprir minha promessa, *por culpa sua, Tatiana*.

— Não se preocupe, senhor, eu nunca mais irei voltar.

— E nunca mais vai ver Antônio — Paola exige.

Dizer aquilo queimou a minha garganta. Minha boca disse uma coisa quando o meu coração disse o contrário.

— Eu nunca mais irei procurá-lo, vê-lo, conversar com ele. Por favor, não faça nada com as minhas irmãs ou com meus pais! — implorei.

Só de imaginar que uma das minhas irmãs mais novas passaria por essa experiência de sentir o cano de uma arma em sua pele, isso me desesperava.

— Ainda acho que deveríamos matar a criança. Se for antes do nascimento, não seria sangue do seu...

Ela se cala quando a arma agora é apontada para ela.

— Tudo bem. Você é o chefe da família, você dita as regras — Paola abaixa a cabeça. — Mas o passado sempre retorna, Alberto. Tem coisas que não podemos controlar, você mais do que ninguém sabe disso...

— Saia.

— Ela não deveria ter outra chance...

— Saia!

Vi nos olhos do homem que ele atiraria na mulher, nem que fosse na perna, para dar uma advertência. Mas Paola me jogou porta a fora e me abandonou no corredor.

Precisei de tempo para me recompor, pois em silêncio chorei de medo, terror e a certeza de que nunca mais veria Antônio novamente.

No Presente

Ele não me reconhece.

Na verdade, Alberto Lamarphe, em sua poltrona majestosa, não parece reconhecer ninguém: os juízes que colocou nos tribunais, os políticos que financiou, os seus homens infiltrados em diversos governos.

Nem mesmo a família ele reconhece, pois não para de balbuciar que precisa ver e conversar com Guilherme, seu filho favorito, sendo que ele está logo ali ao seu lado.

A família Lamarphe se reúne para tirar uma foto de recordação do aniversário e isso significa que mais de cem pessoas, incluindo velhos, adultos e crianças, se posicionam em todos os lugares ao redor do antigo *Don* da máfia para sair na fotografia.

Matteo está sentadinho entre as pernas do avô.

Se está nessa posição, significa que era um dos netos favoritos, pois nas fotos, todos ficam por ordem de importância: os que estão mais próximos são os mais queridos e os mais distantes, como Bárbara, são aqueles que estão *agregados*.

Os cachorros – e todos eles possuem seus fieis companheiros – estão em sua maioria sentados ou deitados junto com as crianças.

Errados não estão. Fica mais fácil de recortar da foto, caso algo ocorra.

Tem também os que não estão ali. Paola, por exemplo, que está trancada na cadeia e deveria passar o resto da vida lá.

Mas aí Renata quer que eu negocie e liberte essa psicopata que queria matar meus filhos e a mim.

— Todos os convidados estão indo, mas eu quero que fique —
Antônio vem até mim.

— Não, eu preciso ir — temo em desapontá-lo. — Volto para Roma para resolver assuntos pendentes de outros clientes e... continuar em busca das pistas da nossa filha — falo baixo.

— Quando volta? — Ele segura em minhas mãos e aperta meus dedos.

— Não devia fazer isso em público. — Encaro o que ele está fazendo.

— Eu quero fazer isso em público. — Entrelaça nossos dedos e me olha no fundo dos olhos.

— Eu... volto no final de semana, 10 dias no máximo.

— Não — sacode a cabeça. — Não vou ficar tanto tempo longe de você.

— Ficou anos, Antônio — preciso rir. — Mais alguns dias...

— Eu não suportaria, nem mesmo algumas horas. Vou atrás de você.

— Você ficou maluco! Tanta coisa para resolver na sua empresa...

— Tenho minhas coisas para resolver em Roma também — ele franze o cenho.

— *Tipo?*

— *Tipo você, cara mia.* — Ergue minha mão e beija o dorso dela. — *Quer coisa mais importante para resolver?*

Por mais que me sinta lisonjeada, preciso rir baixinho, mas acabo suspirando.

— Não precisamos resolver nada, Antônio. Tudo entre nós está acertado. — Pisco os olhos.

Alberto pode não lembrar de nada. Mas no dia que Paola sair dali, é certo que *ela se lembra*. E o que ela não conseguiu fazer com a coitada da Yasmin do Amor, ela fará comigo, com certeza.

— Se pensa assim... — Mexe as sobrancelhas e se afasta.

O que ele quer dizer com isso? Suas palavras ficam em aberto, não indicam o que queria dizer.

— Se penso assim, o quê? — Cruzo os braços.

— Nos vemos em Roma — é o que ele diz.

ANTÔNIO LAMARPHE

Agora que todos os convidados foram embora e só sobrou a família, tiramos um tempo para abrir os presentes do *papa*, as crianças vão brincar no pátio da árvore da casa, acompanhadas de seus cachorros.

— Olha, esse é do governador Sartori, *papa*. — Abro o presente. — Um relógio. Não é bonito? — Coloco nas mãos dele.

O homem parece desinteressado com os presentes. Sempre foi assim, na verdade, mas mantinha um ar de gratidão. Agora é como se não restasse mais nada ali. Não fosse por ele chamar por Guilherme, diríamos que nosso pai não estava mais conosco, pois de resto, não falava mais nada.

— *Matteo deveria ficar com a mãe...*

— O que disse, pai? — Seguro em sua mão.

Renata e Bruno se levantam, vem até ele. Guilherme se reaproxima, entra no campo visual, Leonardo larga a caixa grande que tem em mãos e vem também.

— Matteo deveria ficar com a mãe — repete.

Encaro Renata com os olhos arregalados.

É a primeira vez em muito tempo que ele diz algo diferente.

— O Matteo está brincando na árvore, *papa*. — Aperto a mão dele. — Ele está aqui, seguro.

— *Matteo deveria ficar com a mãe* — continua.

— O que isso quer dizer? — Leonardo, meu irmão gêmeo, me encara.

— *Nada* — Renata sacode os ombros. — Ele diz coisas sem sentido, é normal. Assim como diz que quer falar com o Guilherme e mesmo com o Guilherme aqui, não diz nada.

Cada um de nós concorda, a seu próprio tempo. Mas é curioso vê-lo falar outra coisa que não seja a frase que repetiu todos esses anos.

— Ela esteve aqui. O Matteo deveria ficar com a mãe.

— Olha, ele disse algo novo! — Bruno aponta.

— *“Ela esteve aqui”* — Leonardo olha ao redor. — Bárbara? — Chama a minha mulher que está distraída no celular.

— Só um minuto — ela continua presa no aparelho.

— O que disse sobre a Bárbara, *papa*? — Bruno insiste.

Então nosso pai não diz mais nada. Fica quieto e só nos resta aceitar que ele só mudou a frase e nada mais.

— Vou ligar para o doutor. Vocês continuem abrindo os presentes — Renata diz e sai da sala.

Eu me levanto também, para ver Matteo. *Não sei*. Que estranho ele falar algo do meu filho. Falava de Guilherme porque ele tinha ido morar no Brasil, não retornou por muitos e muitos anos. Mas Matteo sempre esteve aqui conosco, era um dos netos mais próximos dele.

— Quero falar com você. — Bárbara segura em minha cintura.

— Sim? O que houve com seu dedo?

Observo que ela está com o indicador enfaixado, da última vez que a vi, não estava assim.

— Não posso aceitar ser humilhada como você fez hoje comigo, Antônio!

— *Hum?* — Franzo o cenho.

— Você a traz aqui. A faz sentar na minha mesa. Deixa ela encostar em nosso filho. E no final ainda beija a mão dela? — Revira os olhos. — Escute bem, Antônio, eu quero que você nunca mais veja essa mulher. Quero que ela nunca mais se aproxime do nosso filho ou dessa casa! Não vou aceitar!

Espero que termine de dizer, não é da minha natureza atropelar as palavras de alguém.

— Você pode ter suas amantes, suas outras mulheres, mas aquela eu jamais poderei aceitar. Não quero vê-la nunca mais.

— Também quero algo, Bárbara.

— O quê?

— O divórcio.



Capítulo 21

TATIANA MORENO

“Agora, que faço eu da vida sem você?

Você não me ensinou a te esquecer,

Você só me ensinou a te querer

E te querendo eu vou tentando te encontrar”.

— Caetano Veloso em *“Você não me ensinou a te esquecer”*.

Roma, Itália.

O meu retorno para Roma seria como um detox. Precisava de tempo para absorver e processar cada coisa que ocorreu nas últimas semanas.

A verdade é que eu estava confusa, sem saber o que fazer. Fiquei tranquila todos esses anos porque achei que meus dois filhos estavam seguros com Antônio, mas agora eu sabia que isso não era verdade.

Parte de mim ainda queria acreditar que aquela Lola era minha filha, mas o meu coração sabia que não. Ainda mais depois do que Bárbara me contou.

Me ocupei por dois dias resolvendo ações que tinham demorado a sair e informei os clientes da firma sobre os processos ganhos.

Durante esses três dias que estive na capital da Itália, tive a sensação de estar sendo seguida. Verdade seja dita, sempre tive consciência de que isso acontecia, pois sabia que os homens de Alberto vigiavam meus passos, mas dessa vez era uma sensação diferente.

Difícil explicar, mas do tribunal para a firma, no restaurante ou na volta para casa, tinha a sensação de que alguém me

acompanhava bem de perto, mas sempre que tentava surpreender virando o rosto para ver quem era, não via ninguém.

Na quinta-feira mudei um pouco a minha rotina.

Comprei o jornal do dia e fui tomar café em uma padaria bem localizada. Enquanto esperava o meu pedido, li a manchete e um pouco do texto que dizia:

“TROJAN HORSE SECURITY & COMPANHIA LAMARPHE JUNTAS”

O CEO da THS, Anthony Mitchell, revelou na noite de quarta-feira que a sua empresa, maior do ramo de tecnologia e segurança, tem trabalhado junto com a Companhia Lamarphe, uma das maiores no segmento da fabricação de armas na Europa.

O que as gigantes dos Estados Unidos e Itália estão produzindo?

Procurado, o CEO da Companhia Lamarphe, senhor Antônio Lamarphe, disse não poder revelar, mas que isso revolucionaria tudo o que entendemos a respeito de armas e tecnologia.

A Trojan Horse Security foi fundada por Ethan Evans, Ex-chefe da CIA, falecido mês passado. Criada para proteger dados sigilosos e sensíveis, a THS atua na proteção de códigos fonte de bancos até o serviço secreto americano.

A Companhia Lamarphe, fundada por Phellippo Lamarphe, começou como uma fábrica de armas para caçar elefantes e animais de grande porte. Atualmente fabrica de metralhadoras até partes dos foguetes que estão indo para Marte.

Seria essa união ambiciosa para motivos maiores?

Os dois CEO's disseram que pretendem revelar seu projeto secreto assim que os últimos testes forem concluídos.

— Sabia que tinha te reconhecido de algum lugar — ouço uma voz masculina diante de mim.

Ergo o rosto e demoro alguns segundos até me lembrar desse cabelo surfista, jeito jovem e roupas de marca.

— Klaus — aceno com a cabeça.

— Quer companhia? — Ele se oferece, não espera minha resposta e se senta. — Quer dizer que além de incrivelmente bonita, você é inteligente? — Indica o jornal.

— Ah, é só um hábito idiota desde a faculdade. — Dobro as folhas e coloco no canto da mesa. — O que faz aqui? Que coincidência.

— Pois é. Vim a Roma a negócios, passei aqui rápido só para pegar um expresso e... não pude ignorar a bela vista — pisca para mim. — Trabalha por aqui?

— Sim, na *Blake, Del Vecchio e Thompson*. — Indico com a cabeça o prédio que não fica muito longe daqui.

— Jura? O que faz lá?

— Advogada — agradeço a atendente por trazer o meu pedido e levo o capuccino à boca.

— Que coincidência. Os meus sócios e eu viemos justamente tratar com sua firma aqui, somos clientes da sede na Inglaterra.

— *Ah!* — Sorrio. — E quais são os negócios?

— Tecnologia.

— *Hum* — dou uma olhada no jornal. — Acabei de ler algo sobre tecnologia. Nada a ver com a Trojan Horse Security ou Companhia Lamarphe, né? Seria coincidência demais — preciso rir.

— Não, não esse tipo de tecnologia — ele ri também. — Ambas são biotecnologia, é claro, mas os meus sócios e eu

mexemos com genética.

— *Ah* — admiro. — Você parece tão novo. É médico?

— Não. Bilionário mesmo. — Ele bebe o expresso, eu bebo o capuccino. — Invisto nessa área. Tenho negócios muito lucrativos.

— Entendi. Bom, eu não sou dessa área, acho que precisará de alguém do direito digital ou comercial.

— É. Alguma indicação?

— Sim, na verdade, sim, a firma tem uma advogada excelente, você vai amar. — Entrego-lhe um cartão da empresa. — Luciana, o nome dela.

— E o seu número, como faço para conseguir?

Eita. Não esperava que a conversa iria para esse rumo.

— Não terminamos aquela dança... e eu fiquei com gostinho de quero mais.

— Olha, Klaus, não vai rolar. — Quando percebo que inconscientemente vou morder o lábio inferior, comprimo os lábios.

— Aquele cara era seu namorado?

— É mais difícil do que isso — suspiro. — Só... não vai rolar. Boa sorte com seus negócios. — Pego o meu jornal, meu sanduíche

e bolsa, termino de beber o capuccino e me levanto.

— Te vejo por aí — ele acena.

Não digo nada, só saio e volto para a empresa.

Não há muito o que fazer, Kelly e Thomaz adiantaram tanta coisa que agora eu só preciso enrolar até retornar para a Sicília, mas não quero fazer tão cedo.

Preciso de mais tempo. Preciso colocar a cabeça no lugar antes de retornar para toda aquela loucura.

— Ah, então é aqui que você trabalha. — Ouço quando estou saindo da BDVT.

Observo o carro preto, na janela aberta no banco do fundo está Antônio, de óculos escuros.

— Lugar bonito — analisa.

— Você está me seguindo? — Cruzo os braços.

Eu hein, agora só me falta reencontrar cada homem com que transei nos últimos anos durante o resto do dia.

— Você gostaria disso, não é? — Abre a porta.

— Não, eu preciso ir almoçar, e...

— Depois vamos almoçar.

Eu realmente iria negar o convite dele e seguir meu caminho, mas vejo Matteo lá dentro do carro.

Posso negar ficar perto de Antônio, mas não do meu filho. Entro sem pensar duas vezes e vejo que Lola também está aqui. É a oportunidade perfeita para encará-la bem e tirar da minha cabeça que ela poderia ser a minha filha.

Lola e Matteo são muito parecidos, é claro. São filhos de irmãos gêmeos, possuem os mesmos traços físicos e alguns de temperamento.

Bárbara disse que a minha filha era da minha cor, então não tem como ser ela, Lola é branca.

— Chegamos! — Antônio diz em festa quando o carro para.

— Oba, eu quero ver o leão! — Matteo sai apressado.

— Me espera, eu vou também! — Lola não fica para trás.

Eu sou a última a sair e Antônio me acompanha, vigia as crianças de onde está. Vejo pelo menos quatro homens vestidos formalmente ao nosso redor, outros seis parecem trabalhar para ele também, mas estão com roupas normais.

— Zoológico? — Vejo a placa do lugar.

— Matteo estava doido para ver um leão e eu, doido para vir à Roma.

— *Ah! Olha só que desculpinha esfarrapada.* — Bato com o cotovelo no braço dele.

— Ele gostou de você.

Meu coração para. Até prendo a respiração.

— *Sério?*

— É. Sério. Ele gostou mesmo — sacode a cabeça. — Quando disse que você vivia em Roma, ele perguntou se não podia te trazer para o passeio. Bom... não posso negar um pedido do meu filho.

— Isso é sério ou você só está brincando? — Faço uma careta.

— Toma — Matteo vem até mim e me oferece um algodão doce em forma de leão.

— Pra mim? — Abaixo para pegar. — Que gentileza, Matteo!

Meu coração bate forte tamanha a fofura de receber isso.

— É bonito, igual você. — Balança a cabeça lentamente, como o pai costumava fazer. E mantém um olhar doce, mesmo que de um

jeito galante, até mesmo sedutor.

— Ele é mesmo seu filho. — Encaro Antônio de esguelha. — Nem te conheci nessa época, mas te imagino desse jeito.

Ele e eu caminhamos lentamente enquanto as crianças vão na frente desbravar tudo.

— Pelo menos as boas coisas ele precisa puxar de mim. — Analisa, orgulhoso de ver que o filho é a imagem e semelhança dele. — Consigo ver um pouquinho de cada membro da família nele, menos da Bárbara.

— *Hum...* — Fico inquieta, como meu algodão doce caladinha.

— Nada nela sequer chega perto de algum traço da personalidade dela ou dos Cavalieri. Menos mal, não sei como suportaria — ri.

Eu preciso acompanhá-lo nesse momento e rio também, e taca-lhe algodão doce goela abaixo.

— Sou uma pessoa ruim? — Antônio respira fundo. — Sempre quis ter a casa cheia de filhos e queria convencer Bárbara de que com uma família grande, seríamos felizes..., mas agora dou graças a *Dio* por não ter tido mais nenhum filho com ela.

Nenhum, para ser exata. Fiz as contas aqui e não teve nenhum.

— Imagina só ter uma criança que herdasse a personalidade dela...

Terrível. Ninguém merece uma herança genética dessas.

— Sou uma pessoa ruim por pensar isso?

— Não, acho que não. — Finjo que pensei muito sobre o caso, quando na verdade a resposta estava na ponta da língua.

— Eu reproduzi tudo o que achava que era necessário para ser feliz, todos os nossos planos... — Ele anda ao meu lado, a bengala que usa lhe dá um ar nobre e eu me sinto como se estivéssemos no século retrasado.

Antônio tem todo esse ar elegante e sofisticado agora, afinal de contas, ele é CEO de uma empresa poderosa. Mas ao mesmo tempo parece o moleque por quem me apaixonei.

— Um chalé em frente à praia, montanhas atrás, árvores frutíferas por toda parte, filho... — suspira. — Por que não sou feliz?

Se eu pudesse dar um palpite ele começaria com *Bár* e terminaria com *bara*.

— Porque falta você, é claro! — É a conclusão que chega. — De nada vale viver todos os nossos sonhos, as coisas que planejamos e um dia desejamos, se não tem você.

Juro que não estava preparada para isso. Fico tão sem reação que só consigo engolir mais do algodão doce.

— Vou me divorciar e quero me casar com você.

— *Oi?* — Quase cuspo o negócio todo.

— Voltar ao plano original. E fazer do jeito certo.

— Antônio, você sabe que não dá...

— *Por quê?*

— Porque você tem a Bárbara. Tem o acordo com a família dela. Tem um filho com ela... — Tento arranjar todos os motivos para firmá-lo de volta no chão.

— E daí, se o que eu quero é você?

Tento buscar o contra-argumento, mas demora a vir.

— A não ser que você não me queira.

Eu quero. Meu Deus do céu, como eu posso me sentir uma maldita adolescente com o coração esmurrando meu peito agora?

— É mais complicado do que parece.

— Pra mim as coisas são simples — ele mostra que tem resposta pra tudo.

— Nem tudo se resolve com dinheiro, Antônio. Você tem uma família. Tem uma carreira. Tem uma vida toda planejada desde o dia que nasceu e eu não fazia parte dos seus planos!

— Mas eu te escolhi como meu único plano. E agora que voltou, nós vamos achar a nossa filha e ter a nossa família — diz tão decidido que não parece haver outra opção.

Não vou mentir, esse também era o meu plano original.

Mas o caminho é mais tortuoso do que isso.

— Você não faz ideia das consequências que virão ao fazer isso.

— Eu sei, sim. Só não me importo.

— Meu Deus, como você pode ser tão inconsequente, Antônio? — Estou quase arrancando os meus cabelos.

— Vivi muito tempo sem você para saber que não vale a pena viver mais um dia, sem te ter.

É, convenhamos, Matteo é charmoso e fofo. Dar um algodão doce é a alfabetização do que ele vai se tornar, porque Antônio é

tipo o último estágio. Ele é bom com as palavras, não precisa me dar nada, vai me convencer só com o que diz.

— Pensa só: seremos você, eu, Matteo e nossa filha. Onde? Como? *Não sei.* Vamos descobrir juntos. Só precisaremos ficar juntos e o resto a gente improvisa.

— A vida não é tão fácil assim... — mordisco o lábio.

— Para de dar respostas prontas para algo que o seu coração sabe a verdadeira resposta.

— Tá, e qual é a verdadeira resposta então, Antônio?

Ele me impede de prosseguir. Segura em minha mão e calmamente vem se aproximando até o corpo encostar no meu. Ele é tão grande que me cobre, parece um eclipse solar.

Nesse momento meus dedos suam e meu corpo parece entrar em um estado de alerta que misturam o desespero e a sensação de que está em paz.

Uma vontade de nunca mais sair desse abraço e nunca mais deixá-los, nem por um segundo.

— *Qual é a resposta?* — Ele murmura baixinho para mim.

— *Eu não sei.*

— *O que o seu coração diz?*

O meu coração já disse muitas coisas. Mas ele foi tão machucado e assustado no passado que parece que ficou mudo ou eu fiquei surda e simplesmente não quero ouvi-lo.

— Quando eu tiver a resposta...

— Você tem a resposta, *morena*, ela está aí dentro. — Encosta o nariz em minha bochecha.

Respira lentamente, faz a minha pele queimar e o meu peito sublimar. Ele está gravado em mim, feito tatuagem. Está esculpido em mim, como nossas iniciais nas rochas brancas.

Algumas coisas o tempo não apaga.

Algumas coisas apenas adormecem.

E algumas coisas nunca dormem.

— Sim, eu tenho — admito.

— Siga a trilha do seu coração. Vai ver que esse tempo todo, o seu caminho está te levando até o meu. — Beija a minha testa e acaricia meu queixo, se afasta devagar. — Eu já fiz o trajeto, só preciso que você venha até mim.

— E se eu não estiver pronta? — Meus lábios tremem.

— Eu vou continuar andando em sua direção..., mas não posso fazer a sua parte do caminho por você — ele lamenta. — *Você nasceu pronta, assim como eu nasci pronto para você.*

Não digo mais nada, porque a próxima coisa seria chorar ou desabafar para além do que devo.

Algumas coisas preciso guardar apenas dentro do meu coração.

Segredos que ouvi, vi e vivi.

São o meu fardo e apenas eu devo carregar.

Conseguimos, por fim, acompanhar as crianças. Matteo está debruçado no parapeito que está a meio metro de distância da grade. Observa, lá embaixo, uma leoa limpando seus filhotes, enquanto o leão ronda o lugar, atento a nós.

— O que achou do leão, filho? — Antônio fica ao lado dele.

— Bonito! Agora quero ver os *boboínos* — diz pro pai.

— Ai Matteo, como você é burro. — Lola bate com a mão aberta na testa. — Não é assim que se chama.

— Como que chama então, Manoela? — o outro diz indignado.

— *Golira.*



Capítulo 22

ANTÔNIO LAMARPHE

“Cantharus assidue gestatus perdidit ansam”.

(“Tanto vai o pote à bica, que um dia lá se fica”).

— Provérbio em Latim.

Tirar Tatiana de seu percurso original e impedi-la de prosseguir com sua rotina é a minha diversão do dia. A *morena* só fica preocupada com o relógio durante as primeiras horas, depois percebe que sou eu quem vai comandar seu dia.

Do zoológico vamos almoçar em um dos restaurantes mais tradicionais da cidade de Roma, onde só a elite frequenta. É claro que as crianças fazem uma grande bagunça e ela não reclama em momento algum.

Ela cuida de Matteo com muito carinho, gosta de ouvi-lo e pergunta o que ele quer. O ajuda a fazer o próprio prato, depois auxilia Lola.

— Eu gosto disso, *camarronada* — a menina se lambuza inteira com a massa, continua a trocar sílabas na maioria das palavras, faz isso desde que aprendeu a falar.

Vendo essa cena, nós quatro juntos numa mesa, só consigo pensar que nascemos para ser uma família. Lola é muito bem-vinda, é a minha sobrinha favorita, mas em breve será a nossa filha que estará conosco – e não apenas no almoço.

Nós vamos ser uma família de verdade, passar os tempos bons e ruins juntos, viajar, descobrir o mundo, descobrir um pouco mais de nós mesmos...

Tudo durante o dia é tão agradável que o tempo passa correndo.

As pessoas que amamos tem essa incrível habilidade de fazer horas parecerem minutos e deixar o dia acabar com sensação de quero mais.

— Lola dormiu, ela pega no sono bem rápido — Tatiana diz quando me encontra.

Vimos para uma das propriedades da família em Roma, é um casarão que passou por muitas reformas, mas que mantém a arquitetura clássica de séculos atrás.

— Ela é uma bonequinha que come, caga, dorme e fala muita bobagem — preciso rir.

— O Matteo disse que vai ficar mais uns minutos no celular e depois dorme — diz praticamente pedindo minha opinião sobre.

— Ele vai fazer isso — aceno com a cabeça. — Meu filho sempre cumpre a própria palavra, se ele disse, é o que fará.

Satisfeita, Tatiana segura em meu braço e abre um sorriso gigantesco.

— Obrigada pelo dia maravilhoso, Antônio. Eu me diverti muito com você e as crianças.

— Para onde vai? — Observo a bolsa em sua mão.

— Para casa, foi um dia longo, e...

— E não vai acabar assim, definitivamente — preciso alertá-la.

Sou eu quem segura no braço da morena agora e a guio pela casa até entrarmos no quarto. Tatiana tem muito a dizer sobre mais esse desvio em seu caminho, mas eu tenho muito que beijá-la e isso é prioridade agora.

Nossos corpos ficam muito bem assim, friccionando por debaixo da roupa, o terno caro no vestido asseado, mas é muito melhor quando não temos nada entre nós.

Guio os dedos da minha mulher para que retire a minha gravata, desabotoe devagar a minha camisa e eu me livro de tudo de uma vez num puxão.

— Antônio, o que vamos fazer? — pergunta como se não soubesse.

— O que nunca deveríamos parar de fazer — a informo.

Intercalo a descida do zíper do vestido com beijos demorados nas costas, quando está completamente nua diante de mim, a jogo de braços na cama.

— Tudo com você é sempre sobre sexo, não é? — Há um tom provocativo em sua voz.

— Tudo para mim é sempre sobre sexo — confirmo, abro bem a mão na hora de dar um tapa caprichado na bunda dela e só me sinto satisfeito ao ver a marca ficando lentamente vermelha. — A não ser quando se trata de nós dois, porque isso é mais do que sexo.

Levo pouquíssimo tempo para desfazer o nó da gravata e refazê-lo ao puxar as duas mãos dela para as costas, deixo-a como minha prisioneira, o nó é forte o suficiente para que ela não se solte e eficaz o bastante para não a machucar.

Gosto do medo nos olhos dela quando não tem controle da situação.

Tatiana tem um gênio forte, gosta de bater de frente comigo e é muito respondona. Mas em momentos como esse, em que está à mercê do meu prazer, parece uma gatinha manhosa que não tem outra saída a não ser se entregar a esse instinto primitivo, louco e que mesmo uma cabeça genial como a dela é incapaz de controlar.

Por mais que se tente raciocinar, não há cálculo ou equação que explique como o corpo queima quando duas peles se conectam.

Tiro-a da cama segurando em minha gravata, fazendo-a apoiar as costas em meu abdômen. Meu pau dentro da cueca pressiona

entre as nádegas dela e as minhas mãos contornam seu corpo, curiosas, tentando descobrir todas as coisas que ignorei ou perdi por todos esses anos.

— Você tem algo a dizer? — Abaixo o rosto até alcançar sua orelha.

— Devíamos tomar um banho primeiro — diz após pensar muito.

— Ah, então você quer fazer no banheiro, toda molhadinha? — Pressiono meus lábios no pescoço e a guio lentamente até a porta da suíte, vamos quase que como uma dança, não consigo desgrudar do corpo dela, não poderia, mesmo que quisesse, ficar longe do seu cheiro.

— Como que eu vou tomar banho se não consigo usar minhas mãos, esperto? — reclama.

Como pode, uma mulher tão bonita ter a personalidade de um *pitbull* que está sempre pronto para morder?

— Eu tenho as minhas mãos. — Acaricio a barriga dela com demora, depois subo aos seios. — Posso ser as suas mãos quando você não puder usá-las, basta que confie em mim. *Você confia?*

— Nem um pouco — ela ri, vira o rosto para trás e me lança um olhar de menina. — *Nem um pouco* — repete.

— Porque você é a minha garota e é esperta. — Aproximo meu rosto.

É ela quem me beija, mesmo sem conseguir mover o corpo, estica o pescoço e faz nossos rostos se colidirem, como uma bela e desastrosa explosão, capaz de devastar ou gerar toda a vida que é necessária em um ou dois universos.

Deixo a banheira encher, enquanto isso a posiciono deitada, fico entre suas pernas e vou lambendo cada parte do corpo de Tatiana, sem me importar com a água que vai subindo depressa.

Foi um dia longo e ela merece uma boa massagem, por isso uso tudo o que está ao meu alcance: as pontas dos dedos, as mãos, o corpo, a boca, cada parte de mim quer apertá-la, abraçá-la, pressioná-la para então soltar, deixar que respire e recomeçar tudo outra vez.

Gosto de lembrá-la que ela é quem domina tudo nos tribunais, faz bandidos de gato e sapato, consegue vencer qualquer um na força da palavra. Mas quem manda aqui e agora sou eu.

— Tenho uma coisa para você — pisco e subo devagar pelo corpo dela, apoio meus joelhos e me levanto devagar.

Meu pau tem mais ou menos a altura da cabeça dela. E tão divertido quanto vê-la me encarar assustada devido a comparação, é fazer com que ela se esforce para colocá-lo na boca e chupar bem devagar.

Devo admitir que Tatiana é esforçada e quando faz algo, faz bem-feito. Praticamente rebola na banheira para conseguir engolir um pouco mais a cada segundo e é prazeroso ver o quanto se dedica.

— Posso ajudá-la. — Acaricio o rosto com demora, seguro nas laterais do rosto e vou para frente e para trás bem devagar, fodendo a boca dela. — *Ajudou?*

Ela revira os olhos, esqueci de tirar o pau da boca dela para deixá-la falar.

— Ô — é tudo o que diz erguendo a sobrancelha.

— Às vezes fico pensando...

— Ah, você pensa — me provoca. — *No que pensa, Antônio?*

— Se você gosta do meu cheiro, tanto quanto eu gosto do seu.

— Passo a glândula devagar entre seus lábios, quando ela tenta me

chupar, afasto o pau de sua boca. — E se você é tão louca por mim quanto eu sou por você.

— Ah, você tem dúvidas disso. — Continua passiva agressiva.

— Tenho, tenho as minhas dúvidas. — Seguro no queixo dela.

Esfrego toda a extensão do meu pau da bochecha até a testa, depois cubro seus olhos, passo pelo nariz, preciso rir devido as tentativas dela de tentar me chupar.

— E o que eu posso fazer para te convencer?

Agora que a banheira está cheia e a água morna está muito agradável, derramo o sabonete líquido nas mãos e esfrego nos ombros de Tatiana. Preciso voltar para a água, faço-a sentar-se em meu colo e a ergo acima para limpar todo seu corpo.

Belisco os mamilos, deixo as mãos descerem livres pelo seu abdômen, abro bem suas coxas e a levanto o máximo que consigo para deixá-la entre a parede e a minha boca.

— *Antônio!* — grita em desespero.

— *Ssssh*, você disse que queria um banho. E vou fazer do meu jeito. — Beijo os grandes lábios e contorno com a minha língua toda a abertura, depois enfio a língua, serpenteando devagar até chegar ao máximo que consigo.

Termino de ensaboar as pernas e os pés, a mergulho na água com lentidão e deixo que toda a espuma se dissipe na água.

— Satisfeita? Acha que está limpa agora?

— Poderia ter limpado melhor — É a conclusão dela.

Não perde a oportunidade para me tirar do sério.

Pior para ela. Sabe que quanto mais me irritar, mais alto vai gemer na cama. Parece até que faz de propósito.

Tomo um tempo para ensaboar o meu próprio corpo e me lavar também, quando estou satisfeito, depois de me exhibir e mostrar a ela o quanto sou bem prendado na arte de limpar uma mulher, a levo para a cama.

— Vamos recomeçar — aviso, jogo-a de bruços, agora nua e com a gravata atando-a. — *Espera... onde estávamos?*

— Você não tem jeito — ela ri.

— Não, *morena*, eu não tenho. Já desisti de encontrar um jeito, que não fosse esse. — Espalmo a bunda dela com força. — *Ah, lembrei...*

Seguro com firmeza no nó da gravata e a puxo em minha direção, fazendo-a ficar de *quatro* na cama, os joelhos dobrados, a bunda empinada, pronta para mim.

Coloco a camisinha pelo pau e uso o máximo de lubrificante que posso, pois quero deslizar dentro dela com força, facilidade, quero sentir que vamos muito além do que já conseguimos juntos todo esse tempo.

— *Meu Deus!* — Ela afunda o rosto na cama quando entro devagar, sem pressa, examinando sua reação.

— *É, era aqui que estávamos.* — Beijo suas costas e entro com força, quase até o limite, a ponto de sentir o corpo dela estremecer.



Capítulo 23

ANTÔNIO LAMARPHE

“Ferrum ferro acuitur”.

(“Uma faca amola a outra”)

— Provérbio em Latim.

Tatiana e eu tivemos uma noite muito agitada que incluiu beber champanhe e uísque no corpo um do outro, pedir comida altas horas da madrugada e repetir com intensidade, de novo e de novo, nossa vã tentativa de quebrar a cama de madeira de lei.

Não dormimos, apagamos. Em algum momento antes do amanhecer estávamos tão exaustos de rir, nos beijar e beber que simplesmente tombamos na cama.

Tive que acordar cedo para conferir como as crianças estavam, lavei o rosto com água gelada, coloquei óculos escuros e levei os pequenos para tomarem café fora.

Trouxe uma variedade de coisas para que quando Tatiana acordasse pudesse desfrutar.

Não lhe contei, mas um dos motivos que me trouxe à Roma, além de estar perto dela, é claro, é buscar o meu primo no aeroporto.

Como perdi o horário, ele foi passear pela cidade.

Por volta do meio-dia, eis que a bela adormecida acorda. Desesperada por perder o horário? É claro. Mas vou logo avisando que não é hoje que ela retornará para a rotina:

— Tome café e fique pronta para sair, temos compromisso.

— *Temos?* — Faz uma careta. — E eu vou com a mesma roupa de ontem? Não. Preciso passar em casa e me trocar... — diz agitada, tentando fazer mil coisas ao mesmo tempo.

As crianças só olham o desespero dela e se divertem.

— Afinal de contas, que compromisso é esse? — me pergunta quando para de correr.

Deixo que termine de tomar o café da manhã, depois vamos ao apartamento dela, aguardo com as crianças do lado de fora. No fim nos dirigimos até o Panteão, uma das construções mais antiga de toda a Roma, belamente preservada.

Desde o século VII tem sido uma igreja cristã, mesmo que originalmente foi concebida, dois milênios atrás, como um templo para deuses pagãos.

A cúpula de rocha alta e ampla é a maior dentre todas as igrejas romanas, até mesmo do vaticano. Ao centro da cúpula, no teto, há um buraco por onde a luz solar entra e ilumina o centro do saguão, enfeitado com estátuas e imagens de santos.

Logo ao centro, onde a luz destaca no lugar, está meu primo.

— De todos os lugares estranhos onde poderíamos nos encontrar, uma igreja certamente é a mais esquisita. — Toco no ombro dele e o cumprimento.

— Estava atrás de uma freira para chamar de minha — suspira, cumprimenta Tatiana com demora.

Ela fica surpresa e sem jeito, acho que entende de imediato porque trouxe ele de tão longe.

— Atrás de uma freira? — Ergo a sobrancelha.

— Sim — Raffaello meneia a cabeça. — Minha mãe me ensinou desde criança que as melhores mulheres são as casadas. Uma que é casada com Deus deve ser tipo, a melhor dentre as melhores mulheres.

— Você não cria jeito — preciso rir.

As crianças ficam animadas ao verem o tio Raffaello, ele se dá muito bem com os pequenos.

— A instituição do casamento é importante, por isso que gosto de participar do casamento dos outros — ele diz após dar um beijão em cada um dos pequenos. — Agora vão passear, não gritem alto, senão os mortos saem das tumbas. — Enxota com a mão.

— Acho que o que a minha tia quis dizer é que o melhor tipo de mulher é aquela para casar — tento explicar a ele.

— Não, ela dizia que as melhores eram as casadas — diz para encerrar o assunto de vez. — Muito me admira, dona Tatiana, que não me chamou desde o princípio para resolver o problema de vocês. *Por quê?*

— Ah... — Ela é pega de surpresa. — Não queria incomodá-lo, você é tão ocupado...

— Ela não gosta de cobrar favores, deve se sentir uma mafiosa. Tudo o que mais odeia na vida — me divirto.

— E está certa, gente de índole muito duvidosa esse povo mafioso — ele acena. — Do que precisam?

— Precisamos encontrar uma criança.

— Já não estão com duas ali? Pra quê mais uma? — reclama.

— É a nossa filha. Não sabemos onde está, nem como encontrar.

— Espera — estende a mão aberta. — Vocês têm... uma filha?

— É — Tatiana suspira, passa a mão em seu ombro para dar-lhe apoio. — Nós tivemos uma filha no passado e só agora eu trouxe isso à tona. Não faço ideia de onde encontrá-la.

— Qual foi o último lugar que você a viu?

A pergunta de Raffaello é bem simples, mas Tatiana parece desconcertada com isso.

— É que, é sua filha, não é? Estava em sua barriga, em algum momento saiu... então qual foi a última vez que teve contato com

ela? Foi no hospital? Lembra o nome de algum médico?

— Eu a deixei em uma cesta, na porta de uma mansão — diz cada palavra com muita dificuldade. — E eu me culpo todos os dias por ter feito isso. Eu era jovem e ingênua, achava que ela teria uma vida melhor se estivesse com uma família que cuidasse bem dela.

— Ninguém vai te julgar, Tatiana, eu como mulher casada — Raffaello minimiza a situação com seu humor peculiar.

— Está bem. — Encolhe os ombros.

— Qual mansão? Quem era a família?

— Podemos... falar disso a sós? Ou depois? — Me olha de esquelha. — Eu preciso respirar.

— Quer dar uma volta? Eu tento daqui. — Seguro nas mãos dela.

— Sim... eu vou espairecer as ideias e já volto — Tatiana vai em direção a saída do Panteão, não desvio meus olhos dela até que suma de vista.

— Como que se acha uma criança desaparecida assim? Ainda mais uma que a última vez que ela viu, era um bebê... — estou quase arrancando meus cabelos.

— Seria bom refazer todos os passos até encontrar os envolvidos. E a partir daí, eu cuido do resto.

— E se ela não disser quem são os envolvidos? — pergunto.

Eu a conheço, melhor do que ninguém. Tatiana não vai se abrir ou falar facilmente do que se trata tudo isso.

Não tenho dúvidas de que ela quer tanto quanto eu encontrar a criança, mas ela carrega essa culpa há muito tempo e só ela sabe o peso disso.

— Olha, Antônio, eu sou *sommelier de mulheres*, um bom hacker e um cara criativo para matar pessoas. Sabe o que eu não sou?

— O quê?

— Jesus Cristo — sacode os ombros — ou a igreja, se ela precisa de um milagre, é aqui que tem que pedir. Se ela precisa de um bom cão farejador, que precisa de rastros para seguir, aí sim, eu serei útil.

Concordo com ele, está completamente certo.

— Com licença, senhor homem com vestido preto. — Aborda um padre. — Tem alguma freira disponível aqui?

— *Como assim, meu filho?* — pergunta com gentileza.

— Alguma freira disponível e quanto cobra por hora — ele especifica.

— Não entendo. — Busca apoio em mim, como se não entendesse o italiano do meu primo.

— O que o meu primo, turista, estrangeiro, quer saber é: onde fica o convento mais próximo? — Tento amenizar a loucura.

— Ah, sim, tem dois ótimos. Qual seria o intuito? Um é com irmãs mais maduras e experientes que administram algumas instituições da igreja como asilos, orfanatos, etc... outro é de mais jovens que lidam com as pessoas da nova geração. — Abre um sorriso paterno.

— Qualquer um, meu pau não faz assepsia entre pessoas — Raffaello pisca os olhos devagar.

— O que o meu primo quis dizer é que sendo freira, já basta.

— É, eu só quero meter o meu pau...

Puxo Raffaello para longe do homem antes que chame a segurança e nos tire daqui à força.

TATIANA MORENO

Eu posso respirar o tanto que quiser que a minha mente não vai voltar para o lugar.

Estou em um beco sem saída e agora entendo por que adiei esse momento o máximo que pude: terei de enfrentar consequências que talvez não consiga controlar.

Só existem duas formas de encontrar a minha filha perdida: com a ajuda de Raffaello, e isso inclui dizer a ele a verdade sobre Bárbara, cujas implicações podem recair sobre o meu filho; ou vencer esse cabo de guerra com Paola antes e ter o apoio de Renata, fazendo com que ninguém ouse vir contra mim.

— Quais são as chances de um cão farejador sentir o cheiro da minha filha em um cobertor e tentar encontrá-la? — pergunto para Raffaello diante da igreja, ele está sozinho, acho que Antônio foi buscar as crianças.

— Chances reais? — Fecha os olhos. — Existe alguma chance, sim, mas o cachorro teria que farejar muito, né? — Se diverte.

— É — suspiro. — Raffaello, preciso te pedir duas coisas.

— *Hum.*

— Primeiro: que não conte nada do que eu disser para Antônio.

— *Uh, um segredinho.* — Faz uma careta. — O que mais?

— Segundo: que espere um pouco para agir, estou quase conseguindo o que preciso para impedir o contra-ataque da pessoa que pode colocar tudo a perder.

Raffaello fecha o semblante e tenta entender a charada, pensa um pouco e conclui que uma coisa depende da outra.

— Tá, prometo.

— Eu tive dois bebês. — Meu coração vem até a boca, minhas mãos começam a formigar. — Um eu sei onde está, a outra desapareceu.

— Certo. — Olha de um canto a outro. — Onde está a outra criança?

— É o Matteo.

Com uma pausa dramática, ele vira o rosto igual a menina do exorcista para dentro da igreja e vigia a criança vindo em nossa direção.

— Por favor, não diga nada! — Imploro. — Preciso que guarde esse segredo!

— Não se preocupe, eu sou igual dizem os gays... — Levanta os olhos e pensa um pouco.

— *Discreto* — o ajudo.

— Não, ativo. Eu só como o cu dos outros.

Tento entender o que isso quer significar e engulo a risada que vem.

— No caso, eu já sei de quem eu tenho que comer o cu — pisca para mim.

— *Raffaello...!*

— Discretamente — ele conclui.



Capítulo 24

TATIANA MORENO

*“Quid rides me flente? — novum tibi crede futurum luctum,
forte meus cum mihi priscus erit”.*

*(“Quando os meus males forem velhos, os de alguém serão
novos”).*

— Provérbio em Latim.

**Palermo, Sicília.
Dias depois.**

Encontrar Paola não é nem de longe meu momento favorito do dia.

Na verdade, se pudesse escolher, eu nunca mais a veria. Em nosso último encontro, porém, deixei algumas informações soltas para que ela pudesse analisar com calma tudo o que estava em jogo e o quanto Renata já estava a par de com quem ela estava envolvida.

Só não sabíamos o porquê.

Guilhermo foi quem me acompanhou na visita ao presídio dessa vez.

A mulher de cabelos acaju e roupas laranjas veio com a mesma feição de sempre, talvez imaginando que me encontraria sozinha, no máximo com Antônio. Ao ver o filho favorito, Paola ficou sem jeito, manteve os olhos fixos no homem de cadeira de rodas e se sentou calmamente.

— Bem, onde paramos da última vez? — Tento recordar. — Ah, sim, o seu plano B e plano C não existem mais. Somos sua única saída — analiso friamente, num tom de vitória.

— Eu aceito a proposta da Renata — suspira, derrotada.

Aperta os próprios dedos e olha para baixo, envergonhada por precisar da minha ajuda.

— Ótimo. Fico feliz que tenha recobrado um pouco da sua consciência, Paola. — Saúdo ela com um aceno. — *Mas...*

— *Mas...?* — Arregala os olhos.

— Renata quer saber em quê você estava metida com a família Boccuti e Kroening. — Tiro o celular da bolsa e coloco no gravador. — Você demorou tanto para aceitar as condições dela que novas informações chegaram... e agora precisamos da sua colaboração.

Em toda sua vida Paola nunca deve ter sequer cogitado que um dia teríamos essa conversa. Para ela, sempre se manteria em seu pedestal inatingível e eu seria para sempre a filha da serviçal.

É nítido que se sente constrangida, ainda mais de ter que abrir seu coração diante de seu filho favorito, filho este que, não teve com Alberto, seu marido. Mas com Alfredo, o irmão gêmeo dele.

Engraçado como gente de valores e bons costumes tem um jeito extremamente moral de julgar as pessoas e nada ético de viver a própria vida.

Paola evita encarar o próprio filho, fixa seus olhos em mim.

— No passado, os Boccuti encontraram uma forma de se tornarem uma família extremamente rica. — Ela começa assim, com um suspiro, abaixa os ombros em sinal de derrota. — Eles sequestravam mulheres das famílias mais poderosas e matavam o restante dos membros.

Meu estômago embrulha. Se já começou assim, não sei como vai terminar. Abraço minha bolsa e tento me manter firme.

— Eles precisavam ter certeza de que exterminariam toda a família: crianças, parentes de segundo e terceiro grau, os homens, as mulheres que não sequestravam eles também matavam.

— O que faziam com as mulheres sequestradas?

Ela engole em seco, a princípio se faz de desentendida, depois diz:

— Eles as estupravam e tinham filhos com elas. Depois as matavam. Usavam esses filhos para roubar toda fortuna e herança dessas famílias — suspira, em seu olhar há um silencioso: *está satisfeita agora?*

— Não quero julgá-la, Paola, mas quando Renata soube que você tinha como plano “C”, os Kroening, ela ficou sensivelmente atingida. Porque os Kroening raptaram a mãe do Alberto e fizeram

com ela o mesmo que os Boccuti. Herdeiros para tentar dividir a fortuna Lamarphe. — Comprimo os lábios e peço para que ela prossiga.

— O tempo passou, a tecnologia avançou, os Boccuti perceberam que não precisavam mais sequestrar pessoas ou matar todos os membros da família — há uma certa distância em sua voz, como se ela não tivesse nenhum envolvimento com isso.

Está errada. Só de saber e esconder isso dos próprios filhos e da família Lamarphe já a torna cúmplice.

— A família Boccuti construiu um império na indústria farmacêutica e médica. Patentaram remédios, tratamentos, produziram quase todo tipo de tecnologia biológica que conhecemos hoje, inclusive no que se trata de genética.

Empurro o gravador para mais perto. Essa parte eu não tenho conhecimento e caso não ouça direito, preciso escutar de novo na gravação.

— Eles me disseram que se eu fornecesse material genético dos meus filhos, eu não precisaria me preocupar no futuro. — Escorre uma lágrima dos olhos dela. — Caso tivessem câncer ou

sofressem qualquer tipo de acidente ou doença, haveria células tronco, tudo o que fosse necessário para curá-los...

Guilhermo abaixa o rosto e respira fundo.

Ele é médico, deve entender disso melhor do que eu.

Só estou chocada e sem reação, não saberia o que dizer à mulher.

— Quando você entregou esse material genético? — Ele pergunta.

— Logo após o nascimento de cada um de vocês.

— *De todos nós?* — Guilhermo se exaspera.

Paola faz que sim com a cabeça.

— Não fui a única. Várias outras famílias foram enganadas também. Você melhor do que ninguém deveria me entender, Tatiana. — Me encara de um jeito desesperado. — Se seu filho desenvolvesse uma doença rara ou tivesse algum problema de saúde, não faria de tudo para curá-lo?

Ao mesmo tempo que esse é o lado mais humano que ela já me mostrou um dia, é como um tapa na minha cara, pois essa mulher foi responsável por eu abrir mão dos meus próprios filhos.

— Sim — me limito a dizer isso.

— Foi o que eu e muitas mães fizemos. Nós entregamos nossos bebês. Nós confiamos nossos filhos a eles, porque no futuro, eles poderiam ser curados de Alzheimer, Parkinson, Câncer, HIV, até mesmo voltar a andar, se fosse o caso. — Encara Guilherme praticamente implorando seu perdão.

— Mas não foi isso o que eles fizeram, não é? — O homem respira profundamente.

— Não — Paola limpa os olhos. — Eles clonaram várias pessoas. E agora querem usá-los para roubar as fortunas das famílias. É o novo método.

— Como assim? — Preciso interrompê-la, me perdi no meio da história.

— Eles usaram o tráfico de pessoas para aprimorar os experimentos. Repetiram vez após vez até aperfeiçoarem e criarem cópias fidedignas de pessoas reais. — Paola parece assustada ao mesmo tempo que envergonhada.

— E como vão roubar as fortunas? Isso não entendi. Os clones vêm como familiares distantes e pedem para fazer parte da herança? — Faço uma careta.

— Eles *matam os originais*. — Ela arregala os olhos. — E os substituem.

Eu peço para que ela pare.

Minha reação nervosa, a princípio, é rir. Um tempo depois respiro fundo e tento raciocinar tudo o que ouvi.

É Guilherme quem mostra que o assunto é sério, ele me encara com o semblante fechado, tira o celular do bolso e abre em um vídeo, e me entrega.

No vídeo, *ele* entra em um lugar... *andando*. Mas ao mesmo tempo não parece que seja ele.

Confiro a data, é um vídeo recente.

— Todo mundo tem alguém que se pareça consigo no mundo. Eu mesma já encontrei pessoas parecidas e...

— Não se trata de pessoas parecidas, mas *iguais*, com mesmo DNA e material genético que você.

— Isso é... — rio ao mesmo tempo que fico séria. — *Absurdo!* Além de ser crime em diversos países! O Vaticano mesmo proibiu...

— Os Boccuti cagam para isso. — Paola me lembra que pessoas assim fazem o que querem. — Fizeram tudo escondido, infiltraram seus clones na sociedade, o estrago já está feito.

— *Não...* — continuo em negação. — Isso não é possível...

— É uma máfia também, Tatiana. Os Lamarphe produzem e traficam armas. Os Boccuti produzem e traficam *pessoas*.

Isso dá um nó em meu estômago e na garganta que mesmo sentada eu sinto uma vertigem forte.

Peço um minuto para ir beber uma água, andar um pouco, respirar e, por fim, retornar. Nada preparada, é claro, mas preciso concluir esse depoimento para seguir a minha vida e nunca mais ver essa mulher na minha frente.

— Nem todos eles eram cruéis — Paola continua assim que me sento. — Alguns membros da família Boccuti realmente acreditavam que estavam fazendo um favor à humanidade.

— *Como?* — Me exaspero e depois me controlo.

— Acabar com a morte — Paola sacode os ombros. — Se é possível clonar um humano, também deve ser possível fazer viver 120, 140, 160 anos... — suspira. — Conheci uma mulher que perdeu o seu bebê e eles o clonaram. Ela... tinha o filho dela, sabe? Podia ser mãe.

— Não era exatamente o filho dela — pondero baixinho e guardo o resto das minhas opiniões.

— Então você estava se sentindo segura todo esse tempo porque achou que os clones dos seus filhos viriam aqui te salvar e depois matar seus filhos verdadeiros e ficar com toda a herança? Fim? Todos felizes para sempre?

A cara da mulher diz algo como: *falando desse jeito parece realmente bem cruel, mas sim, era este o plano.*

— Eles não são meus filhos, os clones — sacode a cabeça. — Não fui eu que os criei, ensinei a caminhar e amamenteei com o meu peito. Eles não têm as memórias afetivas de toda uma vida comigo. São iguais, por fora. *Mas quem são por dentro?*

Ótimo. Olha só o traço de lucidez vindo da pessoa.

— Às vezes a gente fica sonhando tanto com “*e se tudo fosse diferente?*” — limpa o canto dos olhos. — Até perceber que as coisas têm seu valor por serem exatamente como são. Não tive filhos perfeitos, mas são meus filhos. E eu preciso permanecer ao lado deles.

— Que bom que chegou a essa conclusão. — Comprimo os lábios.

Paola e eu estamos longe de fazer as pazes, talvez nunca nos entendamos. Mas neste momento nós estamos na mesma página,

finalmente.

— Você entende o perigo em que nos colocou? — Guilherme rosna.

— Sim, Guilherme, agora eu entendo. Mas eu era apenas uma mãe desesperada! — Se defende com toda a emoção que tem. — Precavida, preocupada com o futuro, que faria de tudo para que seus filhos vivessem para sempre!

— Não é assim que funciona — o médico diz num tom analítico.

— E se você precisasse de um rim? De um fígado? De transfusão de sangue? Células tronco? Quem melhor para te oferecer, senão um DNA idêntico? — Ela se exalta.

— E aí você quer criar *outro ser humano* igual um porco para no momento certo ir para o abate? É isso? — Bate com o punho fechado na mesa.

O celular dá um leve solavanco, eu me estico para tentar segurá-lo, só em caso de cair, mas não cai.

— É. É isso — Paola sacode a cabeça. — Porque é isso o que uma mãe faria para salvar seus filhos do que quer que seja.

Estou em um conflito interno esquisito. Por um lado, concordo com Paola. Eu também faria tudo para proteger, dar uma vida melhor e felicidade para os meus filhos, inclusive abrir mão deles. Mas Paola está um passo além: ela é a porra de uma psicopata.

E o indício não está apenas aqui, mas por ela ter matado uma mulher grávida – Paloma – e ter tentado matar a mulher que seu filho Guilherme estava apaixonado – Yasmin.

— Você não faria tudo pelos seus filhos, Guilherme? — Ela devolve.

Ele fica desconcertado, prepara uma resposta, mas no fim fica calado. Manobra a cadeira de rodas e sai. Pela forma que fez, claramente não vai voltar.

— Diga a Renata que sinto muito. E que estou disposta a colaborar. — Paola aperta os próprios dedos e se levanta também.

— Você mesma dirá, porque ficou gravado até aqui. — Pego o celular e encerro a gravação.

— Tatiana? — Ela me chama antes que eu saia.

— Sim, Paola? — Viro-me para encará-la, espero que pela última vez na vida.

— Somos iguais — ela acena com a cabeça.

Essa frase curta tem muitos significados e não se trata apenas do aqui e do agora. Enquanto crescia, é claro que eu queria me enxergar em uma mulher forte, bem-sucedida e que conseguia tudo o que queria. Paola era o tipo de modelo que eu queria seguir, mas ela me tratava como um ser de casta inferior.

Enquanto crescia na casa dos Lamarphe eu lutei e me esforcei para que ela me enxergasse como alguém de valor, digna para ser mulher do filho dela.

Se um dia, no passado, Paola me dissesse: “*somos iguais*”, a menina dentro de mim que cresceu tentando agradá-la explodiria em completa felicidade. Era tudo o que eu queria.

— Não, Paola, não somos iguais — meneio a cabeça.

— Somos apenas duas mães que fariam qualquer coisa pelos seus filhos — ela deixa claro.

Nisso eu tenho que concordar, mas com uma exceção:

— É, mas você é doente pra caralho.

Pego a minha bolsa e saio.



Capítulo 25

ANTÔNIO LAMARPHE

“Multa ferunt anni venientes commoda secum”.

(“Quanto mais se vive, mais se vê”).

— Provérbio em Latim.

Consegui colocar a cabeça no lugar para trabalhar quando Raffaello assumiu a investigação e foi atrás das respostas que Tatiana e eu precisávamos para encontrar nossa filha desaparecida.

Por dias minha cabeça se manteve distante do trabalho por não conseguir pensar em outra coisa que não fosse resolver isso.

Com a vida em dia, voltei às atividades do escritório, seguindo uma agenda bem rígida, pois em alguns meses, a minha empresa em parceria com a Trojan Horse Security apresentaria algo grandioso para o mundo.

— Senhor Lamarphe, a...

Interrompo minha secretária no viva voz do telefone antes que prossiga:

— Estou ocupado, não irei receber ninguém.

Durante muitos anos o meu avô e o meu pai se dedicaram a essa empresa, dando seu suor e sangue para que pudéssemos nos tornar uma das maiores fabricantes de armas do mundo.

Estamos na fronteira de uma grande evolução e não posso desviar minha atenção.

— Senhor Lamarphe, a...

— Não — respondo sem querer ouvir e aperto o botão para que o telefone em cima da mesa fique mudo.

Na terceira vez, não sou chamado pelo aparelho. É a porta da minha sala que abre e vejo Bárbara entrar passo a passo, praticamente desfilando. Para diante de mim com um sorriso no rosto.

— O que está fazendo aqui? — Abaixo os olhos para os meus documentos.

— Não vamos nos divorciar.

Abro um sorriso de canto, aproveito para abrir a primeira gaveta da mesa e tirar toda a documentação, entrego-lhe.

— *Você já se adiantou* — suspira, não recebe o que tento lhe entregar.

— Falei sério quando pedi o divórcio, Bárbara.

Ela limpa os lábios e anda ao redor da mesa, para diante da grande janela atrás de mim.

— É você quem tem muito a perder com isso, Antônio, e sabe disso. Vai perder parte da empresa, dos seus bens...

— Não tem nada em meu nome — a corto antes que continue as ameaças.

Bárbara arqueia a sobrancelha e me fita em silêncio, chocada.

Não parecia óbvia essa informação? Tudo pertence à Renata, cada propriedade, cada empresa, cada pequena coisa que os Lamarphe dominam estão sob jurisdição dela.

E Bárbara se surpreenderá, caso tente retirar algo de Renata. Primeiro porque nada está no nome dela, segundo porque Renata não é o tipo de pessoa que gosta de conversar. Ela aperta o gatilho, não importa quem esteja diante da arma.

—... *o seu filho* — finaliza com ar de vitória. — Parece que ele é seu, não é? Aparentemente deve estar no seu nome — me provoca.

— Você não vai tirar o meu filho de mim — preciso rir.

— Posso tentar. Posso arrastar esse problema pelos tribunais. Paola não colocou o terror em vocês por tentar se aliar a famílias inimigas? Por que eu não faria isso se fosse abandonada por você?

Rio em silêncio, ela só pode estar brincando.

— Posso não conseguir tirar o seu filho, Antônio. Mas criarei problemas o suficiente para mantê-los distantes um do outro. Imagine só, como deve ser bom para uma criança como ele, viver todos esses problemas agora.

— Pare de falar besteiras. — Pego o classificador da mesa e estendo em sua direção.

— Você achou que já tinha o conto de fadas completo, não é?
— Desdenha. — Reencontrou o seu amor de infância e ficariam

juntos? Com o meu filho? E seriam uma família feliz? — Ela ri alto.

— Não, Antônio. Vocês não conseguirão.

— O que você quer?

— Não quero o divórcio.

— Inegociável — digo por cima dela.

— Você pode ter todas as mulheres do mundo, Antônio. Não tem fodido várias putas todos esses anos? — Senta em cima da mesa, fica de lado para mim. — Não vou abrir mão daquilo que conquistei. A fama, o reconhecimento, minha posição na sociedade.

— Sua família tem dinheiro o bastante.

— Não tem o prestígio da sua — diz num tom amargo. — Não tem o reconhecimento e respeito das outras famílias.

Por que será? Não é mesmo?

— Temos fama e poder nos Estados Unidos, não aqui — conclui.

— Então vá para lá. Sempre gostou de uma vida americanizada, afinal.

— Fui eu quem roubou o lote de armas — ela diz de uma vez.

É o único momento em que fico em silêncio. Abandono os papeis e subo os olhos devagar para encará-la.

— Sim, fui eu quem interceptou a sua carga com essa *nova tecnologia* — sorri satisfeita. — E eu juro por Deus, Antônio, vou entregar isso de mão beijada para os Kroening.

Ela é igual a Paola, se um dia tive dúvidas, agora fica claro.

Não foi à toa que a minha mãe quem costurou esse casamento, porque obviamente queria alguém como ela tentando me controlar.

A diferença entre as duas é que uma é a minha mãe, a outra é a mãe do meu filho. E todo Lamarphe fez um juramento que, não importa o que ocorra, jamais poderia derramar o sangue da própria família.

Quebrar os juramentos da família, não importa por qual motivo, significa não mais pertencer a ela.

— Onde a carga está?

— Em um lugar seguro, onde só eu sei. Nem mesmo o Dylan, papai, os homens da minha família. *Só eu*. Se algo acontecer a mim, não vai recuperar aquilo.

— Você viu o que é? — Minhas pupilas tremem.

— Estou muito curiosa para ver o que é, mas preferi deixar dentro das caixas. Quero devolver no mesmo estado em que recebi — sacode os ombros. — O que é não me interessa, Antônio. É a minha vantagem perante você.

Eu a julguei mal.

Sempre a enxerguei como racional e que com tudo o que eu ofereceria, aceitaria o divórcio sem pensar.

Bárbara antecedeu meus movimentos em questão de muitos meses e tem uma vantagem sobre mim.

O que não é problema, assim que Raffaello descobrir o paradeiro da minha filha, ele retorna a procurar essa carga. Esteve ocupado nos últimos tempos em busca dela, pois é algo importante não só para a minha família, mas para o Sheik Khaled.

— Pense em tudo o que tem a perder e depois conversamos.
— Pisca, ajeita a bolsa debaixo do ombro e salta da mesa, sai rebolando. — Adorei o papo!

— Oi — minha secretária atende quando a *bipo*.

— Me coloque em contato com Anthony Mitchell agora —
rosno.

TATIANA MORENO

O meu estômago ficou bagunçado após a conversa que tive com Paola.

Nada parecia fazer sentido dentro da minha cabeça e quanto mais eu pensava nas palavras dela, mais enjoada ficava. Era como se estivesse no alto mar, em um barco sacudindo junto com as ondas, numa maresia terrível.

— Por que não dorme aqui, filha? — Minha mãe insiste.

Vim visitá-los porque precisava de colo. Sim, uma adulta precisando do carinho e atenção dos pais.

Sempre fui forte e resolvi os meus problemas sozinha. Fui afastada da minha família muito cedo para dar à luz longe, para que ninguém soubesse do meu estado e desde então vivi distante, com poucas visitas deles, já que Alberto Lamarphe estava de olho em mim e a qualquer movimento suspeito algo terrível poderia acontecer.

Precisar de consolo agora significa que já não consigo suportar.

Engraçado, passei por tanta coisa, muitas delas terríveis, mas agora é como se o céu, enfim, desmoronasse em cima de mim e a tempestade me atingisse em cheio.

Não estou lidando apenas com gente doente, sem escrúpulos e criminosa. É gente verdadeiramente cruel, que abriu mão do mais humano que pode haver em cada um.

— Não, eu preciso anteceder os movimentos da Paola para tentar convencê-la o mais rápido possível. — Dou um abraço apertado nela.

— Leve isso. — Me entrega uma sacola cheia de marmitas.

— Mãe, não precisa...

— Precisa, sim. Coloque no congelador, você está ocupada, não fique comendo besteiras ou gastando seu dinheiro em restaurantes! Já que não vai na mansão almoçar conosco, pelo menos se alimente de uma comidinha caseira.

Não consigo discutir para além disso, ela me convence.

— Estamos muito felizes que tenha voltado, filha. — Meu pai me dá um abraço apertado. — Por favor, não se afaste mais da família.

Eles não sabem de nada do que ocorreu.

Poupei-os de muitas coisas para que pudessem viver, já que eu não pude.

— Eu também estou feliz por estar de volta. — Abraço os dois.
— Obrigada! — Aceno com a sacola de marmitas.

Papai tenta me convencer de me levar para onde estou hospedada, mas eu insisto que estou bem e um Uber vai me deixar na porta.

Após muito insistir e eu recusar, ele aceita que eu vá pelo carro do aplicativo, já está tarde, todo mundo precisa descansar, inclusive eles.

— Manda mensagem quando chegar em casa! — Minha mãe acena da porta.

Coloco a comida para pelo menos uma quinzena ao meu lado no banco de trás e pego o celular para responder às mensagens de Antônio.

Passa-se pouco tempo, não percorremos muito do caminho, ouço um barulho de tiro contra a lataria do carro.

Com um solavanco do veículo, o motorista estica o pescoço e tenta olhar pelo espelho retrovisor o que está acontecendo, eu viro o rosto e vejo três carros nos seguindo.

— Moço, corre! Pelo amor de Deus! Corre! — Eu imploro.

Ele afunda o pé no acelerador e o carro dá mais solavancos, mas pelo menos nos distanciamos um pouco dos outros veículos.

— Antônio, eu estou sendo perseguida agora! — digo em desespero em um áudio. — Se você puder me ajudar, por favor, me ajude!

Meu coração vai à boca e tenho vontade de chorar. Me sinto boba por precisar da ajuda dele, mas meu instinto de sobrevivência grita mais alto.

Ele me pede para mandar a localização em tempo real e faço isso de imediato.

“A caminho” é o que ele responde.

— Vai moço, vai!!! — Bato contra o banco do motorista, pois estão se aproximando de novo. — Meu Deus, eu não posso morrer agora! — Uno as mãos para rezar.

O motorista consegue manter o controle e dirige o mais rápido e desesperadamente seguro como pode, escapamos por bons minutos, mas os tiros continuam. Quebram o vidro traseiro do carro e estouram os retrovisores.

Logo agora que as coisas parecem entrar nos eixos tudo vai ficar perdido? Não. Isso não pode acabar assim!

O carro derrapa na estrada, parece que dois pneus estouraram pois o barulho é realmente muito alto.

E para completar, porque desgrça pouca é bobagem, três carros fecham o cerco diante de nós, nos impedindo de passar.

— Abaixa! Abaixa! — O motorista deita no banco.

Diante de nós, uma silhueta masculina se forma diante do farol aceso do carro, outros homens de terno ficam logo atrás dele. Um misto de desespero e alívio me atinge quando reconheço o formato da cabeça, o jeito peculiar com que anda e a arma gigantesca que traz em mãos.

— *Andiamo! Andiamo* — Ele acena para que saíamos do carro.

Eu não penso duas vezes, abro a porta e saio correndo. O motorista demora um tempo, mas acaba vindo também.

Passo por Raffaello que segura a arma gigantesca e encontro Antônio alguns passos atrás, ele me abraça e me aperta contra seu peito.

— Viemos o mais rápido que conseguimos. — Ele me puxa para levar ao carro.

Os veículos que nos perseguiam ficam parados a bons metros de distância, os faróis acesos também, não dá para ver quem são.

— Seeeeeeeee... — Raffaello começa a cantar.

— *Santo Dio* — Antônio cobre o rosto e me põe sentada no banco do carona em seu carro.

— *Seeee pingos de chuva fossem pingos de piroca, que chuva gostosa seria* — ele cantarola e vai levantando a arma lentamente.
— *Cantando e dançando com a boca aberta, ha-hahaha-hahaha-haha.*

E a metralhadora completa com um: *tá tá tá tá tá tá.*



Capítulo 26

TATIANA MORENO

“Mali principii malus exitus”.

(“Princípios ruins, desgraçados fins”).

— Provérbio em Latim.

— A parte legal de ter uma arma chamada *piroca* é que você pode construir frases muito boas com ela — Raffaello diz.

Estou catatônica, só consigo olhar para frente e mesmo que veja a estrada, não consigo absorver nada. Tinha me esquecido que

essa vida maluca é a rotina desses homens, mas não a minha, não estou acostumado com isso.

— Vou resolver com a piroca, vou te meter a piroca, uma rodada de piroca de graça pra galera, *olha a pirooooooooooca* — ele se diverte no banco de trás.

— Ela está em choque, não está te ouvindo — Antônio rosna.

— Eu sei, mas nesses casos é bom falar algo pelo menos divertido para que o cérebro dela entenda que está tudo bem, não precisa se preocupar, o pior já passou — Raffaello fica em silêncio por um instante. — *Peguei.*

— Pegou o quê? — Viro de supetão, a mão no peito.

O que penso? Que ele achou a minha filha.

— A placa de dois dos carros com o drone. — Ele me mostra o celular. — Espero te dar boas notícias amanhã.

— *Amanhã?* — Me desespero. — Por que não hoje? Por que não agora???

— Porque primeiro eu vou confirmar, e apenas com a plena certeza irei dizer alguma coisa. — Com um sorriso de maluco ele deita no banco de trás. — Eu adoro aquela musiquinha, a Dandara ensinou para o Youssef.

— Uma música com piroca? — Me exaspero.

— A piroca fui eu que coloquei — ele pondera. — Olha, mais uma frase de efeito, vou anotar. — Ele liga a tela do celular.

Reviro os olhos e foco na estrada. Segundos depois, olhando de esguelha para Antônio, começamos os dois a rir da loucura do primo dele.

— Tinha esquecido que sua família era assim. — Limpo a testa em um suspiro.

— Sinceramente espero que nossos filhos não sejam assim — Antônio se diverte. — Se bem que, se não forem, posso ficar um pouco preocupado.

Fico paralisada com o que ele diz.

— Nossos filhos?

— Sim, todos os que ainda vamos ter — pondera.

Balanço a cabeça em silêncio, um tanto chocada com a mínima possibilidade dele saber a verdade. Ele saberá, mas tudo precisa se ajeitar primeiro.

— Chegamos — Antônio avisa.

— Mas esse não é o lugar que eu estou. — Encaro a construção.

— É onde vai ficar, bem e segura, até Raffaello e eu resolvermos isso.

— Eu quero...

— *Ficar segura* — Antônio conclui por cima de mim. Não tem como retorquir.

ANTÔNIO LAMARPHE

Tatiana toma um banho quente que faz o banheiro parecer uma sauna quando sai. Se joga na cama e fica observando o teto, em silêncio.

Sento-me ao seu lado na cama e seguro sua mão, aperto seus dedos delicadamente.

— Não quero que meus filhos cresçam dessa forma. — Fecha os olhos. — Eu não vou conseguir dormir uma noite ao saber que correm tanto perigo...

— Os seus filhos vão ser o perigo. — Abaixo o rosto indo em direção ao pescoço e dou um beijo demorado.

— E se algo acontecer a eles, Antônio? — Começa a se remexer na cama.

— Nada aconteceu a mim e aos meus irmãos. Calma, esse vai ser o mundo deles e eles vão dominar bem tudo quando chegar a hora — tento tranquilizá-la.

— Nada aconteceu? — Me encara com seriedade. — Não, só destruíram a sua perna... seu irmão ficou cadeirante porque a sua mãe preparou um acidente de carro para matar a mulher dele com a criança... — suspira com demora.

— Eu não disse que é o mundo perfeito, disse que vai ser o mundo deles. Algo natural.

— Não sei se quero viver nesse mundo.

Ouvi-la dizer isso parte o meu coração. Entendo, com certeza, que é assustador e perigoso para uma pessoa que cresceu em um universo totalmente diferente do meu.

Mas desde que os Lamarphe existem, de geração em geração, esse tem sido o nosso mundo e o dominamos bem.

— Você pode viver nesse mundo e melhorá-lo, o quanto puder.

Ela acena negativamente. É claro, luta contra a máfia, peita famílias criminosas, não quer *se misturar*.

— Eu também faço parte desse mundo. E mesmo assim você me amou um dia — a lembro disso. — Agora é a nossa vez de fazer o certo, Tatiana, não estou dizendo que vamos aceitar as coisas como são, mas que podemos transformar o mundo para que ele seja melhor. Não dá só para negar o mundo e tentar viver outra realidade... *essa é a realidade*.

Por mais que ela seja sonhadora ou idealizadora, ela precisa saber disso:

— Sua filha é uma Lamarphe também. Ela vai herdar dinheiro, poder e responsabilidades, assim como o Matteo...

— Eu só... — mordisca o lábio. — Eu ouvi coisas da sua mãe que me deixaram muito assustada. — Balança a cabeça. — Você está certo. Essa é a realidade, não tem como mudar. Mas me assusta as coisas que pessoas são capazes de fazer e tenho medo de repetir esses erros só porque “esse é o mundo”. Entende? Não posso aceitar algumas coisas.

— E você tem todo o direito de não as aceitar — pontuo.

Discutir qualquer coisa com Tatiana agora não terá efeito algum, pois ela está paralisada pelo medo. Preciso deixar que coloque a cabeça no lugar para que entenda que está assustada e não é o tipo de mulher que se assusta fácil.

— Você decidiu ser advogada e enfrentar pessoas perigosas — digo para que ela pense.

— Sim. Para melhorar o mundo!

— Eu também. Quero melhorar o mundo, da minha maneira.

— Mas a que custo, Antônio? Sua mãe também queria mudar o mundo e olha o que ela fez!

— *O que ela fez?* — Arqueio a sobrancelha.

— É mesmo, você não sabe — arregala os olhos. — E não sei se consigo dizer em voz alta, me desculpe...

— *Cara mia*, está tudo bem. — Afago seu rosto. — Mas nós dois somos diferentes dos nossos pais. Não vamos cometer os mesmos erros que eles.

Não quero tocar no assunto, mas afinal de contas, o pai dela também trabalha para a máfia. A mãe dela do mesmo modo. Como não é o mundo dela?

— Promete?

— Eu prometo.

Tatiana diz mais uma série de frases desconexas, fala bastante até pegar no sono. Deixo que durma tranquilamente, pois só assim a sua mente é capaz de descansar e se desligar do turbilhão que viveu hoje.

Deixo-a no quarto, coloco dois homens para vigiar a porta, além de todos que estão pela casa e fora dela.

— E aí, como ela está? — Raffaello estica o pescoço para longe do celular.

— Em choque. Como mais estaria? — Bufo. — Descobriu quem fez isso?

— Descobri onde os dois carros foram e o drone os seguiu até suas casas.

— Ótimo, vamos — pego o sobretudo e o visto rapidamente.

— Adoro quando nos tornamos testemunhas de Jeová, só que com armas e levando a palavra da vingança. — Esfrega as mãos e me acompanha.

Reviro os olhos, tentando ignorar as loucuras que diz.

— *Espera.* — Segura em meu braço.

— O que foi? — Rosno.

— *É exatamente isso que eles fazem, só que no sentido figurado.*



Desde jovem eu me acostumei a isso.

Tinha sete, oito anos no máximo quando vi um homem ser morto pela primeira vez. Estava pagando por seus erros e a *famiglia* sempre precisa ensinar uma lição a todos que tentem se levantar contra ela ou enganá-la.

Capturamos três homens, dois na mesma casa, aparentemente irmãos, o outro estava dormindo ao lado da esposa. O sequestramos com muito silêncio e educação para não assustar ninguém, não faz parte do nosso feitio preocupar mulheres inocentes ou crianças durante a madrugada.

— O que é isso? — Um deles acorda quando Raffaello joga água em sua cara.

Usamos também um medicamento injetável para os apagar, assim evitamos uma luta idiota na casa dos outros. Isso envolve

televisores quebrando, painéis rangendo, facas voando pelas paredes.

E o sono de crianças e mulheres em suas próprias casas é algo sagrado para nós.

Claro que isso também facilita o tempo de ligar o caldeirão da fábrica de armas, onde fundimos qualquer metal, inclusive aço. O caldeirão é um bloco maciço com espessura de dois metros com um buraco ao centro onde cabem até 100 litros.

Cobre, aço, qualquer metal é derretido ali, por isso a cor cintilante e o vapor entorpecedor fazem partes de seu funcionamento.

— A pergunta é bem simples. — Ligo a máquina que puxa a corda que mantém atadas as mãos do homem, erguendo-o do chão.

Espero até que esteja muitos metros acima da caldeira, para que ele veja onde nossas armas são fundidas.

— Para quem você trabalha?

O homem sacode, tentando escapar. Em algum momento entre um milésimo e um segundo ele percebe que essa foi a coisa mais estúpida que pensou em fazer na vida, a não ser tentar ferir a minha mulher.

— Me deixe descer! — ele grita.

— Para quem você trabalha?

— Eu quero descer!

— Ok, vai descer. — Faço a máquina soltar a corda.

Ele mergulha, igual um nadador olímpico, para dentro da lava chamejante. Não há algo artístico nisso, não tem pirueta, giros intercalados ou uma subida glamurosa da água. Há apenas um corpo que é devorado instantaneamente pelo calor do inferno.

— Ok, como puderam ver, a pergunta é realmente bem simples — observo o próximo que vou amarrar.

Os dois homens babam, tentam gritar de desespero e rastejam no chão feito minhocas, tentando fugir de mim.

Pareciam tão corajosos mais cedo...

— Só que dessa vez, ao invés de soltá-los, vou descer a corda lentamente — explico. — Para que derretam com calma, pensando bem em suas ações. — Aponto de um para o outro.

Eles se entreolham, desesperados.

— Como vivemos em uma democracia, vou deixar que votem. Quem vai agora? — Liberto a boca de cada um.

— *Ele!* — gritam juntos.

Um empate técnico. O que não é problema, vamos para um segundo turno.

— Ok, rapazes, vou explicar como funciona — digo, após amarrar cada um em um cabo, eu controlo uma máquina, Raffaello controla a outra.

Os dois que tiveram a experiência de ver o que aconteceu antes, ficam paradinhos, não se sacodem, parece até que não respiram.

— Vocês precisam responder uma pergunta. Quem responder certo, fica vivo. Quem não responder... bem, vai dar um mergulho na piscina. — Aponto com o rosto.

— E se pouparmos sua vida e descobirmos que a resposta está errada... — Raffaello ri pausadamente. — Bom, vocês não vão querer nos ver novamente depois de hoje...

— Certo — aceno com a cabeça. — Para quem vocês trabalham?

Aponto com o rosto para o da esquerda. Ele comprime os lábios, na certeza de que se não abrir a boca, não dirá o nome.

O que não é, afinal de contas, um problema: desço o cabo lentamente até que o calor seja tão insuportável que é possível ver os sapatos dele chamuscando.

— Para a família Bianchi! — grita.

— Temos uma família, mas eu quero um nome. — Começo a descer o outro.

— Só sei que é família Bianchi! — O outro grita.

Saber que foi alguém da família da minha mãe que pediu para matar Tatiana, não é algo que me surpreende. Mas um pesar de lamento invade o meu coração.

— Aleksander Bianchi! — O outro revela, quando estou prestes a mergulhar seus pés na lava.

— É — o outro sacode a cabeça. — Aleksander Bianchi — diz em prantos.

— Temos um vencedor — solto a corda do que falou por último e aceno para que Raffaello retire o outro de lá.

O que o maluco faz? Solta a corda também.

— *Não!!!* — grito. — Ele disse, prometemos soltá-lo!

— Você disse que tínhamos um vencedor! — protesta.

— Exato!

— Eu pensei que o prêmio era cair na caldeira, acho que não entendi essa brincadeira — estica o pescoço, sobe um pouco na máquina para ver se o outro ainda está lá.

— Raffaello, em que mundo o prêmio de alguém é morrer derretido no fogo do inferno? — Bato contra a máquina dele. — Sai daí!

Ele desce calmamente e limpa as vestes.

— Prêmio de fascista e vagabundo é sentar na pica do capeta.

Cubro o rosto com a mão, quando ele diz isso.

ALEKSANDER BIANCHI

Chego em casa tarde de noite e vejo as luzes acesas, o que é estranho. Vivian e as crianças já deveriam estar na cama, por isso entro com cautela e conto cada passo que dou pelos cômodos.

Ao chegar na cozinha vejo minha melhor e filhos reunidos ao redor da ilha ao centro no cômodo, um banquete servido.

— Por que estão acordados tão tarde? — Suspiro de alívio ao vê-los bem.

— Não pensou que você iria para sua viagem sem um jantar de despedidas, pensou? — Uma voz masculina surge, me deixa em alerta.

Procuro-o por todos os cantos e acabo encontrando vindo da dispensa, coloca um bom vinho na mesa e serve a minha esposa.

— Como foi o seu dia, tio? — Antônio Lamarphe serve outra taça e me entrega.

Ao dar mais passadas pelo cômodo vejo o Golden retriever em estado de alerta me observando. Deixo a taça que recebi em cima da pia e dou uma boa olhada na cena para entender o que está acontecendo.

— Foi um dia longo — respondo.

— É claro que foi — Antônio acena. — Conteí a Vivian e as crianças sobre a sua viagem para os Estados Unidos. Eles estão eufóricos — bebe do gargalo da garrafa.

— Você não contou que iria viajar, amor — minha esposa diz num tom que ciúmes.

— É algo urgente, de última hora — continuo apoiado na pia, tento pegar uma das facas de cortar carne, mas Antônio não se distrai, seu cachorro menos ainda.

Todos comem do banquete, menos eu. Observo tudo em silêncio e aguardo que terminem para que Vivian leve todos para a cama.

— Boa noite, *papa* — as crianças vem, me dão um beijo e sobem, animadas.

— Ainda teremos tempo de conversar? — Vivian cruza os braços.

— Acredito que não. Vou precisar viajar o mais rápido possível — esfrego a mão aberta no rosto.

Que merda eu fiz?

— Ok, me mande notícias — beija meus lábios e sobe também.

— Não vai comer? — Antônio dá uma última olhada no banquete. — Fiz especialmente para você.

— O que está acontecendo, Antônio?

— Diga-me você, tio, o que está acontecendo? Pois tentou matar a minha mulher.

Imediatamente entendo do que se trata. *Merda, Paola só me coloca em enrascadas!*

— Não é nada pessoal, só estava seguindo ordens — sacudo o ombro.

— Por isso espero que entenda que o que farei a você não é nada pessoal, só vou estar seguindo ordens — bebe novamente do gargalo. — As minhas, é claro.

Com toda a habilidade que tenho, puxo a faca de dentro da gaveta e avanço contra ele, em direção ao pescoço. O punho fechado no cabo da lâmina corta o ar em um silvo até chegar perto do olho dele, mas Antônio abaixa, me dá um soco no abdômen, e quando levanto para me recuperar da brica, usa a garra de sua bengala para torcer minha mão, a faca tilinta no chão quando cai.

— Você não vai me matar com as crianças lá em cima! — Aviso.

Quando estou prestes a pegar outra faca, ele puxa a gola da minha camisa social com a garra da bengala, segura firme em meus cabelos e me arrasta pela casa enquanto desfere soco atrás de soco na minha cara, enquanto tento proteger meus olhos.

Quando me lança para fora da propriedade, porta afora, enfia a mão dentro do sobretudo e retira de lá uma pistola com silenciador.

— Não, não vou te matar dentro da sua própria casa.

Atira em meus joelhos e essa dor é absurda. Eu urro de dor, mesmo que o tiro não faça barulho algum, me contorço no chão segurando onde sangra.

Quatro homens vêm em minha direção, não os tinha visto quando entrei em casa. Eles arrancam minhas calças e estancam o sangue, mas acabo desmaiando no processo.

Minutos, horas depois, não sei, acordo e estou sentado no escritório de Antônio, na Companhia Lamarphe. O ambiente está escuro, o brilho da lua resplandece sobre algo que parece um sarcófago de metal.

— Achou que ia morrer? — Ele coça a cabeça com a própria bengala, anda devagar pela sala. — É claro que não. Homens como você precisam aprender uma lição e não será com *Dio Santo* — faz sinal da cruz.

— O que vai fazer comigo? — Vocifero, mal consigo me movimentar, a dor é insuportável, acho que nunca vou voltar a andar.

Antônio abre a porta e seus homens invadem o ambiente, todos tem uma espécie de maçarico em mãos. Os quatro vão até o sarcófago com rosto de mulher e o abrem, vejo daqui que ela é cheia de espinhos de metal, lanças pontiagudas, da cabeça aos pés.

— Vou te fazer refletir sobre suas ações — Antônio pondera, examina o artefato enquanto os homens passam fogo na ponta das lâminas interiores. — Já ouviu falar na *Dama de Ferro*?

— *Hum* — prefiro nem olhar.

— Dizem que era um instrumento de tortura inquisitorial na idade média, mas nada nos documentos históricos comprova isso — sacode os ombros. — O que não impede que seja um instrumento de tortura hoje em dia — me olha com demora.

— O que você quer? Que eu peça perdão? — Grito.

— Eu quero que você sofra — diz educadamente, de um jeito quase doce.

— E a minha mulher? Meus filhos? — Exijo saber.

— Não, não sou tão baixo quanto você, não persigo nem tenho pretensões de matar mulheres indefesas — ele mesmo pega um dos maçaricos e concentra o foco nos espetos de aço até que

estejam brilhando de tão quentes. — Mas você vai refletir por um tempo até entender que não deve mexer com a *minha mulher*.

— Quanto tempo?

— Digamos que... — faz um gesto para seus homens me tirarem da cadeira.

Eles me puxam com brutalidade e me jogam dentro do sarcófago. Quando minhas costas tocam o aço que foi esquentado, sinto uma dor lancinante invadir meus sentidos. Meu corpo dói, retesa e leva choques, mesmo de camisa social, sinto uma dor mais incisiva que tatuagem e mais dolorida que os tiros de mais cedo.

—... tempo o suficiente para aprender o recado — Antônio tira a arma do coldre.

— Antônio, eu sinto muito! — Tento dizer.

Mas ele é mais rápido, atira novamente em meus joelhos e antes que eu caia no chão, de dor, fecha o sarcófago com um puxão que dá na porta entreaberta.

Os espetos afiados e quentes batem contra meu peito, ombros, coxa, joelhos, pernas, cabeça. Não posso me mover um milímetro sequer, senão vou acabar sendo rasgado por eles. E minhas pernas não conseguem mais aguentar o peso do meu corpo.

— Eventualmente quando sair daí — ele puxa a portinhola da cabeça da *Dama de Ferro*, permitindo-me respirar, já que estava abafado demais e eu morreria em segundos, sufocado pelo calor, se continuasse ali dentro. — Conte à Paola o que acontece com quem mexe com a família — pisca para mim.

— Antônio, eu preciso de um médico! — Ranjo os dentes.

Tenho a sensação que meus joelhos vão estourar de dor e meu corpo vai desabar, fazendo com que os espinhos rasguem minha carne.

— Não, o que você precisa agora é refletir sobre suas ações.

Dito isso, fecha a portinhola com um solavanco, fazendo os espinhos baterem contra meu rosto.



Capítulo 27

TATIANA MORENO

“Multis lingua nocet: nocuere silentia nulli”

(“Mais se arrepende quem fala do que quem cala”).

— Provérbio em Latim.

A noite passada foi um grande pesadelo, mas eu acordei muito melhor do que quando fui dormir.

Quando abri os olhos percebi que Antônio já estava se vestindo para o trabalho, em silêncio me levantei e fui lavar o rosto,

tomei um banho gelado para acordar o corpo e saí enrolada no roupão.

— Como você está? — Me oferece uma xícara de café.

— Eu devo ter surtado completamente ontem, me desculpa.

— Não tem por que se desculpar — fecha a mão em meu braço, sem que eu perceba vai me aproximando dele, até que esteja diante de seu corpo. — Mas não precisa ter medo algum, pois eu sempre vou estar por perto para te proteger.

— E quando não estiver? — Respiro fundo.

— Eu disse que sempre estarei por perto para te proteger. E largarei tudo imediatamente para te tirar de qualquer situação perigosa — garante.

Antônio sempre diz as coisas com muita firmeza, não dá espaços para questionamentos. Isso me alivia, afinal de contas, sei que estou segura em suas mãos. Mas e quando ele não estiver por perto?

— Beba seu café, tenho um dia cheio na empresa, o nosso parceiro dos Estados Unidos vem para cá hoje.

— Anthony Mitchell? — Ele se surpreende quando pergunto isso.

— Sim.

— Qual é o projeto secreto? — Me finjo de boba e inocente, ando pelo quarto pegando minhas coisas que estão jogadas por aí.

— *É... digamos assim... secreto* — ri.

— Fiquei intrigada. Vocês fabricam armas, eles são uma grande empresa *hacker* e de segurança digital — penso um pouco, mas não chego a nenhuma conclusão. — Vão lançar um satélite com armas, é isso? — Chuto.

Tudo o que Antônio faz é rir.

— Pensei que não havia segredos entre nós — o provoco.

— Não existem segredos entre nós — garante, bebe seu café e me observa por cima da xícara.

— Então me conte — cruzo os braços.

— No momento adequado e longe de qualquer celular ou construção humana, sim, talvez eu conte — olha ao redor. — Mas essa não devia ser nem de longe a sua preocupação. Tem muitos compromissos importantes hoje...

Quando ele diz isso, corro para o celular e vejo as mensagens de Patrícia sobre fechar o acordo com Paola e libertá-la.

— Eu estou atrasada. — Pego a minha bolsa, ligo para Kelly imediatamente e me apronto para sair.

Antônio me impede, segurando o meu braço.

— O que foi? — Rosno.

— Não vai sair de roupão. — Me dá uma olhada dos pés à cabeça e depois bebe seu café. — E Raffaello disse que gostaria de nos encontrar na hora do almoço, é possível para você?

— É claro. — Pego a minha roupa e vou até o banheiro.

— Pode se trocar na minha frente, já te vi inteira. E não ligo...
— ri.

— Engraçadinho... — Fecho a porta da suíte.

PAOLA BIANCHI LAMARPHE

Renata cumpriu a sua palavra e assim que provei estar ao lado dela, mexeu seus pauzinhos para que me tirassem da prisão. A advogada entrou com uma ação bem cedo, um juiz amigo da família acatou de imediato e a ordem foi expedida.

Enfim eu podia respirar ar puro que não desse maldito lugar!

E, por Deus, eu não tinha porque me arrepender de nada do que fiz, pois tudo o que fiz para os meus filhos era na missão de protegê-los e salvaguardar a fortuna da família e nada mais.

— Vamos? — Guilherme me acompanha até o carro.

Fico feliz de ser ele quem me leve para casa, ainda não sei de que forma irei encarar Renata, ela sempre teve um gênio forte e agora que domina tudo, se acha superior a própria mãe!

— Bruno? Leonardo? Antônio? — Procuro-os dentro do veículo. — Ninguém veio?

— Estão muito ocupados — diz com sequidão, quando tento ajudá-lo a sair da cadeira de rodas para ir ao banco do motorista, ele se nega.

Vai, mesmo com alguma dificuldade, senta no banco, desmonta a cadeira e a coloca no banco do carona. Eu me sento no fundo e coloco o cinto de segurança.

— Podemos passar em alguma loja para que eu compre roupas novas? — Encaro seus olhos azuis no espelho retrovisor. — E um batom, é claro. Brincos novos e... sapatos!

Sem me responder, Guilherme dá a partida e segue pela estrada.

Entendo a inquietação dele, acho que se estivesse em seu lugar, eu também ficaria um pouquinho magoado por eu ter planejado a morte de Paloma e aquele bebê e no fim, acabar atingindo a ele, pobre coitado, deixando-o paralisado.

Ele vai me culpar por isso pelo resto da vida e eu vou me desculpar por esse maldito erro que jamais deveria ter cometido – o de fazer mal a ele, não à aproveitadora e o bastardo no ventre dela.

— Você está... tão quieto — digo, olhando a paisagem que corre diante de meus olhos.

— O que gostaria que eu dissesse?

— Algo como: “*mãe, eu entendo os seus esforços para proteger a família*”, ou algo assim.

Primeiro ele ri, depois se concentra na estrada. Volta a me ignorar.

— Está chateado por causa da mulher que matei ou sobre ter sido inocente demais quando forneci DNA de vocês para os Boccuti? — Bufo.

— Ainda não acredito nas coisas que disse — fecha os olhos por um instante e respira fundo.

— Guilherme, você é meu filho, sabe que sou irredutível sobre as coisas que acredito. E tudo o que fiz foi somente pelo que acredito, por um bem maior.

Penso que ele está nos levando para as lojas, para comprar tudo o que pedi, mas quando passa pela cidade, ele para por alguns segundos numa praça e dá carona para um amigo que entra e se senta ao meu lado.

Reviro os olhos. Esse pessoal da máfia cada dia mais jovem, daqui a alguns anos os velhos valores vão se perder completamente.

— Olá — o rapaz, muito educado, me cumprimenta.

— Oi — aperto sua mão, ele parece vir de boa família.

Tem olho azuis límpidos, a pele alva, parece até de porcelana. Os cabelos são longos, misturam um liso que nas pontas se transformam em ondas, como os anjos pintados pelos renascentistas ou as estátuas esculpidas em blocos de pedra.

— As coisas que você disse me magoaram profundamente, espero que saiba disso — Guilherme diz.

Limpo a garganta para mostrar que não vamos discutir na frente do amigo dele.

— E espero que entenda que eu sempre esperei por esse momento, mãe, mas não era assim que eu imaginava que as coisas iriam correr... — suspira.

— Você é o meu filho favorito, Guilherme, sempre foi, desde que nasceu. É o mais parecido comigo, embora se apaixonar por aquelas mulheres fragilizou seu coração — faço uma careta. — Mas continua sendo o meu filho, independente de qualquer coisa.

— Sou? — Ele me encara pelo retrovisor, os olhos vermelhos, parece muito irritado.

— Sim — reafirmo.

— Não foi o que pareceu por tudo o que disse.

— O que eu disse? — Faço uma careta.

Verdade seja dita, tenho muitas coisas a dizer sobre Renata, Antônio e Leonardo, mas sobre Bruno e Guilherme, meu único e exclusivo problema sempre se destinou às mulheres que amaram, não a eles.

— Você me descreveu como se eu não fosse humano... e literalmente disse que me criou como um porco para o abate — não sei se é impressão minha, mas vejo uma lágrima descer pelo rosto dele, ainda assim mantém a firmeza na direção.

— O que... quer dizer? — Arqueio a sobrancelha.

— Sabe o quanto foi difícil tudo o que fiz? — Esmurra o volante, de uma hora para a outra e o carro sacode pela pista, vai da direita até a esquerda com muita agressividade.

Eu me seguro aonde posso e confiro mais uma vez se o cinto está bem colado. O amigo dele parece se divertir, fica sorrindo enquanto o carro perde o controle.

— Não, meu filho, eu não sei o que foi difícil...

— Eu o sequestrei. Estou há meses ocupando o lugar dele. Precisei levar o meu vídeo andando para aqueles imbecis para ganhar a confiança deles!^[22] — Resmunga. — Tudo isso para vir aqui e te libertar, e tudo o que você fez foi me descrever como se eu fosse uma aberração e nada mais!

— Guilherme... eu não estou entendendo...

Ou perdi alguma parte da conversa ou ele realmente está com a mente bagunçada, pois não entendi nada.

Subitamente, assim como se descontrolou no carro, ele para o veículo no meio da pista. Ao nosso redor há apenas os campos verdes, montanhas distantes, nenhuma construção até onde os olhos alcançam.

Guilhermo abre a porta do carro e sai. Assim mesmo, ele empurra a porta do carro, pisa o primeiro pé no asfalto, depois o outro, se põe de pé e sai caminhando diante dos meus olhos.

Fico anestesiada por um instante, imaginando que ele se recuperou, até o momento que ele abre a porta traseira e me encara, furioso.

— *Entendeu agora?*

— Você não é meu filho — essas palavras parecem rasgar a minha garganta. — *Onde está o meu filho?*

Observo-o bem. Eles são... *iguazinhos*.

Não há nada, absolutamente nada em sua aparência que o denuncie: a altura, o porte, o rosto, ele é completamente o meu filho Guilhermo... *mas não é o verdadeiro Guilhermo*.

— Eu pensei que era seu filho — diz com muita raiva.

— Eu lamento muito — comprimo meus lábios. — Não, você não é meu filho. *Onde está o Guilhermo?*

— Não, sou eu quem lamenta muito! — funga o nariz e limpa o rosto com a mão. — Lamento por ter passado mais de 30 anos em busca da minha mãe, sonhando em um dia poder conhecê-la, para

no fim ouvir da boca dela que não sou seu filho e fui criado apenas como um bicho para a qualquer momento ser sacrificado!

— Sinto muito — digo de profundo coração.

Deixo que ele se revolte e perca o equilíbrio o quanto quiser.

— Então esse tempo todo você tem enganado a família? — suspiro.

— Vocês são mais fáceis de enganar do que eu imaginei — volta para dentro do carro, bate a porta com força, liga o motor e volta a dirigir.

O silêncio dentro do veículo me deixa apreensiva. Mantenho o olhar na paisagem lá fora, tenho absoluta certeza de que não irei para a mansão Lamarphe, não verei meus filhos, meus netos, absolutamente ninguém.

— Eu também estou muito desapontado com você, Paola, se quer saber — a voz do mais jovem chega aos meus ouvidos.

Viro o rosto de supetão e o encaro bem.

— *Quem diabos é você?* — FRANZO a testa.

— Klaus — ele estende a mão, se reapresentando, não disse o nome no início.

— E como eu te desapontei se nem o conheço, Klaus?

Ele ri e encara Guilherme, que não é meu filho, pelo espelho retrovisor.

— Por que *eu* te prometi que se mantivesse fiel a mim, eu a protegeria e a salvaria de qualquer coisa — diz num tom muito educado. — Mas você não pensou duas vezes em me entregar, não é, Paola?

— Do que diabos você está falando, seu maluco? — O olho da cabeça aos pés.

Nunca vi esse menino por toda a minha vida, não faço ideia de quem seja.

— Normal, se não consegue cumprir uma promessa, por que se lembraria de para quem prometeu? — Se diverte.

O carro estaciona em um porto. Há um navio a nossa espera.

— Nunca conheci nenhum Klaus — reafirmo.

— Maximillian Boccuti, conheceu? — Ele me examina.

Engulo em seco e o olho mais uma vez.

Não. Não é possível. Como...?

— É, você está certa, não foi *a mim*, que prometeu — sacode a cabeça.

Abre a porta do carro e sai, o outro Guilherme sai também, eles aguardam a minha vez de ir para fora do veículo.

Klaus, ou o jovem Maximillian Boccuti vem até mim, me encara bem no fundo dos olhos.

— Entretanto, Paola, é *a mim*, que você vai pagar pela traição.



Capítulo 28

ANTÔNIO LAMARPHE

“É alegre a garoa que faz crescer a grama bela”.

— Provérbio Italiano.

Roma, Itália.

Assim que Tatiana finalizou o processo que libertou a minha mãe, a busquei e fomos em meu avião particular para Roma. A viagem foi bastante rápida e nós dois aproveitamos para dormir, porque a noite anterior não tinha sido das melhores.

Assim que desembarcamos o carro nos trouxe para o Panteão, um dos pontos turísticos mais conhecidos da cidade.

— O que estamos fazendo aqui, de novo? — Tatiana cruza os braços.

— Ele deve ter uma boa explicação, calma.

Aguardamos fora da igreja por alguns minutos até que Raffaello apareça, acompanhado de Pã e Hélio. Os dois Golden Retriever ficam cada um de um lado do homem, parecem satisfeitos pois estão abanando o rabo.

— O que vocês andaram aprontando, hein? — Me abaixo para fazer um cafuné demorado no meu cachorro.

Ele late, indicando que tem algo para me mostrar, fica agitado e aponta para dentro da igreja.

— Vamos dar uma volta — Raffaello indica com a mão, me entrega um pano pequeno.

— O que é isso? — Observo bem a peça em minhas mãos.

— Como você conseguiu? — Tatiana se joga em cima de mim, arranca o cobertor de minhas mãos. — Ela te deu?

— *Quem deu?* — Olho de um para o outro.

— Sim, Renata me entregou após você ter cumprido sua parte do acordo — acena para ela. — Também disse que você tem direito ao seu pedido, pois ela tem uma dívida com você. Já sabe o que quer pedir?

— Sei — ela diz de imediato.

— Do que estão falando? — Continuo confuso.

— Ela explica — Raffaello aponta para Tatiana. — Venham comigo! — Nos chama.

— Esse foi o cobertor que estava com nossa filha na cesta, no dia em que a deixei em frente à mansão Lamarphe — ela explica.

— *Espera...* — Paro no lugar em que estou. — Renata sabia disso?

A minha raiva só aumenta. Não acredito que ela escondeu isso de mim!

— Sabia, e...

— *Espera um minuto* — a interrompo antes que continue. — *Você deixou a criança onde?*

Tatiana é pega de surpresa com essa pergunta. Deve ter falado sem pensar e pela euforia, acabou se entregando.

— Eu... eu deixei... vamos seguir o Raffaello. — Tenta mudar de assunto.

— Não, agora você vai me explicar tudo direito, Tatiana! — digo firme e a impeço de continuar. — Como assim deixou a nossa filha em frente à mansão? Por que não me avisou? Por que não foi me ver naquele dia? Por que...?

— Eu não posso mudar o passado. Tive meus motivos, e...

— Ok, eu sei que esses hormônios todos querem entrar em conflito, mas não é a hora nem o lugar — Raffaello se põe entre nós.

Não sei como, nem por que, mas ergue um saco de pipocas quase na minha cara.

— Quer?

— Não, eu não quero. — Afasto a mão dele. — É que, estou intrigado!

— Eu também estou intrigado — ele observa.

— Ótimo — aceno.

— Não com isso. Estou intrigado porque foram séculos de guerra por causa de tempero e hoje em dia ele é vendido em saquinhos no mundo todo. — Para um momento para refletir. —

Mas é uma delícia, sabe, uma pipoquinha com um tempero pronto cheio de sódio... *hum!*

— *Raffaello...* — Cubro o rosto e respiro fundo.

Meu primo é exatamente assim, consegue tirar todo mundo do sério, principalmente eu.

— O que estava fazendo com isso? E por que nos trouxe aqui?

— Exijo saber.

— Eu achei a filha de vocês — ele revela de uma vez.

Meu coração parece que vai rasgar o peito, sinto falta de ar, mesmo que respire tranquilamente. Finco bem a bengala no chão e o encaro com seriedade, ele não pode brincar com uma coisa dessas!

— Ah, então é por isso que trouxe Pã e Hélió — fico animado e olho os dois cachorros com muito orgulho. — Eles farejaram o rastro dela com o manto?

— Eu os trouxe porque a freira que eu estou comendo gosta de animais — ele explica. — E, sim, eventualmente eu os usei para farejar rastros, mas já sabia onde procurar.

— Como sabia? — Tatiana e eu perguntamos juntos.

— Me sigam, caramba. — Ele vai na frente, come a pipoca uma a uma.

Nós vamos, nos entreolhando e brigando em silêncio, quase que nos empurrando. Raffaello nos leva para distante da multidão, acabamos entrando em uma pequena loja de bolos.

— Como descobriu? — Insisto.

— Sabe quando você está com o celular no bolso e fala algo, tipo, sei lá, *berço de bebê*, e aí quando você abre em um aplicativo de compras aparece aquilo que você disse, mas não digitou? — Ele vai dizendo sem nos olhar.

— *Hum*. — Não dou tanta atenção, não uso o celular.

— Acontece direto. E mesmo com a tela desligada — Tatiana pensa um pouco.

— É. Foi o Ethan que projetou isso e vendeu para vários lojistas internacionais, disse que isso ampliaria a vontade de compra das pessoas. — Raffaello ri e nos encara com seriedade um segundo depois. — Ele mentiu, ele usava isso para espionar as pessoas e obter respostas, informações, localizações e tudo mais — sacode os ombros.

— Ethan? — Tatiana olha dele para mim.

— Ethan Evans — Raffaello complementa.

— Tipo... o cara que morreu? — Ela põe a mão na cintura.

A resposta de Raffaello é um sorriso de canto de boca, ele simplesmente abre a porta do balcão da loja de bolos e entra. Quando percebe que não o seguimos, nos chama com a mão.

— Ethan descobriu há muitos anos que uma das famílias mais ricas do mundo estava clonando pessoas e fazendo experiências bizarras com seres humanos. — Ele vai na frente.

Desvia de padeiros, passa ao lado de fornos acesos, continua seguindo em frente.

— Eles tinham um projeto secreto dentro de outro projeto secreto, e...

— Do que ele está falando? — Tatiana me encara, apavorada.

— Eu sei lá. — Avanço e puxo o braço de Raffaello. — Do que você está falando? Não estamos entendendo nada!

— Ah — ele faz uma pausa e olha para nós dois, meio sem jeito. — Tá. Do início?

— Por favor — Tatiana diz desesperada.

— Houve a primeira guerra mundial, o conflito não foi resolvido, então aconteceu a segunda. O problema começou, digamos assim, com a partilha da África pelos países Europeus pelos bens naturais que aquele continente tinha. Uns conseguiram muito como ouro, marfim, petróleo e outros ficam com quilômetros de deserto.

Tatiana pisca os olhos devagar, tentando entender onde ele quer chegar.

— Daí vocês sabem, crise financeira, Alemanha em decadência, ascensão de Hitler, segunda guerra, União Soviética entrou no jogo, Inglaterra e EUA também e *boom!* — Ele bate as mãos. — Os aliados venceram a guerra, também conhecidos como *Nações Unidas*.

— Tá. Mas o que isso tem a ver com a nossa filha?

Ele estica o dedo indicador na minha cara, pedindo um minuto.

— Aí, União Soviética e EUA começaram a lutar para ver quem seria a grande potência mundial, tipo homem tentando medir que pau é maior, sabe?

— *Aham* — Tatiana continua catatônica.

— E aí, tanto de um lado como do outro começaram experimentos secretos para vencer uma possível futura terceira guerra. Foi um verdadeiro *vale tudo*, injetando plutônio e urânio em seres humanos, tentando descobrir como criar *super humanos*, tentando treinar pombos, morcegos e toda sorte de animal para carregar bombas...

— Adianta, Raffaello, acelera — eu peço.

— MK ULTRA^[23] era o nome do projeto dos Estados Unidos durante a guerra fria que começou em 1947 e foi até 68. Era basicamente um projeto secreto de tortura e controle mental em seres humanos para *reprogramá-los*.

— Você tá acompanhando? — Tatiana me encara, desesperada.

— Estou tentando.

— Mas o MK ULTRA não acabou em 68, só mudou de nome e foco nos experimentos. E passou para as mãos dos... — Bate em tambores invisíveis. — Boccuti, é, vocês acertaram.

— A gente não falou nada — Tatiana está de olhos arregalados.

— Eles retornaram com a ideia maluca de *super humanos*, clones, controle mental, e é nessa página que ainda estamos, *mais ou menos* — Raffaello explica. — O Ethan foi um dos últimos projetos raízes do MK ULTRA. Os pais dele foram vítimas do experimento e ele e os irmãos nasceram dentro do projeto.

— Ethan foi o que morreu? — Tatiana ainda está tentando entender.

— Só que aí, anos depois, ele tentou desmontar o projeto de dentro. O Ethan achava que ele seria tipo o professor Xavier dos X-men, só que sem ser careca e podendo andar, me entende?

— *Hum* — já desisti de entender essa merda.

— E foi aí que ele criou para o governo americano o projeto de espionagem atual que nos leva para celulares que vigiam pessoas, *tcharam!* — Abre os braços. — Pensa só, todo mundo tem celular no mundo ligado a internet, melhor vigiar as pessoas assim do que com dois marmanjos vestidos de preto na sua cola.

— É. É sim. E a nossa filha? — Tento lembrá-lo do ponto importante nisso tudo.

— Ah, sim, eu fui treinado pelo Ethan desde criança, não sei se contei essa parte...

— Não, não contou. — Tatiana o observa com suspeita.

— Pois é. Aí quando você falou que a última pessoa que sabia da sua filha era a Bárbara Cavalieri, eu meio que invadi o celular dela. Quer dizer, você não precisa invadir o celular de alguém quando essa pessoa tem redes sociais e aplicativos de compra instalados nele — Raffaello ri. — E aí gravei uma conversa dela.

— Espera — agora preciso interrompê-lo.

Olho para Tatiana com muita seriedade.

Não foi ela que disse que não haveria segredos entre nós?

— A Bárbara? Como a Bárbara foi a última pessoa a saber do paradeiro da nossa filha?

— *Ela pode nos entregar, preciso dar um jeito nisso antes que ela encontre a garota. Vou achá-la primeiro e vou fugir com o Matteo, ela nunca terá os filhos de volta.*

A voz que acabei de ouvir é, sem sombra de dúvidas, da Bárbara.

Isso me deixa sem reação.

Então por todos esses anos eu estive morando sob o mesmo teto que a mulher que sabia do paradeiro da minha filha perdida. E, pior...

— Por que ela fala “filhos”?

Tatiana parece querer matar Raffaello agora.

— O Matteo também é meu filho — ela desabafa.

— *Quê?* — Pisco os olhos rapidamente. — *Não... isso não faz sentido. Meus pais me obrigaram a casar com a Bárbara porque ela estava grávida, e...*

— Você viu o barrigão? — Raffaello entra no meio de nós dois.

— Vi fotos, ela teve uma gestação difícil, mas...

— Aí ela já chegou com a criança meio grandinha e saudável?

— Raffaello quase repousa em meu ombro, feito um papagaio, comendo sua pipoca.

— Sim, mas...

— É, seus pais estão envolvidos nisso. *Tcharam!* — Ele abre os braços de novo. — E sua mãe no novo projeto MK ULTRA dos Boccuti, que funciona desde o fim dos anos 80, mais ou menos — pensa por um instante.

Não tenho tempo para teorias da conspiração de Raffaello. O que eu quero saber é:

— Como achou a nossa filha e onde ela está? — rosno.

— Ah, eu segui a Bárbara... e ter uma freira gostosa, *com todo perdão, Deus*, te ajudando também facilita. Aí achei a criança primeiro, peguei, levei para o convento, deixei nas mãos da minha *amiga*, e agora estamos aguardando elas aqui.

— Ah, tá... — essa parte eu entendi. — Onde ela estava esse tempo todo?

— Ela foi criada por catadores de lixo, moradores de rua. Pedi que, sabe, dessem um banho na menina e a deixassem apresentável para vocês...

— Ela é minha filha. Não importa como esteja, eu preciso vê-la! — Tatiana o pega pelos ombros e o sacode. — Onde ela está?

A porta dos fundos do depósito do estabelecimento se abre. Uma mulher de aparência jovem, mas da cabeça aos pés coberta, entra primeiro. Atrás dela, uma garotinha da idade de Matteo, um pouco mais baixinha e franzina entra.

Seus cabelos crespos estão trançados e seus olhos azuis estão assustados. Ela se agarra nas vestes da mulher religiosa e nos espia, praticamente se esconde.

— Oi — Tatiana diz.

Não sei se ia se abaixar, acaba ficando de joelhos no chão e estende o braço para a menina.

Ela desaparece atrás das roupas da religiosa.

— Está tudo bem, criança, eles não vão te fazer mal — a freira diz docemente.

A menininha volta a espiar. Sem sombra de dúvidas reconheço meus olhos, assim como reconheço os cabelos, nariz, o rosto afinado, traços de Tatiana.

A garota está com um vestido rosa muito bonito e mesmo limpa, porque é óbvio que acabou de tomar banho, tem manchas por todo corpo, algumas cicatrizes e machucados também.

— Quem... — ela engole em seco. — *Quem são vocês?* — pergunta e se esconde, temerosa.

Tatiana se arrasta até ela, praticamente segura nas vestes da sacerdotisa para se equilibrar e aguarda que a menina tenha curiosidade o suficiente para reaparecer.

— Nós somos os seus pais, meu amor — diz.

Pã e Hélio praticamente saem em disparada, atrás de mim, avançam na menina e a derrubam no chão. A enchem de lambidas, beijos, *lambeijos* frenéticos, fazendo-a rir e se contorcer onde está.

— Eles são tão grandes! — Abraça o pescoço de Pã e se levanta calmamente. — São seus?

— São nossos — eu digo, me aproximo devagar. — Minha filha, estamos te procurando há tanto tempo... — suspiro.

Eu há muito menos tempo que a mãe, pois descobri recentemente.

— Onde você esteve?

— No lixão — diz com certa preocupação. — Catando latinhas e garrafas. — Mostra as palmas das mãos machucadas. — Onde vocês estiveram? — Nos encara com certa suspeita.

— O que é isso? — Ouço um barulho na porta.

— Ah! — A freira sorri, Raffaello passa na frente dela e abre a passagem.

Um cachorro vira lata de pelagem em tom caramelo vem até a menina e tenta protege-la de nós. Se coloca sempre na frente e não deixa que os Goldens se aproximem, fica entre rosnar, latir e depois chorar para a garota.

— Ela não faz mal, é uma boa garota. — A pequena abraça o bicho pelo pescoço.

— Ela é sua? — pergunto.

— Sim, eu cuido dela e ela cuida de mim desde sempre — sacode a cabeça.

Das muitas evidências que podemos ter, essa é certamente a mais curiosa, minha família sempre diz que onde há um Lamarphe, sempre há um cachorro para ajudá-lo.

— Vamos levá-la também — aviso.

— Levá-la para onde? — Agora é ela quem protege o cachorro, abraçando-o e o escondendo atrás de si.

— Para casa, meu amor — sorrio.



Capítulo 29

TATIANA MORENO

*“As mais lindas palavras de amor são ditas no silêncio de um
olhar”.*

— Leonardo da Vinci.

Eu não quis largar a minha menina nem por um momento.

Passei os últimos anos à espera desse dia e o meu maior desejo é que ele não acabe. Ao mesmo tempo que meu coração explode em felicidade e meu corpo flutua como se nenhum peso pudesse trazê-lo de volta à terra, tenho medo de ir ao banheiro só

por um instante e ela não estar mais lá. Ou até mesmo de dormir e perder qualquer segundo.

Kiara – esse é o nome que lhe dei quando nasceu – é uma criança, mas para mim será eternamente um bebê.

Não preciso de exame de DNA ou qualquer confirmação, *eu sei*, eu sinto, ela é minha. Cada parte do meu corpo diz de formas diferentes que esse pedaço perdido agora não fará mais falta.

Finalmente a tenho.

— A sua casa é bonita. — Ela olha timidamente para o ambiente.

— A nossa casa, querida — toco as bochechas dela, meus olhos não contém as lágrimas, cada vez que a vejo ou simplesmente abro a boca sinto a garganta embargada.

— Agora eu tenho uma casa — a criança diz chocada, sem acreditar.

Olha em volta, a televisão de 50 polegadas, as plantas pela sala, a mesa retangular com notebook fechado. O que mais lhe chama atenção são alguns livros empilhados na estante.

— Você gosta de ler? — Me agacho para tentar ficar na altura dela.

— Não sei ler — toca com cuidado a lombada dos volumes, são livros de direito italiano. — É tão bonito assim, no lixão só tinha folhas soltas...

Antônio se afastou por um momento para fazer ligações e eu fico desconcertada sem saber por onde começar, sem saber o que dizer primeiro, lá no fundo tenho a terrível sensação de que minha filha e eu somos completas desconhecidas.

— O que você gosta? — Sento no chão.

— Gosto de música, é tão bonito!

— Que tipo de música?

— Adele — sorri envergonhada. — Uma vez ouvi as freiras cantando e perguntei que música era e quem tinha criado...

— Matteo também adora Adele — Antônio vem devagar, com olhar suspeito, claramente processando tudo o que descobriu.

— Passei muitos dias e muitas noites chorando escutando Adele quando estava grávida de vocês. — Massageio a barriga.

Não é a melhor lembrança que tenho, pois foi um período difícil, mas é a única recordação que possuo com os meus filhos.

— *Filhos? Eu tenho...?*

— Um irmão? Sim, você tem um irmão. — Aperto as bochechas dela. — Você tem um irmão, tem uma casa, tem uma família louca para te conhecer!

Tomo cuidado na hora de abraçá-la, é uma criança franzina e delicada, ainda assim tem o olhar forte do pai e uma doçura na forma como encara as coisas, algo que deve ter puxado de mim.

— Eu nunca mais vou pro lixão?

— Não, minha filha, você nunca mais vai para aquele lugar — Antônio garante.

São tantas perguntas que tenho que fico perdida na hora de começar.

— Com quem você cresceu? Quem cuidou de você? Como sobreviveu?

Kiara suspira de um modo triste, segura em minha mão quando a estendo.

— Ninguém nunca quis ficar comigo. — Olha para o chão. — Eu comia os restos que os adultos deixavam... ou o que as irmãs entregavam...

Ela fala algumas palavras com dificuldade, não sei se por vergonha, péssimas lembranças ou por realmente não ter

aprendido.

— Eu dizia assim: *tia estou com fome, me ajuda*. Algumas pessoas me davam comida.

Tento conter a minha força na hora de abraçar sua cabeça em meu peito para não a esmagar. O nó em minha garganta só aumenta, porque essa menina viveu uma vida cruel por minha culpa.

Se ao menos eu soubesse que ela tinha sido deixada de lado...

Nunca cogitei que seria separada do irmão, mas Bárbara disse a verdade: Kiara é idêntica a mim.

Rio de nervoso em meio ao choro ao pensar que deram banho nela, trançaram seus cabelos, a vestiram para que ficasse *apresentável* para mim. Eu a amaria de qualquer jeito, meu coração tentaria arrancar minha pele e saltar para fora no mesmo instante que a visse, do jeito que a visse.

Mas teremos chance para recobrar o tempo perdido.

Eu não vou apenas dar banho em minha filha, cuidar de seus cabelos ou comprar as melhores roupas. Vou dar educação, vou fazê-la se sentir amada, respeitada, especial.

— Por que você chora, mamãe?

Ouvir ela me chamar assim me deixa ainda mais sensível e me faz entrar em um estado de culpa interminável.

— É um choro feliz — digo pausadamente.

— Como é choro feliz? — Estica o rosto para observar o pai.
— Só sei choro de dor, de frio e de fome... de medo... — vai lembrando nos dedinhos.

— A sua mãe e eu não conseguimos acreditar que te encontramos, minha filha, é isso — Antônio beija a testa dela.

Tenta encontrar uma forma de se aproximar e fazer a criança se sentir bem, mas vejo em seus olhos um misto de raiva, rancor e principalmente culpa.

Até nisso somos iguais.

— Eu pensei que nunca ia ter mamãe e papai — ela sorri para nos encorajar e tentar levantar o astral. — No lixão algumas crianças não tem...

Ao finalizar, ela simplesmente abaixa os ombros e fica quieta, sem saber o que fazer ou dizer. Ainda nos olha com um pouco de medo e incerteza, coisas que nunca mais terá na vida.

— Mas eu pensei, sabe, filha — beijo a mãozinha dela. — Eu pensei todos os dias, orei, eu chorava pedindo a Deus que pudesse

te reencontrar.

— Por que vocês me deixaram?

A inocência e o tom afiado de uma criança podem ser devastadores. E meu coração retorce, fazendo minha respiração falhar.

— A mamãe cometeu erros... — tento explicar.

— A sua mãe seguiu o coração dela — Antônio fala por cima de mim. — Por te amar tanto, a sua mãe pensou que te protegeria, garantiria seu futuro e te permitiria ser feliz se estivesse com o papai.

— Mas eu não fiquei — ela conclui, da maturidade que tem.

— É. Uma pessoa muito má tirou você de nós.

— Uma bruxa? — Ela encara os cachorros que já se tornaram amigos.

— Uma bruxa — Antônio assente.

— Igual nas historinhas? — Faz uma careta, mostrando que nem acredita nisso.

— É. Igualzinho. Mas agora estamos aqui e tudo vai ficar bem, ok?

— Ok...

— Você quer comer, filha? — Antônio analisa o estado dela.

Kiara simplesmente sacode a cabeça, quase em desespero.

— Vamos achar algo muito gostoso para você comer, por que não fica brincando com Pã e Hélio? — Estala os dedos e faz os cachorros se aproximarem da menina.

Eles a enchem de lambidas, ficam brincando e distraindo ela.

— Acha que ela me odeia? — É tudo o que consigo perguntar quando estou na cozinha a sós com Antônio.

— A sua pergunta deveria ser se eu não te odeio, Tatiana, por ter escondido isso de mim — rosna.

Fico sem reação, a boca entreaberta, as palavras flutuando na cabeça.

— Mas eu não conseguiria te odiar. Tentei muito nesses últimos anos e quanto mais o meu coração tentava se afastar de você, mais ele batia forte só ao lembrar de você. — Segura em minha cintura e me faz desabar em seu peito.

Eu choro, eu perco as forças, eu tenho vontade de sumir.

— Pare de se culpar pelo passado. Nossa filha precisa de nós *agora*.

Mesmo que as palavras pareçam duras, ele acaricia minhas costas bem devagar, encosta o queixo em minha testa e me sacode devagar, como se estivesse me embalando numa canção de ninar.

— Essa é a nossa chance de fazer tudo certo. Nós vamos recomeçar, Tati. E dessa vez vai ser do nosso jeito, sem interferências.

Concordo e limpo as minhas lágrimas.

— Eu chamei um dos médicos da família para vir aqui, precisamos ver o estado de saúde dela, vaciná-la, cuidar do peso dela, está tão magrinha...

— É, eu sei. — Cruzo os braços por um instante.

Depois me recordo que preciso fazer algo para Kiara comer, então engulo as minhas dores, abro a geladeira e pego tudo o que há de gostoso para oferecer.

— Por hora, vamos comprar algumas roupas e brinquedos para ela. O que acha de levá-la ao shopping? Deixar que ela escolha o que achar bonito — sugere.

— Tudo bem... e o Matteo? — Viro de supetão, assustada.

— Não há com o que se preocupar, ele está bem.

— Quando vamos voltar para a Sicília? Quero voltar agora —
digo desesperada.

Não quero passar nem mais um dia longe do meu filho.

Eu cumpri a minha parte do acordo e Renata me deve algo. Na máfia é assim, não é? Ela me deve, ela precisa cumprir o que prometeu.

Não quero ser juíza, não quero privilégios ou carreira, disso eu corro atrás no tempo que achar conveniente após cuidar dos meus filhos.

O que eu quero agora, acima de tudo, é ter de volta aquilo que pertence ao meu coração. Não vou dormir em paz caso seja diferente.

— Não acho que viajar agora fará bem a ela ou a você —
desce as mãos pelos meus braços, alisando devagar. — Vamos
passar um tempo juntos, cuidar dela, fazer alguns exames... é a
nossa menina, Tatiana. Enfim a encontramos!

— Eu sei — o abraço desesperadamente.

Parece que estou em TPM, não sei o que está havendo
comigo, de repente meus hormônios ficaram loucos e eu perdi o

juízo, estou à flor da pele, logo eu que sempre mantenho o controle!

— Mas e o Matteo? Não tem como alguém trazê-lo para cá?

Antônio me encara como se eu estivesse fora do meu juízo, e de certa forma estou.

— Não quero aquela mulher perto do meu filho! Eu não vou deixar que ela faça mal ao Matteo!

— Está tudo bem, a Bárbara não está na mansão, deve estar ocupada armando uma vingança contra mim — tento tranquilizá-la.

— Então quem está com o nosso filho? — Estou quase ficando louca por não saber isso.

— Não se preocupe. Guilherme está cuidando dele, você sabe como ele é responsável.

— Ok — respiro mais aliviada com essa informação.



Capítulo 30

TATIANA MORENO

“Enterro minha cabeça no travesseiro e sonho com meu verdadeiro amor... Estou remando em sua direção no grande e escuro oceano”.

— Caravaggio.

Passamos a noite e início da madrugada juntos. Liguei a TV e por mais que estivesse passando “*A Fantástica Fábrica de Chocolates*”, Kiara, Antônio e eu estávamos concentrados demais em nós mesmos, como uma família (a minha, pelo menos, costuma fazer).

Após uma longa sessão de brincadeiras e conversa descontraída para nos conhecermos melhor, levei a minha filha para um dos quartos de hóspedes que se tornaria oficialmente o quarto dela.

A coloquei para dormir e senti uma paz de espírito ao vê-la tão serena embrulhada no cobertor.

Nunca mais ela sentiria frio ou qualquer tipo de coisa que um dia lhe fez mal.

— Boa noite, mamãe.

— Boa noite, minha filha — acariciei sua bochecha e terminei de cobri-la.

Ainda sem acreditar nesse dia inacreditável, entrei no quarto e comecei a retirar meus brincos, o colar, limpei o rosto com água micelar e depois passei um creme.

Antônio entrou no quarto após seu banho, enrolado em meu roupão púrpura.

— Ainda não acredito que a encontramos — me encaro no espelho, não sei se digo mais para ele ou para mim.

— Não só a encontramos como nunca mais a perderemos — ele garante, pousa a mão em meu ombro. — Vamos decidir algumas

coisas.

— Quais coisas? — Viro para encará-lo.

— É claro que vocês vão vir morar comigo, e...

— Antônio, toda a minha vida está aqui em Roma — protesto.

— Não posso abandonar tudo o que construí todos esses anos...

— Não disse para abandonar, disse que vocês vão vir morar comigo — ele repete a informação em um tom carrancudo. — Em uma ilha segura, do jeito que sempre sonhamos, um lugar de muita paz e tranquilidade para que nossos filhos brinquem, corram, estejam longe de todo esse caos.

— E o meu trabalho?

— Você vem todos os dias de avião, assim como eu vou para Palermo todos os dias — diz como se já tivesse decidido tudo.

— Se você pensa que eu vou morar na casa que você morou todos esses anos com aquela vadia...

— Isso não passou nem por um segundo por minha cabeça. — Ele senta na borda da cama e me olha no fundo dos olhos. — Vamos achar um lugar. *O nosso lugar*. E ter a vida que sempre planejamos.

Sinto-me aliviada ao ouvir isso. Nunca que eu ia dormir debaixo do mesmo teto que a megera um dia esteve.

— E quanto a ela?

— Não se preocupe, eu vou dar um jeito nela.

O olhar de Antônio ainda tem um tom de denúncia por eu ter escondido esse tempo todo a verdade. Me alivia que em momento algum ele me questiona sobre a paternidade ou se tenho certeza de tudo o que disse nos últimos dias.

Mas faço questão de fazer um exame de DNA depois, só para manter o coração tranquilo e nunca e em hipótese alguma ser levantada qualquer questão sobre meus filhos.

Espero que a tormenta em nossas vidas tenha existido apenas até aqui e ficado para trás.

— Por que está rindo? — Me encara da cabeça aos pés.

— Eu vou acordar de madrugada só para ver se ela ainda está aqui, como toda mãe faz no meio da noite só para ver se o filho ainda está respirando — me divirto.

— Não vai não — ele sacode a cabeça.

— Vou... é uma sensação estranhamente engraçada...

— Não vai, vai estar muito cansada. — Estende a mão em minha direção.

Termino de hidratar meu rosto e a minha pele, ele mantém a mão no mesmo lugar até que eu a segure e vá em sua direção.

Antônio me puxa para que sente em cima dele, cada joelho apoiado na cama, o corpo virado em sua direção.

— Vai se casar comigo, como sempre planejamos e do jeito que deveria ter sido.

— Isso é um pedido? Não ouvi a pergunta.

— Quer se casar comigo — ele faz o pedido, sem a pergunta.

— Ainda não parece certo, Antônio...

— *Cara mia.* — Sobe a mão pelo meu colo, segura em meu pescoço bem devagar e vai me trazendo em sua direção.

Beija minha pele suavemente e me encara bem de perto, no fundo dos olhos.

— *Quer se casar comigo!*

Acho que na escola ele faltou às aulas sobre afirmações e interrogações, ou simplesmente não quer deixar espaço para que eu recuse.

Eu recusaria, sinceramente, alguns meses atrás. Recusaria se tudo tivesse corrido como planejei, mas o meu coração não me perdoaria.

— Vou te dizer porque quero que se case comigo. — As mãos descem pelas minhas coxas, apertam com força, me pressionam contra seu corpo forte. — Você é a mulher mais incrível que já conheci e viver um dia longe de você é desperdício de oxigênio.

— *Ah* — tombo a cabeça para trás e começo a rir.

— Vivi tempo o suficiente sem você, morena, e cada dia passou como uma sessão de tortura. Desde que voltou eu me sinto vivo, como só estive quando estávamos juntos e não posso fingir que existe vida longe de você.

— Nunca decepçiona, continua muito bom com as palavras — admito.

— Eu não vou questionar seus motivos, não vou julgá-la pelo que escondeu, estou confuso agora, mas confio em você porque sei que você é a melhor pessoa que já conheci. Não questione meus motivos para querer passar o resto da vida ao seu lado, pois só eu sei o quanto foi doloroso não te ter.

— Tá, agora faz em forma de pergunta — me divirto.

O riso dá lugar a um grunhido rouco quando ele me joga na cama e força o corpo por cima de mim, encarando-me tão de perto que parece que estou tentando ver o sol em pleno meio dia, não consigo ficar mais do que dois segundos com o rosto virado em sua direção.

— Tá — assente devagar, quando sobe o queixo pelo meu colo, sua barba arranha minha pele.

Chega em meu queixo e deixa um chupão demorado, apoia as duas mãos na cama e ergue o corpo, ficando acima de mim, semicerra os olhos e me observa como o céu faz com a terra seja no raiar do sol ou na mais escura noite.

— Eu vou te mostrar que sei fazer uma pergunta.

— Ótimo — concordo imediatamente.

É jogo baixo quando desce o roupão e revela o corpo grande, musculoso, os braços fortes retiram o pano sem tanta delicadeza, ele não é o tipo de homem que faz rodeios ou gosta de atrasos no que deseja.

Está completamente nu por debaixo da peça de algodão, constato isso quando joga ele longe da cama e puxa minhas pernas

com tanta força que eu prendo a respiração quando nossos corpos colidem.

Com as duas mãos bem firmes em minha cintura, Antônio me ergue até que eu esteja sentada em seu colo mais uma vez. Há um rastro de dor em sua veia na testa quando de joelhos me leva até a cabeceira da cama e pressiona meu corpo para não me deixar escapar.

Ainda me encarando, retira a minha roupa de dormir, preciso admitir que o meu pijama não é nada *sexy*, mas ele não se importa nada com isso, ele tem um botão de *liga* e *desliga* quando se trata de fazer o momento *sexy*.

— *Precisamos dormir* — tento, em vão, dissuadi-lo.

— *Não precisamos, não.* — Me olha com firmeza.

Só consigo inclinar a cabeça para trás em resposta quando a boca quente e úmida suga o meu mamilo, começa assim, quase que timidamente, até me abocanhar com firmeza e me chupar a ponto de fazer minha pele toda queimar de tesão.

As mãos dele guiam minha cintura em cima de seu pau, fazendo-me rebolar e friccionar minha vagina com demora por toda extensão da grossura que tem.

— Está pronta para a pergunta?

Não consigo nem raciocinar, minha mente já foi com Deus e eu fiquei para expurgar, ou repetir meus pecados.

— Acho que sim. — Meu coração vai na boca.

— Ótimo. — Passa a barba entre meus seios e sobe cautelosamente até minha boca.

Antes de me beijar, puxa minhas pernas para trás, fazendo-me deitar na cama. Seguro nele, na cama, em qualquer lugar que eu possa me apoiar.

— Porque eu só vou fazer essa pergunta uma vez — me alerta, desce devagar e pressiona a glândula em minha abertura, ele entra com certa facilidade, Antônio sempre foi bom no tiro ao alvo.

Para garantir que estou excitada, ele passa o dedo indicador e do meio dentro de mim, massageia sem demora e ergue os dois dedos até sua visão, analisa meu líquido e depois chupa os próprios dedos, sem tirar os olhos de mim.

Aperto os olhos e me agarro ao pescoço dele quando sinto ele empurrar o corpo em minha direção, entra tão forte que minhas pernas tremem, retraio por um segundo ao devorá-lo com tanta

rapidez e tento respirar, em vão, quando ele sai de uma vez só, deixando meu coração desregulado.

— Parece que está pronta.

Acho que nunca estive pronta e nunca estarei.

Algumas coisas na vida não são sobre o quanto você se prepara, mas a coragem que tem diante do desconhecido.

Eu vou atravessar essa fronteira que existe entre Antônio e eu, não sei o que me espera para além daqui, mas estou ciente de que não posso mais negar tudo o que ele me faz sentir.

— *Quer se...*

— Sim — interrompo antes que ele termine.

— Não, não é assim que as perguntas funcionam — ironiza tentando imitar o meu tom.

Volta ao semblante sério num piscar de olhos, afasta meus cabelos com a mão direita e respira fundo, as palavras somem de sua garganta quando dá uma estocada tão forte que eu sinto que a cama vai sair do lugar, eu vou sair do lugar, o universo vai dar uma chacoalhada.

— Podemos ficar brigando e negando a verdade, como dois adolescentes, para sempre, *morena*. Mas não podemos ir contra a

realidade, pois ela vai nos devorar.

Ou já devorou, afinal de contas.

— Nada nessa vida vai ser mais recompensador, importante e especial do que ter a mulher que eu amo junto comigo, para sempre. Nos bons e maus momentos. Não importa o quanto eu tente viver tudo o que sonhamos sozinho...

Desgraçado. Como ele pode dizer tudo isso e continuar concentrado enquanto eu estou com um negócio desses dentro de mim?

Na minha cabeça eu só consigo pensar e escutar: *pelo amor de Deus, tira esse pau. Não, não, coloca, é melhor colocar. Não, tira, por favor, tira. Não, coloca de volta agora!*

—... Só vale a pena viver meus sonhos se for com você.

— *Aham.*

— *Quer se casar comigo?*

A pergunta é acompanhada de uma estocada tão forte que me faz ver estrelas.



Capítulo 31

TATIANA MORENO

“Para estar junto não é preciso estar perto, e sim do lado de dentro”.

— Leonardo da Vinci.

No dia seguinte, realmente me dei conta de que não consegui acordar de madrugada para ver Kiara. Fiquei tão esgotada que sequer consegui levantar da cama, passei bons minutos admirando o teto, imaginando se tudo aquilo era real mesmo e por fim consegui me arrastar até o banheiro, tomei um banho quente e consegui andar feito gente.

— Bom dia, mamãe — Kiara já estava sentada no balcão da cozinha.

Faz uma verdadeira lambança e eu não me importo nem um pouco. Ela está dividida entre comer ovos mexidos, chupar uma laranja, dar uma colherada em um mamão e comer uma fatia de brioche.

O pai, muito dedicado, serve cada uma dessas coisas, Kiara aparentemente não sabe segurar um talher, então só abre a boca e come tudo.

— Dormiu bem, meu amor? — Encosto minha cabeça na dela.

— Sim e você?

— Muito bem. — Afago sua cabeça. — Bom dia, *Ant*.

— Bom dia, amor. — Ele me serve o café, brioques quentinhos e coloca diante de mim o jornal do dia.

Por mais que esteja feliz e tenha esperado esse momento a vida inteira, sinto que falta algo e é Matteo. Claro que a cozinha ficaria minúscula com todos nós aqui, mas seria aconchegante e igual a coração de mãe, sempre teria mais espaço para quem quer que fosse.

Esse apartamento foi projetado para no máximo duas pessoas viverem, por isso parece uma grande bagunça dois adultos, uma criança e três cachorros.

Após tomar café, Antônio me informa que chamou alguns joalheiros da cidade e eles trazem seus melhores anéis para que eu experimente.

Kiara fica perdida com tantas coisas brilhantes, o pai lhe dá um colar de pérolas que ela gostou muito e algumas tiaras para que ela se sinta uma verdadeira princesa.

— *Aaaaaaaah!* — Kelly grita assim que passa pela porta.

Thomaz a acompanha, grita também, bem mais fino e estridente.

Kiara e os cachorros saem correndo para se esconder e Antônio acena, pois está de saída, precisa ir resolver seus próprios assuntos, depois vamos para a Sicília.

— Meu Deus olha só para essa criança! — Kelly diz descontrolada, batendo os saltos no chão.

Pã e Hélio a observam atentos, pois já a conhecem, o outro late como forma de aviso.

— Ela é linda, não é? — Tento acalmar Kiara para que ela venha conhecer os tios.

— Uma gracinha! Que fofura! — Thomaz se ajoelha e sacode um elefante cor de rosa para ela. — Olha o que o tio trouxe para você!

— Eu nem acreditei quando você me mandou mensagem de manhã, tive que puxar Thomaz e viemos direto para cá. — Ela se senta no sofá, tenta a todo custo chamar Kiara para vir em sua direção, mas a menina está um pouco assustada com o jeito escandaloso dos meus amigos.

— E vai voltar para a Sicília por quê? Já não resolvemos tudo lá? A Paola não saiu da cadeia? — Thomaz tem mais sucesso no contato com minha filha por causa do elefante gigante que trouxe.

Pelo visto vou ter que mudar de casa mesmo, já não cabe mais nada aqui.

— Antônio me pediu em casamento. — Mostro o dedo anelar com um anel de diamante de parar o trânsito.

— *Aaaaaaaaah!* — Kelly e Thomaz gritam juntos, desesperados.

— É, parece que vou me mudar para a Sicília, mas ainda virei todos os dias trabalhar. Vocês não vão se livrar de mim tão fácil! — Sacudo a mão na cara deles.

— Olha o tamanho dessa pedra. — Thomaz segura em minha mão. — E vai vir todo dia trabalhar como?

— No avião particular dele. — Faço cara de nojenta.

— *Meu Deus, é a vitória da classe C* — Kelly aplaude. — Mas e a mulher dele?

— *Eu sou a mulher dele* — deixo bem claro. — *Aquela outra... bem... prefiro nem imaginar o que vai acontecer com ela.*

Kelly e Thomaz se divertem muito, nos atualizamos de tudo que aconteceu nas últimas semanas porque eles tinham voltado para Roma antes de mim, enquanto eu resolvia os problemas com Paola.

— Eu estou saindo com um cara. Um que conheci naquela noite que você ia fisgar o novinho, lembra? — Kelly se diverte.

— Deixa eu ver uma foto dele — encurto a conversa. — Uau!

O homem é realmente um deus grego. Ou nórdico, no caso. Tem cabelos longos, barba bem feita, uma cara de mau. Se na foto

não estivesse ao lado de Kelly, eu nem acreditaria que estava saindo com ela.

— E você? — Encaro Thomaz.

— Não, eu não, namorar é coisa pra gente feia, eu saio sentado de mão em mão... digo... — Olha desconcertado para mim, depois para Kiara, depois para Kelly. — Nossa, é fácil esquecer que tem uma criança aqui.

Kiara nem está na nossa órbita, está distraída brincando com o elefante de pelúcia e os cachorros.

— E o velho que saiu com você aquela noite, Thomaz?

— Nossa, mas aquela noite tem quanto tempo? — Põe a mão na cintura. — Minha filha, a vida da piriguete é assim mesmo, nasce, cresce, bota um shortinho bem curto e segue os mandamentos de Deus: *amar o próximo*. Então que venha o próximo — ele chama com a mão no ar.

— É, você não muda — rio. — E você e esse *viking* estão firmes? — Volto-me para Kelly.

— Sim, conversamos todos os dias. Ele mora nos Estados Unidos, veio a trabalho e continuará vindo com frequência, ele viaja

muito. — Brinda comigo com um copo invisível. — E vai me levar com ele!

— O sonho da princesa. — Fico feliz por ver que todos nós estamos bem e realizados. — Qual o nome dele mesmo? Não ouvi.

— É que você não perguntou, né, Tatiana. — Me encara com desdém.

— Claro, com um homem desses a última coisa que a gente se preocupa é o nome.

Após rirmos muito ela diz:

— O nome dele é Ayslan...

— Que nome chique — admiro.

— O sobrenome é mais chique ainda, minha filha. — Ela faz cara de quem não se aguenta.

É claro, ganhou na loteria.

— Ayslan Linkalter.

ANTÔNIO LAMARPHE

— Família Mitchell! — Abro os braços quando eles saem do avião.

Pousaram em uma pista particular de uma das famílias que serve a minha. Vieram quatro pessoas: Anthony Mitchell, o CEO da Trojan Horse Security que tem um grande projeto junto com a minha empresa; Victória Leão, CEO de uma empresa muito importante no Brasil chamada Leão&Dourado, ela é a esposa de Anthony.

O pai de Victória, Eros, também veio. E é ele quem está acompanhando um menino que deve ter a idade de Matteo.

— Sejam bem vindos à Itália! Fizeram uma boa viagem? — Aperto a mão do meu sócio de projeto primeiro.

— Excelente viagem. Bernardo estava ansioso para vir à Itália, ele não conhece ainda.

O menino que é a cara do pai, assente de imediato, de todos é o que parece mais animado.

Tento disfarçar quando olho para Victória, eu nunca tinha visto uma pessoa com um olho de cada cor, no caso dela, um é azul e outro é verde, isso é extremamente chamativo e curioso.

— O que me dizem, querem ir logo para Palermo ou desejam descansar da viagem? Já preparei e fechei um restaurante muito

bom aqui em Roma só para nós — informo.

— Almoçar seria bom — Victória segura na mão de Anthony.

— Eu preciso ligar para a minha prima Ana Clara e papai queria visitar o Vaticano. — Encara o homem de terno, pescoço, dorso das mãos e algumas partes do rosto tatuados.

— Tenho um assunto importante a tratar com a Décima Segunda Família — diz meneando a cabeça.

— Ótimo, então vamos — mostro o carro.

Nem vão precisar descarregar as coisas do avião, provavelmente desejarão ir para a Sicília nele mesmo, então me seguem.

— Ah, tem mais uma pessoa — Victória faz uma pausa.

— Que você precisa contatar?

— Não, que veio conosco. — Vira o rosto em direção ao avião.

A pessoa que vejo descer dali é ninguém mais ninguém menos do que...

— Yohanna Cavalieri. — Ela estende a mão em minha direção quando se aproxima.

— Já nos conhecemos — assinto.

Acho estranho, ela deveria estar com Dylan, seu primo, em busca da carga roubada.

— Não, senhor Lamarphe — Yohanna me examina com cuidado. — Nós nunca nos vimos antes.



Capítulo 32

TATIANA MORENO

"Qui gladio ferit, gladio perit".

("Quem com ferro fere, com ferro será ferido").

— Provérbio em Latim.

Palermo, Sicília.

Fiquei muito mais tranquila depois da bateria de exames que Kiara passou e só assim me senti confiante para voltarmos à Sicília. O médico receitou uma série de remédios para ela, em sua maioria vitaminas e organizou uma agenda para a vacinação da minha filha.

No fim da tarde chegamos em Palermo e fomos direto para a mansão Lamarphe. A primeira coisa que fiz foi encontrar meus pais e lhes contar toda a verdade, da maneira mais simples e sem levantar problemas.

Fiquei presa nessa conversa por quase duas horas, o que foi até bom porque me distraiu um pouco, pois Matteo não estava na mansão, estava com seu tio Guilherme em outro lugar.

— Como assim essa menina e o Matteo são seus filhos, Tatiana? Você ficou louca? Você nunca... — minha mãe não conseguia aceitar.

— Eu fui embora daqui antes que vocês percebessem e passei todo esse tempo afastada. Vocês não saberiam da verdade se eu não contasse.

Não sei o que foi pior para eles, ouvir essa história ou se questionaram o que me levou realmente a ficar distante da família todos esses anos.

Seria um choque imenso para eles, principalmente para o meu pai ouvir que Alberto, seu patrão, pessoa que considerava tanto, estava envolvido nisso.

— Senhora... — minha mãe abaixa a cabeça quando Renata Lamarphe entra na cozinha, meu pai fica parecendo uma estátua, sem saber como reagir.

— Posso pegar a filha de vocês emprestada por um momento? Juro que devolvo. — Me indica com o olhar para que eu a siga.

— Claro, claro, fiquem à vontade, temos coisas a fazer... — minha mãe desconversa, pega o telefone, sei que vai ligar para minhas irmãs.

Vou com Renata para o pátio onde a majestosa árvore está. A raiz é gigantesca e os galhos, dezenas deles, são firmes e parecem sonhar em tocar o céu.

— Não nevou esse ano — Renata lamenta, observa a árvore despida de suas folhas, flores e frutos. — Fica tão bonita quando está coberta de neve...

— Algum problema? — Minha voz sai embargada.

— Você cumpriu a sua parte do acordo, negociou com a Paola e ela aceitou. Tenho uma dívida com você — diz sem rodeios, me encara com um tom austero.

— Eu quero...

— Pense bem no que vai me pedir — me interrompe. — Pois só tem direito a um pedido — Renata deixa bem claro.

— Tá bem, gênio da lâmpada — rio baixinho. — *Com todo respeito, Renata, eu não podia perder a chance...*

Ela sorri delicadamente e aguarda o meu pedido.

— Quero o meu filho de volta, Matteo. Não posso permitir nem mais um dia que ele fique sob a tutela daquela mulher.

Após dizer isso parece que me livro de um peso que carreguei por anos. Enfim irei sentir um misto de paz e tranquilidade em meu coração.

— Eu a admiro muito por ter conseguido ficar longe dos seus filhos todos esses anos — segura em minhas mãos e as aperta devagar. — O meu pai, por aliança com a família Cavaleri, praticamente te exilou daqui e tudo isso aconteceu. Sei que não poderá perdoá-lo, mas como família, teremos que aprender a conviver com isso.

— Eu não tenho mais tempo para sofrer pelo passado, Renata — preciso ser sincera. — Meus filhos precisam de mim agora e o seu pai... *com todo respeito*, nem deve se lembrar de nada do que aconteceu.

— Ele se lembra — ela garante. — E lamenta profundamente.

— Lembra?

— Bem, às vezes ele diz coisas desconexas..., mas fazem sentido para mim. Ele sabia que você amava Antônio, mas ele achava que podia fazer o filho deixar de te amar obrigando-o a se casar com outra mulher — Renata comprime os lábios. — Ele errou. Ficou ciente do erro. Não pôde te pedir desculpas, minha querida, mas eu posso.

Suspiro, minhas mãos tremem. Nunca esperei que um dia alguém se desculparia comigo por tudo o que aconteceu.

— Perdoe a minha família e vamos recomeçar juntas, como família — estende a outra mão.

Eu seguro imediatamente e guardo minhas lágrimas, mesmo que meus olhos formiguem.

— Você sabe que desprezo a máfia — sou eu quem admite agora. — Mas te admiro profundamente, Renata, pois você é um exemplo de mulher.

Louca. Completamente fora da casinha e sem medo de suas atitudes; mas é honrada.

— Você tem a minha palavra de que terá seus filhos, os dois e ninguém poderá tirá-los de você. Essa é a minha dívida com você.

Aperta minha mão como se pertencêssemos a uma sociedade secreta. E me encara daquele jeito sombrio e meticuloso que só mafiosos de filmes encaram a outra pessoa.

— Devo chamá-la de madrinha? — Quase gargalho.

— “Cunhada” já me sinto satisfeita — sobe os ombros e dá uma piscadela.

Renata solta as minhas mãos e asseia meu vestido, me dá as costas e sai rebolando em direção à cozinha.

— Agora, eu preciso organizar umas coisas, logo é natal e nada pode sair errado. — Some da minha vista.

Observo em um galho alto da árvore majestosa a inscrição de “Antônio Lamarphe”, o nome seguinte está rasurado e o da sequência é “Matteo Lamarphe”. Há espaço para dois novos nomes que ainda não foram postos.

Fecho meus olhos e sorrio em silêncio, vou procurar Kiara e Antônio.

ANTÔNIO LAMARPHE

Depois de tudo o que aconteceu, precisei repassar muitas informações com Raffaello para garantir que não estava perdendo nada de vista.

Ele me revelou diversos áudios, não apenas no celular de Bárbara, mas de várias pessoas que estiveram na mansão nas últimas semanas.

Algumas descobertas simplesmente me tiraram do eixo e me deixaram absorto.

— Você me chamou? — Dylan dá duas batidinhas na porta, depois entra na biblioteca.

— Sim, eu te chamei, feche a porta. — Observo as estantes cheias de livros.

Lá fora os campos não estão cobertos pela neve branca, mas faz frio, por isso todas as lareiras da casa estão acesas. A mansão tem ar condicionado, mas Renata insiste em manter o ar rústico que a propriedade tem.

— Ainda não achamos as suas armas, mas a Yohanna...

— A sua irmã é quem está com as minhas armas — o interrompo, não estou aqui para ouvir ladainhas.

— Bárbara? — Faz uma careta. — Não. Não é possível, ela...
por que ela pegaria suas armas?

— Se antecedeu para me chantagear, mas falhou. — Dou uma volta ao redor de Dylan, encarando-o bem de perto.

— Irmão, eu não tive nada a ver com esse roubo.

— Não, não teve — concordo, sei que ele não tem culpa nisso.
— Mas quando iria me dizer que a sua prima Yohanna não é a *verdadeira* Yohanna?

Dylan levanta as sobrancelhas grossas com rapidez, mas abaixa suavemente. Limpa as mãos uma na outra e as guarda nos bolsos do sobretudo.

— Do que diabos está falando, Antônio?

— Dylan, *eu sei*.

Agora é ele quem tenta me analisar, não demonstra expressões por cinco segundos e depois cai na risada.

— Você está brincando, não é? É a Yohanna. Você sabe, minha família tem uma parte aqui na Itália e outra nos Estados Unidos...

— Sim, eu sei disso — confirmo, pego o copo de whisky em cima da mesa de leitura e dou um gole generoso. — Mas a *sua*

Yohanna não é a *verdadeira* Yohanna.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que quando sequestrou Layla^[24], Terence Smith^[25] a manteve em seu cativeiro, junto com outras mulheres e a criança. Ele pegou material genético daquela criança e a *clonou*.

Dylan ri na mesma proporção que sacode a cabeça.

— Escuta o que você está falando, porra! — Me dissuade com a mão aberta. — Quem te disse tamanha idiotice?

— *Eu* — a voz feminina suspira.

Yohanna está sentada lá no canto, num banco encostado na parede, perto da cortina, uma parte escura da sala. Agora que fez silêncio, Dylan escuta o *créck* da pipoca de Raffaello, que está logo ao lado dela.

Primeiro fica sem reação.

Depois anda corajosamente até a mulher e a encara por um tempo, depois volta até mim.

— O que significa tudo isso? — Cruza os braços.

— Vai dizer que não sabia?

— Não, Antônio, eu não sabia! — Se exaspera. — Se aquela não é minha prima, quem é então? *Quem é essa garota que é idêntica a minha prima?* Até onde sei, ela tem um irmão gêmeo, não uma irmã gêmea.

— É um clone, já te disse.

— Que porra de clone! — Dylan me dá as costas. — Para de brincar comigo, Antônio! Você sabe quem eu sou! — Bate no peito. — Nos conhecemos desde crianças! Eu cresci junto contigo! — Agora bate no meu. — Olha no fundo dos meus olhos e me escute: *eu não sei do que você está falando.*

Estou cego de raiva, mas preciso ser justo: está dizendo a verdade.

Claro que, Dylan escondeu algo de mim todos esses anos, essa não seria a primeira vez. Por isso preciso tirar a prova e perguntar-lhe diretamente sobre algo.

— Continue olhando para mim — ajeito o sobretudo dele, os botões, a gola, fixo minhas pupilas nas dele. — E me diga a verdade, já que estamos sendo francos...

— Sim.

— Foi você quem fez essa merda comigo? — Indico minha cabeça para baixo.

Dylan tenta se afastar.

— Foi você quem fodeu a minha perna? — rosno, o seguro com brutalidade e o trago de volta. — Foi você que me apagou e furou minha perna e joelho com uma barra de ferro até eu perder todos os movimentos? Foi você?

Dylan me segura do mesmo jeito selvagem, só que na tentativa de me afastar. Me empurra na mesma proporção que eu o puxo.

— Quem te disse essa merda?

Não falo nada, apenas tiro o celular do bolso e deixo que a gravação que Raffaello me entregou, toque:

— *Bárbara, você está se arriscando demais. Não deveria enfrentar o Antônio!*

— *Ah, então só você pode, Dylan? Ou se esqueceu que foi você quem o aleijou ao mando do papai?*

— *Cala a sua boca, porra, e me escute!* — Ele rosna.

É tudo o que preciso que ele ouça da gravação. Provavelmente não estavam discutindo sobre as armas, então, já

que Dylan não sabia de nada. Ou era a questão do divórcio ou outra coisa.

— Sim, fui eu — admite, torna a me empurrar.

Sinto meu estômago gelar.

Então ele não sabia do clone, estava dizendo a verdade. Mas foi ele. Ele quem fez essa merda comigo. Eu perdi a chance de ser o chefe da máfia, liderar toda essa merda, ser o melhor homem dessa família porque o meu melhor amigo destruiu a minha perna.

— Por que, Dylan? — A voz mal sai.

Não consigo acreditar. E isso é tudo o que preciso saber.

Ele dá algumas voltas no próprio eixo, pensa em diversas formas de me contar, mas acaba sendo assim:

— Para me iniciar na máfia, meu pai queria que eu te matasse.

— *Ah, o seu pai, o atual consigliere da minha família* — assinto.

— *O braço direito do meu pai.*

— É. O meu pai. Na sua família para ser iniciado na máfia vocês tem rituais, certo?

Aceno com a cabeça.

— A minha também. Nós matamos nossos melhores amigos, é isso o que fazemos. Por que nada pode ser mais sagrado do que nossa família.

— *Você era minha família, seu puto!* — Aponto o indicador.

— E você a minha! — Ele devolve. — Por isso não te matei! Por isso apenas fodi com a sua perna, assim eles me iniciaram, mas nunca me permitiram ocupar um cargo alto, sabe por quê? — Ri em deboche. — Por que eu não fui macho o suficiente para cumprir o ritual!

— Então a culpa por você não ser o chefe da máfia da sua família, *é minha?* — Sou eu quem debocha agora.

— Não, Antônio. É *minha*. Por que você é meu irmão e eu seria incapaz de te matar.

— Incapaz de me matar, mas furou a minha perna e joelho oito, nove vezes? — Não tem como não rir.

— *Escuta* — Dylan segura em meus ombros. — Eu estou do seu lado agora. A Bárbara está errada, ela te roubou, vamos achá-la e resolver tudo. Não vou te trair, estou contigo nessa. E eu juro, eu juro por tudo o que é mais sagrado, Antônio, eu não sabia que a minha prima Yohanna na verdade não era minha prima...

O pior é que eu acredito.

Acredito em absolutamente tudo o que ele diz.

Cresci junto com ele. Vivi momentos sublimes e terríveis ao lado dele, dividindo segredos, meus medos, abrindo meu coração de verdade, pois quando Tatiana foi embora, ele foi o único que sobrou que realmente me entendia.

Mas agora sei toda a verdade, cristalina como ela é.

A verdade é como luz, com ela é possível ver tudo, mas sombras se projetam e são apenas elas que chamam a minha atenção agora.

— Ei, cara — asseia os cabelos, limpa o suor do rosto e mantém a pose de galã. — Sou eu, o Dylan. *O seu braço direito*. Eu vou contigo para o céu e para o inferno. *Por favor, Antônio* — ele implora. — Me perdoe.

Preciso encará-lo em silêncio para garantir que está dizendo a verdade.

Sei que está. *Mas será mesmo?*

O que é verdade para ele? Pois todos esses anos me omitiu que foi ele quem destruiu todo o meu futuro.

— Você acha que um dia... será capaz de me perdoar? —
Insiste.

— Dylan...

— Eu faria qualquer coisa, irmão, qualquer coisa...

— Qualquer coisa? — Seguro nos ombros dele.

— Qualquer coisa — garante.

Fecho os olhos e assinto. Respiro fundo, não sou uma pessoa ruim, mas ele tirou de mim o futuro brilhante que eu tinha. Dylan sempre soube que eu era o melhor corredor, o melhor atirador, o mais hábil de todos os meus irmãos e primos para escalar, me infiltrar, descer desfiladeiros... Com uma perna inútil ele arrancou das minhas mãos uma parte de mim que eu nunca mais teria.

— Qualquer coisa — ele repete.

Assim que diz a última palavra, eu empurro seu corpo com todas as minhas forças para dentro da lareira.

Quando tenta sair, seguro em seu pescoço e o forço a beijar as chamas, ele grita tão alto que meus ouvidos doem e até as labaredas trepidam desconfiguradas com o fôlego, sopro e clamor que lhe é tomado.

Ele tenta usar as mãos para me impedir, depois tenta usar as mãos para proteger o rosto, o que só piora sua situação. Tateia as laterais da lareira, tenta pegar impulso para sair, mas eu não permito.

Ele precisa ficar mais um tempo para aprender a lição.

Arranco-o do fogo como um salva vidas arranca alguém da água, segundos depois.

Preciso mantê-lo de pé, arrasto-o ao espelho mais próximo e mostro seu rosto derretido, desfigurado, não há mais pele, cabelo ou qualquer sinal de que o meu amigo, o meu melhor amigo é o homem mais bonito de toda Itália. Perdeu a sua melhor qualidade.

Espero ele me encarar e mostro o quão sério estou falando. Me concentro no aperto que faço na nuca para que se mantenha de pé e olhe para o que se tornou, uma hora ele vai ter que se acostumar com o próprio reflexo.

— *Antônio!* — Ele diz, sua voz parece que está entrando, não saindo.

— Calma, meu amigo — massagueio seus ombros.

Dou uma boa olhada, admirando meu trabalho. Imagino que foi o que ele fez, quando me aleijou.

— *Agora você está perdoado, Dylan* — solto-o de uma vez para o chão.



Capítulo 33

ANTÔNIO LAMARPHE

"Beati monoculi in terra caecorum".

("Em terra de cegos, quem tem um olho é rei").

— Provérbio em Latim.

Passada a emoção na biblioteca, Raffaello, Yohanna e eu descemos para a sala de jantar para nos reunir com a família.

Renata pediu que juntassem as mesas lá de fora aqui dentro, formando uma longa mesa retangular onde meus irmãos, suas mulheres, filhos, primos se sentaram, Renata tinha algo a dizer.

Também havia nossos ilustres visitantes dos Estados Unidos: Anthony Mitchell, Victória Leão, Yohanna Cavalieri.

— Obrigada por virem, o jantar não vai decepcionar — tilinta a colher na taça para chamar a atenção dos que ainda não tinha cativado. — Bem, como todos sabem, agora fazemos parte de algo muito importante, pois somos a Décima Terceira Família da Colmeia.

As conversas paralelas vão se calando e todos, enfim, prestam atenção nela.

— Por muitos anos nós servimos a várias famílias até que a nossa tivesse poder, influência e dinheiro o suficiente para se sustentar sozinha. E com grandes poderes, vem grandes inimigos. — Levanta a sobrancelha. — Internos e externos.

— Onde está o Guilherme? — Tatiana cochicha para mim, ajeita nossa filha na cadeira.

Kiara está eufórica, não devia ter imaginado que sua família era tão grande e com muitas outras crianças para ela brincar.

— Ainda não chegou. — Aperto a mão dela por cima da mesa.

— Gostaria de lembrar a todos o lema dessa família: *sangue e honra*. Preciso que guardem isso em seus corações agora, mais do

que nunca, porque precisamos da família unida neste momento — Renata continua.

Explica brevemente que o senhor Cavalieri foi destituído do cargo de *consiglieri* da família e no lugar colocaria um dos homens mais leais ao meu pai, praticamente criado por ele desde criança, Ruslan, a quem chamamos de *o russo*.

Ruslan cresceu conosco e certamente é um dos homens mais inteligentes – e debochados – da família.

A escolha de Renata só tem um furo: Ruslan é um grande cafajeste, mulherengo assumido, vive mais no puteiro do que na própria casa. E todos sabem que para ocupar um cargo tão importante, precisamos de alguém com ar conservador, que remete aos valores da família e moral.

Coisa que ele não tem, não é e nunca será.

Trabalha como advogado para o banco do Vaticano, conhece os podres de todo mundo na Itália, tem uma vida séria e comprometida pelo dia, mas a noite se torna um *bom vivant*.

Bem... está aí mais um desafio para Renata lidar.

— Bem, e quanto ao grande discurso que faremos ao anunciar nossa nova tecnologia, nós... — Levanta a taça em direção a

Anthony, depois para mim, mas é interrompida pela chegada de Guilherme.

— Desculpa — Yasmin, sua esposa, diz e vai andando na ponta dos pés até se sentar em seu lugar, traz consigo os dois filhos que são bebês.

Guilherme traz em seu colo Phellippo, seu primogênito.

Dou uma nova olhada e espero que mais alguém entre, mas não acontece.

— Vou explicar a todos vocês o que é essa tecnologia antes que...

— Onde está o meu filho? — interrompo Renata e me dirijo a Guilherme.

— Seu filho? — Arqueia a sobancelha e me olha com estranheza.

— Matteo. Estava com você. Onde está?

— E a Paola — Renata aproveita que foi interrompida em seu discurso, cruza os braços e encara nosso irmão.

— Do que estão falando? — Guilherme bufa, característica de seu mal humor. — Eram para estar comigo?

— Sim, Guilherme, eu te mandei mensagem antes de ontem, e...

— O meu celular foi roubado — ele me interrompe antes que eu conclua. — Estou sem celular tem uns 6 dias pelo menos...

— O quê? — Tatiana já fica desesperada ao meu lado. — Onde está o Matteo?

— Onde está a nossa mãe? — Bruno se levanta, Leonardo aproveita para se impor também.

— Me escutem — Guilherme estende a mão em nossa direção. — Eu fui buscar a Paola, mas quando cheguei lá, ela já tinha saído, pensei que a Tatiana tinha...

— *Eu?* — Põe a mão no peito, ofendida. — Eu não, eu entrei com os papéis da soltura e nada mais, depois fui para Roma resolver outro assunto!

— Então quem está com a Paola? — Guilherme rosna.

— *Quem está com o meu filho?* — Tatiana se impõe.

Tudo fica tão confuso e todos falam ao mesmo tempo que eu preciso bater com a palma da mão aberta na mesa para silenciar a todos.

— Alguém aqui viu o Matteo? E se viu, qual foi a última vez que viu o meu filho?

— Ele estava aqui na mansão mais cedo, antes de vocês chegarem — Marianno, meu primo, larga a taça de champanhe e me observa por cima das cabeças. — Acho que a Bárbara veio e o pegou, cara, eu não sabia que vocês já tinham se separado, senão eu tinha pego o menino...

— Quê? — Tatiana empurra a cadeira e se levanta. — Vamos atrás do nosso filho agora!

— E a Paola? Ela deveria estar aqui, você me disse que estava com ela! — Renata aponta para Guilherme.

— Eu já disse, o meu celular... — antes que ele volte a falar essa merda, bato forte na mesa novamente.

— Escuta aqui, Guilherme! — Levanto-me, apontando o dedo indicador para ele.

— *Ai, ai, os pingos de chuva* — Raffaello ri baixinho, depois se estica na cadeira e deita os braços na mesa.

— Eu posso confirmar o que o Guilherme diz — Yasmin sai em sua defesa. — O celular dele foi roubado e passamos praticamente todo o tempo juntos. A última vez que vi o Matteo...

— Antes de saber a última vez que viu o Matteo, eu gostaria de te perguntar a última vez que viu o Guilherme — Raffaello permanece imóvel enquanto ela responde.

Yasmin raciocina a pergunta dele, no fim só solta um:

— *Quê?*

— Tá. A última vez que você viu o Matteo, *blá blá blá*, beleza, isso não é importante.

— Peraí, isso é importante sim, é o meu filho — Tatiana se revolta.

— Mas qual foi a última vez que viu o Guilherme, seu marido?

— Aqui. Agora. Nesse instante — Yasmin dá uma boa olhada nele. — Você não o está vendo?

Raffaello tem um jeito irritante de se sentir o sabichão e é normal que faça perguntas sem pé nem cabeça, entendendo o estresse de Yasmin. Mas a prioridade aqui agora é outra.

— Essa família tem umas tradições bem idiotas, mas que sempre são seguidas, porque mostra nosso compromisso com ela — Raffaello meneia a cabeça, olha para cada um de nós sentados na mesa. — Guilherme, onde está Perseu?

— Quem? — Yasmin faz uma careta.

— A sua mulher não sabe quem é Perseu? — Meu primo se diverte.

— Raffaello, nós estávamos atrasados, e eu não ia me preocupar de trazer meu cachorro...

— Certo, então eu vou facilitar a pergunta para você — pega a faca e garfo no prato e começa a cortar lentamente o pernil suíno.
— De que raça é Perseu?

O sorrisinho dele de vitória ao perguntar isso é impagável.

Atrás de cada cadeira de um Lamarphe estão seus cachorros. O meu é um Golden retriever, o de Renata é um beagle, o de Bruno é um husky siberiano, de Leonardo, meu irmão gêmeo, um labrador retriever, o de Ruslan é um dálmata e de Marianno é um doberman.

Todos os outros primos, as crianças, as esposas e maridos dos Lamarphe, *todos*, sem exceção, a não ser Tatiana, tem um cachorro.

— Eu te devolvo a pergunta — Guilherme estica a cabeça. — Onde está o *seu* cachorro?

Raffaello dá uma risada generosa enquanto sacode a cabeça.

— O meu cachorro, Guilherme?

— É, sabichão, o seu cachorro — o desafia.

— Olha, “Guilherme” — faz as aspas com os dedos levantados. — Não me faz estressar contigo, cara. Vou dar três tapas na tua cara, um tiro no teu pé, uma facada nas tuas costas e ainda amarro um barbante nas tuas bolas e faço de sino de Belém.

— Onde tá o cachorro dele, papai? — Kiara me puxa pelo terno e cochicha, aponta para Raffaello.

— Ele não tem cachorro, filha, tem um papagaio — explico.

O que não é segredo nenhum para ninguém dessa família, Raffaello sempre teve um papagaio que late e isso sempre foi tão surreal que os mais velhos aceitaram – verdade seja dita, Raffaello sempre fez o que lhe deu na telha, então aceitando ou não, ele continuaria com o papagaio.

— Está com o Ruslan — Guilherme semicerra os olhos e suspira, mostrando cansaço.

— Sim, me perdoem, não sabia que deveria trazê-lo — Ruslan se desculpa quando é mencionado. — Mas também, desde que chegou você não foi buscá-lo, Guilherme.

— Eu não perguntei onde estava, perguntei a raça — Raffaello repete.

— Se eu não fosse o “Guilhermo” por acaso saberia onde o cachorro está? Com quem deixei? Não seja estúpido, Raffaello, Perseu é um pastor alemão! — diz, por fim.

Lentamente cada um de nós que se levantou retorna ao seu devido lugar. Tatiana segura em meu braço para chamar minha atenção sobre nosso filho, mas antes que conclua, novamente o meu primo interfere:

— Tira a camisa.

— Quê? — Guilhermo lhe lança um olhar de desafio. — Pra quê?

— Quero ver suas costas.

— Com todo respeito, primo, Renata quer dizer algo importante e agora temos outras urgências, saber o paradeiro da Paola e do Matteo... — meu irmão diz e concordo com ele de imediato.

— Por que ele quer que seu irmão tire a camisa? — Tatiana está tão absorta quanto eu.

— Você pode ter aprendido, não sei como, o nome e a raça do seu cachorro. Tudo bem, acontece, é algo visível e notório, todo

mundo aqui tem um, então se você fosse um *falso Guilherme*, seria a primeira coisa que tentaria descobrir — diz sua tese.

Meu irmão revira os olhos.

— Mas tem coisas específicas que não se veem. E ninguém diz. Como por exemplo, todos nessa mesa sabem que alguns Lamarphe tem uma marca de nascença nas costas. Eu tenho a minha — sacode os ombros.

— Então mostra — Guilherme o desafia.

Um *strep tease* na hora do jantar era tudo o que não queríamos, mas Raffaello faz questão. Tira o terno, desabotoa a camisa social, vira de costas e mostra a marca de nascença que alguns de nós tem. Os antigos diziam que quando uma criança nascia com ela era porque moraria fora da Itália.

A marca é uma mancha que é idêntica ao mapa da Itália. É algo curioso, eu por exemplo não tenho, a maioria aqui não tem, a não ser os que moram fora do país.

— Vê? O mapa da Itália? — Raffaello se orgulha de mostrar a marca, depois se senta. — Agora mostra a sua.

— Ok, isso já foi longe demais — Yasmin interrompe. — Estamos discutindo algo tão bobo quando uma criança está

desaparecida!

— Obrigada! — Tatiana a apoia.

— Com todo respeito, Renata, poderia finalizar o seu discurso depois? Vamos todos procurar o Matteo, por favor — ela pede.

— Vamos — Raffaello concorda. — Mas primeiro, mostra a marca, Guilherme.

— Cara, não seja idiota...

— *Mostra a sua marca, Guilherme* — agora sou eu quem exige, pois estou cheio desse papo infrutífero.

Com todo o ódio que acumulou em seu coração desde que chegou, meu irmão arranca o terno e o joga em cima da mesa. Segura firme no primeiro botão da camiseta e abre lentamente.

— Eu juro por tudo o que é mais sagrado, se você não tiver essa marca, eu mesmo irei fazê-la em você — Raffaello diz entredentes.

Guilherme continua o seu trabalho, tira até o último botão da camisa social, nos encara com ar de incredulidade.

— Então é isso? Vão me obrigar a tirar a roupa na frente dos meus filhos e das crianças? Vocês não têm vergonha?

— Não — Renata diz por cima dele. — Mostra logo a marca e vamos encerrar esse assunto, procurar Matteo e voltar para o jantar.

— Ok, já que vocês insistem — quando está prestes a tirar o primeiro braço da camisa, ele se levanta da cadeira de rodas subitamente, o que deixa todo mundo apreensivo.

Os rostos vão virando na direção dele conforme corre. Raffaello, que é o único tranquilo no meio de tudo isso, se levanta calmamente e lhe lança a faca que tem em mãos, mas tudo o que consegue é acertar e estilhaçar a janela de vidro atrás dele.

— Leonardo! — a mulher dele grita quando Guilherme pega Lola pela parte superior do vestido, arranca a menina da mesa e a coloca na frente do seu corpo, como refém.

— Me escutem — rosna. — Se tentarem algo eu mato a menina.

— *Guilherme?* — Leonardo rapidamente pega a arma em sua cintura.

Acho que cada um de nós teve essa reação. Também estou com a mão na minha, rapidamente observo que Renata, Bruno, Marianno, todos, exceto Raffaello que está parado com as duas

mãos apoiadas na mesa, estão com suas armas em punho ou prontos para pegá-las.

— Eu vou sair daqui e ninguém fará nada — ele diz.

O mais inusitado em toda essa situação é que Lola não está chorando ou assustada, não. Ela está com o garfo na mão com um bife gigantesco preso nele, dá uma mordiscada e mastiga bem devagar, encarando todo mundo, na outra mão, talvez por reflexo ou falta dele, tem a faca que estava usando para cortar a carne.

— Onde está a Paola? — Renata rosna.

— Onde está o meu filho? — Exijo saber.

— Eu ainda quero ver suas costas — Raffaello aponta o indicador. — Por que se essa marca não estiver aí, seu clone maldito do caralho, eu mesmo vou fazer e te entregar de volta para o laboratório de onde veio!

Guilhermo acena em negação.

— Engraçado... esperei tanto tempo para conhecer a minha família e agora vejo que vocês não são a minha família.

— Não somos mesmo, resto de DNA humano, agora tira a camisa e mostra as costas — Raffaello continua.

— Eu vou sair daqui em segurança e ninguém fará nada — volta a ameaçar. — *Senão...*

— Ah, pelo amor de Deus, vamos acabar logo com isso — Raffaello se irrita de uma vez. — Lola, faz um favor para o tio e mostra que você é uma Lamarphe de verdade!

A menina que a todos estava encarando, meio estupefata por estar no ar e concentrada demais em seu bife, primeiro termina de mastigar. Depois joga o pé para trás e dá um chute bem em cheio no saco de quem a está carregando.

Não fosse o suficiente para soltá-la, Lola crava o garfo e a faca na perna do falso tio.

— Coitado, ele acha que vai sequestrar uma criança Lamarphe, mal sabe que elas são as piores... — Raffaello ri.

Guilhermo larga a menina e sai mancando com dificuldade.

Leonardo e a esposa correm em direção a Lola para ver se ela se machucou, mas a criança está ocupada demais mastigando sua carne.

— Filha, você está bem? Está com medo? Conta pra mamãe?

— A minha carne virou ruim não presta mais! — diz nervosa olhando a comida que está no chão.

— Papai vai pegar outra pra você, meu amor. — Meu irmão a traz de volta para mesa.

— *Vadabungo* — a criança amaldiçoa o falso tio sacudindo a faca de cortar carne no ar.



Capítulo 34

ANTÔNIO LAMARPHE

“O humor não é coisa da juventude. O jovem tem força criadora, elã, paixão, entusiasmo e ímpeto, uma coisa que depois você tem menos. Depois você tem a experiência, e o humor é da experiência”.

— Jorge Amado.

— Não se assustem, nós somos mais civilizados do que isso
— tento explicar para nossos convidados americanos.

— Não somos não — Renata bate o salto alto em um irritante *tec, tec* e sai na minha frente.

Raffaello, Bruno e Leonardo estão há cinco minutos tentando arrombar a porta do quarto que o falso Guilherme se trancou. Yasmin, esposa do meu verdadeiro irmão, está desolada, desesperada, precisaram sentá-la e fazê-la beber uma água.

Anthony Mitchell não parece surpreso com toda essa loucura, Victória também não. Seu filho Bernardo está sentado junto com Phellippo, Kiara, Lola, os outros primos e os bebês Maianne e Amauri, filhos de Guilherme e Yasmin.

— Ele pediu para você ficar de olho nisso — Yohanna me entrega o celular de Raffaello. — Desde que ouviu sobre a Bárbara ter estado aqui cedo, ele colocou os drones atrás dela e está tentando mapeá-la pelo GPS do celular.

— Ok — agarro-me ao aparelho como se minha vida dependesse disso.

— Onde está nosso filho? Descobriram? — Tatiana me agarra pelo braço.

É outra que precisaram sentar, colocar um ventilador de frente e oferecer água, porque passou mal.

— Confie em mim, *cara mia*, nós vamos resolver isso. Temos drones e alguns homens atrás dela, e...

— Precisamos ir nós mesmos, só assim vamos achá-lo — diz nervosa.

— E nós vamos, ela não pode ter saído de Palermo ainda, Renata já mandou bloquearem as estradas e nenhum avião sai ou sobe daqui se ela não der a permissão.

A minha família pode ser uma grande bagunça, mas tem uma gerência. Quando se trata de poder e domínio, temos absoluto controle sobre estradas e pistas de voo, por exemplo. Não importa onde Bárbara se esconda, vamos achá-la e fazê-la pagar.

Meus pensamentos são interrompidos por um estrondo gigantesco.

Todos, cachorros, crianças, adultos se aglomeram na sala e observam Raffaello e Bruno arrastando o falso Guilherme para fora da mansão.

Sou o primeiro a acompanhá-los.

— Onde está a Paola? — Bruno o sacode pela camisa aberta.

O outro ri, mesmo quando leva dois socos na cara.

— Onde está o meu filho? — Antes de terminar a pergunta eu chuto a boca dele.

Preciso me equilibrar na bengala na sequência, mas o desequilíbrio vale à pena.

— Muito longe daqui, eu espero — ele ri, o sangue escorrendo de sua boca.

— *Ora, seu!* — Quando avanço mais uma vez, meu primo me interrompe com a mão aberta.

Alguém o “Guilherme” e abre o porta malas de seu carro, de onde tira um cabo de aço junto com uma corrente de três metros, amarra os dois às algemas.

— Espera um minuto — dou uma volta no veículo, estava achando estranho uns grunhidos. — Você tem uma pessoa nua colada em cima do seu carro? — Observo a cena.

Tem um homem em cima do capô do carro de Raffaello. Suas mãos estão coladas nos para-brisas, seus joelhos fazem a curva perfeita para que suas pernas e pés estejam na parte inferior da frente^[26].

— Legal, né? — Raffaello liga o veículo e faz os para-brisas se mexerem.

Por consequência, as mãos do homem acenam.

— *Legal* — digo meio anestesiado, tem tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo que não consigo processar mais nada. — Ei, por que amarrou o Guilherme aí?

— O que eu falei?

— Sei lá, você fala muitas coisas, igual a um papagaio!

— Ele não quer ser o Guilherme de verdade? — Entra no carro, põe o cinto de segurança e segura firme no volante. — Então ele vai ser um Lamarphe de verdade com um maldito mapa de Itália nas costas dele.

Não sei se termina de dizer as palavras ou não, só sei que dá a partida no carro com tanta velocidade que o homem atado às algemas e correntes não tem outra opção além de ceder ao puxão do veículo, tenta correr para alcançar, mas logo acaba sendo arrastado no chão.

Não é a melhor cena para ser vista, então mando todas as crianças e cachorros voltarem para dentro da casa imediatamente.

— Raffaello perdeu completamente o juízo — digo para Renata.

Ele arrasta pelo chão de pedras o Guilherme, arranhando seus braços, seu tórax, suas costas, pernas, não o deixa apenas

ensanguentado, deixa-o todo sujo.

Dá vários cavalos de pau com o carro numa maestria que impressiona, praticamente joga o homem como se fosse algum tipo de bola de *ping pong*, de um lado para o outro.

— Quem perdeu o juízo foi quem implantou esse farsante aqui — minha irmã responde, cruza os braços. — Isso é guerra, Antônio. E eles tinham implantado um Cavalo de Tróia aqui dentro...

— Sim, mas na frente dos nossos convidados? — Mostro com o rosto os americanos.

Parecem estranhamente entretidos.

Minha atenção é completamente roubada quando o celular dá um apito estridente.

— *Filha da puta localizada* — uma voz feminina, doce e robótica diz.

Primeiro eu rio do que diz, depois aceno para que Raffaello pare, Tatiana que estava grudada em mim todo esse tempo fica dez vezes mais eufórica.

— Aqui! A encontramos! — Mostro o celular para ele. — Ela está em movimento, nessa avenida.

— Quer ir atrás dela? — pergunta.

— *Agora!* — Tatiana exige, entra no carro.

— Entra aí, bonitão — buzina para mim.

— Raffaello, tem um homem algemado ao seu carro que você arrastou por toda a frente da propriedade — tento ser a voz da razão. *Eu. Logo eu.*

— Vamos levá-lo para passear — sacode os ombros. — Vê aí se ele já tem o mapa da Itália nas costas.

Nem preciso ver. O que esse homem tem é hematomas.

— *Não.*

— Então vamos, só solto ele daí quando tiver um mapa nessas costas.

— Raffaello, ele vai morrer no meio do caminho.

— Vai nada, no caminho a gente compra um travesseiro pra ele deitar a cabeça e tudo fica bem. — Buzina ainda mais alto. — Família linda, meus amores, foi um jantar maravilhoso, é sempre bom estar aqui com a melhor companhia do mundo, as mulheres mais belas e os meus primos a quem carinhosamente chamo de *a tropa da terceira perna* — bate no peito.

Cubro o rosto com a mão e guardo o riso.

— Essa doida sequestrou uma criança da nossa família, não é por nada não, mas eu acho que todo mundo deveria ir, inclusive as crianças, uma excelente oportunidade para que treinem tiro ao alvo...

— *Raffaello* — eu o repreendo assim que entro no carro.

— Então é isso, voltamos mais tarde, um beijo pra quem fica!

Buzina mais uma vez, dá uma volta no carro e faz o homem nu, torrado de sol e com muitas manchas na pele acenar, quando move o para-brisa e dá a partida em direção ao portão.

Alguns carros nos seguem, é claro.

O barulho e sacudida que o carro faz, como se tivesse passado por cima de alguma coisa, me faz esticar o pescoço e tentar olhar o pobre coitado que está algemado lá atrás.

— Como acham que o Matteo vai reagir quando descobrir que tem uma irmãzinha? — *Raffaello* sorri docemente, olhando Tatiana pelo espelho.

— Eu... — balança a cabeça, absorta. — Eu espero que ele adore... e que um dia ele me desculpe e me aceite como mãe.

— Ele vai, sim — liga o rádio, mas não parece estar passando nada interessante. — Quando dirijo gosto de escutar KPOP, alguma

sugestão?

— *Queiquem?* — Tatiana parece confusa.

— Não dá corda — aviso logo, é melhor ela deixar que o maluco do meu primo faça o que quer, senão ele fica ainda mais doido do que já é.

— Eu gosto dessa. — Põe uma música bem agitada. — Coloca aí o GPS na minha frente!

— Vira nessa rua! — Aviso. — Vou ligar para nossos homens nessa região, parece que ela está indo para lá. — Coloco o celular no suporte para que ele veja o caminho e peço o telefone de Tatiana emprestado.

Ligo rapidamente para alguns de nossos homens confiáveis que vivem perto da região mais periférica e os aciono, dando todas as descrições do carro. Envio algumas fotos também com placa e explico que até onde sabemos e vimos pelas imagens capturadas, apenas Bárbara e Matteo estão no carro.

— Os drones detectaram algum outro carro? Seguindo? Protegendo? Não acham que...?

Tatiana mal diz isso, o som de um tiro na lataria do carro faz Raffaello girar o volante. Imediatamente ele abaixa a janela e põe a

cabeça para fora, vira para trás.

— Não atirem! Tem um homem não-tão-inocente sendo arrastado, vocês vão feri-lo!

Após o grito tresloucado, um novo tiro, no espelho ao lado dele. Se não tivesse tirado a cabeça, seria acertado em cheio.

Eu suo frio. Raffaello é assim, caótico, desde criança.

— Tatiana, meu anjo cor de céu estrelado...

Rosno quando ele diz isso.

— É com todo respeito. Eu só como mulher casada, mas não as dos meus primos, né cara! — Protesta.

— Tá. Cafajeste!

— Cafajeste, não! *Sommerlier de mulheres casadas!* Tá achando que eu sou o quê? Eu tenho princípios, porra!

Claro. Princípios. Com um homem colado no capô do carro, arrastando outro e... *mais tiros*. Damos por encerrada essa briga idiota, senão vamos morrer.

É a minha vez de agir, não coloco a cabeça para fora da janela porque não sou doido, apenas aponto a arma e atiro. Apago os

faróis dos nossos perseguidores, tento localizar meus irmãos, mas parece que os perdemos de vista.

— Tatiana, *anjo do Antônio da cor do céu noturno estrelado... tá melhor assim, porra?*

— Tá.

— Então, mulher da vida do meu primo, pega esse negócio aí debaixo dos seus pés.

— *Hum* — ela se abaixa.

Tateia o chão, parece ter dificuldade, demora mais tempo do que considero normal e quando puxa a arma, faz com todas as suas forças.

— Mas que diabos é isso? — ela pergunta.

— Ah, ainda bem que perguntou. É a arma de caçar elefantes do meu avô. Você sabia que...?

— Raffaello, cala a boca, porra! E dirige!

— Dirige você aqui, rapidinho — ele pede e solta o volante.

— Puta que pariu, seu maluco! — Me agarro ao volante e depois preciso pisar no acelerador.

Ele se estica todo para fora do carro, abaixa a cabeça quando um tiro voa perto de sua cabeça e põe o máximo da arma que consegue para fora, dá um tiro certo no capô do carro que mata o veículo no meio da estrada.

— Tati?

— Sim? — Ela está paralisada, não move nenhum músculo.

— Põe a cabeça aí pra fora e pergunta pro Guilherme se ele precisa de alguma coisa, um copo d'água, um saquinho de amendoim...

— Ah, cala a boca! — Puxo Raffaello de volta e o faço segurar no volante, eu mesmo levo sua perna em direção ao acelerador. — Dirige aí!

— Não era você que estava preocupado com o cara? — Faz um barulho abafado com o nariz. — Uma hora dessas já está com o mapa do Azerbaijão no corpo inteiro. Ou o *mapa mundi*. Mercator^[27] ficaria orgulhoso.

— Eles estão chegando perto, parece que...

Raffaello nos tirou de uma rua paralela e nos colocou em uma avenida movimentadíssima de Palermo, onde o shopping principal mantém a rua movimentada, principalmente no início da noite.

É comum ver famílias fazendo caminhada ou correndo, pessoas passeando com seus cachorros ou apenas transeuntes indo ou saindo do shopping.

— O carro morreu? — pergunto desesperado.

Meu primo joga a arma em meu colo e sai do carro.

— Meu Deus, o que é agora? — Tatiana coloca a cabeça para fora da janela, apreensiva e eu espio também.

O que meu primo está fazendo? Ajudando uma velhinha atravessar a rua com suas compras. É. É isso mesmo. Paramos diante da faixa de pedestres e o que ele faz é carregar a sacola pesada da senhorinha até o outro lado da rua, vai conversando alegremente, depois retorna para cá.

— Inacreditável — desaprovo com a cabeça.

— Tinha esquecido que a vida com o Raffaello era tão emocionante — Tatiana está dividida entre rir e chorar.

— Oi. Então, a dona Adelaide e a neta dela, *gostosa pra caralho*, estão carregando essas compras pesadas, vou dar uma carona para elas, se importam?

Tatiana pisca os olhos bem devagar.

— Raffaello, você sabe que estamos numa perseguição com tiroteio, não é? — meneio a cabeça.

— Sim, mas eu vou deixar duas mulheres carregando sacolas pesadas até o outro lado da cidade? *Não*. Vamos lá buscar seu filho e depois eu as levo para casa, pode ser?

Nem respondo, só viro o rosto.

— Ela gentilmente cedeu essa almofada, ó — me mostra, sacudindo-a diante do meu rosto. — Assim o Guilherme não vai ter um traumatismo craniano, pois vai amortecer, sacou?

Continuo a ignorá-lo, não vou dar corda para isso.

Ele vai até atrás do veículo, vejo daqui que põe a almofada debaixo da cabeça do homem que não apresenta nenhuma reação, abre a porta para uma senhorinha italiana muito simpática e sua neta.

— Que gentil da parte de vocês darem uma carona — a idosa cantarola. — Não se preocupem, não estamos com pressa.

— Ah, tudo bem — sorrio em meu último gesto de gentileza do dia.

— Para onde estamos indo? — A neta dela pergunta.

É realmente uma moça muito bonita, tem cabelos ruivos e olhos... *desvio o olhar porque Tatiana está me encarando como se fosse me algemar junto com Guilherme lá atrás.*

— Estamos indo resgatar nosso filho que uma doida sequestrou — ela responde para a moça.

— Nossa! Que terrível! Precisam de ajuda?

— Não, não, a gente se vira, sabe?

— Bom, se precisarem de qualquer coisa, eu sou médica.

— Ah, que legal! — Tatiana fica aliviada quando Raffaello põe o cinto de segurança, toma o controle do carro e volta a dirigir.

— Você é Antônio Lamarphe, não é? — A senhorinha pergunta com um sorriso contido.

— Sim, sou — viro-me em sua direção.

— Meu marido trabalhou na Companhia Lamarphe até aposentar, graças à sua família tivemos condições de criar sete filhos! — diz orgulhosa.

— Nossa, que bom ouvir isso! Nossa família está sempre à disposição para ajudar!

Ela concorda comigo imediatamente. Deve ser por isso que nem se importou com um homem nu na parte dianteira do veículo e um amarrado na parte traseira.

E, para completar, porque desgraça pouca é bobagem, agora a polícia está nos seguindo. Fuzilo Raffaello, olhando-o de esguelha.

— Jéssica, né?

— Sim, Jéssica — a neta da mulher mexe no cabelo e sorri para ele.

— Raffaello, prazer.

— O prazer é todo meu.

— Deixa eu te fazer uma pergunta importante, Jéssica.

— Sim, por favor.

— Você é casada?



Capítulo 35

TATIANA MORENO

“Injuriarum remedium est oblivio”.

(“A maior vingança é o desprezo”).

— Provérbio em Latim.

Nos afastamos completamente do centro da cidade, Raffaello percorre ruas igual um louco, mas sempre parando nos sinais de trânsito, o que gera uma angústia e sensação de desespero, pois cada segundo é precioso.

— Não posso perder minha carteira, sinto muito, foi um trabalhão tirar, bombei na prova três vezes — diz em algum momento como justificativa.

Por incrível que pareça, isso não nos atrapalha de alcançar Bárbara. Raffaello diz que ela tentou nos despistar seguindo por ruas que não tinham nada a ver com seu destino final, mas ele já tinha mapeado todas as pistas particulares de voo, quais aviões tinham sido alugados e quem eram os passageiros.

Demorou cerca de três minutos para que conseguisse todas as informações necessárias e nos fizesse cortar caminho, talvez por isso sua tranquilidade na hora de dirigir.

Alguns carros estão estacionados diante do grande galpão e pista de decolagem. O avião ainda está ali, parado, alguns homens estão colocando caixas e preparando a aeronave para a decolagem.

— Bárbara! — Saio do carro e grito para que ela me escute.

Está no meio da pista, quando escuta minha voz, vira subitamente em minha direção, depois apressa o passo.

— Não faça isso! Por favor, não leve o meu filho!

— Seu filho? — ela grita de onde está. — Ele não é seu filho!

— Sim, ele é. Todos já sabem disso, não adianta tentar fugir!

Ela fica sem reação ao perceber que quem sai do carro logo depois de mim é Antônio, depois Raffaello, tem uma senhorinha e sua neta também, mas isso não vem ao caso.

— Vocês não vão levar o meu filho. — Mexe na bolsa desesperadamente e tira uma arma, atira contra nós.

Levo um baita susto quando Antônio me empurra para o chão e cai em cima de mim.

— Isso é loucura, Bárbara! — ele avisa, finca a bengala no chão e se levanta com um olhar de ódio. — Vai ficar foragida, não vai ter vida!

— Ah, é? — Ela gargalha. — Por que acha que roubei a sua “arma secreta”, Antônio? Vou trocá-la pela minha liberdade!

— Não estou falando que a polícia vai te procurar — ele recorda isso. — Estou falando que a minha família vai te caçar. E nem você ou sua família vão querer isso.

— Fiquem longe de mim ou eu atiro nele — Bárbara agora aponta a arma para Matteo.

A criança que já parecia confusa o suficiente, tenta se soltar da mão dela.

— *Papai!* — grita.

— Filho, fique calmo, o papai vai resolver tudo isso — Antônio dá alguns passos a frente. — Bárbara me escute!

— Se você der mais um passo, Antônio, eu te mato. — Fica dividida entre apontar o revólver para ele e para a criança. — Esse menino é a garantia de que irei sair daqui viva e em segurança. Depois você o recupera.

Ela está tão louca que não consegue falar uma frase que tenha sentido. Uma hora diz que vai matar o menino, outra hora diz que vai deixá-lo em um lugar para que o recuperemos.

— Se eu não puder ter o meu filho, ninguém vai ter — conclui assim.

Continua dando passos para trás, de pouco a pouco está chegando na aeronave.

Alguns carros param atrás de nós, meu coração vai imediatamente até a garganta, bate tão forte que fico paralisada.

O alívio só vem quando ouço vários cachorros latindo, os Golden são os primeiros a descer, depois o beagle de Renata e seus demais companheiros. A chefe da máfia desce logo após; nos outros carros seus outros irmãos também aparecem.

— Acabou, Bárbara — Antônio avisa.

— Não. Não acabou. — Larga a bolsa e pega a criança no colo, pressiona a arma contra a cabeça dele. — Se vocês derem mais um passo, dou a minha palavra, eu atiro.

— Ah, deixem-na ir — Raffaello diz num tom monótono.

— Não! — Encaro-o com fúria. — Ela está com meu filho!

— É, mas o avião não sobe não — sacode a cabeça.

— Raffaello, com todo respeito, eu entendo que você sempre precisa agir de forma caótica, mas estamos falando da vida do meu filho! — digo desesperada. — Não posso permitir que algo aconteça a ele!

Todos dão um grito de horror quando um dos Golden avança violentamente contra a megera e é no salto que dá para tirar sua arma que leva um tiro. Cai no chão e os outros cachorros vão em seu socorro.

— Hélio! — Matteo grita, se sacode no colo de Bárbara, tenta se soltar a todo custo. — Hélio! Hélio, não!

— Eu já disse, vou atirar em quem quer que tente vir!

— Bárbara, me escute. — Ergo as mãos e dou um passo adiante.

— Não me provoque, sua nojenta, eu atiraria em você sem pensar — diz com ódio.

— Tudo bem — concordo com ela. — Você só quer sair daqui, não é? É isso que quer, não é? Fugir com garantia de que ninguém vai atrás de você.

Ela não concorda, nem discorda, fica quieta.

— Me leve com você. — Levanto as mãos o mais alto para que ela possa ver. — Solte o meu filho, deixe que ele fique com a família dele e me leve no lugar.

— Que tentador, Tatiana — desdenha.

— Me escute, Bárbara — eu imploro. — Matteo é um Lamarphe, eu não. Se você o deixar aqui com o pai, são e seguro, eles não têm motivo para ir atrás de você, têm?

Ela está tão desnorteada e louca que vira o rosto rapidamente em várias direções, continua dando passos para trás.

— Renata — eu peço. — Você me deve algo, então eu vou te pedir na frente de todo mundo. — Olho sério para ela.

— Tatiana, não — Renata desaprova.

Antônio segura em meu braço e me sacode.

— Você ficou louca?

Eles não imaginam o que uma mãe faria por um filho. Eles não têm noção de que ver Matteo nesse estado, para mim, é como já estar morta. Não posso permitir que meu filho sofra nada mais do que já sofreu até aqui.

— Renata, me dê a sua palavra, por favor, de que se eu me entregar para Bárbara e ela devolver o Matteo, vocês não irão atrás dela!

— Não prometa nada! — Antônio fala por cima de mim.

— Renata, eu fiz tudo isso pelo meu filho, para tê-lo de volta. Mas se não posso tê-lo, que pelo menos ele esteja seguro com vocês. Você é mãe, deveria me entender.

— Não a ouça! Ela não está raciocinando! — Antônio discute com a irmã.

— Eu estou indo! — Continuo com as mãos erguidas e vou na direção dela. — Me leve com você, por favor, solte o Matteo.

— Chamem seus cachorros de volta! — ela ordena.

A matilha começa a rosar e latir, ficam em estado de alerta quando a mulher volta a apontar a arma para eles.

— Chega, Bárbara, solte o garoto e nós não te perseguiremos
— Renata dá a palavra dela.

— *Não!* — Antônio vem atrás de mim.

— Você fique aí, ou eu vou estourar os miolos do seu filho na sua frente. — Ela volta a apontar a arma para a cabeça de Matteo.

— Antônio, por favor! — Viro-me indignada.

— Tatiana, eu que te digo, por favor! — Há um misto de emoções em seu rosto, que vão desde o ódio ao desespero. — Não faça isso.

Todos parecem apreensivos, menos Raffaello. Com um sinal quase imperceptível com a cabeça ele mostra que eu devo ir mesmo. Acho que o entendo agora. Nas horas mais sombrias em que se perde totalmente o controle, apenas o caos parece ser a esperança.

— Eu não vou conseguir viver um dia sequer se algo acontecer ao nosso filho — digo para Antônio.

— Eu também não. Assim como não vou poder viver um dia sequer sem você — ele retorque.

— Vai ser como no plano original, *Ant.* Você vai cuidar deles, dos dois. Eles vão ter uma boa vida e serão felizes de verdade.

— Nenhum de nós pode ter nada sem você, precisamos ficar juntos — ele insiste.

Eu não tenho outra opção além de me entregar para Bárbara.

— Solte o meu filho, por favor — digo antes de me aproximar completamente nela, mostro que estou desarmada.

Ela solta o menino no chão de qualquer jeito, vejo a criança correr desesperada até seu cachorro que foi abatido e respira com muita dificuldade no chão.

— Hélio! — Ele chora em cima do Golden. — Hélio, não me deixe!

— Filho, venha para cá — Antônio o chama, mas a ordem não surte efeito na criança.

— Agora somos você e eu — Bárbara passa sua mão em meu pescoço e pressiona o cano quente da arma em minha orelha. — Que dia incrível! Enfim vou poder realizar o sonho de te matar, sua desgraçada!

— Tudo bem. Faça o que quiser, só deixe meus filhos em paz.
— Fecho os olhos.

Ando com dificuldade, pois preciso ir de costas, ela me puxa de forma agressiva e vejo todos ficarem para trás.

— Se soubesse que acabava assim, tinha feito tudo isso antes — se diverte. — Se essa era a forma de me livrar de você, eu pagaria o preço.

Não tenho mais nada a dizer. Embora meu coração sinta muita tranquilidade pela atitude que tomei, porque jamais me perdoaria se fizesse algo diferente, meus lábios tremem. Minhas mãos e meus pés não querem me responder. Sinto como se a morte estivesse perto de me beijar.

Dou um tropeção quando subo o primeiro degrau do avião, ela me dá uma coronhada com a arma.

— Presta atenção, sua vadia! — reclama. — Eu não vou te matar, não. Eu vou te torturar todos os dias enquanto estiver viva, sabe por que, Tatiana?

— *Hum.*

— Porque por sua culpa o Antônio nunca me amou. Ele nunca conseguiu te deixar para trás, nenhum dia do nosso casamento foi feliz porque você foi a porra do primeiro amor dele que ele jamais abandonou.

A cada palavra ela me puxa violentamente até que estejamos dentro do avião. O comissário fecha a porta e ela me joga no

corredor, apontando a arma para mim.

— Agora se tranca no banheiro — ordena. — Não quero ver essa sua cara feia até pousarmos nos Estados Unidos onde vou te fazer pagar por tudo o que me fez!

— Ok — tento levantar, mas ela me faz rastejar feito um verme pelo chão.

Me chuta para dentro do banheiro e bate a porta com força.

Livre dela e da arma apontada para mim, abraço meus joelhos e tento respirar fundo. Começo a ter uma crise de pânico em meio a isso, principalmente quando o avião entra em movimento.

Pela pequena janela vejo a cena lá fora: a família Lamarphe dividida em estar em volta do cachorro ou examinando o avião, como se encontrassem uma forma de fazê-lo parar. Só Raffaello parece tranquilo nisso tudo.

De onde ele tira o saco de pipocas? Não sei. Só sei que prova uma a uma, bem devagar, mantém o semblante sereno enquanto todos se desesperam.

Acho que é isso.

É assim que acaba, do jeito que começou.

Sem meus filhos, sem poder viver ao lado de Antônio, sem ser feliz. Fui tola em algum momento se esperei um final feliz de contos de fadas, porque essa é a maldita realidade e agora, mais do que nunca, preciso admitir:

Contos de fadas não existem ou eu não nasci para vivê-los.



Capítulo 36

BÁRBARA CAVALIERI

*“No inferno os lugares mais quentes são reservados àqueles
que escolheram a neutralidade em tempo de crise”.*

— Dante Alighieri em *“A Divina Comédia”*.

Eu devia ter matado a criança.

Não, melhor, eu devia ter esperado. Agi tão premeditadamente que perdi a oportunidade de aguardar a filha desaparecida deles chegarem, poderia muito bem ter pego os dois e me vingar de Tatiana.

Preciso admitir, não fiz um plano perfeito, mas no fim, funcionou.

Ter dinheiro facilitou a minha vida, pois paguei pelo apoio, silêncio e atrasos de muitas pessoas para poder chegar aqui.

Agora é hora de comemorar, de certa forma consegui o que queria: Tatiana jamais teria o meu filho e a sua criança desaparecida. Ela não merecia nada disso, e se foi tola o suficiente para acreditar que seria feliz com Antônio, ela realmente não tinha ideia de quem eu era.

De uma forma ou de outra eu iria infernizar a vida deles dois, jamais permitiria que ficassem juntos, se eu não pude ser feliz, ela que não seria.

— Olha só que idiotas — celebro ao ver o desespero dos Lamarphe lá embaixo.

Me arrependo de muitas coisas: de não ter atirado em mais cachorros, de não ter dito algumas verdades na cara de Renata e principalmente de não matar Tatiana na frente de Antônio.

Para mim, esse seria o final ideal: mostrar-lhe que seu grande amor jamais seria seu. E que o tempo que perdi neste casamento

arranjado tinha um preço alto e este era o fato de que nem ele nem eu seríamos de fato felizes.

Eu ainda iria rir por último, é claro.

Tinha Tatiana sob meu poder e as armas que roubei de Antônio estavam em local seguro que só eu sabia onde estava. Os Kroening, família inimiga dos Lamarphe, só as teriam caso eu chegasse em segurança nos Estados Unidos e eles cumprissem a parte deles do acordo.

— Traga um champanhe, deixe a garrafa e o balde de gelo —
peço para o comissário que sai em busca da minha bebida.

Desfilo pelo avião, o tenho só para mim.

Vai ser a viagem dos sonhos, desembarcarei nos EUA e terei uma vida nova, terei a chance de recomeçar.

Minhas exigências foram: nova identidade, muito dinheiro no banco e estar inserida na nata social que os Kroening fazem parte. Pois a partir de agora, entregando algo valiosíssimo na mão deles, eu os colocava em pé de igualdade com seus maiores inimigos no ramo de armas.

— Onde está o meu champanhe? — grito para o comissário que não apareceu mais.

Mesmo com o avião em movimento, vou em sua busca, não consigo encontrá-lo. Atormento Tatiana um pouco, chuto a porta do banheiro e a lembro que agora está em minhas mãos e não sofrerá pouco.

— Por que todo mundo sumiu? Será que é porque estamos prestes a decolar?

Vou em direção à cabine do piloto, mas antes passo pela primeira classe. São apenas quatro grandes poltronas, um ambiente muito espaçoso e um banquete servido nas mesas.

Assim que eu me aproximo, antes que me sente levo um susto. Tem três pessoas ali.

A primeira que vejo é uma mulher loira, está concentrada em sua refeição e dá um gole generoso no champanhe antes de degustar a carne. A outra mulher, morena, não me é desconhecida. Está usando um turbante turquesa que esconde seus cabelos, brincos de argola dourados e um vestido bem folgado em seu corpo.

Acabo compreendendo quem são quando vejo o homem árabe que mantém os olhos fixos em mim. Está em seus trajes tradicionais, majestosos, dignos da realeza que é.

— Emir Khaled^[28] — contendo o sorriso.

As armas que roubei eram dele. Para ele, no caso. É claro que ele não deixaria isso barato.

— Bárbara Cavalieri — ele me cumprimenta com um aceno de cabeça.

— Sabe quem eu sou? — Me surpreendo.

Saber quem é o presidente dos Emirados Árabes é muito fácil, mas não me lembro de ter sido apresentada a ele.

— É claro — umedeço os lábios. — Você veio recuperar suas armas, não foi?

A mulher loira ri, com uma nova olhada identifico que é sua mãe, Crystal. E a outra deve ser Dandara^[29], a esposa do Emir.

— Não quero recuperá-las, elas vão exatamente para onde quero. — Limpa os lábios e dirige seus olhos azuis em minha direção.

— Para os Kroening? — Preciso rir. — A família braço direito dos Boccuti que querem acabar com você?

A resposta dele é rir também, o que não gosto nem um pouco.

Vou tirar esse sorrisinho fajuto da cara dele agora.

— Quando os Kroening tiverem acesso à tecnologia dessas armas, eles vão poder reproduzi-las. Vocês não estarão mais um passo a frente deles. E a única forma disso não acontecer, Emir Khaled, é me deixando ir, livre. Senão eu não conto onde estão as armas. — Balanço os ombros, satisfeita.

— Por que te deixaríamos ir, se, enfim, você chegou aonde queríamos? — Crystal vira o rosto em minha direção, bebe seu espumante devagar.

— Como assim? — Pisco os olhos.

— Ah, você não entendeu ainda que tudo isso fazia parte do plano. — A esposa do presidente dos Emirados Árabes o encara daquele jeito que só um casal compreende.

— O que quer dizer? — Exijo saber.

— Pensei que você era a inteligente. — Crystal limpa os lábios.

— Tudo o que você fez, Bárbara, do início ao fim, fazia parte do plano — o Emir esclarece. — As armas que você roubou foram feitas exatamente para isso. E nós já estávamos controlando todo o espaço aéreo há meses, só a espera da pessoa que roubou as armas fugir.

— Não. Quem me forneceu esse avião foi Romeo Kroening — tiro o celular do bolso quando ele vibra.

Khaled põe seu próprio celular em cima da mesa, é o que está me fazendo a chamada.

— As armas que você roubou precisam chegar nas mãos dos Kroening, senão não terão utilidade alguma — Khaled esclarece. Enche a taça da esposa e entrega em suas mãos a bebida. — Nós te agradecemos pelo serviço prestado, nunca esqueceremos.

— Então eu nunca estive em contato com Romeo Kroening?

— Sim, estive — Crystal é quem responde. — Mas interceptamos na hora certa para que o plano fosse concluído.

— Que plano? — Agora estou super confusa.

— Você não é a esperta? — A mulher me provoca. — Tente adivinhar enquanto tem tempo.

A família do Emir Khaled é a quarta mais rica de todo o mundo. Eles são os maiores clientes dos Lamarphe há anos e há uma conversa de bastidor que foi dedo dele de tornar os italianos a décima terceira família mais rica, inclusa numa sociedade VIP e secreta, só para os mais poderosos.

Os Boccuti também são muito ricos, a quinta família, para ser mais exata. E os Kroening... se tivessem a tecnologia que eu iria lhes oferecer, em alguns anos, quiçá meses, alcançariam os Lamarphe e tomariam sua posição, entrando assim no hall das famílias mais ricas.

Todo esse jogo de poder e dinheiro é assim: famílias ascendem, famílias caem, famílias são exterminadas, novos laços são formados, tudo para que possam se sentar numa mesa exclusiva que decide assuntos importantes no mundo.

— Isso é tudo, querida — Crystal me enxota com a mão.

— Como assim isso é tudo? — Altero minha voz. — Vocês não podem me descartar assim!

— Na verdade, você já cumpriu seu papel em nossa conspiração — Crystal informa. — Seguiu feito um ratinho cada passo que desenhamos no chão, até o queijo na ratoeira. E o que vem a seguir disso, quando o rato pega o queijo, você sabe...

— Não, eu não sei. Exijo saber!

— *Jantar?* — Khaled pergunta.

— Sim, obrigada, estava à espera do meu champanhe. — Vou em direção à mesa para me sentar.

— Não perguntei a você — Khaled me lança um olhar severo.

— *Gatinho-gatinho*^[30]? — Dandara fala alto.

Que porra é um *gatinho-gatinho*?

Dou graças a Deus por não ter ido até a cabine do piloto, porque de lá é que vem um tigre gigantesco, olhos esverdeados, famintos, encara-me como se eu fosse um pedaço de carne.

— Sim, ele quer jantar — Khaled avalia. — Suas últimas palavras, Bárbara?

— Últimas palavras? — Não consigo raciocinar. Estou dando passos para trás, tentando ficar longe desse tigre.

Quanto mais tento me afastar, entretanto, mais rápido ele vem até mim.

— Isso não acabou aqui! — digo tentando impedir que o bicho se aproxime, com as mãos.

— *Lanchinho, gatinho-gatinho* — a mulher do Emir dá a ordem.

Só tenho tempo de fechar os olhos quando o felino pula em cima de mim.



Capítulo 37

TATIANA MORENO

“Se uma pessoa é perseverante, por mais que seja dura de entendimento, se fará inteligente e por mais que seja fraca se transformará em forte”.

— Leonardo da Vinci.

O avião percorre pela pista por um bom tempo, mas antes de decolar, parece fazer o caminho de volta e para. Pela janela observo que estou no mesmo lugar de onde saiu.

O choque tomou conta de mim durante os últimos minutos, mas me recomponho e fico de pé. Ouço passos vindos do corredor

e procuro algo para me defender de Bárbara, mas não há nada aqui que eu possa usar.

Então preparo-me para saltar em cima dela. Vou arrancar seus cabelos, é isso o que vou fazer. Devia ter feito desde o princípio, meu maior erro foi adiar esse momento.

— A viagem foi cancelada, querida. — Quando a porta se abre, vejo Crystal, uma mulher que esteve no escritório de Renata algum tempo atrás.

Controlo o impulso do corpo, estava pronta para saltar em cima dela feito um bicho e ajeito minhas roupas.

Crystal dá espaço para que eu saia da cabine, passo rapidamente e espio por detrás dela uma porta fechada, fico na ponta dos pés para olhar, mas as cortinas se fecham rapidamente.

— Onde está a Bárbara?

— Por muitos lugares, se quer saber. — Indica com a mão o caminho da saída. — Pelo chão, teto, algumas poltronas da primeira classe, na barriga de um tigre... — sacode os ombros. — Não importa. Creio que este seja o momento que tanto esperou.

Não sei se consigo raciocinar o que ela acabou de dizer, mas quando faz referência à saída, tudo o que consigo é sair em

disparada, corro o mais rápido que posso e quase tropeço pela escada móvel que está recém colocada na aeronave.

Antônio está apreensivo lá embaixo, prestes a subir eu o interrompo e me jogo em seus braços, deito minha cabeça em seu peito.

— Você está bem? Está inteira? Algo aconteceu a você? —
Puxa meu rosto, aperta bem suas mãos em mim e me examina.

— Está tudo bem. Acabou — suspiro. — Onde...?

Antes que diga qualquer coisa, ele me interrompe com um beijo.

É um beijo que me tira do chão, que me faz perder a direção e sentidos como se estivesse a milhares de quilômetros acima da terra, sobrevoando a vida como se tudo fosse pequeno demais.

Não tem como ser. No coração de uma mãe e mulher tudo é excessivo e vibra de forma avassaladora.

— Mamãe! — Vejo Kiara vir correndo até mim, se joga em minha perna, chorando. — Fica, por favor!

— Meu amor, eu não vou a lugar nenhum. — A pego no colo e beijo todo seu rosto. — A mamãe vai ficar aqui com você, para sempre.

Inconsolável, deita o rosto em meu ombro e me abraça com todas as forças que tem com sete anos de idade. Seu cachorro caramelo está radiante, balança o rabo freneticamente e fica cheirando a minha perna.

— Vamos ver seu irmão — digo para ela e a ajeito em meus braços.

Antônio segura em minha cintura e me mostra o caminho para onde devo seguir, retorno, assim, para onde o amontoado de carros estão e a família Lamarphe está reunida.

— O Hélio não vai morrer — Matteo diz secando as lágrimas.

O cachorro está deitado, bem quieto, a médica que trouxemos de carona está cuidando dele, assim que me aproximo, termina de fazer o curativo.

— Bem, isso é temporário. Vamos só esperar a ambulância chegar e eu garanto que ele vai ficar bem, ok?

O menino fica apreensivo, não quer sair de perto do seu melhor amigo e companheiro, por isso, ao invés de esperar que ele venha até mim, vou eu até ele.

— Como o Hélio está? — pergunto, vou me abaixando lentamente até ficar na altura de sua visão.

— Ele sangrou muito. — Matteo limpa o rosto com o dorso das mãos, vejo seus olhos vermelhos.

— Vamos ficar aqui com ele até a ambulância chegar e depois vamos para qualquer lugar para cuidar dele, ok?

Ele só faz que sim, está muito apreensivo.

— Matteo, me escuta. — Tento ajeitar meus cabelos, abro um sorriso tranquilizador, mesmo que em meu coração pareça uma tempestade em alto mar. — Tem uma coisa que preciso te contar.

— Hum.

— Essa é a Kiara — apresento a menina para ele. — E essa cadelinha aqui é a Selene.

— Hum — ele continua sem entender bem do que se trata.

— A Kiara é sua irmã.

— Minha irmã? — Estica o rosto e encara o pai, em busca de compreensão.

Antônio só faz que sim, mantém o silêncio.

— Escutem, vocês dois. — Seguro na mão de Kiara e limpo as lágrimas de Matteo com meus dedos. — Eu vivo com isso em meu

coração há tantos anos e ensaiei tantas vezes a forma como diria a vocês, mas nunca pensei que seria nessas circunstâncias.

— Papai, por que a mamãe fez aquilo comigo? — Matteo contrai a testa, abaixa as sobrancelhas, pensativo.

— Há sete anos eu tive você e a sua irmã — conto para ele. — Mas eu não tinha condições de ficar com vocês, por isso eu os levei para o seu pai, para que ficassem seguros.

— Mas eu não conheço ela — Matteo encara Kiara com suspeita.

— É. Coisas ruins aconteceram, pessoas muito malvadas se intrometeram na história e sua irmã desapareceu. Mas agora ela está aqui e eu também.

— Você veio me buscar? — pergunta, confuso.

— Eu vim ficar com vocês. Com vocês três. — Encaro Kiara, depois ele, por fim, Antônio. — Acho que só assim as coisas vão se consertar e seremos uma família.

— Mas e a minha outra mãe? — Ele ainda está em choque. E vai levar um tempo até entender tudo o que aconteceu.

— Ela mentiu para todos nós, filho, ela não era sua mãe — Antônio pondera.

Há um misto de sentimentos estampados no rosto do menino. O desespero e angústia, é claro, por causa de seu cachorro que está num estado delicado. Confusão e inquietude por essa novidade e pelo que acabou de passar. Meu coração ainda dói por ter visto como aquela mulher agiu com meu filho, bem diante dos meus olhos. E há, bem lá no fundo, um pouco de paz e esperança.

— Como você se chama? — pergunta para a irmã.

— Ninguém nunca me chamou de nada — ela explica. — As pessoas só me mandavam ir embora e com palavras bem feias.

Matteo pisca os olhos azuis, idênticos aos da irmã.

— Mas a mamãe me chama de Kiara.

Acaricio os cabelos da minha filha e sorrio para ela, indicando que é isso mesmo. Esse é o nome dela, desde o princípio.

— Eu sou Matteo — ele diz timidamente, estende a mão de forma bem educada para ela.

— Essa é a Selene — indica a cadela que não sai de perto dela.

Ao ser chamada, imediatamente late.

— A emergência chegou — Antônio avisa e a criança fica eufórica.

É justo que dê pouca atenção a tudo o que acabou de ouvir, além de ser uma grande novidade, está preocupado demais com o Hélio, e teremos a vida inteira para recobrar o tempo perdido.

Damos espaço para que os socorristas venham com maca, soro e *kit* de primeiros socorros.

— E aí, se divertiu?

Quando ouço a voz de Raffaello, imediatamente viro dando um soco no peito dele.

— *Au* — ele massageia em cima de onde bati.

— Por que não me contou de tudo isso? — pergunto irritada.

— Saber o que ia acontecer não te ajudaria em nada, só atrapalharia, na verdade — pondera.

— Mas algo podia ter saído fora de todo esse plano, Raffaello!

— A vida só quer de nós um pouco de coragem e fé — pisca.

— Quando queremos o certo, o universo quer junto conosco e curiosamente as coisas conspiram ao nosso favor. Você teve coragem e fé. E está aí o resultado.

Mas e se algo tivesse dado errado?

Não adianta. Não dá para discutir com ele agora, se tem alguém que não dá para tratar com um pingo de razão nesse momento, este alguém é Raffaello.

Alguns membros da família Lamarphe entraram no avião, outros já estão em seus carros, preparando-se para voltar. Antônio e eu provavelmente vamos seguir a ambulância e ficar junto com Hélio até que se recupere, até porque Matteo está apreensivo demais a respeito disso.

Vejo uma moça se aproximar, eu a vi no dia do aniversário de Alberto Lamarphe.

— Achou a outra Yohanna? — Antônio pergunta a ela.

— Não. Desapareceu completamente. Assim como o *consiglieri* da sua família e os demais Cavalieri italianos — a moça lamenta, vira-se para Raffaello.

— O que foi? — ele oferece o saco de pipocas para ela. — Quer?

— Estive pensando... acha que tem um clone seu?

— *Meu?* — Raffaello quase cospe a comida. — *Você acha?*

— Ethan disse que teríamos muitas surpresas até resolver todos os nossos problemas. Para mim, é uma completa novidade

que fizeram um clone meu. — A mulher suspira, cruza os braços. — Acho que pegaram material genético meu e do meu irmão gêmeo quando estivemos no cativeiro do Terence Smith.

Não faço ideia do que estejam falando, mas sacudo a cabeça junto com Raffaello, só para fingir que estou fazendo parte da conversa. Não sei quem é Terence Smith ou o irmão gêmeo de Yohanna, mas sei dos clones, Paola me contou.

E mesmo sabendo, ainda é difícil processar tudo isso, é absurdo demais.

— Seria legal, pra caralho, né?

— O que? — Yohanna diz antes de se virar e ir embora.

— Ter um clone meu. Seria tipo, absurdo, enfim, eu teria alguém a altura pra enfrentar. — O maluco se diverte, continua a saborear sua pipoca.

Yohanna sacode a cabeça e acena, se despedindo.

— Me mantenham informa. — E vai para seu carro.

— Vocês se conhecem? — Aponto o indicador para ela e depois para ele.

— Sim, sim, na verdade tivemos o mesmo professor, que foi o Ethan.

— O que morreu — concluo.

Ele ri, não sei porque faz isso.

— Parece que rola um clima, sei lá, enfim você superou a...?

Antes que diga o nome da mulher por quem Raffaello sempre foi perdidamente apaixonado, ele me interrompe:

— Yohanna e eu? Não. Não, nada a ver. Só fomos treinados juntos, ela era minha parceira quando Ethan foi nosso mentor — sacode os ombros. — Ademais, ela não é casada. Tenho meus princípios, Tatiana, não me envolvo com mulher que não seja casada.

Princípios e só se envolver com mulheres casadas. Está aí uma dissonância maluca, mas que deve fazer todo sentido na cabeça dele.

— Nos vemos depois? — Aceno para ele.

Raffaello sempre foi um bom amigo, nos afastamos porque a vida exigiu que tomássemos caminhos diferentes, mas gosto muito dele. Sempre foi o Lamarphe menos elitista, pé no chão e que nunca me tratou mal.

— Quando precisar é só chamar — acena e volta para seu carro, acompanha a jovem médica e sua avó.

Eu vejo daqui, ainda incrédula, o homem colado no capô do veículo. E quando sai, arrasta o falso Guilherme Lamarphe que está, como dizem, *a capa do Batman*.

— Então essa loucura de clone é real e saiu do controle? —
Cruzo os braços.

— Não vamos pensar nisso. — Antônio passa o braço pelo meu ombro. — Temos outras preocupações agora, ok? — Indica Matteo que ainda está desolado, tenta espiar a todo custo o que os paramédicos fazem com seu bichinho.

— É claro. — Seguro na mão de Kiara e a mantenho junto de mim.

Meus lábios abrem, estou pronta para fazer uma pergunta, mas me calo. Abaixo a cabeça e sacudo negativamente. *Não*. Não pode ser.

Queria saber se haveria alguma possibilidade de, não sei, terem feito clones de nossos filhos.

Da Bárbara? Eu espero o pior. E ela certamente sabia e estava envolvida nessa história. Mas isso não é algo que quero pensar agora.

— Filho?

Matteo demora até entender que estou falando com ele.

— Filho? — Insisto.

Vira o rosto lentamente e pisca os olhos para mim, parece meio hipnotizado.

— Quer ir comigo na ambulância? — pergunto.

— Quero. — Nem me deixa terminar a pergunta.

— Leve a Kiara de carro. — Entrego-a nas mãos de Antônio.

— Eu fico junto com o Matteo, temos muito para conversar e ele precisa de consolo.

— Tudo bem, *morena*. — Segura nas laterais do meu rosto antes que eu vá.

Ficamos presos nesse momento por um bom tempo. Parece que o relógio parou e mesmo nessa cena louca e cheia de problemas, só existimos nós dois.

Bem, nós dois e mais duas criaturinhas que precisam de nós.

— Te vejo no hospital.

— Não vai me perguntar o que aconteceu com a Bárbara? — pergunto-lhe antes de ir.

Antônio comprime os lábios e faz uma careta impagável.

— Isso importa?

Aponto o indicador para ele.

— *Resposta certa.* Nos vemos no hospital.

— Nos vemos, *cara mia.*

— O Hélio vai ficar bem? Ele sobrevive até o hospital? Vai ser um médico ou veterinário que vai atendê-lo? — Matteo me enche de perguntas.

Estico a mão e ele me olha com curiosidade, demora um pouco, mas acaba segurando e vem para perto de mim. Repouso minha mão livre em sua cabeça.

— Não sei, meu amor. Mas vamos na ambulância e vamos ter fé de que tudo vai ficar bem, o pior já passou.

— Aham — ele anui.

— Você está bem? Se machucou? — Tento averiguar eu mesma de onde estou.

— Tudo bem — diz ainda um tanto chocado.

— Ok. — Ajudo-o a entrar na ambulância. — Vamos cuidar do Hélio.

— Ok. — Ele segura em minha mão quando subo no carro e me sento ao lado dele.

O cachorro é colocado na maca e os dois paramédicos se posicionam para garantir que o soro continue na veia dele.

— Tudo vai ficar bem, meu filho. — Beijo o topo da cabeça de Matteo.



Capítulo 38

TATIANA MORENO

*O amor é a asa veloz que Deus deu à alma para que ela voe
até o céu.*

— Michelangelo.

— A mamãe veio de um lugar chamado Salvador, na Bahia, sabem onde fica? — pergunto para os dois.

Kiara faz que não rapidamente, Matteo se concentra, às vezes vira o rosto em busca de algum movimento dos médicos veterinários no corredor para dar novidades sobre Hélio, por fim, faz que não.

— É no Brasil.

— Brasil? — Matteo parece interessado. — Mas é do outro lado do mundo. — Aponta com o dedo.

Kiara encara o irmão com um olhar perdido e confuso, mas concorda.

— É, a mamãe veio do outro lado do mundo, tem tantos mares, oceanos e quilômetros da Sicília até o Brasil. — O abraço pelo ombro e encosto o queixo no topo da cabeça. — Mas a mamãe veio quando era beeeem novinha. — Cutuco Kiara com o indicador, ela ri.

— E depois? — Matteo tenta entender.

Está na idade em que quer traçar uma lógica no que escuta, talvez contando cronologicamente ele absorva um pouco da história.

— Aí a mamãe conheceu o papai e eles se tornaram grandes amigos — explico.

— Ele era bonito? — Kiara espia com o pai, com muita vergonha, esconde o rosto em meu colo.

— Ele era muito bonito — rio da reação dela. — Sempre foi bem alto e muito travesso. Subia nas árvores, nas pedras, corria...

eu o achava um grande delinquente. — Olho com tom de denúncia para Antônio.

Ele apenas se diverte com toda a narrativa.

— Mas por que não ficaram juntos? — Matteo fica sério, ainda está confuso com tudo.

— Bom... a mamãe vem de uma família modesta. Meus pais vieram para Sicília trabalhar para os avós de vocês. — Acaricio os cabelos dos dois.

Como podem ser tão diferentes e ao mesmo tempo tão parecidos? Em pequenos gestos eles fazem as mesmas coisas, como a forma como franzem as sobrancelhas, Matteo de um jeito mais severo e Kiara de um jeito mais introspectivo. Ou como fecham os olhos para pensar, Matteo de um jeito tempestivo e Kiara numa serenidade e paz que dá até inveja.

Lembram bem Antônio e eu. Uma versão mais jovem, moderna e, preciso admitir, bem mais bonita.

— O que foi? — O adulto rosna pra mim.

— Nada — seguro o riso. — O papai e a mamãe brigavam muito, mas também se ajudavam muito. E um dia, anos depois, eles perceberam que gostavam um do outro.

— Ele era seu príncipe encantado? — Kiara repousa os cotovelos em minhas coxas. — Ele veio e te salvou?

— Foi ela quem me salvou de muitas coisas — Antônio se intromete na história pela primeira vez. — Ela me fez desde o primeiro instante querer ser um homem melhor. Justo, íntegro, ser bom o suficiente para ela. A *morena* me salvou de mim.

Minhas bochechas doem ao ouvir isso, preciso tirar um tempo para respirar.

— Quem é “*morena*”? — Matteo pergunta desconfiado.

— É assim que o seu papai me chama desde que nos conhecemos. Ele não conseguia falar “Moreno” que é o sobrenome da mamãe — explico.

Ele parece satisfeito com a resposta, mas continua com aquele olhar de que ainda está desconfiado.

— Bem... seu papai e eu nos apaixonamos e então eu descobri que vocês estavam a caminho.

— Foi a cegonha? — Matteo me lança aquele olhar que o cachorro normalmente faz quando escuta um barulho vir da cozinha, mas não quer se indispor de ir lá conferir.

— É. A cegonha — balanço a cabeça. — Mas ele não sabia que vocês viriam.

— Era segredo? — Kiara olha para nós dois, confusa.

— É. A mamãe quis guardar segredo porque não sabia o que ia acontecer... com vocês, com ela, com o papai — suspiro. — Mas algumas pessoas não gostaram de saber que vocês viriam, que seriam meus filhos, porque achavam que eu não era boa o suficiente para o papai de vocês.

— Quem são essas pessoas? — Matteo fecha o punho, parece que vai bater em alguém.

— Não importa — interpelo Antônio antes que diga, não tenho dúvida de que contaria a verdade. — *Não importa* — reforço. — Isso já é passado e está tudo bem.

Não vou criar meus filhos para que se vinguem.

Não vou criá-los para que cresçam com mágoa em seus corações e odeiem, mesmo que com motivo, seus avós.

Quando crescerem escutarão a verdade completa, sem recortes e poderão julgar por eles mesmos o que fazer. Mas agora é hora apenas de lhes contar sua verdadeira história.

— A mamãe foi levada para longe do papai, mas ela conseguiu fugir quando teve vocês. — Os abraço com força, sinto meus olhos queimarem e acabo chorando.

A simples lembrança de que queriam tirá-los de mim, ou pior, matá-los, me causa pânico até hoje.

Eu tive de fugir. Eu tive de protegê-los e os mantive seguros por um bom tempo, até que a poeira abaixasse.

— Vocês gostam de Adele, não é?

Os dois fazem que sim.

— Era a cantora que a mamãe mais escutava enquanto esperava vocês — beijo a testa de cada um. — E foi a cantora que a mamãe escutou todos esses anos enquanto esperava reencontrar vocês.

— Por que você foi embora? — Matteo ainda mantém o semblante austero, nunca parei para prestar atenção de como realmente é idêntico ao pai.

— Eu deixei os dois numa cesta, em frente a mansão Lamarphe, porque lá vocês teriam tudo. Educação, brinquedos, comida, saúde. A mamãe não podia dar nada disso a vocês e... — Não consigo continuar.

Um nó se forma em minha garganta e sinto vontade de chorar.

Contar é como reviver cada momento e isso gera uma angústia que nunca vai passar. Tanta coisa podia ser poupada se eu não tivesse deixado eles dois lá.

— A sua mãe fez o que achava certo no momento de desespero dela — Antônio continua a narrativa. — Ela deixou vocês dois com duas cartas, mas nenhuma chegou até mim. Você chegou. — Aponta com o rosto para Matteo. — Mas a Bárbara disse que tinha te tido em segredo, que você nasceu prematuro e que aguardou um tempo até poder te trazer até mim.

Matteo digere essa informação como pode, da maturidade de seus sete anos.

— Você nunca chegou. — Encara Kiara dessa vez. — Ela te levou para longe de nós e eu só soube da sua existência há pouco tempo, mas você é tão especial quanto seu irmão e nós vamos recuperar o tempo perdido, ok? — chama a filha para seu colo.

Kiara vai. Adora carinho, adora a atenção e ser mimada pelo pai.

— Onde você esteve todo esse tempo? — Matteo estica o rosto em meu colo, encara a irmã.

— No lixão — ela diz com simplicidade.

— E como ia para a escola? — Franze o cenho.

— Escola? — ela retruca, sem entender.

— Você não sentiu falta do papai e da mamãe?

— Eu... eu não sabia que tinha um papai e uma mamãe —

Kiara tenta explicar.

— Você sabe escrever seu nome?

Ela faz que não.

— Sabe ler?

Novamente ela faz que não.

— Quem te deu o seu cachorro? — O irmão está muito intrigado.

É uma tradição da família Lamarphe que os pais deem um filhote de cachorro para seu filho, da mesma raça do cachorro deles; na maioria, tempo que geralmente o primeiro cão falece, eles escolhem o seu próprio cão, mas sempre mantêm o nome do primeiro.

— Ela me achou no lixão — Kiara explica.

— Estranho — Matteo aperta os próprios dedos, olha para o vazio. — Mas você vai pra escola comigo?

— Sim, ela vai pra escola, filho — explico. — Mas não vai estudar com você, primeiro ela precisa aprender as coisas do início, tá?

— Tá bem.

— Bem, e no fim da história... — continuo.

— Tatiana! — Ouço a voz da minha mãe, o que me faz tremer.

Ela e o meu pai vêm, desesperados em nossa direção. Ela farfalha o sobretudo no ar, mantém a bolsa colada ao corpo, meu pai a acompanha, sem fôlego.

— Meu Deus! O que aconteceu?

— Ah, mãe, é uma longa história. — Sacudo os ombros, acabo caindo na risada.

— Você ficou maluca? Renata nos contou o que você fez! Você perdeu o juízo, menina? — Quase me dá um beliscão.

— Sua mamãe também te dá bronca — Matteo se diverte.

— É. Mamães são mamães em todo lugar, nunca mudam. — Aperto ele em meus braços. — Vocês já conhecem o Matteo, não é?

E conheceram a Kiara recentemente. Mas agora vou apresentá-los da forma que se deve. — Me levanto e chamo as crianças.

Eles ficam um ao lado do outro. Matteo é mais alto e tem um jeito bem imponente, já Kiara parece mais tímida, retraída, mas não esconde o lindo sorriso.

— Pai, mãe, esses são seus netos, Matteo e Kiara — os apresento formalmente.

Matteo ainda está chocado com tudo, mas não se nega em ser abraçado, ri um pouco com as piadas bobas do meu pai e as preocupações exageradas da minha mãe. Kiara só quer ficar pertinho deles, fica em silêncio, olha de um para o outro e acaba rindo a cada final de frase.

— Família Lamarphe? — Um homem com touca cirúrgica e máscara vem até nós.

— Sim — Antônio se põe de pé e vai até o homem, Matteo o segue.

— O Hélio está bem? — pergunta logo.

— O Hélio está ótimo! Se não tivesse sido socorrido imediatamente não estaria, mas ele está novinho em folha. Está

descansando e se preparando para voltar para casa, tá? — O médico fala docemente para meu filho.

— Ok. Posso vê-lo?

— Claro. Você vai vê-lo por uma parede de vidro, ok? Ele está dormindo, precisa descansar para se recuperar mais rápido — nos chama para que o sigamos.

Atravessamos o corredor e vamos até a ala de recuperação, vemos Hélio deitado em sua cama, recebendo soro, o peitoral enfaixado, dorme serenamente.

— Posso ficar aqui olhando ele dormir? Não posso deixá-lo sozinho — Matteo pede para o pai.

Como a resposta não vem imediatamente, pede para mim.

— Posso? Posso ficar?

— Vamos ficar todos, juntos — decido, para a alegria dele.

Matteo comemora baixinho para não acordar o melhor amigo.

— E essa lindinha? Será que ela não quer um biscoito? — O médico acaricia Selene, a cadela não se nega a um carinho, começa a balançar o rabo com muita alegria.

— Ela não nega comida — Kiara diz.

— Ótimo, vou buscar uns petiscos. Fiquem à vontade! — O homem sai depressa.

— Meu Deus, que loucura tudo isso. — Minha mãe faz o sinal da cruz. — Quem poderia imaginar que aquela mulher seria capaz dessas coisas? — diz arrepiada.

Eu diria.

Na verdade, Bárbara nunca fez questão de esconder que era o pior tipo de gente. Todos a engoliam porque ela era, afinal de contas, esposa de Antônio. No fim, até um tigre a engoliu.

Coitado do bicho que vai ter uma caganeira triste.

— Mamãe, termina a história — Kiara puxa minha mão.

— Oi, meu amor.

— Conta a história! Termina a história! — Ela insiste.

— Ah, sim, a história... — penso um pouco. — O que mais tem para contar? A mamãe contou tudo, meu amor.

— O que acontece depois? — É o que Matteo quer saber.

— Bem, agora a mamãe recuperou vocês. E nós nunca mais vamos nos separar. Vamos ficar juntinhos como deveria ser desde o início.

— Com o papai também? — Kiara precisa muito saber disso, está quase em cólicas.

— É. Com o papai também — afirmo.

— Vocês ainda se gostam? — Matteo faz uma careta.

— É. Nós ainda nos gostamos, muito — Antônio acena para o filho.

— Mas ficar longe não foi ruim para vocês? — Kiara está tentando entender essa linha de lógica nova.

— Sim, ficar longe do seu pai foi horrível, assim como fiquei longe de vocês. — Me abaixo para conversar com eles olhando no fundo de seus olhos. — Mas assim como a mamãe nasceu lá do outro lado do mundo, e mesmo sem voltar lá, ela ainda continua tendo vindo de lá, não importa quanto tempo a mamãe ficou longe de vocês... — dou uma cutucada em cada um. — Ou do papai...

— Hum — Matteo espera para ver a reação do pai.

— Não muda o fato de que é o lugar onde pertenco — termino, por fim, a história.

Não sei se era o final que eles esperavam, mas é o que posso oferecer até agora.

— Pertence ao outro lado do mundo ou ao papai e a gente? —
Matteo insiste em saber.

— Pertença a vocês, independentemente do tempo e da distância. O amor não conhece fita métrica, relógio, fronteiras e barreiras. O amor é igual o nascer do sol, simplesmente acontece. E depois que acontece, não há mais nada a se fazer, a não ser viver um novo dia.

— Tá, mas amanhã a gente vai continuar juntos? — Matteo parece uma metralhadora de perguntas.

— Meu amor — seguro no rostinho dele. — A partir de hoje estaremos juntos para sempre!



Capítulo 39

ANTÔNIO LAMARPHE

*“Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa,
nunca tem medo e nunca se arrepende”.*

— Leonardo da Vinci.

**ROMA, Itália.
Dias depois.**

A sala que nos foi concedida no *Palazzo Poli* estava lotada com a mais alta elite, não apenas da Itália, mas de todo o mundo.

Empresários, CEO's de grandes corporações e investidores de cada parte do mundo vieram presenciar uma revolução na tecnologia.

Quando Anthony Mitchell e eu subimos no palco, somos aplaudidos com demora por todos eles.

Daqui de cima consigo ver amigos, sócios, membros da Colmeia que receberam convites exclusivos, já que as cadeiras no salão são limitadas e apenas as oferecemos para aqueles mais interessados no que preparamos.

Lá fora, na famosa e esplendorosa *Fontana di Trevi*, uma multidão de curiosos lota cada espaço ao redor da fonte para observar os telões que foram colocados.

— Boa tarde, senhoras e senhores — Anthony começa arriscando um pouco de italiano e é aplaudido. — É uma honra e prazer recebê-los aqui neste dia para dividirmos um dos projetos mais ambiciosos já pensados e executados pela Trojan Horse Security em parceria com a Companhia Lamarphe.

Ao estender a mão em minha direção, recebo os aplausos calorosos e aceno para os meus filhos lá embaixo.

— A Companhia Lamarphe nasceu com o único propósito de dar orgulho à nossa nação — tomo a palavra, como num jogral. — E

estamos honrados por participar dessa empreitada que mudará muitas instâncias do mundo.

Aguardamos que os ânimos se acalmem e que a plateia possa respirar para escutar bem o que temos a dizer.

— A Trojan Horse Security foi fundada por um americano chamado Ethan Evans. Este homem, que desenvolveu projetos para a CIA e FBI revolucionou a forma como protegemos nossos dados, sejam eles sistemas bancários impenetráveis, a própria agência e integridade de inteligência dos Estados Unidos da América e até mesmo as suas senhas de e-mails ou redes sociais — Anthony diz animado e todos riem junto com ele.

— Ele fez um pouco mais — admito. — Por ser cego, Ethan desenvolveu projetos que hoje são tão comuns, que na época foram pensados para dar acessibilidade, como os comandos de voz do GPS, celular, leitura dinâmica, e demais outras funcionalidades que hoje são tão comuns.

Há um breve momento de aplausos em homenagem ao revolucionário gênio e criador desses métodos.

— Uma das primeiras criações do Ethan, que ele manteve por muito tempo só para si, foi a Yvy, uma assistente virtual. A Yvy é

capaz de pesquisar coisas na internet, pagar suas contas e até mandar a máquina fazer seu cafezinho. — Dou espaço para que todos observem o telão que desce atrás de nós.

Nele é projetado a figura da assistente virtual, Yvy, que é basicamente uma caixa de papelão com olhos biônicos cansados e tediosos.

— Falando nela... olá, Yvy — Anthony acena.

— Olá, Anthony. Em que posso ajudar? — A voz da assistente virtual é, como Ethan projetou e desejou, a voz da sua amada esposa Valentina, só que um pouco computadorizada.

— Hoje estamos aqui para apresentar o grande projeto iniciado pelo Ethan, mas concluído pela parceria da THS e a Companhia Lamarphe. Está pronta, Yvy?

— Não. Me dê mais 5 minutos — A assistente pede.

Todos caem na risada e Anthony coça a nuca, me encara meio preocupado.

— Enquanto a Yvy se prepara, acho que também precisaremos de ajuda. Alguém na plateia gostaria de ser a nossa cobaia?

Muitas mãos. As pessoas parecem animadas, pois alguém entrará para a história por ser a primeira a experimentar o que estamos prestes a revelar ao mundo.

— Você — aponto. — Vem cá, sobe no palco — chamo.

Aguardamos enquanto nosso ilustre convidado vem.

— E aí, Yvy, já está pronta? — Anthony pergunta.

— Só preciso puxar a descarga — Yvy diz num bocejo.

— Ok, ok, não esqueça de lavar as mãos — ele ri. — Opa, chegou nosso corajoso voluntário. Seu nome?

— Matteo — ele responde.

— E quantos anos você tem, Matteo?

— Seis — diz timidamente para todos.

— Ok, Matteo, você sabe do que se trata o que vamos fazer aqui hoje?

— Não, meu papai não contou — Matteo aponta para mim.

Se isso não é o suficiente para arrancar a risada de quem nos vê, Matteo conclui sua participação escondendo o rosto.

— Certo. Gosta de óculos, Matteo?

— Gosto — sacode a cabeça.

— Yvy? — chamo a assistente.

— Eu estou vestindo a roupa, só um instante — ela pede.

— Acontece, tem gente que só consegue fazer cocô tirando a roupa inteira — sacudo os ombros.

— Eu — Matteo ergue a mão.

— Ok, filho, pode abaixar — acabo rindo.

— Matteo, você vai ser o primeiro a ganhar isso. — Anthony traz uma caixa preta com um símbolo metalizado, entrega nas mãos do pequeno. — Vai, abre. Diz pra todo mundo o que tem aí.

— Ósculos! — diz animado, mostra para todos sentados.

— Óculos, é isso aí — Anthony celebra. — Coloca, Matteo.

— Tá.

O pequeno começa meio desajeitado, mas consegue pôr os óculos.

— Agora segura isso aqui para o tio. — Entrega nas mãos dele pequenos sensores que lembram pilhas bem finas.

— Nossa — Matteo quase se desequilibra e cai.

Todos ficam curiosos para entender o que aconteceu.

— O que houve, Matteo?

— Eu estou... — Ele vira o rosto lentamente para a direita. — Eu estou... — Vira para a esquerda. — *Uau...*

— Não precisa se mover, filho. — O seguro antes que saia caminhando pelo palco e caia.

Todos levam um susto quando observam uma águia entrar no auditório. Ele sobrevoa em um rasante que passa bem perto da cabeça de quem nos assiste e depois sobe ao palco, fica bem diante da criança.

— Eu estou me vendo — Matteo sorri. — Olha só — estica a mão.

No mesmo instante a águia estica a asa direita em sua direção.

— Isso, Matteo, é o que queremos apresentar ao mundo. O que achou?

— Eu posso voar — ele diz, e o pássaro mecânico levanta voo imediatamente e sobrevoa em círculos o lugar.

Por ser criança e estar aprendendo a mexer, Matteo faz movimentos bruscos com os braços, mas isso não é necessário. O simples direcionamento mecânico dos músculos é o suficiente para que o sensor entenda e faça o que lhe é proposto.

— Senhoras e senhores, nós queremos lhes apresentar o Yvyverso — Anthony mostra o telão.

A apresentação mostra que Yvy, a assistente virtual, agora veio para o mundo real. E ela pode controlar robôs de todos os tipos através dos nossos óculos que não são mais de *realidade virtual*, mas *realidade simulada*.

Seja um aspirador de pó ou braços cirúrgicos que realizam procedimentos delicados entre a vida e a morte ou maquinários pesados das indústrias que precisam ser pilotados de dentro... tudo isso ficou no passado.

Agora é possível controlar toda e qualquer máquina, de onde estiver, quando quiser, sem precisar de muitos esforços, além do óculos e nossos sensores.

— O próximo passo, senhoras e senhores, é eliminar de vez esses pequenos sensores e deixar que os óculos sejam nossos novos olhos e controlem o mundo — Anthony estende a caixa na altura da visão de todos.

— E aí, filho o que achou? — Coloco o microfone perto da boca dele.

— Eu me sinto o super homem, só que sendo um bicho — ele se diverte e dá um grito de alegria.

A águia sai pela janela e sobrevoa lá fora. Pelo telão conseguimos ver para onde vai e é muito, *muito* distante.

— Esses óculos vão substituir tudo o que conhecemos por realidade. E irão revolucionar como fazemos e enxergamos as coisas no mundo — anuncio. — Eles substituirão seus celulares, suas televisões, seus computadores, suas viagens de negócios urgentes ou suas limitações. Não existem mais limitações, não no Yvyverso.

Eles aplaudem porque não sabem que esses óculos, para nós, já é passado. Estamos trabalhando em lentes ultra finas para serem colocadas nos olhos e dar um ar ainda mais realístico a tudo.

— Aos que desejam saber, os óculos começarão a ser vendidos... — Olha o relógio. — Já começaram, na verdade. Boa tarde a todos.

E assim encerramos nossa apresentação, observando a euforia e disparada de centenas de pessoas para comprar seus óculos o mais rápido possível através de seus celulares.

— Isso é... fantasticamente bizarro. — Tatiana que estava assistindo tudo junto com Kiara lá embaixo, vem me parabenizar.

— Você acha? — Beijo sua testa.

— *Muito*. Você e o Matteo ensaiaram?

— Não, é a primeira vez que ele tem acesso ao *Yvyverso*, na verdade.

Ela não acredita. Fixa seus olhos no filho que ainda está imerso no olhar da águia. No telão vemos que está sobrevoando e vendo toda a cidade de Roma de cima.

— Vocês vão ganhar bilhões com isso — mordisca o lábio. — Já entraram em contato com os fabricantes de celulares?

— Já. Eles até gostaram da ideia, pois a partir de agora não vão mais vender aparelhos e sim o sistema operacional dentro dos óculos. Claro, é apenas um teste, nossas ambições não são acabar com o sistema telefônico do mundo — preciso rir.

— Qual é a ambição? — Cruza os braços.

— Qual você acha? — Tiro uma caixa preta do bolso.

— Que óculos pequeno — ela pega, abre sem muita pretensão.

Quando vê o anel de diamante de tamanho extremamente generoso, fecha a caixa imediatamente e arregala os olhos.

— *Meu Deus.*

— A ambição é te dar o mundo inteiro. Para você e para nossos filhos. — Seguro na cintura dela e a trago pra perto bem devagar.

— *Ant*, eu estou impressionada!

— Com o anel ou com a apresentação?

— Com tudo. Mas... *outro anel?*

— Todos os anéis de diamante que eu puder lhe dar na vida, serão poucos — massageio sua nuca e beijo o ombro. — Acostume-se a isso.

— Mas espera um minuto.

— Hum.

— A Companhia Lamarphe produz armas, certo?

— Aham — concordo imediatamente.

— Como esses óculos poderiam ser uma arma? — Coça o queixo.

Seguro em sua mão e coloco o anel bem devagar, ela admira a pedra e fica encarando o brilhante no dedo.

— *Você não faz ideia* — murmuro e selo nossos lábios.



Capítulo 40

TATIANA MORENO

“Amor vincit omnia”.

(“O amor tudo vence”).

— Provérbio em Latim.

Palermo, Sicília.

A minha vida estava mais agitada do que nunca, mas eu estava feliz por cada ocupação do meu dia.

— Bom dia! — Aperto as bochechas de Matteo que está com cara sonolenta. — Tudo certinho para a escola?

— Sim, mamãe — coça os olhos e vai sentar na rede lá fora.

Ainda não me acostumei a ser chamada de *mamãe*, meu coração derrete e fico sem reação. Esperei e sonhei tanto com esse dia que agora que é realidade, não consigo assimilar.

— Oi, Hélio. — Coloco água para ele.

O cachorro segue seu tutor até lá fora, vai bem devagarzinho e deita em sua caminha, mantém o olhar preguiçoso e manhoso. Mesmo que esteja se recuperando rápido, não pode correr e fazer estripulias junto com seus outros amiguinhos.

— Bom dia, amor — Antônio entra pela porta da frente, me entrega o jornal do dia que foi buscar na cidade e põe a mesa de café.

— Bom dia, *Ant*.

— Dormiu bem? — Ele me abraça por detrás, encosta a barba em minha nuca.

— Não, na verdade não — suspiro. — Primeiro dia de aula da Kiara, eu estou apavorada.

— Apavorada por quê? — Ele dá a volta no balcão da cozinha e vai organizando todos os potes, talheres, xícaras e pratos na mesa.

— De ficar longe dela nesse primeiro dia. E se ela não gostar? E se as crianças forem cruéis com ela? O que faço se ela precisar de mim? Estarei em Roma trabalhando! — me desespero.

— *Cara mia* — me desaprova com o olhar. — Confie na sua filha, ela vai se sair bem.

Suspiro, continuo inquieta, me movendo de um lado para o outro.

Estamos morando temporariamente na antiga mansão dele aqui na Sicília, para onde me trouxe após aquela perseguição absurda de semanas atrás.

Não é exatamente o lugar que sonhamos, mas é o nosso lugar enquanto Antônio tenta comprar uma pequena ilha para nós e lá sim teremos nosso grande quintal, muita natureza, jardim, árvores frutíferas e um vasto e límpido mar para serenar e acalantar nossos dias.

— Oi, meu amor — ando até Kiara quando ela vem para a cozinha.

É tão independente e madura para a própria idade que já acordou, tomou banho e arrumou o próprio cabelo, sozinha.

— Dormiu bem?

— Sim! Quero conhecer a escola! — Kiara diz numa animação que me deixa derretida. — Vou aprender a ler e escrever!

— É isso aí! — O pai a anima. — E vai conhecer novas amiguinhas e se divertirá bastante. E o papai vai te buscar para almoçar e depois no fim do dia para trazê-la para casa. — Vai servindo o café da manhã para a pequena de acordo com o que ela diz que gosta.

É inacreditável ver a cena.

Ela ficou guardada em minhas memórias, num passado distante em que eu tinha plena certeza de que Antônio e eu jamais poderíamos ficar juntos ou ser uma família.

Mesmo a distância e o tempo foram incapazes de apagar em mim o que ele despertou quando eu era apenas uma menina. E saber que o que despertei nele ainda está aceso como um sol em pleno amanhecer, me faz pensar em como a vida é misteriosa e tudo tem seu tempo certo.

— Quando vai ser o casamento? — Kiara diz de boca cheia.

Ergo as sobrancelhas e volto a andar aleatoriamente pela cozinha, fazendo coisas sem sentido, só para me ocupar.

— Na próxima semana, por quê? — o pai pergunta. — Está animada para ver o seu vestido?

— Eu quero ver o da mamãe! — Aponta para mim.

— Ah, o da mamãe. Ela vai ficar linda toda de branco, você não acha? — Deita os braços na mesa e serve o mingau para ela, limpa seus lábios quando se suja.

— A mamãe sempre é linda. — Kiara faz uma cara fofa e continua a comer.

Quando tudo está perfeitamente arrumado, é a minha vez de trocar de roupa, coloco um vestido preto com botões dourados e deixo o sobretudo em cima da cadeira, pois está um frio danado em Roma.

— Ai, como é gostoso ficar aqui. — Me jogo na rede e seguro Matteo para que não caia, pois ela balança com força.

— Que susto, mamãe! — Ele se agarra em mim.

— Vá se arrumar para ir à escola, já estou pronta para levá-los — aviso, ajudando-o a sair da rede.

Fico balançando levemente, observo as águas diante de mim, o sol ganhando cada vez mais força no horizonte e sinto a brisa marítima em meu rosto. O cheiro logo se mistura com hortelã e um

tom amadeirado refrescante, abro os olhos e vejo Antônio olhando para longe.

— Por que está tão apreensiva? Não pense que conseguiu me enganar. — Continua a vigiar os arredores e apreciar a paisagem.

— Hoje sai o apelo que fiz ao juiz para conceder a guarda dos filhos para a minha cliente...

— E por que tão nervosa?

— Ela não deveria ficar sem os filhos, *Ant*. O pai sequer se importa com eles, só está fazendo isso para atingi-la.

— Qual o nome dele?

Quando nossos olhos se encontram, rapidamente faço que não com a cabeça.

— Não se intrometa nisso!

— Você quer que ela fique com os filhos, não é?

— Por que é o certo — tento explicar meu ponto.

— A máfia também faz o que é certo, mesmo que por meios escusos. — Guarda as mãos no terno de alfaiataria. — E o certo nesse caso é que eles fiquem com a mãe.

— É. Mas por que não deixamos a justiça cuidar disso?

— A justiça é controlada por homens que tem interesses, como eu.

— E qual o seu interesse nisso tudo? — Cruzo os braços.

— O meu interesse é que a minha mulher não fique nervosa. E sinto, no final do dia, que fez a coisa certa, lutou pelo que realmente acreditou.

Respiro devagar, temo em concordar com ele.

— Ele não pode ficar com os filhos se desaparecer, não é? — Antônio dá uma piscada.

— *Ant!*

— O nome. Diga-me o nome.

Aprendi muitas coisas nos últimos tempos. Algumas delas, não me orgulho muito. Tive de encarar meu passado e ver todas as semelhanças que eu tinha com Paola sobre situações em que fomos colocadas, mas as nossas decisões divergiam e era nisso que éramos diferentes.

O maior aprendizado com certeza foi aceitar a ajuda dos outros.

Planejei recuperar os meus filhos sozinha, criá-los sozinha, viver uma vida independente, longe de cobranças e de uma família

que me machucou muito...

A verdade é que não sei se teria conseguido sem o apoio das pessoas que ficaram ao meu lado.

Tive de abrir mão do meu orgulho, dos meus conceitos e do ego. Assim fiquei nua e me mostrei vulnerável, meu maior medo.

Ninguém quer se sentir vulnerável. Ninguém quer mostrar o quanto é fraco, se sente incapaz ou está subjugado por situações maiores.

E foi no meu momento mais sombrio e delicado em que me senti menos do que nada, Antônio esteve lá, ao meu lado. Me apoiou, não me julgou, permaneceu comigo até a tempestade passar.

Discutimos, brigamos, discordamos e isso faz parte da vida.

Também nos amamos, nos unimos e reconhecemos o valor um do outro. Preciso muito dele, pois sem esse lado malvado e sombrio, eu não teria coragem de encarar meus medos e minha sombra. E sei que ele precisa de mim, porque a vida parece ter mais significado assim.

Bem, pelo menos é como me sinto.

— Vou escrever o nome em um papel — digo.

— Essa é a minha garota. — Aperta meu joelho. — Agora levante-se, vamos levar Kiara para a escola, seu avião parte logo em seguida. E eu farei algumas ligações — pisca para mim.

Eu ainda vou mudar o sistema de alguma forma.

Ainda lutarei pelo que acho justo e enfrentarei qualquer máfia que seja, inclusive a Lamarphe, quando fizer coisas erradas. Mas também tenho que dar o braço a torcer e aceitar a ajuda deles quando estamos fazendo o certo.

— Eu estou pronta! — Kiara está toda engomadinha, com uniforme da escola e mochila.

— Olha como está bonita! — Avalio. — E se arrumou sozinha.

— É, você me ensinou, mamãe. — Segura em minha mão.

— Muito bem, você é esperta, aprende rápido — entro com ela na cozinha, pego minha bolsa e pasta de trabalho, levo-a para o carro.

Ainda não me acostumei a viver com dezenas de seguranças ao meu redor, pelo menos meu pai é o motorista e isso me dá um alívio na alma, pois no meio de tanta estranheza, há também familiaridade.

— Bom dia, papai. Já tomou café? — Coloco a cabeça diante da janela.

— Já, não se preocupe! — Ele acena.

— Oi, vovô! — Kiara se joga no banco de trás.

— Bom dia, princesinha! Como está bonita!

— É o meu primeiro dia de escola! — Avisa, muito animada.

Deixo os dois desfrutando da companhia um do outro e vou buscar Matteo, quando chego em casa ele está conferindo se Hélio precisa de alguma coisa, coloca ração, faz muito carinho no amigo e depois segura em minha mão quando estendo.

— Tchau, Hélio, eu volto mais tarde!

O animal late e balança o rabo, deita a cabeça em sua almofada e observa o garoto vir comigo.

— Todos prontos? — Antônio é o último a entrar no carro.

— Sim! — As crianças dizem animadas.

Primeiro vamos deixá-las na escola, depois pego meu voo para a capital da Itália, onde continuo trabalhando.

— Para você. — Entrega-me um óculos, da linha que produziu.

Só entendo que preciso colocar no rosto quando ele faz o gesto com as mãos.

É estranha a sensação de usar esses óculos. Ao mesmo tempo que consigo enxergar as coisas ao meu redor, uma imagem bem mais nítida e real se projeta diante de mim, e essa imagem é Renata Lamarphe.

— Bom dia, doutora Moreno — ela me saúda com um aceno, mexe nos papéis em sua mesa.

— Bom dia, Renata. Em que posso ajudar?

— Tudo já está encaminhado — ela avisa, termina de assinar uns papéis e depois olha para mim, como se estivesse diante dela.

— *Encaminhado?* — pergunto, confusa.

— Sua amiga Kelly e seu amigo Thomaz estão inscritos no concurso para promotores — ela recorda. — E você, juíza.

— Ah, no meu caso, não precisa. A dívida que você tinha comigo...

— Será paga dessa forma — diz, sem dar espaço para qualquer discussão. — Vamos precisar de você no futuro, Juíza Moreno, se lembre disso.

Minhas bochechas queimam. Não é como se eu não merecesse ou não tivesse me esforçado, eu realmente lutei muito para conquistar tudo. E agora parece que o universo quer me dar tudo de mãos beijadas, deve ser de tanto que sofri.

— Vou me lembrar — é tudo o que consigo dizer.

— Você é uma de nós, sabe o que isso significa, não é? — Renata coça o queixo com a caneta dourada.

— *Sangue e honra* — digo.

— Exato — ela aprova com um sorriso. — Agora leve seus filhos para a escola e deixe que nós cuidamos do sujeito que está atrapalhando seu processo — pisca. — Tenha um bom dia e espero vê-la linda e radiante no dia do seu casamento.

— Obrigada, Renata.

A *videochamada* se encerra assim que ela retira os óculos, eu retiro os meus logo em seguida e entrego para Antônio.

Deixo minhas crianças na escola, parece até que vou ficar dias longe delas, mas serão apenas algumas horas, nos veremos de novo no jantar.

— Qualquer coisa você pode me ligar, ok? Você tem o número da mamãe anotado na agenda — abraço Kiara.

— Sim, mamãe. — Segura nas alças da mochila e sai correndo na frente, pronta para desbravar essa nova aventura.

— E você, pequenino, vai cuidar da sua irmã? — Afago os cabelos de Matteo, dou-lhe um abraço bem apertado.

— Claro que sim — diz com o olhar desafiador que puxou do pai.

— Ótimo. Nos vemos no jantar.

— Pode ter pizza?

— Se vocês se comportarem, pensarei no caso — me despeço. — Tchau, meu filho, tenha um bom dia e se comporte!

— Tchau, mamãe! — Ele se mistura no meio das crianças.

Retorno para o carro que agora nos levará para a pista particular, e de lá sobrevoarei até Roma.

— Estive pensando...

— Ah, você pensa. — Viro-me para Antônio e acabo caindo na risada.

— Ao invés do casamento tradicional na catedral, deveríamos nos casar nas pedras brancas, onde nossa história de amor começou.

É tão inusitado ouvir isso que fico paralisada.

Tudo estava pronto e acertado! O local, o padre, a decoração, os convites haviam sido enviados para os convidados.

— O que acha? — Aperta minhas mãos e passa o dedo polegar por cima do anel de diamante.

— Quer saber? — Levanto os ombros. — Não faria sentido se fosse em qualquer outro lugar.

— Vou pedir novos convites — ele puxa o celular.

— E eu vou ver como acomodaremos as pessoas lá, porque é bem íngreme — acabo rindo.

Não importa os planos, podemos rever tudo. Não importa o que estava acertado, podemos adequar.

O essencial é que estejamos juntos.

E se estivermos, nada nem ninguém poderá nos parar.



Capítulo 41

ANTÔNIO LAMARPHE

Eu me sinto

Como uma gota

Em teu mar

Como uma folha

Em tua árvore.

— Interpretação de Andrea Bocelli em “Un Canto”^[31].

Foi aqui que eu a vi pela primeira vez com outros olhos.

Foi aqui que eu me apaixonei perdidamente e soube, mesmo sem entender, que Tatiana seria a minha mulher pelo resto da vida.

Não seria justo que não fosse aqui o lugar onde diríamos nossos votos de amor diante da família e nossos amigos.

Em um dia ensolarado e com uma brisa cheirosa e refrescante, nos reunimos nas pedras íngremes que desciam desde a grande caverna até a praia lá embaixo, onde as ondas rebentavam, lambiam as rochas e espalhavam sua espuma por todo canto.

Os homens, ao melhor estilo siciliano, usavam *smoking*, chapéu Fedora, alguns com luvas de couro pretas e sobretudo. As mulheres, cada uma em um vestido colorido, exceto a noiva, a mulher mais linda que já existiu em todo o mundo, toda de branco.

Fiquei sem ar e sem palavras quando vi Tatiana com o vestido de alças finas, o tecido bem rente ao seu corpo, o véu que arrastava no chão.

Brega e cafona, como nosso amor. Por isso, extremamente real, visceral e ciente de seus defeitos e suas qualidades.

Eu não mudaria nada nela.

Esperaria cada dia da minha vida por ela.

Estive em muitas camas, deitei-me com muitas mulheres, perdi tempo em bocas que não me pertenciam, pois a minha morada era no coração dela. E apenas ali eu poderia ter paz e segurança de que viver 100 ou 200 anos seria pouco, contanto que fosse com ela.

O pretérito imperfeito não importava mais. Agora somos nós, no presente do indicativo e no futuro mais que perfeito.

— Senhor Otávio — o cumprimento quando ele me entrega sua filha.

O padre começa a ladainha que todos nós conhecemos.

Verdade seja dita, a tradição é um grande porre, às vezes dá sono e pode não fazer sentido, principalmente para os mais jovens que acreditam que o que importa são os números de seguidores ou *likes* em suas fotos.

Mas a tradição nos lembra de quem somos, quem fomos e quem seremos.

E mesmo que pareça bobo ou até mesmo fútil, a tradição ganha significado quando você repete em voz alta as palavras que ouviu em tantos outros casamentos, mas não teve a oportunidade de sentir à flor da pele o que é enunciado.

Palavras são mágicas apenas e somente quando são ditas para alguém especial. Senão são apenas palavras.

Entre Tatiana e eu nada é *apenas e meramente* o que é.

Tudo é sagrado. Tudo é mágico. Tudo é vivo.

Desde o primeiro momento em que a vi, menina de cabelos desgrenhados ao vento e jeito corajoso de subir pedras altas ou entrar em tumbas de mortos que não a assustava, eu soube que ela não era apenas uma menina.

Era a minha menina.

— Um ditado italiano diz que “*o homem está, não onde mora, mas onde ama*” — sorrio com os olhos ao encará-la. — Há outro ditado que diz: “*Ao término do jogo, o rei e o peão voltam para a mesma caixa*”.

Dou uma olhada panorâmica nesta linda paisagem.

— Não teria lugar melhor para me apaixonar por você pela primeira vez e cada dia depois desse, senão aqui, o nosso lugar. — Seguro firme em suas mãos e abro um sorriso de canto. — Tatiana, eu sempre *morei* e *estive* aqui à sua espera. Grafei nossas iniciais na rocha interna da caverna quando te disse a primeira vez que te

amava, assim como gravei em meu coração cada momento que passamos juntos.

— *Ai, Antônio, a minha maquiagem* — revira os olhos e passa suavemente os dedos ao redor dos olhos.

— Nada me machucou mais na vida do que perder você. E nenhum presente foi tão importante quanto o que você me deu — olho para nossos filhos que estão especialmente bonitos hoje.

Matteo trouxe as alianças, Kiara entrou jogando as flores.

Ele em um terno que faz parecer um pequeno homem de negócios, não poderia ser menos siciliano do que realmente é. E a nossa menina parece um anjo, cabelos volumosos, uma tiara de brilhantes e um vestido cheio de babados.

— Nós voltaremos aqui neste lugar com frequência para nos lembrar como a nossa história começou e entender porque ela não pode acabar. Quero grafar o nome dos nossos filhos, dos nossos netos, quero imortalizar tudo o que amo em cada pedra deste lugar, pois quando você se foi e eu retornava aqui, parecia que ainda tinha seu cheiro. A lembrança da sua risada e do seu carinho me mantiveram vivos. E por mais que tentaram nos separar — olho ao redor.

Ela olha também, para a natureza.

— Essas pedras estavam aqui antes de todo mundo. E elas vão permanecer aqui, depois de todo mundo. Com uma diferença: elas contarão nossa história de amor. Nada nem ninguém pode apagar o que sinto por você. E por você eu sou capaz de tudo.

Os votos tradicionais são feitos e digo cada palavra com muita verdade.

Eu a amarei na saúde e na doença. Na riqueza e na pobreza. E um dia, quando a morte nos separar, de alguma forma sei que nos reencontraremos e como dois desconhecidos, faremos tudo desde o princípio.

Passando perrengues, pessoas tentando nos separar e dificuldades por todos os lados.

E ainda assim venceremos. Ficaremos juntos.

— Antônio... — ela mal consegue dizer o meu nome e já engole em seco. — Você me ensinou o que é o amor. Você me ensinou a como te amar. E você me ensinou a como me amar. Você está gravado em mim, não apenas na pele, mas na alma. E hoje eu vejo o quanto fui estúpida por duvidar, nem que fosse por um instante, de que venceríamos.

— Foi estúpida mesmo — preciso comentar.

— *Tsc* — ela estala a língua. — O nosso amor superou todo o ódio, todos que tentaram nos separar e nos impedir. O nosso amor gerou os dois seres mais importantes do mundo — ela encara as crianças. — E algo me diz que o nosso amor ainda tem muito a oferecer, para você, para mim, para nossa família e para o mundo.

Eu não diria nada melhor que isso, é por isso que ela é a mulher da minha vida.

— Nosso amor pode ter perdido as batalhas, mas ele venceu a guerra. E eu espero que um dia todos possam viver o que estamos vivendo, e sentir o que estamos sentindo. Eu voltei, preparada para enfrentar o mundo sozinha, mas descobri que você ainda era o *Ant*, meu companheiro, a pessoa que aceitaria qualquer desafio ao meu lado e que me daria forças nos momentos mais difíceis.

Todo mundo já escutou isso. É um clichê, um jargão, é a pura burocracia do ritual do casamento.

Mas é diferente quando você escuta da pessoa que tem a chave de seu coração.

Ela vai me amar, na saúde e na doença. E na riqueza ou na pobreza. Até que a morte nos separe.

Em um mundo onde palavras não significam mais nada e os sentimentos escorrem pelos dedos como se fossem água jorrando de uma fonte, o coração perde o compasso e os pulmões falham na hora de puxar e tirar o ar.

Os dedos suam e um arrepio na barriga, que sobe pela espinha e dá calafrios nas costas toma conta do corpo.

Como é possível se sentir assim após tantos anos?

Bem, acho que é isso que os velhos chamavam de amor.

Por vezes dolorido, cheio de conflitos e pessoas tentando interferir nele. Mas o amor é como uma dança, foi feito para dois. E somente os dois podem ditar o ritmo, se é valsa, se é tango, se é uma balada ou ópera.

No meu caso e de Tatiana é um pouco de tudo e nada disso.

É algo apenas nosso e que só nós dois conseguimos entender.

— Eu os declaro marido e mulher — o padre sentencia.

Eu não pediria mais nada a Deus.

Tatiana abraça seus padrinhos, sua amiga Kelly e Thomaz. Eu abraço os meus, Raffaello e Renata.

Sob chuva de arroz e muita agitação, nós entramos na caverna.

Eu vou gravar o nome da nossa filha pela primeira vez na rocha e isso vai durar para sempre. E espero poder fazer mais inscrições de filhos e netos que virão.

— Acabou, papai? — Kiara pergunta, vendo o seu “K” muito bonito ao lado do “M” do irmão, ambos abaixo de um antigo, mas muito vívido e bem desenhado “A & T”.

— Não, meu amor — afago seus cabelos. — Está só começando.



Epílogo

TATIANA MORENO LAMARPHE

*Uma vez tendo experimentado voar, caminharás para sempre
sobre a Terra de olhos postos no Céu, pois é para lá que tencionas
voltar.*

— Leonardo da Vinci.

Anos depois.

— Eu chego primeiro! — Lola segura no chapéu de palha e tenta subir as pedras com rapidez.

Atrás dela, Phellippo, Matteo, Kiara e uma porção de primos tenta escalar junto. Invejando a garotada que se diverte, a bebê em meu colo se sacode, eufórica para descer e só sossega quando eu a coloco no chão.

— *Tááá!* — Solta um grito estridente e bate as mãozinhas no chão, sai engatinhando, tentando alcançar os irmãos e primos.

— Sofia, você não vai conseguir — preciso rir, observando a minha filha.

— *Táááááá!* — Diz revoltada, firma os joelhinhos no chão e sai puxando a grama, tentando ir o mais rápido que pode, não vai mais do que dois passos largos de um adulto.

— Olha o tamanho dessa criaturinha e já quer escalar as pedras brancas — Kelly beberica de seu champanhe.

— Deve ser algo de família — sacudo os ombros, acabo rindo.

— Thomaz vai trazer o namorado, então disfarça, hein? Finge surpresa e pergunta: *ué, bicha, você não era a piriguete? Cadê teu nome, viado?* — Sacode os ombros enquanto fala.

Acabamos rindo.

— Amiga, sinto muito por não ter dado certo com o Ayslan... — lamento.

Muita coisa aconteceu desde que ela começou a namorar aquele cara. Um tempo depois descobrimos que ele era um clone e a confusão foi gigantesca.

— Eu não sinto não, quero um homem exclusivo meu, não cópia barata dos outros. Aquela amiga da Yasmin só faltou me matar — ela bebe para não lembrar da confusão.

— É — sacudo a cabeça.

Estamos em terra firme, mas daqui conseguimos ver a ilha artificial que foi feita bem no meio do mar, diante do lugar em que casamos. Antônio construiu nosso lar do zero, agora tínhamos nosso doce lar bem de frente para o lugar que nos apaixonamos, nos casamos e, obviamente, nosso lugar favorito.

Daqui consigo ver os primos e amigos de Antônio celebrando lá na mansão da ilha, todos estão se divertindo muito, é aniversário de Kiara e Matteo, e eles querem ir brincar na caverna, nas pedras e se aventurar pelos terrenos.

— E quando vem o próximo bebê? — Kelly acaricia minha barriga.

— Que próximo bebê, Kelly? Você acha que tenho tempo? — Suspiro. — A Sofia mal completou dois anos e você já quer mais um

afilhado?

— Ué, minha filha, vocês não querem um time de futebol? Tem que fazer mais bebês!

— Acho que vamos adotar o próximo e esperar um tempo até eu engravidar novamente.

A gestação de Sofia foi a melhor de toda a minha vida. Tive o apoio de toda a família, os cuidados, não passei por nenhum estresse. Mal podia acreditar que tudo enfim tinha entrado nos eixos.

— É. E o tribunal anda cheio, né?

— Nossa — fecho os olhos. — São tantos processos para resolver! — Coço a testa.

— Não queria ser juíza? Agora aguenta, gostosona — bate o ombro no meu. — Mas conte sempre comigo para te perturbar, adoro ir no tribunal causar.

— Eu sei.

— Olha só quem chegou! — Antônio vem junto com Ruslan, o *consiglieri* da família.

Ao seu lado há uma mulher baixinha, gordinha e com um olhar envergonhado, ela me estende várias caixas de presentes.

— Para os seus filhos, Tati!

— Quanto amor, Alessandra — cumprimento a esposa de Ruslan. — Muito obrigada! Tenho certeza que as crianças vão adorar!

— Eu espero que sim. Vocês estão bem?

— Estamos ótimas, estou tentando convencer a minha amiga a engravidar — Kelly diz, desbocada.

— Você é ótima, Kelly — Alessandra ri, tem um jeito bem tímido, às vezes parece que fica desconfortável no meio dos Lamarphe, mas é só sua personalidade.

Fazemos uma pausa enquanto vemos os cachorros correndo, tentando alcançar as crianças na subida íngreme das pedras.

— Precisa de alguma coisa? — Antônio segura em meu braço, beija meu pescoço com intensidade. — Algo para comer? Beber? Vou em casa e trago.

— Não se preocupe, *Ant*, eu estou bem. Só estou de olho nas crianças.

— Ok, se precisar de mim, me chame — abraça minha cintura e demora para me soltar.

— Olha lá, lá vem a bicha, disfarça — Kelly vira de costas. —
E aí, é um velho?

— Não, não, é bem novinho, na verdade.

— Nossa, que decepção. Eu jurava que seria um velho da lancha! — Kelly chuta um monte de pedregulhos com seu tênis.

— Oi, Thomaz — aceno para ele. — Olá, que rapaz bonito o seu amigo.

— É namorado — Thomaz logo me corrige.

— Uau — Kelly vira daquele jeito bem doido dela, sem juízo algum. — Nossa, Thomaz, enfim você decidiu criar bom gosto, hein? E que braço, menino — já alisa o braço musculoso do homem.

— Kelly, vem cá — puxo ela. — Para de pegar no braço dos outros, você nunca sabe onde enfiam o braço.

— Pior que sei, amiga — me dá um cutucão na cintura. — Qual o nome dele?

Thomaz revira os olhos, enfim vamos deixá-lo falar.

— Luís Fernando.

— Ah, que nome bonito — fico toda derretida. — Gostei dele.

— É. Ele é do Brasil.

— Sério? — Já me animo. — Os brasileiros são os melhores...
— sinto uma cutucada de Kelly. — Depois dos italianos, claro.

— Sou do Rio, mas moro em Nova York — Luís Fernando
aperta minha mão.

Avalio se devo ou não, mas acabo apertando.

— Seja bem vindo e aproveite, querido! Sinta-se em casa! —
Mostro a eles onde devem esperar o iate vir para pegá-los. — Que
gracinha!

— Lindo.

— Eu sabia que um dia ele ia namorar.

— Claro. Chega uma hora que a gente quer sossego, né?

— Acho que sim, mas de um ser humano que recebe o braço
todo até o cotovelo no cu... — pego a bebida dela e viro na boca. —
Não sei se sossego é a palavra certa.

— Minha filha, cada um sabe o sossego que lhe apetece —
Kelly diz e sai correndo. — Sofia, garota!

Meu coração dispara, saio correndo e pego Sofia no colo antes
que suba a terceira pedra. A menina quer ser alpinista, só pode, já

quer escalar esse desfiladeiro inteiro.

— *Táááá!* — Ela grita, pedindo para ir para o chão.

— E você ainda quer que eu tenha mais filhos agora? Não sabe o quanto eles dão trabalho!

— Ah, mas vale a pena, né? Olha pra esse rostinho!

Segura no queixo rechonchudo da minha filha, ela pisca os olhos azuis e balança as mãos para ir pro colo da tia, depois vai tentar descer novamente.

— Crianças! Fiquem onde posso ver! — Grito para Phellippo e Matteo em especial, que estão saltando de pedra em pedra, bem lá no alto.

— Ah, deixa eles aproveitarem. É tão bom ter um momento de paz e tudo estar tão bem, eles precisam se divertir — Kelly me olha de esguelha. — Você também, hein. Está aproveitando seu final feliz?

— Estou. *Mas final feliz?* — Preciso rir. — Que final feliz o quê, menina! Para de falar como se minha vida fosse um conto de fadas!

— Mas é, né? Marido riquíssimo, chegou no ápice da carreira, filhos maravilhosos, tem tudo o que quer...

— Mas não começou assim, né, Kelly? Sofri muito.

— Claro, toda protagonista de contos de fadas começa como uma fudida, né?

— Fudida? Ora, sua! — Dou uns pontapés nela.

— Ah, você era uma fudida, amiga — sai correndo, dando gargalhadas.

— Eu vou te mostrar a fudida!

— Não me chuta, hein! Eu sou a neta das bruxas que não puderam queimar!

— Que neta de bruxa, Kelly, sua avó é crente!

E assim vamos, igual duas idiotas, nos divertindo também e depois nos abraçamos e celebramos como a vida está boa.

Antônio acaba retornando para ficar comigo e nossa filha, estende a toalha no chão e Kelly nos deixa a sós.

— Ela cresceu rápido, não é? — Antônio deita, põe Sofia em cima do seu peito, ela tenta a todo custo agarrar o nariz do pai.

— É. Em breve vai estar acompanhando os irmãos lá em cima — deito no ombro dele.

— O que foi? — abraça meu ombro e puxa mais para perto. — Por que está me encarando?

Primeiro me faço de desentendida, depois comprimo os lábios.

— Não sei. É estranho sentir que tudo está bem?

— Dê graças a Deus por isso — Antônio faz cócegas em Sofia, ela devolve tentando acertar-lhe com tabefes e gritando.

Antônio e Renata nunca mais me envolveram nos assuntos da máfia. Frequentemente eu recebia no tribunal casos relacionados a questões da máfia, mas nada tinha a ver com a família Lamarphe.

Se como advogada eu era o terror dos criminosos, como juíza não dava descanso um dia sequer, já tinha desmontado muitos esquemas proibidos.

— Acha que vai continuar assim por quanto tempo?

Antônio nem se importa com essa pergunta, minimiza com um sacudir de ombros.

— *Hein?*

— Não importa se o tempo vai ser calmo ou não, *morena* — aperta meu queixo. — Se ficarmos juntos podemos sobreviver a qualquer tempestade.

Não posso retrucar isso. É verdade. Passamos poucas e boas no passado.

— *Moiena* — Sofia diz.

— O quê? — Viro-me para ela. — O que você disse, amor?
Qual sua primeira palavra?

Sofia arregala os olhos, preocupada se fez algo errado.

— Diz, filha! O que você falou?

— *Moiena* — repete e bate palmas quando o pai a sacode nos braços.

— *Morena!* — Repete para ela.

— *Moieni* — Sofia balança e solta gritos de alegria, principalmente quando Antônio a enche de beijos.

— *Morena!* Repete com o *papa: morena!*

— *Moiena!* — A menina se esforça e volta a gritar quando recebe cheiros e beijos do pai.

— O que foi? — Vira para mim de supetão, preocupado.

— Eu esperei tanto as primeiras palavras e tinha que ser “morena”? — Rio de nervoso.

— Não poderia ser melhor — agora sou eu quem ele enche de beijos, joga Sofia em cima de mim e a criança tenta me dar beijos também. — Afinal de contas, você é a minha *Morena!*

— Ah, para.

— *Moiena!* — Sofia bate palmas.

— E pelo visto, é a *Morena* dela também — o pai ajeita a tiara na cabeça dela.

Ficamos rindo de coisas idiotas e fazendo cócegas uns nos outros, Sofia espera que nos distraíamos para engatinhar para longe e tentar subir as pedras. Precisamos ir buscá-la e subimos nós mesmos todo esse desfiladeiro até chegar na caverna.

Esta é a ocasião em que Antônio grafa a inicial do nome dela na parede, ao lado dos nossos outros filhos.

— Ainda tem muito espaço — mostra com a lâmina.

— Tem, sim. Mas vamos com calma, temos que aproveitar muito essa fase, pois não volta.

— Quando você quiser, eu sempre estarei aqui — me envolve com seus braços. — Olha, filha. Esse “S” é de Sofia. Fala: “Sofia”.

A pequena o observa, interessada, mas a única coisa que sabe dizer, por enquanto, é:

— *Moiena!*

— Ah, está ótimo, essa também serve — enche a neném de beijos.

Assim nós saímos da caverna e nos sentamos nas grandes pedras que dão visão privilegiada, não apenas do mar, mas do horizonte, onde o sol se põe em glória, deixando as águas cristalinas e cheias de vida em um tom incandescente que faz toda a natureza brilhar em tons outonais.

— Te amo, minha *morena* — Antônio segura em minha mão.

O amor começa como uma palavra no dicionário, com significado e tudo. Depois se torna um desejo de nossos corações. Um dia vira semente em nossas mãos, e caso a plantemos em solo fértil, cresce feito uma árvore.

Seu destino é tocar os céus e suas raízes serem mais profundas que o mar.

O amor é que dá sentido à vida, igual a bússola dá direção a um navio em um imenso mar.

Todas as palavras, todas as setas, todos os ventos me trouxeram para cá.

Este é o meu lugar e mesmo que eu queria desbravar o mundo e viajar bastante, levarei comigo os meus amores e minhas

memórias de dias felizes. São eles que permanecem após a tempestade.

Não sei se dou jeito para contos de fadas, sou mais da vida real. E demorou até entender o que a vida queria de mim, que era apenas e exclusivamente coragem.

A vida é assim. Nos leva para onde precisamos estar, para as lutas que precisamos enfrentar, pois o nosso destino nos espera. Podemos fugir de tudo no mundo, menos de nós mesmos e do que Deus planejou para nós.

Demore o tempo que for.

Cada um de nós retorna para sua casa, que é onde o coração está.

— Eu também te amo, *Ant*.



KLAUS (MAX BOCCUTI)

Cena pós-créditos 1

— Eu quero sair! — A mulher grita desesperada.

Se joga contra as grades feito um bicho que não aceita ficar enclausurado. Usa todas as suas forças para gritar, chacoalhar e tentar escapar.

— Socorro! Me tirem daqui! Socorro! — Grita até a exaustão.

Dou passos lentos até entrar em seu campo visual, mantenho as mãos nos bolsos. Quando me vê, Paola Lamarphe que havia

desistido ou cansado, volta a se jogar com todas as forças contra as grades.

— Onde eu estou? — Baba enquanto grita. — Onde está o meu filho? O verdadeiro Guilherme?

— Você está nos Estados Unidos, mais precisamente em minha casa — informo.

Aqui no subsolo, onde mantenho os porões de gente que preciso manter sob controle, ela não tem a luz do sol, e portanto, não sabe se é dia ou noite.

— E o Guilherme? Onde está? Quero ver meu filho?

— O Guilherme que te soltou está morto — informo.

Demora um tempo até raciocinar, no fim entende que não é o filho que quer saber.

— Onde está o *meu* Guilherme?

— Qual deles?

— Como assim qual deles? — Vocifera, os olhos parecem de um bicho mesmo. — O filho que saiu de mim!

— É que são tantos Guilhermos, eu nem lembro mais qual é o verdadeiro — coço a nuca. — Ah, na verdade é fácil saber, só pedir

para andar. O que não conseguir é o seu filho — preciso rir.

— Deixe-me vê-lo! Ele é meu filho, precisa de mim!

— Não, Paola, você não verá ninguém — umedeço os lábios.

— Você *me* traiu, e eu não serei gentil com você.

Jogo o prato raso de mingau insosso no chão, derrubando boa parte da comida e chuto para dentro das grades.

— Para você ficar bem alimentada, preparei seu jantar — pisco. — Mais algum pedido?

A resposta dela é cuspir em mim. *Ok*, ela realmente está se tornando um animal, deve ser o efeito de estar enclausurada.

— Boa noite, Paola — dou-lhe as costas.

— Volte aqui! Volte aqui agora mesmo! Volte aqui! — Ela exige.

Não tenho porque atender aos seus pedidos.

Subo para o escritório e é por ele que acesso a parede falsa que me leva ao laboratório secreto. Observo as dezenas de pessoas caminhando pelo lugar, algumas estão dentro de quartos de vidros que simulam cozinhas, salas, quartos, *casas* inteiras.

Cada pessoa aqui dentro é examinada de alguma forma.

Alguns nós tentamos reproduzir a vida que seus *originais* tiveram para que tenham a mesma personalidade. Outros nós levamos ao extremo para que tenham a personalidade que queremos.

— Eles mataram o nosso Guilherme, o que você fará? — Yohanna diz, furiosa, em minhas costas.

Toco seu rosto com meu indicador e deslizo suavemente por sua pele.

— O que você quer que eu faça?

— Quero que mate todos.

— Como posso dizer não à você? — acabo sorrindo. — Farei isso, mas preciso de tempo.

— Tempo? Tempo para quê, Klaus? — Ela exige saber.

Estou prestes a lhe responder, mas a porta do laboratório se abre. Um homem alto, de cabelos longos, semblante nórdico vem até mim, acompanhado de um outro homem que usa uma máscara no rosto e está coberto da cabeça aos pés.

— Ayslan — meneio a cabeça.

— Enfim chegou! — Outra voz feminina surge do outro extremo do laboratório.

Viro-me e encaro Amélia Kjaerlighet, *a original*. Ela vem, furiosa até mim, mas não tenho tempo para suas idiotices.

— Eu quero agir, agora!

— Não.

— Eu preciso!

— Amélia — seguro em seus ombros. — O que você precisa é treinar o seu filho Gianni^[32] para que um dia ele se case com a Talita Kjaerlighet, filha do rei Haakon III. Está fazendo isso?

Ela torce o nariz, me encara com fúria.

— Foque no plano. Ele é em curto, médio e longo prazo. Precisamos do Gianni — ranjo os dentes.

— Meu filho fará a parte dele. Você fará a sua, Klaus?

Suspiro alto e coço os cabelos. Estou cansado de tantas exigências dessas pessoas estúpidas.

— Fala, Ayslan — viro-me para o grandalhão. — Espero que tenha novidades para mim.

— É verdade que o Guilherme morreu? — Engole em seco.

Oh, céus. Mais um com sentimentalismos pífios.

— Ayslan, eu vou substituir o seu Guilherme, temos dezenas deles! — cubro o rosto e quase arranho minha cara, só pra me manter são.

— Não pode substituir o *meu* Guilherme. Ele era como um irmão para mim! Nós tínhamos uma história juntos, e...

Avanço contra ele e seguro em seu pescoço com toda a força que possuo. Olho bem firme para este nórdico de quase 2 metros de altura, posso não ser tão musculoso quanto ele, mas posso tirar-lhe a vida num piscar de olhos – afinal de contas, *fui eu quem lhe dei*.

— Não me irrite, senão eu irei te substituir também, porra.

Recado dado, ele respira, massageia o pescoço e dá espaço para o mascarado.

— Que merda é isso?

Quando o homem tira a máscara e o chapéu, eu peço a Deus que coloque de volta. Não escondo a minha cara de nojo.

— Que porra é você? — Pisco os olhos, incrédulo.

Parece que colocaram o homem numa panela de pressão e o fizeram de pipoca.

— Dylan Cavalieri — fala, mas parece que puxa as palavras para dentro.

— Que merda aconteceu com seu rosto? — Antes que o toque, me afasto de supetão, com nojo dessa pele derretida.

— Preciso da sua ajuda.

— Todo mundo precisa da minha ajuda, cara. Mas não tenho tempo. Manda o rosto de queijo derretido de volta pra Itália — estalo os dedos para Ayslan.

— Se me der um novo rosto... — ele fala com dificuldade. — *Se me der um novo rosto... eu te ajudo a destruir a família Lamarphe.*

Estava prestes a ir embora. Paro no lugar e giro em cima das minhas botas, aponto o indicador para ele.

— O que disse, feioso?

Ele engole em seco e respira fundo quando digo isso. Parece que tem uma faca dentro de seus pulmões, geme de dor.

— Se me der um rosto novo...

— Tá, isso eu escutei — faço com a mão para que se adiante.

— *Eu te ajudo a destruir a família Lamarphe* — garante.

Aponto o indicador para ele.

— Se você ainda tivesse aquela boca sexy eu te beijaria — dou uns tapas na cara dele. — Ou colocaria meu pau na sua boca, o que você preferir — acabo rindo.

— Klaus, eu não terminei! — Amélia vem atrás de mim e eu a empurro para longe.

— Não vê que estou ocupado, Amélia? Preciso dar um rosto novo para o modelo internacional — chamo Dylan com a mão. — Vem, queijo derretido, vamos ao meu escritório.

— Quando terei o meu novo Guilherme? — Ayslan pergunta, engole em seco.

Viro-me para encará-lo por um instante.

— Vou pedir para o pessoal do MK ULTRA reprogramar um dos que temos para colocar memórias na cabeça dele, sobre você. Se sentiria satisfeito assim?

— Ele vai lembrar de mim? — Ayslan parece animado.

Reviro os olhos. Por que esses imbecis são tão sentimentais? Não percebem que essas ligações de amizade e amor são perda de tempo? Poderiam gastar seu tempo com coisas úteis como transando com seus próprios clones ou matando *os originais*.

— Após passar pelo MK ULTRA ele vai ser do jeito que você quiser.

Eu garanto^[33].



ROMEO KROENING

Cena pós-créditos 2

Enfim a mercadoria chegou.

Após meses de espera, desde que foi roubado, o “*projeto secreto*” dos Lamarphe agora estão sob meu poder. Observo as cinco caixas retangulares deitadas no chão com os escritos de “*frágil*” e “*material sigiloso*” grafados na madeira.

— E onde ela está? — Procuro por Bárbara Cavaliéri na sala.

Meus homens se entreolham, o responsável pelo carregamento dá um passo à frente.

— Nenhum sinal dela, senhor. Recebeu o nosso pagamento e simplesmente desapareceu — Credence me informa.

— Não faz mal, ela mexeu com os Lamarphe, deve ter imaginado que não poderíamos garantir sua proteção. — Faço sinal para que meus homens abram as caixas. — Agora vamos descobrir se ela cumpriu sua palavra.

— Não seria sensato esperar pelos seus irmãos, senhor? — Credence engole em seco quando o fulmino com o olhar. — É que toda a família está ansiosa e creio que isso elevaria a moral de todos, já que o senhor Kadmo está desaparecido.

O homem tem um ponto e seu histórico de lealdade à minha família não me faz nem por um momento desconfiar dele.

— O que acha, Ethan? — Viro-me para o homem que está logo atrás de mim.

O homem alto e loiro de chapéu Fedora fixa seus olhos azuis em mim. Pisca devagar e dá alguns passos pela sala, observa os homens responsáveis pelo carregamento e depois a mercadoria.

— Seria bom conferirmos se houve algum tipo de avaria ou *acidentes* pelo percurso — diz de modo afiado, quando encara Credence, ele rapidamente desvia o olhar.

— Nós garantimos, senhor Ethan Evans, que não houve nenhuma avaria, tomamos o máximo de cuidado possível — Credence diz firmemente.

— Então a escolha é sua — Ethan para ao meu lado, cruza os braços. — Mas o tempo está correndo e precisamos ser ágeis. Max Boccuti e Kadmo estão desaparecidos, o meu irmãozinho... — Abre um sorriso de vitória e desdém. — Está morto. Sem o Ethan Evans deles, não são páreos para nós. Precisamos agir e rápido, se queremos destruir a família Lamarphe.

Concordo imediatamente com ele, dou umas palmadas em suas costas em sinal de reconhecimento. O *nosso* Ethan tem sido nossa arma secreta, mas agora temos outra: a arma revolucionária que roubamos dos Mitchell e Lamarphe.

— O que será que é? — Faço sinal para que abram logo as malditas caixas. — Estou louco para descobrir.

— Havia tantas teorias... — O homem coloca seus óculos de grau clubmaster e retira o chapéu Fedora, ajeita o terno. — Que agora eles fabricariam foguetes inteiros, lançariam um satélite no espaço, uma bomba nuclear — acaba debochando de tamanha insanidade.

Credence não concorda em abrir as caixas sem meus outros irmãos aqui, mas precisa obedecer às minhas ordens, então o faz, mesmo a contragosto.

A primeira e segunda caixa abertas estão... *vazias*. Quero dizer, blocos e mais blocos de concreto estão ali, só para fazer o peso.

— Não acredito que aquela puta nos traiu — ranjo os dentes.

Terceira caixa: mais blocos, quarta caixa... *blocos*.

A esperança fica na quinta e última, logo ao centro. Os homens abrem depressa, já sem se importar com a suposta “fragilidade” do que está ali e temos uma surpresa quando o interior é revelado.

Diferente das outras em que blocos estão dispostos logo de cara, nessa há um tipo de fenação, raspas de madeira, não sei o que é.

— Puta merda! — Dou um salto para trás quando uma mão sai de lá de dentro.

— Que porra é essa? — Ethan dá um passo a frente e estica o pescoço para ver.

Todos os homens, inclusive eu, sacamos nossas armas ao ver a outra mão se levantar. Aos poucos um corpo humano vai se levantando de dentro da caixa até ficar de pé.

Humano não, *humanoide*.

Fica parado diante de nós, abre seus olhos devagar e pisca com calma, como se acordasse de um longo sono. Ajeita o terno preto feito sob medida, aperta a gravata rente ao pescoço e se abaixa cautelosamente, o que faz com que todos apontem suas armas para a figura.

— É humano? — Ethan examina maravilhado o que está vendo. — É um robô? O que é isso?

É tão impressionante para mim, que não imagino como ele deve estar se sentindo. Deve literalmente achar que está diante de um espelho, porque a figura diante de nós é ninguém mais ninguém menos do que ele mesmo: *Ethan Evans*.

— Incrível! — Meus olhos brilham, o que está diante de nós é realmente digno de ser chamado de *arma revolucionária e secreta*. — Como o Ethan deles morreu, eles prepararam um robô para substituí-lo — analiso.

— Tem certeza que é um robô — Ethan segura no braço da figura que é idêntica a ele, só que anos mais jovem.

Dá um passo para trás e acaba atirando no abdômen da máquina quando ela imita seu movimento, seu aperto, seu olhar.

O som da bala batendo contra um metal muito resistente deixa todos mudos. Eu só consigo comemorar, pois temos em nossas mãos algo que realmente deixa aqueles idiotas em desvantagem.

— Olha como é bem feito — preciso admitir. — Aquele Anthony Mitchell de fato não deixou a desejar, o Ethan o colocou como CEO da Trojan Horse Security porque o cara é o melhor da robótica, mas isso — aponto para o Ethan biônico. — Isso é... *arte*.

— E assustador — o Ethan de carne e osso ajeita os óculos diante do rosto e dá uma boa olhada dos pés a cabeça na máquina. — Como o controlamos?

— Deixe-me ver se vem com algo na caixa — vou eu mesmo procurar pela fenação, acabo sujando boa parte do chão da sala, não encontro nada.

— Romeo...

— Espera aí, deve estar aqui em algum lugar.

— Romeo! — Ethan me alerta.

— O que é? — Levanto-me irritado.

O olhar do homem me indica o caminho que devo seguir, que é basicamente a sua figura mais jovem e robótica.

A máquina nos olha de volta, com um sorriso fino nos lábios. Abre a boca e ao invés de saírem palavras, sai o cano de uma arma. Assim como levanta os dois braços e suas mãos se desmontam cuidadosamente, dando lugar a dois canos ainda mais grossos. Dos seus olhos azuis saem um laser direto na minha testa.

— Abaixa! — É o que ouço.

Então os tiros começam a voar para todos os lados.



[1] “Minha querida”

[2] “Um belo rapaz”.

[3] “Jure que você não vai me deixar”.

[4] “Eu prometo”.

[5] Dylan Cavalieri é um personagem que já apareceu no Yuleverso no livro “Vênus em Touro”.

[6] Empresa criada por Ethan Evans, neste período seu CEO é Anthony Mitchell.

[7] Guilherme Lamarphe é protagonista do livro “O Herdeiro – Um bebê para o Bilionário”.

[8] “Boa noite!”

[9] Em “O HERDEIRO – Um bebê para o Bilionário”, Guilherme Lamarphe descobre que nunca foi filho de Alberto, e sim de Alfredo, o irmão gêmeo do homem que achava ser seu pai. Paola era secretamente apaixonada por Alfredo e quis ter um filho com ele, por isso Guilherme sempre foi seu filho favorito.

[10] “Pai”

[11] A “Colmeia” é uma sociedade secreta presente em todos os meus livros, ou seja, é o pano de fundo que conecta todos eles. O que é a Colmeia? Uma organização de 13 famílias, as mais ricas e poderosas do mundo. Em “O Sheik Viúvo e a Babá Virgem” descobrimos que a família Lamarphe se tornou a 13ª família, após acontecimentos daquele livro.

[12] “Mamãe”

[13] Em “O Herdeiro – Um Bebê para o Bilionário” descobrimos que Paola usou Paloma para que fingisse estar grávida de Guilherme, seu filho, e assim, pegar a fortuna bilionária que Alfredo deixaria. Quando Paloma saiu do controle e contou a verdade para Guilherme, Paola causou um acidente de carro, que matou a mulher e o bebê em sua barriga e deixou Guilherme paraplégico.

[14] Yasmin do Amor é protagonista do livro “O HERDEIRO – Um Bebê para o Bilionário”, o par romântico de Guilherme. Paola não quer que o filho fique com ela, por isso tenta matá-la.

[15] “Mãe de Deus, me ajude a suportar essa mulher!”

[16] Desgraçado!

[17] Meu primo!

[18] Yohanna é uma personagem recorrente no Yuleverso. Foi apresentada ainda criança no livro “Caçada pelo Mafioso” e também participou de “Ninguém Segura essa Babá” e “O Herdeiro – Um bebê para o Príncipe”. Em breve ela terá um livro exclusivo seu.

[19] Nome românico de uma das 9 musas gregas. Terpsicore era a deusa da dança e música.

[20] Crystal Boccuti é uma personagem nova no Yuleverso, apresentada em “O Sheik Viúvo e a Babá Virgem”. Ela é mãe do Sheik Khaled, atual presidente dos Emirados Árabes e foi filha de Maximillian Boccuti, o homem que esteve por detrás da grande conspiração que matou membros de várias famílias e também chefiou um projeto que clonou essas pessoas.

[21] “Feliz aniversário, mestre/senhor”.

[22] No epílogo do livro “O Sheik Viúvo e a Babá Virgem”, Guilherme mostra para a família Kjaerlighet um vídeo em que seu suposto clone o tinha encontrado. Desde aquela ocasião, aquele era o clone, não o verdadeiro Guilherme.

[23] Vale ressaltar que as informações sobre o projeto MK ULTRA de 1947-68 são verdadeiros, basta dar uma boa pesquisada no Google, o projeto com experimentos em humanos realmente existiu, assim como muitos outros. O restante que envolve “um novo projeto” com os Boccuti, é ficção do Yuleverso. Minhas histórias costumam misturar ficção e realidade.

[24] Protagonista do livro “Caçada pelo Mafioso”, esposa de Shawn Cavalieri (protagonista do livro também) e mãe de Lucca e Yohanna Cavalieri.

[25] Terence Smith é um dos vilões do livro “Caçada pelo Mafioso”. Aqui, Antônio está citando os acontecimentos daquele livro, só que sob nova perspectiva.

[26] No livro do Sheik, Raffaello encontra o homem que estava traficando armas e pessoas, Luigi Hedder, e o cola em seu carro. Desde então não o tirou do automóvel e não pretende tirar.

[27] Gerardo Mercator foi um matemático, famoso por reproduzir o mapa do planeta terra em formato cilíndrico em 1569.

[28] Khaled Zayn é o protagonista do livro “O Sheik Viúvo e a Babá Virgem”.

[29] Protagonista do livro “O Sheik Viúvo e a Babá Virgem”, par romântico de Khaled.

[30] Gatinho-gatinho, diferente do que o nome sugere, é um tigre, que pertence ao Sheik Youssef, filho de Khaled Zayn.

[31] Compositores: Ennio Morricone / Sergio Bardotti.

[32] Na cena pós-crédito do livro “O Sheik Viúvo e a Babá Virgem” vemos que anos depois, Talita, a herdeira Do Rei Haakon, está noiva de um rapaz chamado Gianni. Mas Youssef, seu verdadeiro amor, chega em seu aniversário e lhe dá um presente, faz provocações sobre ela ter que fingir amar Gianni só para impressionar os pais.

[33] O paradeiro do verdadeiro Guilherme será revelado durante a série da família Lamarphe.